



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

AIRTON RODRIGUES BARROSO JUNIOR

**PROJETO SAÚDE, BOMBEIROS E SOCIEDADE (PSBS) E A PROPOSTA DO
ENVELHECIMENTO ATIVO: COM A PALAVRA, AS MULHERES**

FORTALEZA

2024

AIRTON RODRIGUES BARROSO JUNIOR

PROJETO SAÚDE, BOMBEIROS E SOCIEDADE (PSBS) E A PROPOSTA DO
ENVELHECIMENTO ATIVO: COM A PALAVRA, AS MULHERES

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Avaliação de políticas públicas.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Adriana de Oliveira Alcântara

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B285p Barroso Junior, Airton Rodrigues.
Projeto saúde, bombeiros e sociedade (PSBS) e a proposta do envelhecimento ativo : com a palavra, as mulheres / Airton Rodrigues Barroso Junior. – 2023.
184 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Adriana de Oliveira Alcântara.

1. Políticas Públicas. 2. PSBS. 3. Velhice. 4. Envelhecimento Ativo. I. Título.

CDD 320.6

AIRTON RODRIGUES BARROSO JUNIOR

PROJETO SAÚDE, BOMBEIROS E SOCIEDADE (PSBS) E A PROPOSTA DO
ENVELHECIMENTO ATIVO: COM A PALAVRA, AS MULHERES

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Avaliação de políticas públicas.

Aprovada em: 31/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Adriana de Oliveira Alcântara (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dra. Kelly Maria Gomes Menezes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dra. Áurea Eleotério Soares Barroso
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/ USP)

Prof.^a. Dra. Terezinha de Jesus Campos de Lima
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)

Às minhas queridas alunas, que são a razão
desta pesquisa e que agregam sentido à minha
vida.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa dessa lista não poderia deixar de ser minha mãe, que sempre valorizou muito o conhecimento e me colocou e manteve na trilha dos estudos até o fim. A ela, o meu mais profundo “obrigado”, pois sem sua instrução não sei o que seria de mim.

Em segundo lugar, e ainda na seara da família, vem a minha irmã Déborah Gracy, que custo deveras a acreditar que tem agora 23 anos. Ainda lembro dela como sendo o pingo de gente que levei para a festa do ABC em seu vestido e tiara cor-de-rosa. Amo muito e amarei sempre.

Fui abençoado com várias amizades duradouras e que foram exemplo constante de dedicação aos estudos, várias das quais mestras e doutoras cujas trajetórias de vida permanecem muito acima do que sou capaz de alcançar. Muito grato sou por tê-las encontrado e por ter sido guiado pela luz que vocês emitem até hoje:

Doutora Lidiane, que me levou até Macondo e que desde a infância foi amante da leitura apesar de todas as dificuldades do interior e das circunstâncias adversas até mesmo para chegar à escola, atravessando, ao longo do ano, longas distâncias de aridez, cercas de arame farpado, riacho, a nado se tivesse chovido, tudo em busca de educação.

Doutora Deinair Ferreira, que alcançou esse título vencendo pandemia, luto, e injustiças outras. Foi muito duro, mas ela conseguiu e ainda conserva a doçura, a sensibilidade infantil, e o riso fácil que tanto me alegra.

Doutora Anas Paulas, companheira de aventuras do além-mar e que sabe o valor de respeitar o ritmo e o tempo de cada coisa, aprendizados que trouxe do interior do Gaspar e que o povo urbano parece ter esquecido.

Doutora Ingrid Bernardo, que caminha comigo há 18 anos, e que se manteve minha amiga apesar de conhecer meus defeitos. Isso é muita coisa.

Tamyres Gomes, que mesmo tendo ultrapassado o que seria a “linha de chegada” de muita gente, não se acomodou e continua a estudar com diligência em busca de plena realização.

Danila Dias, que atravessou uma segunda vez o oceano da graduação perseguindo o sonho da psicologia, um lindo caminho para quem acredita que tudo é questão de despertar a alma.

Izabel Cristina, que apesar de bem mais nova, muito me aconselha quando estou perdido, que tem a risada mais gostosa, que ama aspectos engraçados e fofos de materiais escolares e afins, que cuida da saúde de mulheres e crianças, e com quem fofoco sem pudores.

Dra. Amanda Madureira, querida médica de bordo, a quem conheci "de menor" e que hoje é capaz de fazer partos, suturas e RCP. Foi quem mais me ensinou o significado de "continue a nadar", e divide comigo tempo valioso e ensinamentos essenciais sobre o varandão, o carnaval do Paracuru e o forró das antigas.

Táizel Girão, a pessoa que provavelmente mais me conhece no mundo, marido dedicado, pai exemplar, alguém com quem não apenas posso contar, mesmo morando em outro continente, mas cuja presença constante é um porto seguro do qual não abro mão.

Yuri Carvalho, amigo fiel e braço direito, que ao longo de quase uma década tem aberto possibilidades para mim e para os meus. Sem sua força eu não teria chegado até aqui.

Jamille Costa, a assistente social plena de amor e carinho pelas pessoas que de suporte necessitam. Alguém que a vida me trouxe por coincidência, e que de mim fez questão mesmo quando achei que não merecia. Muito feliz sou por você não ter cruzado o limiar dessa vida ano passado. Uma campeã e sobrevivente que guardo no lado esquerdo do peito.

Não posso deixar de agradecer as pessoas que são o público alvo deste trabalho, a saber, as pessoas idosas do meu Estado, mas principalmente as mulheres que compõem os núcleos Lagoa da Maraponga e Diva Cabral. Este percurso foi feito graças a elas e para elas.

O meu "obrigado" também aos meus colegas de turma, que tanto me apoiaram e torceram por mim; aos parceiros de entretenimento lúdico, representados por Romualdo Kbça, Rodrigo Brandão, Milton Ryan, Gabriel Barbosa e Victor Rhanon.

Agradeço muito também ao Comandante-Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará, que prontamente atendeu ao meu pedido de entrevista e de forma transparente e atenciosa compartilhou os bastidores e percepções privilegiadas que detêm por estar neste cargo de tamanha responsabilidade e por ter estado pessoalmente à frente do PSBS por anos. É uma honra fazer parte dessa honrosa e comprometida corporação.

Agradeço ao MAPP, por ter possibilitado a realização do sonho do Mestrado, ao mesmo tempo em que me deu a chance de me aproximar de pessoas tão importantes para mim e para o PSBS, que são as alunas, um privilégio imenso.

O MAPP deu-me também amizades maravilhosas como Leide Daiana, que muitas cores agregou à essa caminhada com suas inúmeras gentilezas e cuidados. Sem ela, esse trabalho e a jornada do mestrado teriam sido penosas.

Tatiana Gonçalves mostrou-se outra parceira que muito auxiliou meu percurso, com suas considerações, apoio e gestos de atenção em todos os encontros.

Como se não bastassem todos estes presentes, o MAPP também me deu a melhor orientadora do mundo. A professora Adriana Alcântara agiu com excelência do começo ao

fim, sempre com carinho e presteza que me permitiram chegar até aqui de modo eficiente e prazeroso. A essa mulher, a minha mais profunda gratidão por ter cuidado de mim.

Foi ela quem escolheu a dedo as componentes maravilhosas da banca, e até isso fez com uma maestria única, pois a professora Terezinha e a professora Áurea mostraram, ambas, não apenas profundo conhecimento acadêmico da área desta pesquisa quanto uma humanidade incomum no meio acadêmico. Estendo a mesma gratidão à professora Kelly, que a nós se juntou na etapa final.

Em suma, gratidão a todas as pessoas que me permitiram chegar até aqui. Dedico a vocês também este trabalho.

“A vida só pode ser compreendida olhando para trás, mas só pode ser vivida olhando para frente”.

Frase do filme *O curioso caso de Benjamin Button*.

RESUMO

O Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade (PSBS) é uma política pública que tem o objetivo de oferecer atividades físico-ocupacionais que promovam o bem-estar das pessoas idosas que frequentam seus núcleos, ao mesmo tempo em que sensibiliza essa população acerca de aspectos diversos ligados ao envelhecimento e outras pautas essenciais. Esse trabalho se voltou a avaliar o PSBS a partir da sua origem, desenvolvimento e atuação, bem como foi de interesse investigar a compreensão das participantes de dois núcleos situados no bairro Maraponga sobre qualidade de vida e seu processo de envelhecimento; averiguar como estas se sentem depois que se inseriram no PSBS; e analisar também a percepção do Comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará (CBMCE) acerca dos objetivos dessa política pública e sobre o modo como ela tem sido avaliada. Foram realizadas pesquisa bibliográfica, documental e de campo, além de entrevistas semiestruturadas direcionadas a 8 integrantes e ao Comandante-geral do CBMCE, referência na liderança do PSBS. O PSBS se mostrou uma oportunidade ímpar para a prática do lazer, mas também da autonomia, que contribui para maior sensação de controle, confiança, e qualidade de vida. Existe espaço para a criação de parcerias do setor privado com o CBMCE, que possam trazer para seu público ocasião de aprofundamento de conhecimentos, saúde física e conexões sociais. Essas, por sua vez, se revelaram um aspecto muito forte dessa política, pois têm influência em processos de recuperação de luto, de depressão e melhoria do bem-estar subjetivo de forma geral. Entre outras descobertas, percebemos que interromper as atividades físicas, seja por decisão própria ou por forças externas, causa sensação de cansaço e desânimo. Concluimos com a ideia de que o PSBS, a sua preservação e crescimento são não apenas salutareis, mas essenciais para que se mantenha a qualidade de vida alcançada por grande parcela das/os idosas/os da capital e interiores, de maneira que o investimento nessa política pública precisa continuar e devem ser aprimoradas as maneiras de avaliá-la.

Palavras-chave: políticas públicas; PSBS; velhice; envelhecimento ativo.

ABSTRACT

The project known as PSBS (*Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade*) is a public policy that aims to offer physical-occupational activities that promote the well-being of elderly people who attend its centers, while at the same time raising awareness among this population about different aspects linked to aging and other essential issues. This work evaluated the PSBS based on its origin, development and performance; investigated the understanding of participants from two of its centers located in the Maraponga neighborhood about quality of life and their aging process; found out how they feel after joining the PSBS; and also analyzed the perception of the General Commander of the Ceará Military Fire Department (CBMCE) regarding the objectives of this public policy and the way in which it has been evaluated. Bibliographic, documentary and field research was carried out, in addition to semi-structured interviews directed to 8 members and the General Commander of the CBMCE, a reference in the leadership of the PSBS. The PSBS proved to be a unique opportunity to practice leisure, but also autonomy, which contributes to a greater feeling of control, confidence, and quality of life. There is room for the creation of private sector partnerships with the CBMCE, which can provide its audience with opportunities to deepen their knowledge, physical health and social connections. These, in turn, proved to be a very strong aspect of this policy, as they were shown to have an influence on processes of recovery from grief, depression and improvement of subjective well-being in general. Among other discoveries, it was noticed that interrupting physical activities, whether by one's own decision or by external forces, causes a feeling of tiredness and discouragement. We conclude with the idea that the PSBS, its preservation and growth are not only healthy, but essential to maintain the quality of life achieved by a large portion of the elderly in the capital and country, so that investment in this public policy needs to continue and the ways of evaluating it must be improved.

Keywords: public policies; PSBS; old age; active aging.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
2.1	O campo da pesquisa.....	23
2.2	As Interlocutoras: trajetórias e o sentido do PSBS em suas vidas.....	53
3	POLÍTICAS PÚBLICAS, TEMPO E LUGARES: UMA HISTÓRIA HETEROGÊNEA.....	82
3.1	A particularidade brasileira: conservação de um passado tão presente..	97
4	VELHICE E QUALIDADE DE VIDA: ENTRE DISCURSOS E CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA.....	109
5	A PALAVRA DAS PARTICIPANTES: PSBS, QUALIDADE DE VIDA E VELHICE.....	129
5.1	Condições de saúde.....	129
5.2	Hábito.....	133
5.3	Vida social e sentido do PSBS.....	135
5.4	Problema de efetivo.....	137
5.5	Coragem.....	138
5.6	O que mais vem dentro da cesta?.....	145
5.7	Parcerias.....	148
5.8	Educação para o lazer.....	149
5.9	Conteúdo e interesses de lazer.....	154
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
	REFERÊNCIAS.....	164
	APÊNDICE A – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS IDOSAS PARTICIPANTES DOS NÚCLEOS DE PSBS NA MARAPONGA.....	177
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM AS IDOSAS.....	180
	APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM OS GESTORES DO PSBS.....	183

ANEXO A – PORTARIA DE AMPLIAÇÃO DO PROJETO SAÚDE, BOMBEIROS E SOCIEDADE.....	
---	--

185

1 INTRODUÇÃO

Quando alguém se propõe a percorrer a trajetória de um mestrado, é comum que expresse nas primeiras páginas ou na seção adequada o que motivou essa decisão, de onde surgiu o interesse, e é nesse ponto que estamos. Minha primeira formação superior foi em Zootecnia, um curso no qual não me encontrei, mas que me forcei a terminar para ter um diploma que me abriria outras portas em concursos ou facilitaria eventuais ascensões profissionais, já que sempre escutei que nosso país valoriza esse título. Nunca havia parado pra pensar na empáfia de quem inventou esse adjetivo para tal conquista, título “superior”, até que minha orientadora trouxe esse questionamento em um encontro recente.

Depois tentei me encontrar em outras áreas como Enfermagem e Finanças, sempre pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mas abandonei os cursos por falta de afinidade. Tendo conseguido, anos antes, uma posição como Bombeiro Militar, agora tinha e tenho esse privilégio de poder escolher o que vou estudar. Em conversas com uma amiga que cursava Ciências Sociais, tive a impressão de que este seria um bom curso para entender melhor o país do qual nunca quis escapar a despeito de suas turbulências e desigualdades abundantes.

Ingressei, então, nesse novo curso em 2016 e consegui meu objetivo de aprimorar meu olhar sobre as raízes dessa nação e de compreender um pouco mais sobre como se deram nossas origens e desenvolvimento, mas tenho muito nítida a ideia de que toda uma vida ainda seria insuficiente para apreender plenamente a nossa natureza, história e complexidade.

Em minhas leituras não acadêmicas tive a sorte de encontrar livros que abordavam a seara da felicidade, como o *Rápido e Devagar* (Kahneman, 2011) e *O Que Nos Faz Felizes* (Gilbert, 2009). Essas obras me despertaram grande interesse e me mostraram que existe na academia um robusto referencial teórico em constante evolução sobre o tema. No entanto, esses autores e outros demonstram que nem a felicidade e nem o bem-estar estão alheios a aspectos sociais e a condições materiais de existência e outros pontos afins, sendo desonesto ou superficial estudar essa ideia sem um crítico, olhar sobre leis, privilégios, desigualdades sociais, acesso à saúde, políticas públicas, educação, etc.

Surgiu, pois, o edital do Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da UFC, que me despertou grande interesse por me permitir, caso aprovado fosse, abordar uma política pública que admiro e com a qual trabalho há muito tempo, que é o *Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade* (PSBS). Nele, pessoas idosas têm a oportunidade de praticar alongamentos e atividades físicas, além de interagir com outras pessoas da mesma faixa etária, compartilhar momentos, histórias e se manterem ativas socialmente, algo intimamente

vinculado ao bem-estar e felicidade. Pretendo, portanto, aproveitar essa chance de me aprofundar sobre temas que aprecio, ao mesmo tempo em que contribuo com os conhecimentos já existentes acerca dessa área e das correlacionadas.

Acredito que falo por todos os bombeiros dos meus núcleos quando digo que nós é que deveríamos agradecer a nossos/as alunos/as mais frequentemente por tão imensos cuidados e carinhos que esta coordenadora (e as outras integrantes também) têm para conosco.

Por ocasião de nossos aniversários, somos lembrados e presenteados de modo muito pródigo. Também somos agraciados da mesma forma na festa de final de ano e sem falar em tudo aquilo que é intangível, mas que não deixa de ser muito marcante e que se manifesta em tudo aquilo que elas disseram que lhes faz bem, como as expressões de bom dia, o fato de serem bem recebidas, de ganharem sorrisos e afeto.

Tudo isto também recebemos nós de modo muito maravilhoso e intenso, de maneira que aquilo que recebemos de modo pecuniário do Estado nem de longe é o motivo principal pelo qual comparecemos às aulas desse projeto. E tenho certeza de que muitos bombeiros pensam de igual modo.

Sei que muitos deles, por terem condições financeiras mais restritas, talvez não conseguissem se manter no projeto sem os pagamentos, fato citado pelo Comandante-geral em sua entrevista, e ficamos satisfeitos pela existência desse projeto e da recompensa imaterial e que tanto nos beneficia socialmente, fortalecendo nossa saúde mental e os vínculos com a comunidade, que são essenciais para uma felicidade mais sólida.

E foi por acreditar nessas palavras que desde 2019 sou voluntário numa Instituição de Longa Permanência para Idosos de meu bairro, realizando lá atividades similares às que faço nos PSBS, com a diferença de que por serem as idosas de lá mais fragilizadas fisicamente, é necessária uma atenção peculiar no trato pessoal e nas atividades físicas propostas.

Quem tenta entender uma realidade complexa, como a das políticas públicas, assemelha-se a alguém que fita uma colcha de retalhos. Se a obra é densa, profunda e, seja por beleza ou peso, merece ser apreciada e refletida, a sua avaliação requer tempo e esforço, dedicação e paciência.

Essa tarefa é também um exercício de humildade, já que logo fica evidente a importância de afastar-se das pré-noções (Durkheim, 1894), de manter um certo distanciamento do tema, para não pecar por falta de uma visão mais ampla da colcha da realidade.

Cada fração da obra, com sua cor, tamanho e textura própria, é como um fato a compor um todo dialético, e esses recortes não podem ser entendidos isoladamente. Também é curioso que se uma peça harmônica e bem composta for descosturada e entregue a um observador comum, mesmo que ele tivesse plena habilidade de costura, não conseguiria ele recompô-la e nem reproduzir algo que, conquanto diferente, conservasse semelhante sintonia e unidade.

O todo de uma realidade inclui numerosos fenômenos e fatos que estão conectados, por vezes, de modos inusitados, imprevisíveis. Entender essas costuras não óbvias, ocasionalmente invisíveis, é condição necessária para a apreensão da concretude que se deseja absorver. Nas palavras de Kosik (1986), “acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade, e todos os fatos (reunidos em conjunto) não constituem, ainda, a totalidade”.

Dessa forma, nem podem os fatos que compõem uma realidade ser entendidos isoladamente e nem basta tê-los todos reunidos para plena compreensão dela. É possuidora de uma estrutura que não é estática, mas vai sendo construída à medida do porvir. O desafio de apreender o real não deve, contudo, amedrontar o pesquisador ou quem queira refletir sobre esse assunto. Essa dificuldade apenas deve estimular que sejam adotadas ferramentas que possibilitem o adequado enfrentamento do obstáculo.

Um instrumento valioso nessa caminhada é o Método Dialético, que “consiste em elevar-se do abstrato ao concreto” (MARX, 1982), do geral para o particular, já que só é possível compreender o concreto afastando suposições simplórias e exercendo um contínuo procedimento de síntese. Nas palavras de Kosik (1986), isso é algo que ocorre “da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno”.

A estratégia para isso consiste em criar suposições, expandir para elaborar e comparar com as informações que a empiria disponibiliza. Este trabalho pretende se debruçar sobre o tema das políticas sociais e públicas, o que significa que se se deseja melhor apreendê-las, é necessário labutar para ver além da superfície, já que são constituídas de ocorrências intrincadas e paradoxais. As políticas sociais são compostas de dimensões (cultura, economia, política e história, por exemplo), que estão intrinsecamente interligadas e entrelaçadas, sendo fundamental compreendê-las em um contexto de interdependência.

Além dessas dimensões, é importante perceber que a abordagem dialética das políticas sociais requer que se leve em conta a essência do capitalismo, o desempenho estatal e também a natureza das classes sociais. Tais aspectos permitem melhor apreender em que consistem as políticas sociais e também a reconhecer as relações de poder e disposições

econômicas que definem as fronteiras e a escala do "bem-estar social" atingido. As políticas sociais são avanços civilizatórios notáveis, e é essencial resistir em seu favor. Mas deve ficar compreensível que elas não constituem a resposta última contra as desigualdades inerentes a esse mundo regido pelo capital.

O tema da velhice tem ganhado cada vez mais relevância dadas as mudanças das pirâmides etárias em muitas partes do globo, fato que toca pautas urgentes como reformas de políticas públicas e da previdência social. Houve modificações no padrão demográfico brasileiro, engendrando uma significativa mudança estrutural na sociedade, fenômeno esse ocasionado discretamente por decréscimos nos níveis de fecundidade, contenção na taxa de crescimento populacional e elevação da expectativa de vida. O que surgiu desses fatores foi uma consistente redução no ritmo de acréscimo de crianças e adolescentes, bem como no aumento do número de pessoas idosas (Simões, 2016).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve, entre 1940 e 2017, um incremento de 30,5 anos na expectativa de vida; se os homens viviam, na década de 40, em média 42,9 anos e as mulheres 48,3, já em 2017, eles passaram a viver em torno dos 72,5 anos e elas 79,6 (IBGE, 2018, p. 01).

No entanto, as constantes mudanças que têm ocorrido nos grupos etários suscitam novos questionamentos, mormente no que tange aos serviços que o Estado e sociedade podem e devem prestar, não tendo ainda essas entidades se dado conta da complexidade e relevância dessas transições, principalmente no cuidado das pessoas idosas.

A falta de amparo e assunção de responsabilidades por parte das autoridades e governos tem resultado em abandono por parte da família ou responsáveis devido à falta de condições materiais em desempenhar esse papel, o que acontece por fatores que são marcas do capital, como longas jornadas de trabalho, salários insuficientes para promover uma existência digna, falta de políticas públicas adequadas para atenuar as dificuldades que por vezes se apresentam nessa fase da vida, sobrecarga de um único familiar, entre outros (Melo, 2021).

Devido ao retraimento do Estado que gera uma lacuna de políticas públicas que provejam proteção social às populações pauperizadas a família tem sido chamada a responder a essas ausências sem que para isso receba as devidas condições. As forças legalmente constituídas reduzem suas intervenções na área social e sobrecarregam a família, que, estando economicamente vulnerável, não consegue dar suporte à pessoa idosa (Gomes e Pereira, 2005, p. 362).

Havia outrora a ideia de que envelhecer era mormente um processo cronológico e

biológico que igualava as pessoas, independentemente de sua cultura, nação ou tempo, e que não permitia uma compreensão distinta para as diferentes pessoas e realidades, o que criava uma homogeneização pautada exclusivamente por perdas sociais, fisiológicas, cognitivas e físicas, como aborda Rodrigues (2002).

Essa forma de encarar o tema, contudo, não impediu que surgissem pensadores/as que considerassem o envelhecer como algo dotado de uma concepção que varia em cada cultura, de modo que até mesmo cada sujeito pudesse pensar esse processo à sua maneira, dando a essa etapa da vida um novo sentido (Prisco, 2020). É desse sentido que nos aproximamos mais nesse trabalho, pensando, como Schneider e Irigaray (2008), que as concepções de velhice não passam de uma consequência das construções sociais e temporais oriunda de sociedades com valores e princípios específicos, que são atravessados por questões contraditórias, multidirecionadas e multifacetadas (Schneider e Irigaray, 2008).

Se concordamos com esses autores nesse aspecto, o mesmo não se pode dizer quando afirmam que o envelhecimento, longe de ser determinado pela idade cronológica, é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e administra a própria vida no presente e de expectativas futuras (Schneider e Irigaray, 2008).

Nossa discordância nem é tanto pelo dito, mas pelo que se deixou de dizer, pois quando ressaltam o administrar da própria vida, muito parecem colocar de responsabilidade na própria pessoa idosa, não tendo o devido foco em outros aspectos como o posicionamento (ou falta dele) por parte do Estado, que muitas vezes parece atuar contra este segmento, em um processo antagônico de fazer leis que pregam o respeito às pessoas nessa fase da vida, ao mesmo tempo em que sucateiam políticas públicas e enfraquecem acesso à saúde, dificultam recursos lazer, permitem a disseminação de ideias preconceituosas, entre outras formas de agressão.

Corroboramos nossa visão Santos (2018), quando defende que o Estado não tem investido nem se preocupado devidamente com a proteção social das pessoas idosas, promovendo para si um *ethos* de “desresponsabilidade” contrário às exigências das legislações que garantem direitos e perspectivas estas. Ao ser adotada em um cenário de aumento do envelhecimento populacional essa forma de (des)atuar se mostra ainda mais dramática, já que a reforma da previdência, as medidas de congelamento de investimentos públicos por 20 anos e o agressivo processo de sucateamento da seguridade social vão atingir fortemente a classe trabalhadora, que não terá proteção social pública alguma para garantir um envelhecimento digno fora do ambiente familiar, a não ser que as lutas sociais sejam bem-sucedidas em barrar ou atenuar os efeitos danosos das reformas em curso.

É por tais desafios que se faz imperativo fazer com que as políticas sejam avaliadas de maneira constante e atenta, já que sua devida compreensão, manutenção e sobrevivência são condições *sine qua non* para um envelhecimento digno em um país tão cheio de desigualdades e falta de acesso a oportunidades que incrementem o bem-estar individual e coletivo.

É com esse intuito que esse trabalho foi concebido e se propõe, portanto, a voltar a atenção para o PSBS, exercício que visa a nos permitir elevar o entendimento sobre o tema bem como seus impactos na vida das pessoas que dele participam. Em outras palavras, o objetivo geral dessa dissertação é avaliar o Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade, a partir da sua origem, desenvolvimento e atuação.

Já os específicos consistem em investigar a compreensão das participantes sobre qualidade de vida e seu processo de envelhecimento, e também averiguar como estas se sentem depois que se inseriram no PSBS. Pretende-se, além disso, analisar a percepção do Coordenador Geral do projeto acerca dos objetivos propostos para essa política pública e sobre o modo como ela tem sido avaliada.

Sendo esta uma defesa de Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas, faz-se necessário definir de que ponto partimos e que posicionamento adotamos no que diz respeito a conceber, compreender e avaliar a sociedade, suas questões prementes e as políticas públicas que surgem dos desafios que se apresentam.

As mudanças políticas que ocorreram no Brasil desde a década de 1980 fizeram com que áreas como as Ciências Sociais e o Serviço Social se amparassem em referenciais anteriores, como teorias de fundamentação essencialmente marxista e que levaram ao entendimento dos fundamentos sócio-históricos dessas profissões (Barroco 2022), para desenvolverem sua dimensão interventiva e político-acadêmica, iniciando assim um amplo debate direcionado para um novo norte político e social da prática e formação profissional.

Novos desafios começaram a surgir, como uma atuação estatal que impôs uma flexibilização do mercado de trabalho que acirrou a competitividade ao mesmo tempo que fragilizava e desconstruía direitos, precarizando a condição dos trabalhadores; também ganham formas a mercantilização e o culto ao individualismo em consonância com ofensivas neoliberais que em última instância acabam por intensificar desigualdades e consolidar aqueles que já detém privilégios em suas posições de poder (Battini, 2016).

É nessa ambientação que as Ciências Sociais e o Serviço Social se colocam no papel de preservar e garantir direitos, bem como de regulamentar atribuições e competências atreladas à gestão social cotidiana fortalecendo equidade, justiça e direitos. Levanta-se, dessa

maneira, um perfil profissional com a importante competência teórico-prática que prioriza em seu proceder os valores humanistas e éticos (Battini, 2016).

A teoria social crítica tem como núcleo o entendimento da história a partir das classes sociais e de suas lutas, bem como do protagonismo dos/as trabalhadores/as, e foi alimentada teoricamente pela tradição marxista e no diálogo com outras matrizes analíticas, sendo politicamente próxima das forças vivas que movem a história, a saber, os movimentos sociais e as lutas de classes (Iamamoto, 2014). Como será percebido nos capítulos seguintes, o nascimento e desenvolvimento das políticas públicas teve concepção alinhada com avanços em questões trabalhistas e ligadas de modo muito íntimo às lutas de classes e ao combate às desigualdades imensas e inadmissíveis ocasionadas pelo capital.

Essa perspectiva visa ao enfrentamento de aspectos da realidade que tendem a ampliar desigualdades e preservar hegemonias. Adotamos nesse trabalho, portanto, a referida concepção crítica trazida por Silva (2006), e que não se restringe ao Serviço Social, mas que caracteriza também ramos das Ciências Sociais, da Avaliação de Políticas Públicas, e de outras áreas comprometidas com as minorias, a classe trabalhadora, os pobres, e as camadas não privilegiadas da sociedade.

A ascensão dos mais velhos, tanto em percentual na população brasileira quanto em termos participação social, protagonismo, poder aquisitivo, entre outros, traz uma forma diferente de encarar o mundo e a vida, e cria a necessidade de reconsiderar o modo como se pensa a política, a economia, a cultura e demais dimensões da sociedade. O Brasil, sendo um país habituado a se ver jovem e agir como tal, vai sofrer ingentes impactos da inescapável revisão de si com o adentrar, em seu interior, de imagens ligadas à velhice, sejam elas quais forem (Justo *et al.*, 2010).

Se as pessoas idosas não gostam de se enxergarem como velhos/as, a que se deve isso? Para Minayo e Coimbra Jr. (2002) existe uma visão depreciativa que tem sido promovida pela ideologia produtivista que há tempos tem sido o sustentáculo da sociedade capitalista industrial, na qual impera a ideia de que alguém incapaz de ter renda própria e de trabalhar não serve devidamente ao país e à comunidade local. Os mesmos autores postulam que no Brasil é o Estado quem tem construído o pensamento de que as pessoas idosas representam um problema social, sendo tratados/as pelos representantes legalmente constituídos e pelos formuladores de políticas públicas com abandono e descaso.

Essa problemática foi refletida, certa feita, em uma aula ministrada em um núcleo do PSBS, quando um menino de 12 anos, neto de uma das alunas, começou a se exercitar conosco. Em certo momento, as alunas estavam a praticar os alongamentos corretamente e o

jovem não conseguia acompanhar, algo que se destacou aos meus olhos e arrancou de mim a frase: “As velhas estão melhores que você”.

Ao ouvirem isso, as mulheres demonstraram insatisfação generalizada e reclamaram: “Não somos velhas”, “Não tem velhas aqui”. Precisei me desculpar e me esforçar para retomar o ritmo leve que comumente se estabelece nos encontros, mas ficou muito evidente que elas manifestaram ali essa perspectiva depreciativa sobre a qual falaram Minayo e Coimbra Jr. (2002). Pensamos, contudo, que elas são fruto de uma cultura e que reproduziram um pensamento há tempos alimentado em nossa sociedade, algo que precisa ser combatido, desconstruído e modificado.

Valemo-nos dessas linhas introdutórias ou primeira seção, para traçar um pouco daquilo que motivou a escolha do tema e do próprio Mestrado, além de abordar parte da problemática envolvida no que diz respeito a envelhecimento com qualidade, a importância das políticas públicas para esse processo, os objetivos gerais e específicos e qual a perspectiva adotada para a compreensão dos fenômenos e realidades apresentadas.

Na seção 2 – *Procedimentos Metodológicos*, a centralidade é a trajetória do PSBS, suas origens, desenvolvimento, em que consiste, e de que modo funciona, de maneira a apresentar um panorama amplo e suficiente do campo pesquisado, bem como das interlocutoras, um pouco de suas histórias e o critério para seleção dessas participantes em específico. Também dissertaremos acerca dos critérios escolhidos para buscar alcançar os objetivos propostos.

Optamos por incluir alguns dos motivos pelos quais tanto aqui como de modo generalizado ao longo do Brasil, e em várias épocas, ocorre a peculiaridade de em programas como o PSBS prevalecerem em larga vantagem numérica as mulheres, de modo que homens são sempre minoria, e até mesmo, ausentes. Incluímos também pontos que nos estimularam a adotar uma imagem positiva das pessoas idosas, algo que contrasta com a imagem tradicional e negativa que costuma aparecer em muitas mídias quando se lida com esse tema.

Com o objetivo de conhecer melhor o público atendido por esses núcleos de PSBS, bem como responder a pesquisa, serão aplicados tanto um questionário acerca do perfil sociodemográfico (Apêndice A) quanto uma entrevista semiestruturada (Apêndice B). A intenção é entrevistar as interlocutoras em suas residências.

O critério escolhido para a seleção foi o geográfico, de modo que participarão da pesquisa mulheres cujas moradias eu já conheço, por já ter visitado a convite das mesmas para conversas após a aula, evento que não pode ser descrito como raro, dada a proximidade que se criou entre nós ao longo dos anos. Outras, no entanto, eu ainda não havia visitado, mas o

mesmo parâmetro será utilizado, pois moram, muitas delas, próximas entre si.

Por último, será entrevistado o comandante do CBMCE, Coronel Barreto, pois ele já esteve à frente do PSBS tendo passado ali um intenso período de modificações, avaliações e fiscalizações, possuindo, portanto, um vasto saber teórico e empírico acerca dessa Política Pública.

A seção 3 trata das políticas públicas desde seu(s) berço(s), trazendo sua trajetória a partir dos primeiros costumes e leis que foram as formas embrionárias do que temos hoje, e também de como algumas religiões antigas já tinham práticas cuja essência era o compromisso com a proteção social. Observaremos que é impossível falar de políticas públicas sem falar de luta de classes, modos de produção capitalista, liberalismo e mercado. Aprofundaremos nossa compreensão a partir daquilo que pensavam mentes hoje consagradas na academia, como Locke, Rousseau, Adam Smith, Malthus e Darwin. Contemplaremos os desafios que hoje relacionados à aposentadoria, e de que modo isso foi há muito previsto.

Além disso, é trazida a realidade brasileira e como ela foi sendo estabelecida de forma peculiar desde as relações colônia-metrópole, de modo que as elites e classes no poder conseguiram por séculos manter seus privilégios, fenômeno fortemente influenciado pela ausência de luta de classes derivada do passado escravocrata dessa nação. Finalizamos abordando o que tem sido chamado de “A Nova Razão do Mundo”, *ethos* através do qual muitos governos têm valorizado sobremaneira o desempenho em detrimento de outras características igualmente importantes como liberdade, consciência e dignidade. Esse espírito inclusive há muito se ampliou, saindo de esferas meramente governamentais ou organizacionais e se inseriu na esfera privada e na maneira particular de as pessoas levarem suas vidas, considerando-se muitas vezes como se fossem “empresas de si mesmas”.

A seção 4 contempla discussões sobre velhice e qualidade de vida, políticas nacionais e internacionais sobre o tema, mormente a sobre envelhecimento ativo e as repercussões advindas dessa forma de encarar essa fase da vida. Tentamos deixar evidente que conquanto existam medidas que o indivíduo pode adotar em prol dessa fase da existência, as autoridades e governos têm obrigação de não se eximir de suas responsabilidades de proporcionar meios adequados de envelhecer com dignidade e acesso a programas e políticas que viabilizem relações sociais, saúde mental e condições físicas de saúde. Também questionamos a abordagem da Organização Mundial da Saúde (OMS) e seu intento de julgar nações tão diferentes como as europeias e as sul-americanas, por exemplo, partindo de um mesmo documento sobre envelhecimento ativo, que não leva em conta, senão de modo muito passageiro, as ingentes diferenças sociais entre as nações a que se destina.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 O campo da pesquisa

Existem mecanismos legais que permitem que certos órgãos e membros do Estado atuem no ensino e na promoção do conhecimento. O inciso VII do art. 190 da Constituição do Estado do Ceará estabelece que compete ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (CBMCE) o desenvolvimento de atividades educativas de prevenção de incêndio, pânico coletivo, proteção ao meio ambiente e atividades socioculturais; É incumbência do CBMCE, segundo o art. 1º da Lei nº 13.438 de 7 de janeiro de 2004, atuar em ações de proteção e promoção do bem-estar da coletividade e dos direitos, garantias e liberdades do cidadão, bem como estimular o respeito à cidadania, através de ações de natureza preventiva e educacional (Ceará, 1989).

O CBMCE era visto, segundo Tavares (2018), como uma entidade pública dedicada unicamente às atividades de prevenção e proteção contra infortúnios e incêndios; no entanto, em tempos mais recentes passou a destacar-se por sua finalidade social que tem promovido dignidade e direitos humanos, cumprindo sua competência prevista em diversas legislações ao “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, como está registrado no art. 3º IV da Constituição Federal de 1988, através dos projetos sociais (Brasil, 1988).

Para regular esse imperativo o Decreto Estadual nº 27.141, de 18 de julho de 2003 (Ceará, 2003), criou o Centro de Treinamento e Desenvolvimento Humano do CBMCE (CTDH) e o Decreto Estadual nº 27.416, de 30 de março de 2004, regulamentou o ensino de bombeiro militar do Estado do Ceará (Ceará, 2004).

A lei Estadual nº 15.191, de 19 de julho de 2012, estabelece em seu art. 16 que as instruções de manutenção das corporações militares do Estado do Ceará, bem como as instruções ministradas por militares estaduais em programas e projetos de responsabilidade social continuarão a ser realizados em suas respectivas corporações, que serão responsáveis pelo planejamento, execução e pagamento (Ceará, 2012). E, finalmente, a Lei Estadual nº 16.849, de 06 de março de 2019, que institui o *Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade* (PSBS) como política pública (Assembleia Legislativa, 2019).

As legislações internas e portarias estabelecem critérios para o exercício de atividades de ensino, instrução, recebimento de gratificações por essas atividades ensino, bem como o teto mensal de horas-aula permitidas, além de uma série de outras regras e especificações que não é o foco desse trabalho abordar. O CBMCE possui, a cargo do Centro de Treinamento e Desenvolvimento Humano(CTDH), os projetos sociais conhecidos como

Jovem Brigadista de Valor (JBV), Projetos Esportivos Culturais (PEC) e o PSBS, o foco desse trabalho.

Ele é um dos projetos sociais de maior projeção e atua diretamente com a população idosa de todo o estado. Um projeto social é um modo encontrado de enfrentar os problemas sociais de maneira objetiva, prática, ágil e organizada, constituindo-se em um instrumento necessário e útil para elevar a qualidade de vida e fortalecer a cidadania (Tavares, 2018).

O ingresso de homens e mulheres nos projetos sociais é gratuito e voluntário, sendo necessário para isso unicamente o atestado médico que permita o exercício das atividades inerentes ao projeto social, o preenchimento de uma ficha de inscrição e de um questionário (anamnese) contendo informações referentes à vida pessoal, saúde de forma geral e contato de emergência, não havendo como requerimento uma idade mínima (Brandão, 2013).

O CTDH monitora, para fins de controle, as atividades dos projetos sociais por meio do Sistema de Monitoramento das Ações de Ensino e Instrução (SMAEI), disponível na página de sistemas internos do CBMCE. O órgão tem em seus registros o cadastro de cada núcleo, a foto do local no qual as aulas acontecem, o endereço, dias e horários de funcionamento, bem como as informações acerca dos bombeiros e integrantes dos mesmos. Também possui o Registro Diário de Atividades (RDA) que contém a descrição do conteúdo ministrado e a frequência dos bombeiros por aula. (Ceará, 2022)

O Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade (PSBS), foco deste trabalho, foi pensado e levado a termo em 2003 por profissionais do CBMCE que atuavam no então Grupo de Busca e Salvamento (GBS), localizado na Av. Presidente Castelo Branco, 1000, bairro Moura Brasil, Fortaleza. Nos primeiros tempos do projeto o GBS abrigava tanto as inscrições quanto a participação das interessadas (Sousa, 2008). Trata-se de uma iniciativa realizada por meio do CTDH e através das quais ocorrem aulas com atividades físicas com ênfase em ginástica para pessoas idosas (Menezes; Lopes e Marucci 2007).

Uma portaria de março de 2003 (Anexo A) publicada no Diário Oficial do Estado funcionou como uma forma de oficialização e ampliação do PSBS e é um dos primeiros documentos oficiais a tratar dessa iniciativa que um dia, 16 anos depois, viria a se consolidar como política pública. Já nesse documento o CBMCE define o PSBS, na época chamado de “Projeto Saúde, Bombeiros e Comunidade”, como um projeto voluntário, pois os militares da corporação exercem essa atividade apenas se se prontificarem a isso, diferente de outras funções que exercem por força de lei.

A mesma portaria inclui em suas considerações as alterações corporais trazidas pelo envelhecimento como fatores que podem ser atenuados pela prática regular de atividades físicas, e mesmo quando não é possível a atenuação deve ser assegurado o prolongamento do tempo de vida, bem como o bem-estar cotidiano dessa população. Ademais o documento atenta para o público idoso como fração que está passando por uma integração junto ao CBMCE e que, portanto, devia haver mobilização no sentido de conscientizar a sociedade acerca do acelerado processo de envelhecimento pelo qual a sociedade passava.

Além dos registros em páginas oficiais e de trabalhos sobre o mesmo tempo, optamos por escutar alguns bombeiros acerca de como se deu a implantação do PSBS, pois vários deles estão ou estiveram por muitos anos nessa função, alguns dos quais desde o início. O depoimento do Subtenente Dourado, que atua desde o começo do projeto, é importante para entendermos como tudo aconteceu:

O ano era 2003. Quatro senhoras iam passando em frente ao quartel do BBS e o oficial de dia era o Tenente Sawaki, formado em educação física e hoje Tenente-Coronel Sawaki. Ao observar as senhoras ele comentou: "da forma que elas estão caminhando, o exercício físico, em vez de trazer bons resultados, vai ser um malefício (Dourado, 2024).

Diante de tais palavras, um dos militares ali presentes perguntou o motivo, e o oficial respondeu que algumas delas estavam se deslocando com a coluna em posições que causam e agravam dores e desconfortos; além disso, outras estavam, ao caminhar, pisando de uma maneira que causava danos às articulações e joelhos; outras, quando se deslocavam, não mexiam os braços ou estavam inclinadas, o que reduz o equilíbrio e aumenta chances de queda.

Algum tempo depois essas senhoras retornaram e ele se apresentou a elas, e se ofereceu para compartilhar informações que agregassem positivamente às suas atividades físicas diárias dali em diante. Elas ficaram muito gratas ao escutar as considerações. Confessaram que não haviam feito alongamento algum antes da caminhada, e nem sequer sabiam do que se tratava ou o objetivo de tal medida (Dourado, 2024).

Ele fez, ali mesmo, com elas uma sessão de alongamentos, explicando a motivação e os benefícios dos mesmos, bem como o imperativo de assim procederem sempre que fossem caminhar, e ao encerrar a atividade também.

As idosas perguntaram se no dia seguinte ele estaria lá quando elas passassem novamente. Ele disse que não, mas que elas poderiam tomar a iniciativa de falar com os bombeiros que estivessem de serviço, pois eles comumente também fazem

aqueles alongamentos em virtude de parte considerável de seu serviço ser de natureza física. E assim aconteceu. (Dourado, 2024).

Passou a se estabelecer uma rotina de alongamento entre idosas e bombeiros de serviço naquele quartel, até que certo dia o comandante-geral da época passou em frente ao quartel e viu uma quantidade considerável de idosas e perguntou do que se tratava. Elas explicaram a situação, e ele quis saber mais a respeito, motivo pelo qual quis ouvir os militares nessa tarefa envolvidos. Os relatos o deixaram bastante satisfeito e o comandante decidiu levar o assunto até o Governador do Estado, na época Lúcio Alcântara, o qual também encarou positivamente a demanda e determinou que fossem implantados vários núcleos ao longo da cidade para a consolidação e formalização daquela iniciativa.

A literatura corrobora a narrativa guardada na memória. Segundo Menezes, Lopes e Marucci (2007), além do ora citado Tenente-Coronel Sawaki outros nomes constam como idealizadores na história do PSBS, sendo eles: Tenente Luís Roberto Costa, Sargento José Ivonildo Brito e Sargento Antônio Aldenor da Silva. A autora revela que ao longo dos anos estabeleceu-se uma parceria salutar entre o Conselho Regional de Educação Física (CREF) do Ceará e o CBMCE, o que possibilitou a formação e a habilitação de vários profissionais para as atividades a serem exercidas nos núcleos.

O CBMCE também promoveu ao longo dos anos uma série de ações com o objetivo de qualificar e aprimorar seus profissionais, entre as quais destacamos: Capacitações com foco em atividades físicas voltadas para os sujeitos na fase da velhice; minicursos de prescrição de exercícios para o referido público; palestras sobre os cuidados com o idoso (Menezes, 2012).

Percebe-se, portanto, que o PSBS nasceu, e permanece, como um projeto social voltado principalmente para a população idosa, embora pessoas mais jovens sejam sempre bem recebidas, e que viabiliza, através de seus instrutores, práticas de alongamento e atividades físicas de baixo impacto.

Segundo Tavares (2018) o PSBS ampliou seus objetivos iniciais e agora consegue promover uma maior conscientização sobre o processo acelerado de envelhecimento, realizar atividades que proporcionam um envelhecimento mais saudável, bem como estreitar os laços das pessoas idosas sejam eles entre si, com outras gerações ou com a corporação.

Além dos exercícios corporais propriamente ditos, fazem parte das práticas cotidianamente ministradas atividades socioculturais orientadas que abrangem palestras e minicursos temáticos, sempre focados em saúde e bem-estar. As temáticas incluem

conhecimentos em primeiros socorros, cuidados contra a hipertensão e a diabetes, medidas de prevenção de acidentes doméstico, entre outros (Menezes, 2012).

De acordo com Brandão (2013) há também os objetivos específicos do PSBS, a saber: proporcionar uma boa integração do esquema corporal e atitude, ou seja, reeducação postural; desenvolvimento de procedimentos e métodos adequados para o trabalho de atividade física com idosos; resgatar a ideia de tempo livre, através das atividades físicas propostas; o proporcionar um encontro saudável entre as pessoas permitindo oportunidades para a reinserção social; elevar a segurança individual e a independência na locomoção, permitindo mais equilíbrio nas lidas diárias; a redução da inatividade ocasionada pela aposentadoria; dar oportunidade de livre escolha das pessoas para a participação de atividades físicas; desenvolver a mobilidade articular de regiões corporais não comprometidas por patologias; melhorar a coordenação motora e os padrões respiratórios; proporcionar que se atinja um relaxamento que facilite o libertar-se de tensões concentradas em segmentos musculares.

O PSBS é estruturado através de núcleos que realizam suas atividades duas vezes em cada semana em horários e dias pré-determinados. Um ou dois bombeiros militares são responsáveis por conduzir os encontros, cabendo a ele(s) executar de modo satisfatório as atividades planejadas e promover a interação das participantes.

Segundo a Assessoria de Comunicação do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (ASCOM) o PSBS nasceu com a finalidade de executar atividades voltadas ao bem-estar, mormente de pessoas idosas, através da prática de atividades físicas e da integração social (ASCOM, 2020). O que nasceu como uma iniciativa restrita a um quartel na avenida Presidente Castelo Branco, e contemplando poucos idosos, foi transformado em uma política pública pelo governador do Estado, Camilo Santana, através da sanção da lei estadual nº 16.849, de 6 de março de 2019.

Com esse novo status, a lei ampliou o acesso ao projeto e reforça que nele os participantes têm oportunidade de praticar atividades físicas de baixo impacto, esportes, fazer parte de eventos cívicos, de campanhas socioeducativas, além de instruções relacionadas a conhecimentos basilares de prevenção de incêndios, de prevenção de acidentes domésticos e conhecimentos básicos de emergência pré-hospitalar e primeiros socorros (ASCOM, 2020).

Conforme se multiplicou o número de participantes, houve um significativo aumento de projetos. Primeiro nos bairros, depois região metropolitana, e por último o interior

do Estado. Segundo Sousa (2008) o PSBS estava voltado para a prática de atividades físicas de impacto reduzido¹, e tinha como público-alvo pessoas com 60 anos de idade ou mais.

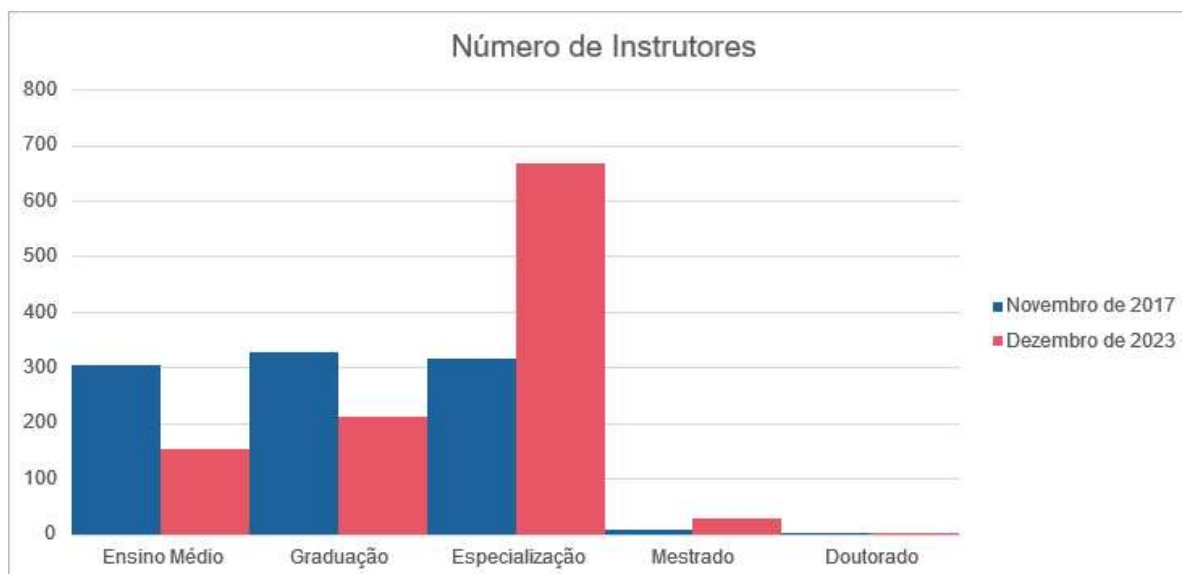
Além disso, há um conjunto de desafios que incluem a redução da inatividade trazida pela aposentadoria; promover uma reeducação postural e elevar a amplitude de articulações não atingidas por patologias; resgatar a ideia de “tempo livre”, por meio das atividades físicas ministradas; trazer outras escolhas possíveis para prática de atividades físicas; instruir acerca de formas mais eficientes de locomoção, respiração, entre outras; promover uma melhor inserção em encontros sociais.

Para termos ideia do crescimento do projeto podemos citar alguns números que descrevam um pouco de sua trajetória. Em 2011 havia 191 núcleos em funcionamento por toda a capital e 173 no interior e região metropolitana, constituindo um somatório de 15.037 participantes na capital e 11.206 no restante do Estado, ou seja, 364 núcleos e 26.243 pessoas (Menezes, 2007). Em novembro de 2017 eram 349 núcleos cadastrados, sendo 201 na capital e 148 no interior, totalizando 17.805 participantes instruídos por 958 bombeiros militares (Tavares, 2018).

Entramos em contato com a Ouvidoria do Estado com o objetivo de termos as informações mais recentes em razão desta pesquisa, e em 19 de dezembro de 2023 fomos informados de que existiam 268 núcleos em Fortaleza (total de 19.751 participantes), 99 na região metropolitana (5.780 participantes) e 95 no interior do Estado (4.830 participantes), o que constitui um total de 30.361 inscritos, 462 núcleos e 1.095 instrutores. O número de instrutores em cada nível de escolaridade por ocasião da resposta da Ouvidoria foi o seguinte:

Gráfico 1 – Número de instrutores por nível de escolaridade: Contraste entre 2017 e 2023

¹ O impacto dos exercícios, se é baixo ou alto, tem a ver com a intensidade com que os pés tocam o chão. Logo, atividades físicas consideradas de baixo impacto são aquelas em que os indivíduos tocam pouco e/ ou leve o solo, como a natação, a hidroginástica, a caminhada em ritmo devagar, yoga, pilates etc (Matsudo; Matsudo; Barros Neto, 2000).



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

É importante explicar que dadas as constantes fiscalizações e processos de recadastramentos esse é um número “flutuante”, conforme a própria ouvidoria. Essas fiscalizações acontecem com frequência porque devido a vários fatores como mudanças de endereço, falecimentos, alterações de disponibilidade de horário, as idosas podem parar de ir a um determinado núcleo, ou começar a ir em outro.

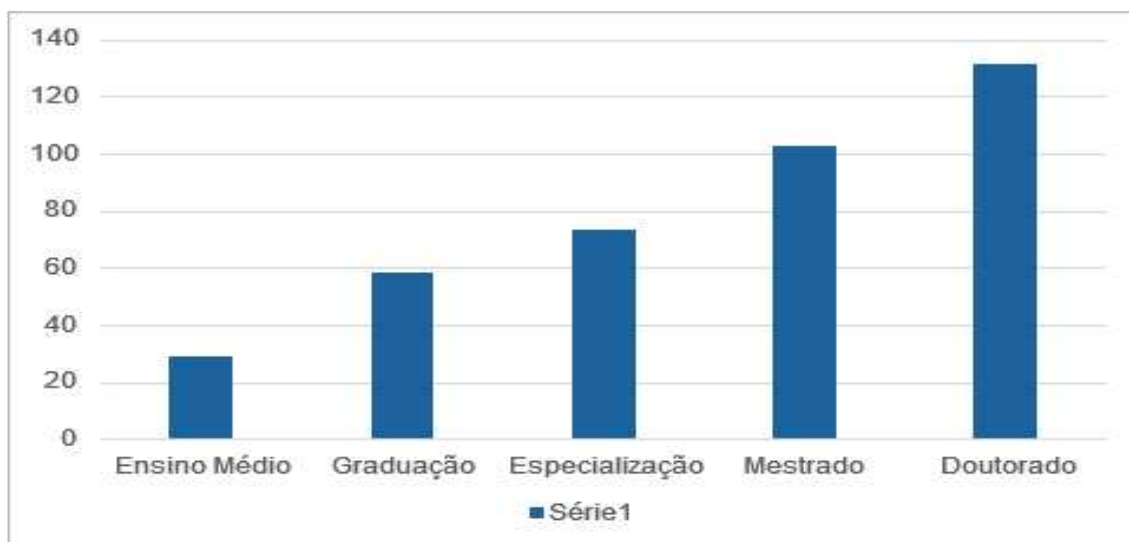
Quando o número de participantes é alterado, é importante ajustar o número de instrutores para mais ou para menos conforme as necessidades de cada um. Para que um núcleo seja cadastrado inicialmente, são necessárias 10 pessoas inscritas para cada instrutor, e a configuração mínima é de dois instrutores e um coordenador. Assim sendo, no mínimo 20 participantes, podendo esse número aumentar até 30, porque o coordenador também pode dar aulas. A cada 10 novas pessoas é necessária a inclusão de mais um bombeiro.

Os dados mostram que os bombeiros militares que compõem o PSBS possuem, em sua maioria, o grau de escolaridade entre médio e especialista.—Se observarmos as diferenças entre 2017 e 2023, poderemos constatar uma alteração no sentido de avançar no nível de instrução. Ao se graduar ou depois de conseguir uma especialização, por exemplo, o militar faz a comprovação de conclusão para que sejam alterados esses dados em seu sistema nos registros do CBMCE, de modo que o militar passe a receber o valor correspondente ao seu novo nível de instrução. Essa é uma possível explicação para o avanço no grau de escolaridade dos instrutores ao longo dos anos.

Também segundo a Ouvidoria do Estado, os instrutores recebem valores diferentes de hora-aula, dependendo do nível de escolaridade, sendo os valores para ensino

médio (R\$ 29,20), graduação (R\$ 58,41), especialização (R\$ 73,02), mestrado (102,33) e doutorado (131,57) ajustados sempre que o bombeiro comprova um novo título. A proporção pode ser vista no gráfico 2:

Gráfico 2 – Valor por hora-aula pago conforme o nível de instrução



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os núcleos de PSBS estudados nessa pesquisa são chamados de “Lagoa da Maraponga” e “Diva Cabral”. O nome do primeiro é devido ao local da aula, que é em espaço público adjacente à lagoa da Maraponga e o do segundo é referente ao nome do colégio no qual as aulas ocorrem. Ambos os núcleos se situam no mesmo bairro, e acerca desse pode-se dizer que possui índices de IDH posicionados longe dos extremos. Segundo a prefeitura de fortaleza, os valores desse índice para o bairro são: IDH-Educação (0,9676), IDH-Longevidade (0,3105), Renda (0,1980), IDH (0,3904), Ranking IDH (43º) (Prefeitura de Fortaleza, 2022).

TABELA 1 – Estatística Descritiva

Dado	Bairros	IDH-Educação	IDH-Longevidade	IDH-Renda	IDH
N	120	117	117	117	117
Omisso	3	6	6	6	6
Média		0.948	0.419	0.186	0.381
Mediana		0.954	0.392	0.109	0.342
Moda		0.956	0.446	0.0101	0.107
Desvio-padrão		0.0314	0.229	0.204	0.180
Variância		9.86e-4	0.0522	0.0417	0.0323
Amplitude		0.117	0.946	0.990	0.846
Mínimo		0.883	0.0544	0.0101	0.107
Máximo		1.00	1.00	1.00	0.953

^a Existe mais de uma moda, apenas a primeira é apresentada.

Fonte: Tabela elaborada pelo programa Jamovi a partir dos dados inseridos pelo autor e colhidos da página da Prefeitura de Fortaleza (2022).

A partir dessa tabela e dos valores apresentados especificamente para o bairro Maraponga, podemos inferir que o seu IDH, conquanto esteja levemente acima da média, ainda está muito aquém daqueles ostentados pelos bairros de melhor desempenho, com valores superiores ao dobro do existente em Maraponga. Não chega a ser um dos bairros mais pobres, é verdade, mas as condições materiais acessadas pelos moradores ainda são marcadas por desigualdades e agruras manifestas de várias maneiras.

A renda também está apenas um pouco acima da média, mas observando que a moda é também um valor muito reduzido, podemos ver que, comparado com os bairros mais privilegiados dentro da mesma cidade, a desigualdade social se manifesta aqui de modo bastante relevante, especialmente se levarmos em conta que em Maraponga houve, em anos recentes, uma ostensiva expansão urbana.

Como os índices de IDH ora apresentados sugerem, o bairro conta com algumas dificuldades. A respeito de sua localização periférica, 12 quilômetros de distância, aproximadamente, do Centro, Maraponga possui uma rede viária consolidada que, conectada

a outros modais, como o metrô, proporcionam acesso facilitado a toda a cidade (Freitas e Frota, 2014).

Para compreendermos melhor especificamente as idosas do Bairro Maraponga, sejam elas as frequentadoras do PSBS ou não, se faz imperativo conhecermos um pouco sobre esse local. Sabemos que, dadas as desigualdades em níveis de IDH entre os bairros de Fortaleza, alguns deles apresentam maior quantidade de praças, equipamentos e oportunidades que ofereçam meios de os idosos se manterem longe do sedentarismo e da solidão.

Gráficos do Anuário do Ceará dividiram os bairros do estado em cinco classificações (Muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto). Algumas vezes em uma mesma regional estão presentes as cinco classes, o que mostra que a desigualdade é, por vezes, constatável de forma instantânea. Também se percebe isso pelo número de bairros em cada faixa: oito estão na faixa “muito alta”, 20 na “alta”, 28 na média, 28 na baixa e 33 na muito baixa. Ou seja, 28 estão acima da média, enquanto 89 estão na média ou abaixo dela (Silva, 2020).

As mulheres em nossa pesquisa fazem parte de núcleos de PSBS no bairro Maraponga, o que na prática significa que elas são provenientes desse local e adjacências. Maraponga, é um bairro de IDH médio, mas está cercada por bairros de três classificações. Em sentido horário, fazem fronteira com Maraponga os seguintes bairros, seguidos por seus IDH: Parangaba (médio), Dendê (muito baixo), Jardim Cearense (baixo), Mondubim (baixo), Vila Manoel Sátiro (baixo).

Bairros periféricos, aqueles dos quais as participantes são habitantes, são mais densamente ocupados, contém construções irregulares (Silva, 2020), mais vulneráveis ambiental e socialmente, sobretudo no período chuvoso, tendo por vezes maior incidência de doenças influenciadas por clima, como pneumonia.

Fica evidente que aspectos meteorológicos influenciam o desenvolvimento de doenças, mas também as condições socioeconômicas das populações. Em idades mais vulneráveis, como a velhice, a qualidade de vida é mais intensamente associada aos espaços, que se forem carentes de saneamento básico e infraestrutura podem trazer fragilidades tanto para o bem-estar quanto para a saúde e segurança de forma direta (Freitas Júnior *et al*, 2019).

O bairro Maraponga já foi caracterizado por paisagens naturais belas, mas ruas asfaltadas e construções verticais as substituíram (Coutinho, 2013), fenômeno esse decorrente da expansão urbana que acontece de modo acelerado e exacerbado, fazendo com que os

equipamentos urbanos existentes já não sejam suficientes para a população atual, fazendo-se necessárias medidas que corrijam esses agravos (Lourenço *et al.*, 2022).

O modelo de urbanização pelo qual o bairro passou recentemente contribuiu para perpetuar um processo prejudicial de ocupação do território do ponto de vista da urbanidade, na medida em que empreendimentos habitacionais densamente construídos novos são levantados nas margens do recurso ambiental sem a preocupação de estabelecer uma relação espacial entre o espaço livre e a área urbanizada (Freitas e Frota, 2014).

As atividades físicas ocorrem duas vezes por semana: às terças e quintas das 6h às 7h da manhã no Lagoa da Maraponga e no mesmo horário, porém às quartas e sextas no Diva Cabral. As alunas são instruídas a não irem para as aulas em dias chuvosos, pois existe o risco de haver quedas, o que reduz a segurança e cria um perigo desnecessário para pessoas nessa faixa etária.

Para chegar aos núcleos todas as senhoras precisam caminhar, ação mais difícil “quanto mais complexa é a situação urbana do local onde ocorre” (Malatesta, 2015, P. 42). Por serem idosas, estão contidas na parcela da população que, por diferentes razões, não tem as mesmas condições de mobilidade da maioria, sejam elas de natureza sensorial ou física, cuja condição limita ou impede o seu deslocamento (Azevedo e Bezerra, 2016).

Encontram, as idosas, em seu trajeto as mesmas situações que Azevedo e Bezerra (2016) chamaram de problemáticas, pois apresentam, as calçadas e vias, níveis diferentes de qualidade (algumas quebradas e sem manutenção), de atrito (o que favorece quedas quando se percebe caráter escorregadio), e com obstáculos (como troncos de árvores, lixo, etc.; há também falta de padronização, o que faz com que algumas calçadas e canteiros sejam muito elevados, o que dificulta para as senhoras que tem dores nos joelhos). Se a isso somarmos a chuva, fator que reduz os atritos e eleva a necessidade de atenção no deslocamento, compreendemos o motivo de não haver aulas em dias com essa condição.

As condições não são idênticas nos dois núcleos. O Diva Cabral realiza suas atividades na quadra coberta de uma escola pública, local fechado, com segurança e estrutura adequada para eventualidades como a necessidade de ir ao banheiro, de beber água, ou local para aguardar sentadas e à sombra no caso de uma chuva iniciar quando a aula estiver terminando. Existe uma faixa de pedestres em frente ao colégio, o que muito facilita a travessia coletiva que ocorre ao fim dos encontros.

Outros locais das redondezas já serviram de local para os encontros desse núcleo, como o colégio Nicolau Façanha e o supermercado Canadá, ambos próximos ao Diva Cabral. Essas mudanças foram tentadas em anos anteriores pelas senhoras no intuito de tentar

encontrar o melhor local de acesso e com a devida receptividade. Após experiências nos três locais, decidiram, após votações, por permanecer no local atual.

No Lagoa da Maraponga, contudo, a situação é outra. Suas atividades ocorrem no espaço público nos arredores da lagoa, local que não conta com cobertura alguma, o que inviabiliza que haja a continuidade da aula se começar a chover durante o encontro e o impossibilita por completo se chover antes. Ele é desprovido de um perímetro fechado como os muros de uma escola e não tem vigilância alguma que seja promovida pelo estado ou por instituição privada, e que é muito mais vulnerável a vários tipos de imprevistos.

Imagem 1 – Local das aulas do núcleo Lagoa da Maraponga.



Fonte: Foto registrada pelo autor em 24 de abril de 2024.

Imagem 2 – Núcleo Lagoa da Maraponga durante uma aula.



Fonte: Foto registrada pelo autor em 5 de dezembro de 2023

Imagem 3 – Colégio no qual ocorrem as aulas do núcleo Diva Cabral.



Fonte: Foto registrada pelo autor em 24 de abril de 2024.

Imagem 4 – Quadra do colégio, local das aulas do núcleo Diva Cabral.



Fonte: Foto registrada pelo autor em 24 de abril de 2024.

Imagem 5 – Núcleo Diva Cabral durante uma aula.



Fonte: Foto registrada pelo autor em 24 de abril de 2024.

Essa falta de estrutura já foi causa de problemas sérios e que colocaram a própria existência do núcleo em risco. A título de ilustração pode-se citar que em fevereiro de 2024, durante uma tranquila aula na qual eram ainda realizados os alongamentos iniciais, surgiu das folhagens do bosque um jovem portando uma arma de fogo que realizou um assalto, levando o celular do instrutor e o de uma das idosas, não sem antes ameaçar suas vidas verbalmente porque uma das idosas omitiu que tinha um telefone e ele o encontrou em sua bolsa.

Foi um evento bastante traumático e que culminou na mudança de ponto de realização das aulas, de modo que o núcleo ainda conserva o nome por ser ao redor da lagoa, mas ele está mais afastado do Colégio Provento, do qual era vizinho. Poder-se-ia perguntar o motivo pelo qual as aulas não ocorrem no interior desse colégio, e o fato é que já houve tentativas nesse sentido, mas as idosas não sentiam que eram bem-vindas no colégio.

As aulas começam 6h da manhã, mas ao longo de todo o tempo que as compõe, permanecem chegando senhoras que se atrasaram por motivos os mais diversos. Sendo em um local aberto não há qualquer óbice mesmo que cheguem 35 minutos após o início da aula, mas no colégio Provento o vigia e a instituição dificultavam o acesso, fato que fez com que as frequentadoras do PSBS optassem por sair desse local.

Outra severa limitação diz respeito à dificuldade de acessar o local das aulas. Mesmo já existindo há mais de 10 anos, ainda em abril de 2024 as idosas estavam a organizar um abaixo-assinado para tentarem a consecução de uma faixa de pedestres que proporcionasse um pouco mais de segurança na travessia da avenida Godofredo Maciel para aquelas que moram do outro lado; não é a primeira vez que se organizam nesse sentido, pois já providenciaram faixas com letreiros e convocaram a mídia televisiva para dar suporte a esse pedido às autoridades competentes, mas apesar de tudo ainda não tiveram sucesso.

As dificuldades apresentadas pelo núcleo Lagoa da Maraponga poderiam levar o leitor a pensar que é um núcleo de menor adesão ou com atividades menos intensas, mas não é esse o caso. O Lagoa tem, tanto formalmente (alunas devidamente cadastradas) quanto na prática (alunas que frequentam as aulas amiúde), uma notável adesão, bem maior que no Diva Cabral, por exemplo. Nas vezes em que já refletimos, eu e outros instrutores, acerca do motivo dessa realidade, invariavelmente chegamos a uma explicação cujo cerne é a existência de uma importante pessoa que se coloca a frente das necessidades do núcleo, dando o seu melhor para saná-las em tempo hábil e da forma mais eficiente possível.

O Lagoa da Maraponga conta com uma coordenadora bastante dedicada, que conhece as alunas pelo nome e sabe onde muitas delas moram e em quais condições vivem;

ela frequenta as reuniões das líderes de mesmo cargo quando o Corpo de Bombeiros as convoca para debater questões importantes e mantém contato ativo e próximo com cada um dos instrutores. Além disso, é compreensiva e esforçada na lida de qualquer dificuldade que se apresente, um exemplo de liderança, de apoio e afeto.

A admiração que as outras senhoras têm por ela é real e se manifesta de várias maneiras. Nas orações vistas ao final das aulas nas vezes em que ela já passou por dificuldades de saúde, no trato durante as aulas, que é revestido de carinho e atenção, e em datas especiais como aniversário e Natal, quando as alunas previamente se organizam, juntam recursos possíveis e doados de bom grado pelas colegas que podem ajudar e a presenteiam com algo que sabem ser um desejo do coração da coordenadora. É uma conexão social bonita, intensa, e que já tem mais de uma década.

A líder demonstra uma dedicação ímpar. Todo ano, desde janeiro ela inicia as organizações para o evento de final de ano, quando as senhoras alugam um ônibus que as conduz a um grande encontro em uma casa de praia com piscina. Nesse evento para o qual todas se dedicam, existe churrasco, almoço, bebidas, brincadeiras, muita confraternização e até a realização de um “amigo secreto”, no qual umas presenteiam as outras, o que aumenta a união entre as participantes do núcleo.

O que viabiliza essa tarefa que requer grande dedicação conjunta, é uma série de cuidados como a distribuição de um carnê com o qual todas contribuem conforme suas possibilidades mês a mês, e cuja soma a coordenadora administra sabiamente e com transparência. Isso é possível graças à confiança conquistada ao longo dos anos e à qual ela faz jus não apenas com o evento de fim de ano, mas esforçando-se para a consecução de outros encontros significativos para elas, como a festa de dia das mães, a do carnaval, as festas juninas, os cafés da manhã mensais para comemoração dos aniversariantes do mês e outros. Tudo isso é possível devido à essa confiança criada e mantida pela coordenadora, à sua dedicação de sempre, e ao forte apoio das idosas que frequentam o núcleo.

O Diva Cabral não teve a sorte ainda de encontrar um meio assim tão propício ao pleno desenvolvimento, no qual alunas e liderança do núcleo tenham comunhão e ativa participação conjunta. As causas são externas e compreensíveis, não se podendo culpá-las pela realidade diferente. Um dos motivos, para o contraste é que não contou com o mesmo tempo de liderança de uma só pessoa, pois sua coordenadora anterior já era muito idosa, sendo, portanto, menos ativa na lida dos problemas da comunidade e na busca pelos recursos que poderiam existir.

Devido a complicações de saúde, não conseguia ir sempre às reuniões das lideranças propostas pelo CBMCE para conseguir benesses como fardamentos novos para as participantes ou apoio para outras necessidades do grupo. A saúde veio a se fragilizar há alguns anos e ela veio a falecer, algo que enfraqueceu o grupo nesse sentido, pois não foi fácil encontrar uma nova liderança que abraçasse a responsabilidade de forma satisfatória para todas as alunas.

Por certo tempo o núcleo ficou sem coordenadora, pois elas sentiam que era uma responsabilidade a qual não estavam em condições, por motivos pessoais, de tomar para si, o que acaba por dificultar a adesão, e o espírito de corpo. Ao longo desses últimos 10 anos já houve 3 coordenadoras, e não se conseguiu ainda criar a confiança e espírito de união observado em outros núcleos.

Segundo Celich (2008) existem fatores descritos por idosos como contribuintes para a qualidade de vida no envelhecimento, sendo um deles a autonomia, ideia que envolve o sentimento de controle do futuro, a liberdade para tomar as próprias decisões, de acreditar que as pessoas em seu convívio respeitam sua liberdade e de fazer as coisas que gostaria.

A autora soma a isso o domínio da participação social, que demonstra a satisfação pessoal com as atividades diárias, oportunidades de participar nas atividades da comunidade, nível pessoal de atividade, e uso do tempo, o que cria a ideia de relacionamentos como mediações sociais importantes, pois os idosos valorizam de modo especial a manutenção dos relacionamentos e a convivência grupal.

Participar, para os idosos, não diz respeito unicamente a usufruir dos alongamentos, danças, ou do que quer que tratem as atividades coletivas. Vai além, incluindo o trabalho coletivo, o opinar e votar nas discussões e proposições pertinentes à vida do núcleo, o tomar parte no planejamento de ações, na avaliação e controle de atividades, bem como na concretização de planos. Dessa forma, esse envolvimento do indivíduo no seio de sua comunidade pode ser um aspecto significativo para melhorar a satisfação em viver e a confiança pessoal (Wichmann, 2013).

Nos núcleos de PSBS dessa pesquisa a autonomia é exercida pelas idosas de diversas formas. Elas organizam eventos em datas comemorativas como dia das mães, páscoa, Natal, carnaval, aniversariantes do mês. Decidem entre si quando vai ser, quem vai trazer cada comida ou decoração, se haverá amigo secreto, as músicas que haverá, entre outros pontos que consideram relevantes. Além disso, elas preparam passeios a casas de praia ou viagens turísticas para localidades que desejem conhecer ou usufruir. Às vezes os bombeiros

se envolvem para facilitar ou viabilizar algum detalhe, mas o principal volume em decisões relevantes é com as idosas.

Autores como Mello (2008) defendem que a busca por uma velhice com dignidade, autonomia, saúde e independência tem sido relacionada a frequentes participações de pessoas idosas em movimentos sociais, sejam elas espirituais, cívicas, culturais ou econômicas, pois isso incrementa a manutenção da independência e autonomia na velhice, no contexto da solidariedade entre gerações e da interdependência que abrange associações, vizinhos, amigos e familiares.

A Qualidade de Vida, definida pela OMS (Fleck, 2000) como a “percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”, está relacionada a maior autonomia ativa por parte dos idosos (Gomes, 2021), e esta requer um bom suporte social, que é a rede de pessoas disponíveis em que existe valorização, relação de confiança e sentimento de que uns se importam com os outros (Sarason, 1983). Tal apoio é importante no processo de envelhecimento como fator amortecedor dos estresses daí decorrentes (Geib, 2012).

Somos, portanto da opinião que a autonomia requerida nas atividades do PSBS, que é exercida através das decisões de como procederem em seus encontros e eventos, da solicitação de certos exercícios ou músicas que acham mais interessantes, da escolha dos destinos de passeios, e de tantas outras manifestações contribui para uma maior qualidade de vida e fortalece o suporte social existente nesses grupos.

Corroborando o que foi encontrado por Almeida (2013) em sua pesquisa, também nos núcleos estudados nesse trabalho foi encontrada uma participação unicamente feminina. Não é o objetivo dessa dissertação se debruçar de forma mais aprofundada acerca de gênero e dos motivos que levam os homens idosos a serem ausentes nos núcleos aqui estudados, mas importa fazer algumas considerações advindas da literatura e da minha experiência pessoal.

Tendo trabalhado por mais de 10 anos em núcleos de PSBS, visto outros núcleos nas vezes em que neles atuei como instrutor substituto, e presenciado outros também na condição de observador comum, o que posso afirmar, categoricamente, é que os homens jamais são a maioria em um núcleo de PSBS. E aqui estou usando de um certo eufemismo, pois o que costuma acontecer é de haver uma presença masculina baixíssima ou nula. Já houve, tanto no “Lagoa da Maraponga” quanto no “Diva Cabral”, que são os meus locais de atuação do projeto, presença de homens, mas ela sempre foi diminuta, tendo algo em torno de 1 homem para cada 10 mulheres.

No Núcleo Diva, tivemos por muitos anos o sr. João Batista, a quem todos nos afeiçoamos e cuja vontade de colaborar foi sempre muito evidente. Quando era necessário o uso de uma caixa de som de tamanho grande, ele se oferecia para guardá-la em sua casa e trazê-la nas aulas, e todos confiávamos, pois ele apenas raramente faltava. Esse simpático senhor, no entanto, faleceu no final do ano de 2023, motivo pelo qual agora o núcleo segue sem homens.

Já o Lagoa da Maraponga teve uma fase na qual havia 2 senhores, mas ela foi passageira e hoje não conta com alunos do sexo masculino. Quando algum homem se aproxima, eu e as alunas fazemos questão de demonstrar acolhimento e receptividade, mas não tem havido adesão de homens nesses núcleos. O que a literatura aponta nesse sentido?

Medeiros (2014) afirma, apoiado por outros autores e por sua experiência cotidiana, que a participação masculina em programas de atividades físicas para idosos é expressivamente inferior à feminina. Uma das explicações dadas para o fenômeno é, possivelmente, o fato de os homens considerarem os projetos existentes inadequados, por não exigirem esforço exaustivo ou por proporem atividades que consideram interferir em sua masculinidade (Andreotti e Okuma, 2003).

As mesmas autoras apontam que existe grande evidência de que os homens julgam certas aulas da mesma natureza que o PSBS como sendo voltadas exclusivamente para mulheres. Haveria também falta de conhecimento sobre os programas e inconveniência acerca da estrutura das aulas.

A maior representação das mulheres, segundo Vieira (2013), pode ser devida ao fato de as mulheres mais facilmente aderirem a projetos de autocuidado e saúde. Em outras pesquisas, como a de Andrade *et al.* (2014), a predominância de mulheres é explicada por existir uma resistência masculina ancorada em preconceitos no que tange à participação em grupos de idosos.

Faria Júnior (1994) já encontrava como característica constante a não predominância de homens nesses projetos. Questionou se o homem idoso encontraria, fora do lar, mais oportunidades de pontos de encontro “socialmente aceitáveis” para pessoas sós, como bares, praças, clubes e grêmios.

Acreditamos que a amálgama dos fatores citados seja responsável pela pouquíssima adesão masculina ao PSBS. Em muitos núcleos, inclusive nos que aparecem nesse trabalho, ocorrem danças com músicas de estilos variados, como axé, o que pode contribuir para que os homens idosos não considerem o programa como “socialmente

aceitável”, como disse Faria Júnior (1994). É possível que se sintam deslocados sendo únicos ou raros representantes masculinos entre tantas mulheres.

Compartilhando um pouco de minha experiência pessoal, afirmo que conforme o tempo passa e o número de aulas em um mesmo núcleo aumenta, costuma nascer e se consolidar um sentimento coletivo de amizade e confiança tanto entre as alunas quanto entre essas e os instrutores.

Corroborando o que já foi dito acerca do fator de promoção dos encontros e dos vínculos sociais e da importância desse aspecto, quando surgem a confiança e a abertura que a convivência promovem, aparecem também convites para encontros do núcleo, planejados e promovidos totalmente pelas alunas, para as festas de fim de ano e outras datas comemorativas, e até para conversar amenidades após a aula tomando café da manhã na casa de uma delas.

Em sintonia com Silva e Souza (2020) escolhemos ancorar nossa visão acerca da velhice na interdependência, na autonomia e na plena participação das pessoas idosas, possibilitando a configuração de uma imagem positiva desse grupo, que é antagônica à visão tradicional que coloca como natural o vínculo entre velhice, apatia, doença e isolamento.

Para entendermos melhor as consequências e implicações da participação das idosas nos grupos de PSBS, faz-se salutar tecer um olhar para a teoria das representações sociais, que são constituídas por processos sociocognitivos nas interações entre pessoas. Isso quer dizer que elas têm repercussões no dia a dia e, que a comunicação e os comportamentos adotados por um coletivo de indivíduos sobre um objeto, como as representações sociais da velhice, resultam do modo como os atores sociais representam socialmente tal objeto e do significado que este adquire em suas vidas (Araújo, 2005).

Costa (2001) encontrou em sua pesquisa que os idosos objetivaram grupos de convivência como *locus* de entretenimento e lazer, com atividades que priorizam a socialização intragrupo e a afetividade. Fica evidente a importância que grupos (como o PSBS) desempenham ao promover ações que contribuem para o envelhecimento ativo e bem-sucedido.

Contribui para a autoestima, à medida que se valoriza o outro dentro da coletividade do grupo, o sentimento de reconhecimento que cresce conforme se constrói, no longo prazo, uma identidade fundamentada nas características de seus integrantes (Menegaldo, 2020). Um maior tempo de envolvimento no grupo, o que pode ser expresso tanto em tempo, quanto em regularidade, fidelidade e dedicação, auxilia no estabelecimento de vínculos e fortalecimento das relações. Moreno e Tsukamoto (2018) afirmam que essas

variáveis ajudam a construir o sentido de pertencimento, que Menegaldo (2018) descreve como sentimento de pertencer a um coletivo e modo de reconhecimento; reconhecer-se como parte de determinado coletivo.

Algumas idosas presentes nos núcleos aqui estudados fazem parte dele há muitos anos e é possível que tenham, ao longo desse tempo, criado laços de afeto, de confiança, de amizade, compartilhado dores e alegrias, sucessos e fracassos. Passaram juntas, e nisso até eu me incluo, por perdas de pessoas que eram muito presentes no grupo, o que faz com que aumente o que têm em comum e que tenham maior empatia umas com as outras.

Wichmann (2013) encontrou em sua pesquisa que idosos em grupos de convivência afirmaram que podem ali compartilhar toda uma gama de afetos como amores, alegrias, tristezas, angústias, medos, inseguranças e depressão. Se isso ocorre após a perda de um ente querido, têm ali a chance de receber e doar afeto, de conversar com amigos e partilhar as experiências da vida. Além disso, referiram que o grupo possibilita a criação de novos laços de amizade ou consolidação de vínculos já existentes.

Salgado (2007) relata que, para os idosos, ser integrante de um grupo é uma conquista e um modo de interromper o ciclo de tarefas e obrigações do lar, a lida com filhos e netos, uma chance de adquirirem conhecimentos e desfrutar a liberdade dessa fase de suas vidas. Nesse sentido, sair da solidão é um dos motivos para que os idosos adiram a grupos de convivência; ao fazê-lo, comumente conseguem também conviver com pessoas da mesma idade e até mesmo dar um sentido para suas vidas.

O apoio proveniente de grupos sociais auxilia o bem-estar psicológico e a saúde mental, constituindo um significativo preditor de recurso pessoal de enfrentamento de problema, além de estar inversamente correlacionada a estresses, depressão e positivamente associado à redução de riscos de mortalidade (Guedea *et al.* 2006).

Almeida *et al.* (2013) afirmam haver correlação negativa entre sintomas de depressão e a participação em atividades sociais, de maneira que quanto mais atividades grupais e amigos, menor a sintomatologia depressiva. É possível nos questionarmos, contudo, se é a participação social que afasta os sintomas da depressão, ou, se uma vez deprimidas as pessoas deixam de ir às reuniões.

No que diz respeito ao sedentarismo, um comportamento que o PSBS diretamente combate, é possível afirmar que ele tem aumentado muito na atualidade e contribuído para acelerar as perdas funcionais no idoso. Além disso, idosos sedentários apresentam menor mobilidade e maior propensão a quedas quando comparados aos que praticam regularmente atividade física (Guimarães, 2004).

Para Macedo (2019) a inatividade física atua como um acelerador do declínio humano, e pode ser a causa de perda de qualidade de vida, de elevação do número de doenças, de mortalidade e de incapacidade funcional. Ele afirma que o sedentarismo é um fator de risco para doenças cardiovasculares, e que, diferente de fatores como genética e idade, é algo que pode ser modificado.

Obviamente não se pretende aqui responsabilizar de todo as pessoas idosas alegando que bastaria uma decisão para que isso fosse resolvido. Muitas vezes existem fatores biopsicossociais que favorecem o sedentarismo, e por vezes cabe sim ao estado proporcionar meios físicos e educativos que favoreçam uma mudança no estilo de vida pelo público idoso.

É importante, caso se pretenda investir em uma maior aceitação, por parte do público idoso, de propostas como o PSBS, entender que fatores contribuem para uma baixa adesão a rotinas de exercícios físicos. Macedo (2019) afirma que a falta de informação é um fator relevante, e que se mais idosos soubessem da importância de tal hábito para a prevenção de doenças crônicas não transmissíveis esse quadro seria diferente. Outros fatores incluem falta de tempo, condições ambientais, estado civil, de segurança (Bauman *et al.*, 2012) e de transporte, escolaridade, obesidade, tabagismo, alcoolismo, autopercepção de saúde, além da imagem negativa do idoso perante a sociedade (Ceschini e Figueira, 2006).

Satariano *et al.*, (2000) encontraram que mulheres reportam mais barreiras para as práticas de atividades físicas do que os homens, e essas incluem fadiga, artrite, problemas de saúde, falta de companhia e de interesse (que foi mais comum na faixa etária de 65 a 74 anos). Ribeiro *et al.*, (2015) citam como barreiras também o nível socioeconômico e a sintomatologia depressiva. Kohl *et al.*, (2012) defendem que a inatividade física é a quarta principal causa de morte no mundo, e se faz necessário criar programas de prevenção contra o sedentarismo e incentivo de práticas de exercícios físicos com o intuito de enfrentar o que chamaram de pandemia do sedentarismo.

Levando em conta esses fatores, levantamos a possibilidade de eles serem estudados no intuito de descobrir o que o estado e suas lideranças, bem como sociedade e família podem fazer no intuito de reduzir sua influência na adoção de vidas sedentárias. Ademais, pensamos que o Governo do Estado e o CBMCE podem voltar a ofertar aulas de PSBS *online*, sem interromper ou reduzir as presenciais, já que fica evidente que existe um público muito significativo que não comparece aos núcleos por várias razões.

É possível que mesmo não praticando atividades físicas exista a preservação das capacidades funcionais dependendo das lidas cotidianas e da história de vida que o idoso possui, mas o processo de perda funcional proveniente do envelhecimento é rápida e

significativa, o que significa que as atividades físicas devem ser recomendadas para reduzir as perdas funcionais e manter o vigor muscular, o que consequentemente eleva a qualidade de vida (Kuwano e Silveira, 2002).

Stella (2002) afirma que a não mobilidade física compromete a atividade pulmonar, o que leva ao acúmulo de secreções nas vias respiratórias, o que pode levar o idoso a desenvolver pneumonias bacterianas. A desmotivação para andar ou praticar atividades físicas, pode causar descontrole da pressão arterial ou agravamento de quadro hipertensivo, além de reduzir a eficiência da circulação periférica, do funcionamento cardíaco e da função cerebral.

A prática de atividades físicas regulares tem muitas vantagens registradas na literatura. Em idosos, por exemplo, a ginástica/musculação é especialmente importante, pois previne quedas (Guimarães, 2004) e perda de massa óssea, além de ser recomendada no tratamento e controle de osteoporose, sendo a modalidade mais praticada, principalmente entre as mulheres (Zaitune, 2007).

É importante lembrar que a prática de atividades físicas não está desvinculada do capital e do *modus operandi* de vida e existência que ele impõe. Os idosos de nível sócio-econômico superior (especialmente em escolaridade e renda) apresentam maior prevalência de caminhadas se comparados aos de condições menos favoráveis, algo que pode sugerir que os mais pobres vivem em contextos menos propícios para o acréscimo dessas atividades de lazer em sua rotina e têm menos conhecimentos sobre os benefícios da atividade física (Zaitune, 2007).

Concordamos com Zaitune (2007) quando afirma que as políticas públicas voltadas à promoção de qualidade de vida devem privilegiar os segmentos socialmente mais desfavorecidos, de maneira a reduzir as desigualdades sociais na morbimortalidade e assegurando maior facilidade no acesso a comportamentos favoráveis à saúde.

Em relação aos percalços urbanos, em consonância com Azevedo e Bezerra (2016), caminhar na cidade é uma experiência fundamental que nem sempre parece possível do modo mais salutar para as pessoas que têm esse direito. Para Malatesta (2015) a ação ‘caminhar’ se torna cada vez mais complexa quanto mais difícil é a situação urbana do local onde ocorre.

O trabalho de Azevedo e Bezerra analisa a relação do usuário com o meio ambiente e ressalta que possíveis transtornos podem intensificar graus de vulnerabilidade e até de qualidade dessa experiência. Nesse sentido, o ambiente urbano e a infraestrutura na

qual se sustentam as calçadas reservadas ao pedestre, dependendo de suas características, podem favorecer ou dificultar sua caminhada.

Esta pesquisa não tem por objetivo se debruçar de modo mais demorado na temática da infraestrutura urbana, mas foi impossível não apresentar alguns dos desafios que as alunas do PSBS da Maraponga, mas que também os/as idosos/as de modo geral em nossa cidade, enfrentam em sua rotina de deslocamentos.

Imagem 6 – Calçada na rua Altair, pela qual passam Alice, Helena, e várias outras idosas do núcleo Diva Cabral.



Fonte: Foto registrada pelo autor em 16 de Agosto de 2024.

Essa fotografia foi escolhida cuidadosamente porque visa mostrar o desnível que a calçada apresenta para quem se propõe a caminhar por ela. É desejável, caro/a leitor/a, que você perceba a base do poste mais próximo da imagem, a inclinação da bicicleta, e o

conjunto da imagem que revela o caráter íngreme do trecho. Leve em conta também, que em certas manhãs pode ter chovido ou mesmo havido o cair de leve garoa durante as horas que antecedem o amanhecer, o que aumenta o perigo do percurso, dado o caráter escorregadio adicionado à inclinação já desafiadora.

As alunas amiúde levam bastão, que se converte em valioso instrumento de apoio em certos pontos do trajeto, mas em um ponto assim estas não têm alternativa a não ser trafegar pela estrada dedicada a veículos, expondo-se a uma desnecessária e arriscada disputa por espaço. Um outro exemplo, o da foto seguinte, retrata uma realidade que não tem bastão que resolva.

Imagem 7 – O local das aulas do núcleo Lagoa da Maraponga é o ponto diametralmente oposto ao da parada de ônibus do lado esquerdo, no espaço semelhante a um bosque, à direita.



Fonte: Foto registrada pelo autor em 16 de Agosto de 2024.

O Código de Trânsito Brasileiro² determina que faixas de pedestres sejam colocadas onde existir demanda de travessia, junto a focos de pedestres e semáforos, no prolongamento das calçadas e passeios. Um dos requerimentos para a colocação das faixas é que no espaço urbano desejado haja circulação acima de 25 pedestres por minuto (França, 2010).

Sabemos que dado o tamanho do nosso país e a dificuldade que deve ser medir certos fluxos como esse ora citado, muitos pontos da cidade e do país são desprovidos de uma faixa de pedestres que muito facilitaria a vida das pessoas da região. Na condição de professor

²Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 9050: Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências e edificações, espaço, mobiliário e equipamento urbano. Rio de Janeiro: ABNT; 1985.

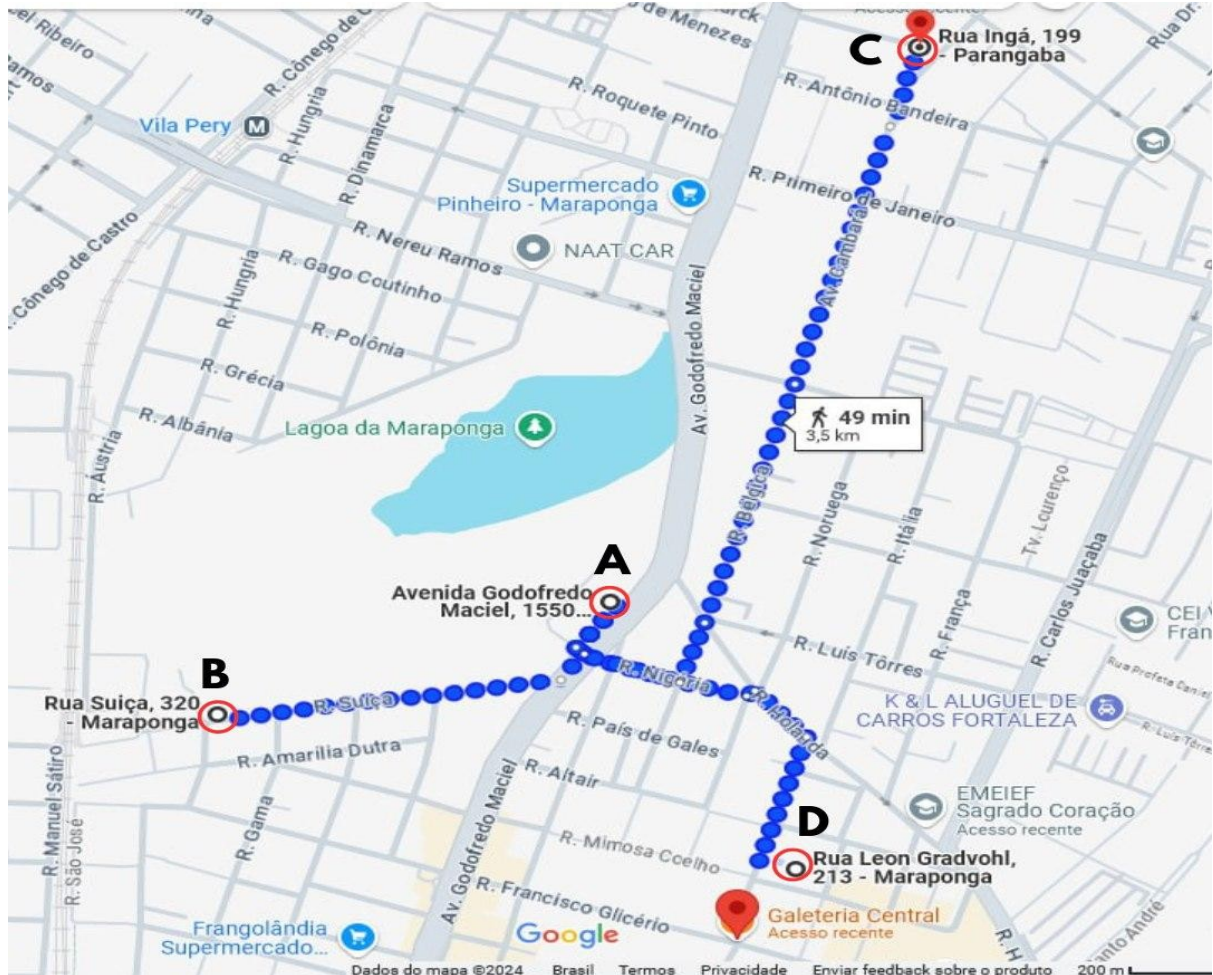
que anda comumente com suas alunas em seus percursos de ir e vir, não raro encontro locais que contam com faixa de pedestres, que mesmo na presença de idosas são categoricamente ignoradas pelos motoristas e motociclistas, de modo que as pessoas idosas precisam esperar por uma oportunidade de hiato suficiente entre os veículos, como se a faixa inexistisse.

Na imagem 7 é possível contemplar um vasto trecho sem qualquer mecanismo que reduza a velocidade do fluxo de trânsito. O espaço entre os dois semáforos mais próximos é de mais de 1km, o que torna inviável o seu acesso a algumas das pessoas idosas cujo deslocamento já é diferenciado. Há que se recordar que algumas das alunas precisam fazer uso do bastão para atravessar esse canteiro central e algumas precisam buscar pontos nos quais ele é mais baixo.

A quem interessa que as pessoas não consigam de maneira digna percorrer a região onde habitam? Qual o motivo de mesmo pessoas idosas não terem, após tantos anos de contribuição e labuta, como frequentemente ocorre à parcela mais pobre da população, condições mais próximas do ideal para chegarem aonde desejam, sejam núcleos do PSBS, postos de saúde, igrejas, ou outros?

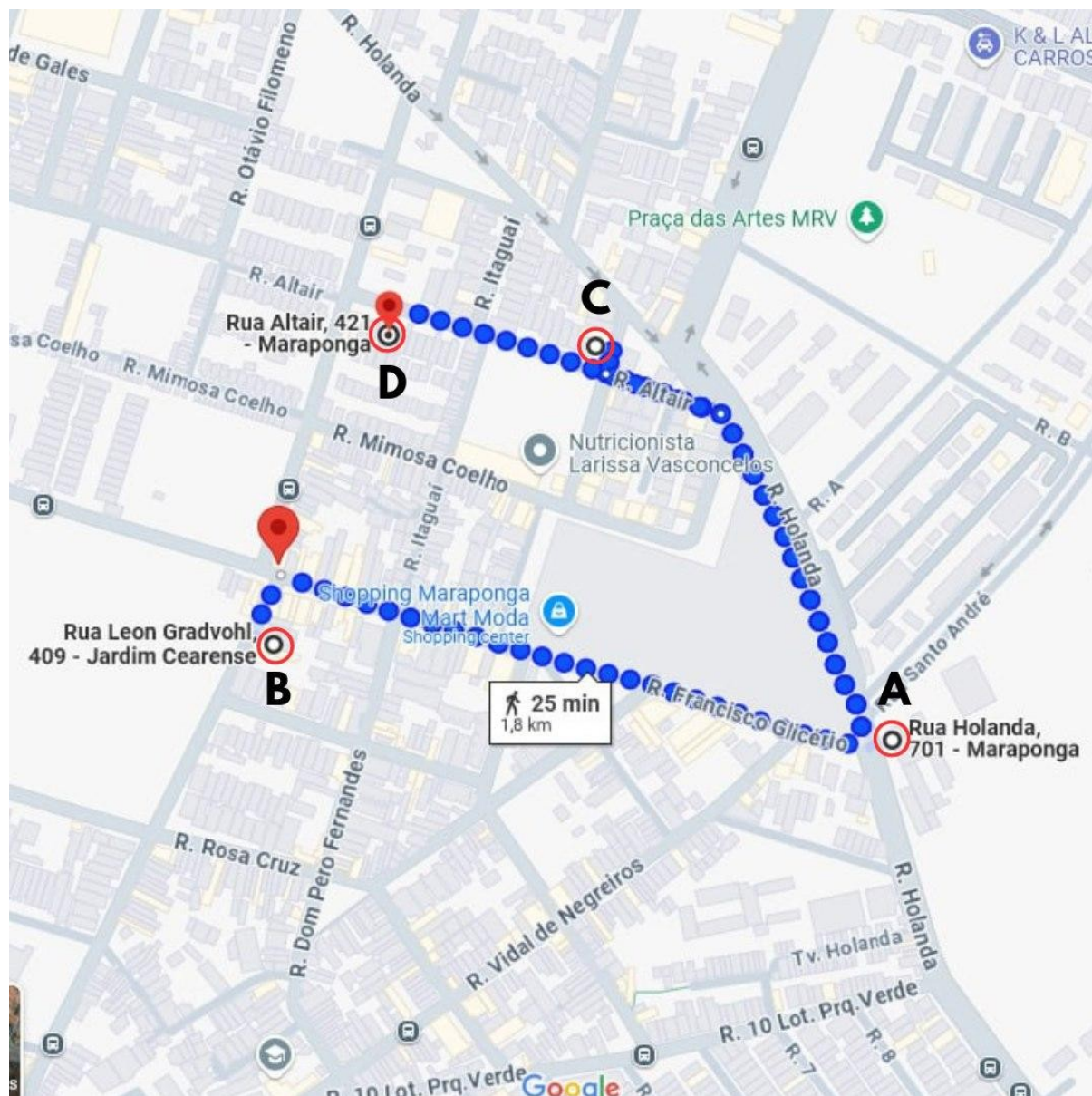
O ritmo frenético do capital, que força as pessoas a terem vidas sempre mais aceleradas e competitivas talvez seja o causador da falta de educação no trânsito, da ausência de mecanismos de atenção aos pedestres, de uma política pública que comece a trazer maior homogeneização às calçadas, o que vai contra a individualização empurrada pela nova razão do mundo, e sua feitura em materiais que levassem em conta que a caminhada é um meio valioso, por vezes o único, de se deslocar para o lazer e resolução de afazeres do dia a dia das pessoas menos favorecidas.

Imagem 8: Fátima e Etelvina moram, cada uma, em uma unidade do condomínio situado no ponto B, a 500m do núcleo Lagoa da Maraponga, o ponto A. Já Dora vive no ponto C, a 1400m do núcleo, e Bia reside no ponto D, a 700m.



Fonte: Google Maps.

Imagem 9 – Gleide e Clara, que é sua vizinha, moram próximas ao ponto B, a 500m do colégio Diva Cabral, o ponto A. Já Helena vive no ponto C, a 550m do núcleo, e Alice reside no ponto D, a 400m.



Fonte: Google Maps.

No tocante à existência de outras políticas semelhantes ao PSBS, Brasil afora, o Distrito Federal conta com um programa social do Corpo de Bombeiros Militar do chamado “Bombeiro Amigo”³, que disponibiliza para idosos/as atividades esportivas, educativas, recreativas, de convivência e culturais, tendo por objetivo a saúde e o bem-estar de todos os/as participantes.

Este programa está em consonância com o Estatuto da Pessoa Idosa, que enfatiza a obrigação coletiva do poder público, da sociedade, da comunidade e da família, de assegurar ao/a idoso/a os seus direitos, por meio de efetivas políticas de valorização da vida, da educação, do esporte, da saúde, da alimentação, da cidadania, do trabalho, da cultura, da

³ <https://www.cbm.df.gov.br/carta/bombeiro-amigo/>

dignidade e respeito à convivência familiar e social.

O programa é voltado para pessoas idosas a partir dos 60 anos e anualmente contempla mais de 800 participantes em seis regiões administrativas do Distrito Federal. O projeto “Bombeiro Amigo” é gratuito e acontece no grupamento do Corpo de Bombeiros.

O programa faz uso de aulas práticas e teóricas com o objetivo de manter os participantes em ação na fase de envelhecimento, e estimula a convivência e as relações sociais. São várias as atividades oferecidas, entre elas horta, informática, dança, música, artesanato e práticas esportivas que incluem hidroginástica, alongamentos e caminhadas. Além de passeios recreativos, culturais e confraternizações.

O Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina atua em campanhas de prevenção que acontecem em projetos sociais oferecidos em todo o estado. Um deles visa capacitar pessoas idosas para atuar em emergências e agir como primeira resposta minimizando acidentes domésticos, evitando danos maiores.

Após um período de capacitação, os/as alunos/as recebem certificados de “Bombeiros da Melhor Idade”⁴, e constantemente continuam a frequentar os quartéis do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC) mesmo após formados.

A ação é uma parceria bastante frutífera tanto para os militares que podem contar com esta oportuna junção de forças, quanto para os/as idosos/as que prestam serviços voluntários nas unidades.

O depoimento das idosas de Santa Catarina muito lembra as palavras das alunas do PSBS. Terezinha Neves, cozinheira, que há 24 anos separa duas horas do seu dia para cuidar da alimentação dos bombeiros militares e comunitários, afirma que é voluntária, mas se sente uma profissional dos bombeiros, pois, para ela, o corpo de bombeiros é uma família.

Na área atendida pelo 13º Batalhão de Bombeiros Militares (13º BBM), no litoral catarinense, mais de 100 alunos/as já receberam certificados no projeto Bombeiro da Melhor Idade desde 2017. No primeiro ano do programa, era apenas em Balneário Camboriú que eram formadas turmas, já em 2019 houve uma expansão para todas as companhias daquele batalhão.

A capacitação dos/as alunos/as também resulta no programa de avaliações de atendimento, que consiste em uma ação que desde 2018 possibilita que idosos/as Voluntários entrem em contato com vítimas que foram atendidas por bombeiros daquele estado. Nas ligações, os/as voluntários/as preenchem um questionário com várias perguntas relacionadas à

⁴ <https://www.cbm.sc.gov.br/index.php/noticias/blog-noticias-institucionais/cbm-sc-apoia-idosos-em-projeto-social-bombeiro-da-melhor-idade>

satisfação dos/as usuários/as atendidos em todos os municípios que fazem parte do 13ºBBM.

Da mesma forma que acontece no Ceará, os/as integrantes daquele projeto continuam ativos/as também participando de eventos da corporação, como o desfile do 7 de setembro e dia nacional dos bombeiros. A porta-voz da corporação de Santa Catarina compartilha que “a interação dos idosos nos quartéis é contínua, o que aproxima ainda mais o contato entre comunidade e Corpo de Bombeiros Militar”.

O curso pelo qual os alunos passam tem uma carga aproximada de 40 horas e inclui instruções sobre prevenção e atuação em acidentes, incêndios, noções de primeiros socorros, além de conhecimentos institucionais sobre o CBMSC.

Também estão inseridas nas aulas, disciplinas sobre segurança no lar, acionamento dos órgãos de emergência, percepção de riscos, e cuidados que os idosos devem ter para manter sua qualidade de vida.

O Corpo de Bombeiros de Minas Gerais também tem uma iniciativa própria. Uma página oficial desse Estado afirma que existe o projeto de responsabilidade social “Bombeiro Sênior” que teve início em abril de 2006, e nasceu em Divinópolis. Ele tem por objetivo a inclusão social, a melhoria da qualidade de vida e da saúde e autoestima de pessoas idosas acima de 60 anos, promovendo bem-estar corporal, social e psicológico.

As ações realizadas abrangem atividades físicas com a mesma ideia de inclusão social que existe aqui no Ceará, resgate da autoestima e valorização da pessoa idosa, redução do número de distúrbios psicológicos e doenças correlacionadas como síndrome do pânico, angústia, insônia e depressão.

Da mesma forma que aconteceu com o PSBS, o projeto nascido em Divinópolis se multiplicou e, atualmente, existe em várias outras cidades de Minas Gerais. Mesmo 15 anos após o seu nascimento, 100 idosos/as, aproximadamente, eram contemplados pelo núcleo, que precisou de uma interrupção devido à pandemia, mas que não cessou de todas suas atividades, já que elas continuaram ocorrendo via *online*, embora com um número reduzido de participantes. Por ocasião da vacinação deste grupo, os/as idosos/as foram se vacinar com a camisa do projeto, atitude que gerou uma reportagem que veio a ser a base da escrita destes parágrafos.

Através das buscas na *internet* pude encontrar esses e alguns outros exemplos de projetos sociais promovidos pelos bombeiros voltados para o público idoso. Eles variam em natureza e proporção, mas todos têm por objetivo manter este público física e mentalmente ativo, além de promover o contato social, que vimos ser tão necessário para uma vida melhor vivida.

Algo que o comandante-geral do CBMCE falou e que se confirma, através das pesquisas, é que talvez por ter sido pioneiro ou por ter tido mais investimentos do governo do Estado, o PSBS é o projeto dessa natureza que atinge maior número de pessoas. As iniciativas de outros estados atingem, na maior parte das vezes, uma ou algumas centenas, mas aqui no Ceará milhares de pessoas são contempladas pelo PSBS, motivo de orgulho, mas também transmite a responsabilidade que se tem por termos chegado até aqui, de modo que se faz ainda mais necessário manter esse padrão ou melhorá-lo, para que este público permaneça bem assistido.

2. 2. As Interlocutoras: Trajetórias e o Sentido do PSBS em suas Vidas

Durante todo o processo de condução das entrevistas, bem como da realização das aulas ministradas ao longo dessa pesquisa, e, é óbvio, nas ocasiões mais corriqueiras, como as caminhadas em comum que fiz com essas senhoras, as conversas que tivemos despreziosamente, as visitas realizadas de forma unicamente amistosa acabaram servindo de material construtivo desta investigação.

Quer dizer, tendo eu sido investido da função de instrutor, por uma questão de sorte, na vida daquelas mulheres e, também, da dádiva de poder ter estado ali de forma frequente, nesta última década, é que tive a grata oportunidade de gozar da confiança e carinho solidamente estabelecidos que muito azeitaram as engrenagens que moveram esse trabalho. Essa confiança e entrosamento tão fortes é que certamente não apenas me abriram as portas de suas casas, mas também de seus corações para muitas coisas que d'outra forma não teriam sido reveladas.

É imperativo, inclusive, deixar nítido neste momento, que várias confissões e aspectos compartilhados, talvez não possam ser aqui apresentados, porque poderiam gerar consequências lesivas não apenas a alguns relacionamentos desejáveis, como poderiam desembocar em procedimentos administrativos e investigações, devido a terem sido citados nomes de pessoas que não procederam da maneira mais acertada quando deveriam ter cumprido o seu papel legalmente investido.

Também aproveito para ressaltar que a feitura deste trabalho muito contribuiu para o meu crescimento pessoal como ser humano e também para o meu desenvolvimento como pesquisador, motivo pelo qual deixo registrada a minha imensa gratidão às participantes que permitiram que compreendêssemos melhor como se dá o PSBS, bem como os seus bastidores e nuances mais sutis.

Gostaria de deixar aqui registrado, pois pode ser útil a pesquisadores/as iniciantes como eu, que após a realização das entrevistas, a sua escuta e transcrição, decidi imprimir as falas das interlocutoras para que fosse possível melhor absorção daquilo que foi exposto. Isso também permitiu uma maior aproximação com este conteúdo, já que foram feitas inúmeras anotações, gerando um material que pode ser utilizado em várias pesquisas e publicações posteriores.

Sou morador do bairro Benfica e nele e nas adjacências existem vários núcleos do PSBS. Aprendi nas Ciências Sociais e nas disciplinas no Mestrado que uma pesquisa e um trabalho de campo vão muito além daquele momento no qual liga-se o gravador e se está frente à frente com o/a interlocutor/a. Deve-se prestar atenção àquilo que é dito, mas também àquilo que não é falado; os olhares, os comportamentos, os trejeitos (Richardson, 1985).

Além disso, o/a pesquisador/a deve estar atento para caso surjam oportunidades inesperadas de interação e aprendizado. Algo dessa natureza ocorreu quando tive a sorte de ser abordado durante a pesquisa por uma coordenadora de outro núcleo das imediações de onde moro e não deixei de colher algumas informações que ela me passou gentilmente e que dizem respeito ao PSBS de forma geral.

Apresentemos as interlocutoras que fizeram parte dessa pesquisa. Todos os nomes foram devidamente alterados para preservar sua identidade, inclusive o do Comandante-Geral do CBMCE, que também nos concedeu uma entrevista.

A senhora Luzanira, coordenadora de um núcleo de PSBS das imediações de onde moro, disse que nas reuniões das coordenadoras, promovidas pelas lideranças de bombeiros, o que mais se fala é acerca dos coordenadores militares (oficiais do Corpo de Bombeiros) que não estão comumente presentes nas atividades do núcleo, mas que deveriam estar, tendo em vista que é algo que está entre as atribuições de quem é investido dessa função.

As mulheres do seu núcleo inclusive o apelidaram de “Lombardi⁵”, pois conhecem sua voz e sabem de sua existência, mas jamais contemplaram o seu rosto. Segundo Luzanira, um dos bombeiros que ministra aulas em seu núcleo tentou defender o superior ao citar que ele é muito ocupado, mas a mulher não se contentou com a resposta, vindo de imediato a perguntar o motivo pelo qual ele assumiu uma função desta natureza, tendo em vista que não tem tempo para se dedicar a ela.

⁵ Lombardi foi um locutor brasileiro de rádio e de televisão, famoso por anunciar produtos e quadros no Programa Silvio Santos. Embora de uma voz inconfundível para o grande público, sua imagem permaneceu praticamente desconhecida até o início dos anos 2000. Trabalhou com Silvio Santos por mais de 40 anos (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lombardi>).

"E eu sei que esses coordenadores ganham mais que vocês, por causa da patente; e não aparecerem sequer uma vez perdida?"

Ela citou então um coronel de outrora chamado Brandão, que não apenas aparecia, mas rezava com as senhoras e perguntava do que elas estavam precisando. Segundo ela, ele estava lá pelo menos uma vez por semana e gostava de dizer: "do que a senhora precisar, pode dizer".

Segundo ela, nas reuniões das coordenadoras civis a insatisfação é generalizada. Algumas, inclusive, dizem que só veem o coordenador militar na foto do final do ano, que é algo requerido pelo CTDH para a renovação do núcleo. Luzanira afirma que o coronel Martins já afirmou que elas devem dizer os casos omissos assim, pois ele vai retirar o coordenador militar seja ele de qual patente for.

Muitas delas, no entanto, não denunciam porque gostam de preservar uma relação agradável com todos os bombeiros. "Temos o número do telefone pessoal do coronel Martins e do coronel Queiroz que é este novo que está à frente dos projetos". Ela complementa a ideia comentando que se algo acontecer de errado no núcleo, o coordenador vai cobrar dos bombeiros, sendo que ele mesmo não se faz presente.

Eu mesmo já escutei de um colega de profissão que certa vez um bombeiro faltou uma aula sem dar uma justificativa válida e por uma coincidência uma de suas alunas encontrou o Coronel Martins no *Shopping Parangaba*, quando aproveitou a oportunidade para relatar o caso a ele, que imediatamente descobriu o coordenador militar responsável e deu as devidas reprimendas, que de fato depois foram transferidas para os bombeiros do núcleo.

"Se ele fosse mais presente nos núcleos teria ficado sabendo antes do coronel e teria tomado as devidas providências. Perceberia mais as necessidades das meninas tal qual o Coronel Brandão fazia".

As idosas entrevistadas são Alice, Bia, Clara, Dora, Etelvina, Fátima, Gleide e Helena. Um aspecto importante é o de que Fátima é a coordenadora do núcleo Lagoa da Maraponga, tendo uma visão privilegiada tanto de aluna como a de alguém que está inserida nas reuniões oficiais das coordenadoras com o comando do CBMCE que, frequentemente ocorrem no intuito de serem resolvidos problemas e apresentadas pautas importantes para as vivências das alunas.

As componentes do núcleo Lagoa da Maraponga são Bia, Dora, Etelvina e Fátima; as do Diva Cabral são Alice, Clara, Gleide e Helena. Levando em conta que para a feitura deste trabalho eu iria precisar ser recebido na casa das alunas onde elas se sentem mais à vontade, e também considerando que é necessário a uma

confiança bem estabelecida para que sejam cedidas informações completas e abrangentes, eu escolhi principalmente participantes do PSBS com as quais eu já tinha uma afinidade consolidada, várias das quais eu já sabia onde moravam e com as quais eu já dividira café da manhã em suas casas, caminhadas e outros momentos afins.

Nunca tinha visitado Bia, Dora, nem Helena, mas sentia que nutriam por mim simpatia e aceitação muito bem-vindas, recíprocas, e, no que diz respeito a essa investigação, necessárias. Bia é a aluna entrevistada que está há menos tempo no núcleo, três meses na data da entrevista, mas desde sempre houve entre nós uma conexão muito bonita, e que revela um carinho muito grande.

Com relação aos convites propriamente ditos, nenhum deles foi feito com muita antecedência. Geralmente, ou foram feitos no final da aula a alguma aluna com a qual eu sentia uma boa conexão. Em outros casos eu solicitei um tempo com elas um dia antes por *WhatsApp*, explicando a situação e propondo uma visita.

Dois destes encontros merecem uma atenção especial, o primeiro foi com Helena, da qual eu não tinha o número de telefone e que não encontraria presencialmente em um breve por já estarmos no recesso.

Na quinta-feira 25 de julho de 2024, saí de casa no horário no qual geralmente ministro as aulas, e me dirigi ao bairro Maraponga, sabendo que conseguiria a entrevista com alguém. A minha primeira opção foi a senhora Juliana, cuja casa está no caminho que percorro para chegar ao colégio Diva Cabral.

Quando chamei por seu nome, ela prontamente atendeu, um tanto surpresa por estarmos no período do recesso, e quando contei o motivo da visita, ela se desculpou, dizendo que não era um bom momento, pois tem um filho com limitações físicas e mentais e precisaria do tempo matinal para cuidados com esta pessoa.

No quarteirão seguinte encontra-se a casa da senhora Ingrid, com a qual já tive ótimos momentos de partilha de comidas e conversas, pois temos um laço já também consolidado. No entanto, Ingrid ou estava dormindo, ou havia saído. Teria sido ótimo entrevistá-la, pois ela é uma mulher que perseverou e continuou no grupo, apesar do falecimento de seu esposo alguns anos atrás e que a deixou de luto por um tempo. Foi necessário que nós, alunas e professores, nos fizéssemos presentes e demonstrássemos cuidados para que ela retornasse para nós quando se achasse pronta.

Ainda quando falava com Juliana, solicitei o endereço de outra aluna que morasse nas imediações para o caso de eu não conseguir entrar em contato com a Ingrid. Quando esse quadro de fato se apresentou, eu fui até o local indicado como sendo a residência

de Helena, e ao bater em seu portão ela me recebeu alegremente, e dividiu comigo esse tempo do seu dia que se converteu em parte essencial dessa pesquisa.

O outro caso emblemático foi o da senhora Dora. A entrevista de fato foi feita no dia 2 de julho de 2024, mas essa não foi a primeira tentativa de um encontro com ela. Inicialmente, eu pedi um tempo com Dora ao final da aula do dia 20 de junho de 2024 e ela aceitou, só que enquanto eu estava arrumando as coisas para sair e me despedindo das outras alunas, Dora desapareceu e não a encontrei de jeito nenhum. Sem entender a situação, perguntei ali mesmo a Bia se ela poderia me conceder um tempo para a entrevista e expliquei o motivo dessa solicitação, ao que ela prontamente aceitou e fomos juntos a sua casa.

Doze dias depois, quando ministrei aula naquele núcleo novamente, encontrei Dora e falei que não havia entendido o seu sumiço de outrora, no que ela prontamente assumiu a autoria proposital, se desculpou, mas não explicou (e nem precisava, de fato). Disse, no entanto, que naquele dia daria certo, e não vi nenhum obstáculo em aproveitar essa oportunidade. Todas as entrevistas com as alunas foram realizadas no horário aproximado de 7h da manhã. O encontro com o Comandante-geral, contudo, se deu às 13h de 18 de junho de 2024. Observemos como cada um se deu.

De forma geral, as entrevistas duraram aproximadamente 40 minutos, com duas exceções: a do comandante-geral e a da coordenadora do núcleo Lagoa da Maraponga, Fátima. A dele durou exatamente meia hora, pois estava com horário marcado para outro compromisso. Conforme a conversa foi acontecendo e se direcionando para o final, não senti necessidade de tentar marcar um outro horário, pois tudo o que desejei inicialmente descobrir foi revelado.

Não consegui fazer todas as perguntas nem precisei, pois as respostas surgidas em vários dos questionamentos já respondiam também outras questões da lista, fenômeno que foi uma constante em todas as entrevistas. Ao responderem, por exemplo, acerca de como definiriam qualidade de vida (pergunta 20), elas já diziam, em sequência, os fatores que consideravam importantes para consegui-la (pergunta 21). Isso requereu de mim bastante atenção, pois não poderia trazer um questionamento cuja resposta já fora dita, pois isso daria a impressão de que não estava atento.

A outra entrevista que não obedeceu ao padrão de 40 minutos foi aquela realizada com Fátima, pois dela precisei extrair informações tanto do seu papel como aluna quanto de sua vivência como coordenadora. Esse encontro foi um dos que mais me surpreendeu, mas talvez por certa displicência minha, pois se tivesse pensado um pouco a respeito do que viria, é óbvio que imaginaria que seria uma interação bem emocionante.

Em todos os encontros, pôde-se descobrir muito mais do que o que foi inicialmente desejado a partir da lista de perguntas. No entanto, a fala da coordenadora Fátima teve um brilho diferente, pois, sendo o membro mais antigo do núcleo e também o mais ativo, e tendo podido ver todas as mudanças que aconteceram ao longo dessas quase duas décadas de vida do núcleo Lagoa da Maraponga, ficou notório que essa vivência, possivelmente, rendesse sozinha outras publicações acadêmicas muito dignas.

Fátima viu esse núcleo nascer com poucas idosas, e crescer até ficar com dezenas de pessoas. Durante desses anos, ela viu muitos professores entrarem e saírem. Viu também muitas alunas e alunos ingressarem e deixarem o núcleo, seja por mudança de endereço, de hábitos ou até por falecimentos.

Ora, se Fátima tem 62 anos e há quase 20 ela faz parte do PSBS, isso significa que, aproximadamente, um terço de sua existência tem sido com esse grupo de pessoas, de maneira que, para muitas é apenas uma pequena fração do dia ou da semana, mas para Fátima tornou-se uma significativa parte da vida.

No decorrer do ano ela participa das aulas, faz planejamentos para as festas e encontros que virão, frequenta as reuniões das coordenadoras, oferece suporte para as alunas que mais precisam, cuida da logística, do dinheiro, dos presentes, das lembrancinhas, fica em contato com os professores quando existe necessidade, e não é exagero falar que este núcleo se tornou parte de sua família. É exatamente essa palavra que ela usa para se referir a nós, professores, e também às alunas.

Fátima percebe, há anos, as necessidades das mulheres, do núcleo propriamente dito, os hábitos e falhas dos professores, bem como nuances de todo o sistema que compõe o PSBS. Ela observou muitas mudanças em nós todos ao longo desse tempo. Lembro que no começo, as alunas me apelidaram, enquanto estavam no processo de aprendizado do meu nome, de “amassadinho”, pois eu usava blusas com tecido que requeria uso de ferro de engomar, artefato que nunca cheguei a adquirir.

Hoje eu não faço mais jus a esse apelido porque comecei a comprar roupas de tecido diferente, que prescinde do processo de engomar. Ela observou quando um dos professores no passado costumava ir com as meias de cores diferentes, algo que as outras alunas também reparavam, e chegaram a fazer a previsão de que quando ele deixasse de ser solteiro, aquela situação mudaria.

Fátima sabe, inclusive, se adaptar quando as necessidades do núcleo mudam. Em um certo encontro de fim de ano, há muito tempo, os presentes eram mais personalizados, de maneira que a intenção era que cada uma ganhasse algo de que gostasse ou da cor que

apreciava. No entanto, muito do que existe em crianças, existe também em idosos/as, de modo que elas ficaram desejantes dos presentes umas das outras, o que gerou certa insatisfação e falatório.

Desde então, Fátima sempre compra presentes que foram pensados e adquiridos com amor e carinho, mas agora, totalmente, padronizados, para que não exista aquela insatisfação. Obviamente ainda haverá quem reclame, mas é bem mais fácil lidar com esse desagrado que com o anterior, pois em tese o processo foi justo, já que todas receberam o mesmo presente.

Ainda hoje, Fátima diz que quando eu entrei no núcleo, mal sabia falar e era muito travado, no que concordo totalmente com ela, pois era bastante tímido e não estava, de forma alguma, acostumado a interações com grupos de mulheres idosas.

Neste percurso é que foi sendo criada intimidade suficiente para que eu me soltasse mais e me tornasse essa pessoa, muitas vezes, bastante comunicativa e desprovida de timidez, o que me permite gingas e liberdades com o corpo que comumente arrancam risadas ou suspiros das alunas.

No que diz respeito às dificuldades encontradas para a execução das entrevistas, acredito que encontrei bem menos barreiras do que os/as pesquisadores/as em geral, já que, via de regra, as pessoas têm uma vida corrida e na qual devem ser agendados horários previamente combinados, e que tem uma certa urgência de serem cumpridos, porque se não for naquele momento demoraria muito para haver outra oportunidade. Foi isso que senti no agendamento da entrevista com o Comandante-geral, mas apenas na dele.

Com o Comandante-geral, houve uma maneira formal de marcar a data e o local da entrevista, e até nisso contei com a sorte. Os militares do CBMCE às vezes são escalados para cerimônias nas quais o Estado deve se fazer presente. Há alguns meses, houve um evento de posse do novo Secretário de Segurança Pública e precisei me fazer presente naquela manhã. No Centro Integrado de Segurança Pública (CISP), na avenida Borges de Melo, o auditório logo ficou cheio de militares, tanto dos bombeiros, quanto da polícia, além de dezenas de profissionais da imprensa e de alunas e alunos do PSBS, que geralmente são chamados para abrilhantar essas cerimônias.

Nesse dia, eu vi o Comandante-geral Martins e tracei meu caminho até ele por entre as muitas pessoas presentes, de maneira que, quando me aproximei dele, fui bem recebido, me apresentei, mesmo tendo certeza de que ele sabe quem sou, pois ele conhece muito sua tropa, e expliquei, em breves palavras, a necessidade que eu tinha de um encontro com ele. O Coronel foi muito simpático e disse que eu marcasse um horário em sua agenda

falando com o Capitão Pinheiro, que estava a não muitos metros dali. Agradei e falei com o mesmo, que me passou o seu número de contato, e por lá nós combinamos o dia e o horário para a realização da entrevista com o comandante do CBMCE.

Ficou marcada para uma segunda-feira, 18 de junho de 2024, às 13 horas, e como tinha uma aula logo após aquele encontro, eu não fui com a farda dos bombeiros, detalhe sobre o qual um comandante muito rigoroso poderia reclamar, mas em nenhum momento isso se mostrou um obstáculo, de maneira que fui recebido pontualmente em seu gabinete, também situado no CISP.

Na sala, existem duas poltronas confortáveis, nas quais nos sentamos e iniciamos a entrevista. No ambiente, havia também dezenas de placas de agradecimentos, de condecorações e lembranças de realizações e reconhecimentos, tanto por feitos militares, quanto por serviços prestados, e parcerias realizadas. Foi um momento importante para lembrar o quanto o CBMCE pode e deve ser presente na vida da sociedade.

A entrevista correu calmamente e às 13h25, entrou um Tenente para afirmar que em cinco minutos o coronel sairia para seu próximo compromisso. Este aviso, no entanto, não me provocou pressa nem apreensão, pois tudo já estava muito bem encaminhado, tendo em vista que o Coronel responde de forma eficiente e com ótimo vocabulário as perguntas que a ele são dirigidas. Foi um encontro breve, mas suficiente para obtermos as respostas desejadas e contidas nos objetivos propostos deste trabalho.

No caso geral das outras entrevistas, contudo, foi muito mais fácil porque tínhamos os encontros das aulas e de lá eu já poderia convidar alguma delas sem qualquer aviso prévio, e elas me receberiam com alegria. Das mulheres com quem assim procedi, apenas uma delas, Dora, não aceitou de modo pleno. Isso significa que ela aceitou verbalmente, mas que se aproveitou de um momento de distração de minha parte, e desapareceu. Apenas na aula da semana seguinte é que ela aceitou de fato e de direito.

Apenas dois dos encontros, com Fátima e Etelvina, foram realmente agendados com algumas horas de antecedência, na noite anterior, e nesses casos eu fui até suas casas às 7h da manhã. Com Helena foi totalmente de surpresa; apareci em sua casa às 7h, expliquei minhas motivações e perguntei se era um bom momento: era. Todas as outras foram abordadas logo após a aula e receberam com alegria a oportunidade.

Os percalços que encontrei durante o processo foram todos muito pequenos e um que eu poderia citar diz respeito ao fato de nem sempre a aluna estar sozinha em casa. Tenho plena consciência de que existir uma outra pessoa no ambiente, a filha, por exemplo, como foi o caso de Bia e de Etelvina, pode ter comprometido um pouco, pois as pessoas não têm a

mesma liberdade de se expressar se sabem que há um terceiro ouvindo; menos coisas são compartilhadas.

Mas o fato é que no caso de Etelvina, a filha ficou pouco tempo conosco; no caso da Clara, que foi entrevistada na casa de Gleide, havia também algumas pessoas passando, mas nenhuma delas ficou um tempo duradouro perto de nós, de maneira que não parece ter havido bloqueio algum.

Poderia eu ter encontrado uma realidade muito diferente da que eu esperava, mas o fato é que não foi o caso. Imaginei que teria liberdade de encontrar essas alunas com quem já tenho laços consolidados, inclusive aparecendo de surpresa, e embora não tenha sempre dado certo, já que não fui aceito na casa da Juliana, ainda assim, o fui na mesma ocasião, só que na casa de outra pessoa, a Helena, em quem eu nem tinha pensado sequer 15 minutos antes de a entrevista estar começando, mas que foi recomendada por Juliana, e deu tudo certo. Juliana não me aceitou pois estava prestando os cuidados necessários ao filho que tem limitações físicas e mentais.

Em algumas das casas havia televisão ligada e eu acreditei que conseguiria, e penso que de fato consegui, manter a concentração e um bom nível de diálogo mesmo com este ruído. Imaginei que pedir para desligar fosse influenciar as alunas de modo a acharem que este convidado estaria chegando em seus locais de habitação e reclamando. Como eu as queria interagindo da maneira mais livre possível, apenas pedia para baixar o volume se necessário fosse.

É importante, então, que fique nítido que, diferente de outros trabalhos nos quais existe um meio melhor definido de escolha dos/as participantes que vão compor a entrevista, nessa pesquisa muitas das alunas, talvez todas, fossem aptas a responder as perguntas que eu tinha em mãos, de modo que o critério empregado foi um misto de proximidade do núcleo, já que todas moram nas imediações, quanto receptividade e simpatia.

Seis das oito convidadas foram abordadas assim que terminou a aula a que compareceram, e me vali do tino de pesquisador, sondando qual estaria mais receptiva e em bom humor para me receber naquele momento. Apenas Fátima e Etelvina receberam mensagens no telefone com um dia de antecedência e tiveram esse prazo maior antes do encontro.

Com antecedência ou não, todas as entrevistas aconteceram às 7h da manhã no domicílio da própria interlocutora, com exceção de Clara, que estava na casa da Gleide. O percurso que fazemos da aula para a residência de Clara passa pela casa de Gleide, e ambas estavam presentes nesse deslocamento. Clara perguntou se podia ser ali na morada da amiga,

e eu não coloquei empecilho para isso; até porque poderia ser que sua moradia não fosse, naquele momento, a mais receptiva e adequada para nós.

Depois destas observações, é pertinente apresentar, em linhas gerais, as participantes da pesquisa, de forma a mencionar informações importantes, isto é, faixa etária, cor, naturalidade, estado civil, escolaridade, situação de saúde, entre outros elementos de suas histórias de vida, a relação que fazem do bem-estar físico e emocional com o PSBS, assim como a dinâmica das entrevistas, as impressões, convicções e apontamentos, haja vista a minha familiaridade com elas.

1) ALICE

Alice possui 91 anos, concluiu o ensino médio, é viúva, tem a pele branca, nasceu em Madalena-CE, é dona de casa, está aposentada há trinta anos, trabalhou desde criança, na maior parte da vida como parteira. Mora com o filho caçula e tem outros oito filhos.

A entrevista com Alice aconteceu no dia 19 de junho de 2024 na sala de sua casa. Temos já vários anos de um contato muito bonito, pois ela tem algo que considero invejável: uma idade avançada, acompanhada de uma saúde física ímpar. Trata-me carinhosamente, e com frequência diz que me ama e que me quer bem. Nos períodos em que ela viaja para Madalena, sinto sua falta, pergunto por ela, e assim que ela retorna me alegre por sua presença.

Alice comumente se locomove rápido e se alonga de modo eficiente. É notório que ela tem um vigor e uma energia que muitas pessoas com décadas a menos de vida não têm. É considerada a mascote do nosso núcleo, chamada de "caçula" justamente por causa da idade e da simpatia que consegue de todas as pessoas, e que retribui de modo pródigo.

Alice perdeu uma filha há não muito tempo, aproximadamente dois anos, e isso gerou uma ferida que não cicatriza, pois, embora ela tenha momentos de alegria e nos quais somos muito felizes também, é verdade que, frequentemente, cita a perda da filha como um evento que ainda dói.

Como se costuma dizer, Alice é daquelas pessoas antigas, que têm palavra e isso se refletiu no seu casamento: quando descobriu que o esposo tinha em paralelo outra família, ela nunca mais permitiu que ele a tocasse.

Faz questão de manter conosco uma relação próxima, e já fomos, os professores, convidados tanto para festas de aniversário em sua casa, quanto para visitá-la em Madalena, onde ela também é muito querida. É muito amorosa e também consegue dizer quando algo lhe

desagrada. Gosta bastante de ir à igreja e tem a religião e a fé como aspectos importantes em sua vida.

Quando a visito, Alice sempre tenta fazer com que eu coma muito, disponibilizando ovos cozidos, leite líquido e em pó, pães, queijo e toda uma variedade de opções. Nas vezes em que vou para o núcleo, quando passo por sua rua, sempre volto para lá o meu olhar na esperança de vê-la vindo, e quando isso acontece, paro e a espero para que nos dirijamos juntos ao local das aulas.

Alice começou a trabalhar ainda na infância. Fez um curso de parteira na cidade de Quixeramobim-CE, e depois trabalhou na maternidade escola. Não conseguiu o diploma, pois o médico e professor do curso foi assassinado, o que fez com que o curso fosse descontinuado de maneira abrupta, mas nada disso impediu que Alice fizesse muitos partos ao longo da vida.

Alice é muito carismática e bastante querida em nossos núcleos, na família e também na igreja, seja na capital ou em Madalena, a terra natal e para onde costuma viajar para encontrar seus familiares. Atribui a boa qualidade de vida ao fato de ter uma família agradável e que se ama mutuamente. Ela relata que, ao longo da vida, fez muitas “presepadadas”, patacoadas, havendo muitas histórias engraçadas sobre ela, de modo que até hoje, o povo do interior pergunta sobre ela e sobre como certas coisas aconteceram.

Além da atuação como parteira, ela trabalhou bastante no roçado, pois o pai tinha muitos gados, e essa vivência permitiu a Alice idas frequentes para as vaquejadas, e não apenas para assistir. Ela e o irmão corriam nos cavalos do evento. Hoje, aos 91 anos, afirma que não se sente velha.

A impressão que tive ao entrevistar Alice foi que estava sendo agraciado com a oportunidade de conhecer um pouco mais desta que é a aluna que tenho de maior idade nos núcleos de PSBS (tenho outras duas alunas de 91 anos na ILPI na qual me voluntario). Foi muito bom construir este laço com ela, que em outras oportunidades já me mostrou álbuns de família, e fala das filhas, dos irmãos e dos outros parentes com muito amor e carinho. Foi uma mulher fiel ao longo da vida, e, quando foi necessário, deu um basta em seu casamento por causa de uma infidelidade do marido que gerou outra família em paralelo.

Eu quero muitíssimo bem a esta mulher e, no dia em que souber de sua partida, certamente terei um luto e jamais hei de me esquecer dela. Como não esqueci de várias outras alunas que já fizeram essa travessia.

A senhora Alice tem cerca de 1,60 m de altura, 65 quilos, cabelos que não são longos, mas que são suficientes para comporem um penteado com bonito coque, que

frequentemente compõe o seu visual. Para alguém que queira imaginá-la, pense em uma senhora que o tempo ainda não conseguiu dobrar, pois a imagem que ela transmite é de vigor.

2) BIA

Bia possui 71 anos, mora com a filha, concluiu o ensino médio, é viúva, tem a pele branca, nasceu em Quixadá-CE, está aposentada há 24 anos e atuou na indústria durante sua vida laboral. A perda do esposo foi muito dolorosa, mas segundo ela, Deus é maravilhoso e tem dado forças para continuar. Durante a maior parte da vida trabalhou no Senai, na parte de inscrições na secretaria.

O encontro com Bia se deu no dia 20 de junho de 2024. Embora ela não saiba, foi convidada logo após o desaparecimento de Dora, que havia, após a aula desse dia, aceitado receber-me em sua casa, mas que enquanto eu arrumava as coisas para irmos, e estava me despedindo das outras alunas, foi embora sem nada me dizer. Bia estava acompanhada da filha, chamada Neide.

Bia é a única mulher que frequentemente vai para as aulas de carro, sendo levada por Neide, que dirige. Na data da entrevista, Bia estava no núcleo há apenas três meses, mas sentia-se muito à vontade, algo perceptível em suas palavras, no afeto que demonstra, nos sorrisos e carinhos que distribui.

Comparativamente, Bia é a que goza de melhor condição financeira entre as entrevistadas, e mora em uma vila de casas na Maraponga. Ela me recebeu com muita gentileza e esteve o tempo inteiro acompanhada da filha durante a entrevista. Ambas foram muito gentis, pois tanto me levaram de carro do local das aulas até sua casa, quanto na volta me conduziram até a avenida principal na qual tomei minha condução.

Bia tem aproximadamente 1,55m, 70kg, cabelos curtos e ondulados. O rosto, de óculos, transmite muita gentileza e carinho. Quando penso nela, tenho a imagem de uma avó bondosa e de coração inocente. Bia ofereceu comida, mas excepcionalmente precisei recusar, pois a aula no núcleo havia sido com café da manhã organizado por Fátima e as alunas.

Bia é acometida por diabetes e um problema na perna que a deixa dormente de vez em quando, ocasionado por uma doença chamada Erisipela, um processo infeccioso da pele, que pode atingir a gordura do tecido celular, causado por uma bactéria que se propaga pelos vasos linfáticos. Pode ocorrer em pessoas de qualquer idade, mas é mais comum nos diabéticos/as, obesos/as e nas pessoas com deficiência da circulação das veias dos membros inferiores.

Todas essas limitações têm sido devidamente acompanhadas por médicos do Posto de Saúde do bairro Maraponga e da Policlínica mais próxima. Bia se diz amparada e muito bem cuidada pela filha, que a acompanha em tudo. Ela sente bastante alegria quando encontra na missa as colegas do núcleo ou em outros pontos do bairro.

Bia gosta de dançar, especialmente no núcleo, onde existe um solo regular que permite essa prática, apesar da existência do problema no pé. Ela foi muito beneficiada pelos núcleos, pois afirma se sentir melhor na questão da diabetes, de dores que sentia nos ossos, e agora só sente nos dias em que não vai. Até mesmo o sono está mais regular e costuma vir em horários desejáveis depois que passou a frequentar os núcleos.

Também não encontra dificuldade para acordar cedo e, às 5h da manhã, já está debaixo do chuveiro. Tem uma grande alegria de viver e afirma que a vida só dá motivos de alegria. Ela também tem outra filha e netos, e afirmou que todos são bons para ela.

Bia reconhece o impacto social do PSBS em sua vida, ao constatar que antes tinha menos pessoas para conversar e que o diálogo, os contatos e abraços com amigas e professores do núcleo são muito importantes. “Um abraço, um sorriso para o idoso, gente, é nota mil”.

Pede a Deus ainda mais saúde para poder viver, passear e viajar. O sonho dela é ir para Salvador, Bahia, com a filha. Desde os 60 anos de idade, começou a sentir as reações das pessoas com relação ao fato de ter se tornado idosa. E diz que recebe “indiretas e rejeições”.

Ela faz acompanhamento com nutricionistas para controlar a dieta e limitar cada vez mais a diabetes que começou há 18 anos; está ansiosa pelas viagens dos bombeiros realizadas no núcleo.

A minha convivência com Bia e sua filha tem sido muito tranquila, mesmo tendo pouco tempo de relacionamento comparado com as outras alunas. Mas a impressão que tenho tido é que Bia foi muito bem recebida nas aulas de modo geral. Sinto o apreço que elas têm por mim e pelo núcleo, e sou grato por isso.

3) CLARA

Clara, entrevistada em 28/06/24, tem 74 anos, estudou até a quinta série, é casada, de pele branca, proveniente de Natal, Rio Grande do Norte. Trabalhou na maior parte da vida com crochê e outras atividades de artesanato. Mora apenas com o marido, mas durante o dia fica com os netos em casa.

Clara é uma senhora que já conheço, com a qual convivo nas nossas aulas há vários anos, e é difícil imaginá-la isolada de sua amiga Gleide, as quais considero irmãs. A partir das entrevistas é notório que elas (e outras pessoas, eu soube semanas depois, pensam o mesmo) também se veem como algo muito próximo disso.

Ela é muito atuante na igreja e em nossos núcleos é comprometida e pontual. Tem proximidade com outras alunas, mas disse em sua entrevista, e eu confirmo, por ser testemunha, que ela até se afasta das que mais conversam durante a aula, de modo que pudessem prejudicar o nível de atenção para com as atividades.

Costumava ter uma saúde melhor, mas após uma virose que contraiu este ano, ficou mais fraca fisicamente, de maneira que o seu comprometimento é o mesmo, mas o corpo já não acompanha todos os exercícios e, ela, às vezes, precisa sentar um pouco para descansar e recobrar as energias.

Se tem algo que eu não compreendo na relação entre Clara e Gleide é que, apesar de elas morarem próximas e se dirigirem ao núcleo praticamente no mesmo horário, nem sempre elas chegam juntas, havendo vezes em que já observei que vinham pela mesma calçada, mas separadas por não mais do que 20 metros de distância.

Quando algum compromisso da igreja, como a missa matinal da primeira sexta-feira de cada mês, coincide com o horário do núcleo, frequentemente este fica em segundo plano, pois ela (e também Gleide), dá prioridade à igreja. Isso, contudo, não é uma regra absoluta, pois já houve vezes em que elas deram a entender que queriam terminar a aula um pouco mais cedo ou de forma apressada e eu precisei dizer que não poderia fazer isto com as outras mulheres que ali estavam, pois, na medida do possível, ofereço àquele grupo o melhor do meu tempo e cada coisa deve ser feita no ritmo correto, com calma e atenção. Neste momento, elas compreenderam, acalmaram seus corações e ficaram na aula até o final, o que me surpreendeu, pois eu esperava que elas fossem dizer que sentiam muito, mas teriam que ir para a igreja.

Clara é uma mulher de aproximadamente 1,65m, talvez pesando 60 quilos. Usa óculos, tem cabelos encaracolados e é uma avó que constantemente fala dos cuidados que tem para com o neto, nos primeiros anos de vida, que tanto ama.

Para quem observa inicialmente, ela talvez transmita uma imagem de seriedade, mas consegue dar risadas muito gostosas quando chega o momento oportuno. Por exemplo, quando danço de maneira um pouco mais solta, sucessos do carnaval como "La bomba", da banda Braga Boys.

Clara tem um espírito indômito e gosta de desafios; jamais aceitou que os homens

fossem mais capazes que as mulheres no que quer que fosse e tem a convicção de que é necessário enfrentar as situações. Certa vez o esposo falou que ela não conseguiria trocar um pneu de um carro, e ela respondeu prontamente: “pois bote o macaco aqui”, e conseguiu cumprir sua meta.

Deixou de estudar porque se envolveu muito intensamente com atividades de artesanato que fazia, vendia e ensinava. Clara é avessa ao sedentarismo e quando viaja para a casa da irmã em Natal, não se conforma em ficar apenas em casa, mas caminha para passar o tempo.

Também afirmou gostar muito das pessoas do núcleo e que se sente bem lá, pois estima as amigas, os professores, adora as brincadeiras, de modo que as atividades realizadas tanto são boas para a memória, quanto para que sejam esquecidos os próprios problemas. Conversar com as pessoas do núcleo costuma abrir seus horizontes. “Se a gente fica parado no tempo fica velho é mais rápido”.

Clara sente-se bem quando vai ao núcleo e nas vezes em que isso não é possível fica com as pernas cansadas, desânimo e falta de coragem. Em sua visão é importante ter uma alimentação saudável.

Expõe que não se sente velha e que tem o *espírito jovem*. Ela quer ser feliz e aceita o que vier pela frente, pois já foi além do que pensava que iria. Esse pensamento é proveniente do fato curioso de que tanto a mãe quanto o pai de Clara morreram aos 71 anos, idade na qual ela pensou que também partiria, mas esse medo já foi superado, pois está com 74 anos atualmente.

A sensação de entrevistar Clara e ver ali uma mulher receptiva a desafios, que gosta de viver, e que valoriza suas amizades, tendo inclusive superado medos, e que não se dobra às fragilidades que as doenças por vezes nos impõem, foi muito boa.

4) DORA

Dora, entrevistada em 02/07/24, possui 68 anos, estudou até a quarta série, é separada, tem a pele parda, nasceu em Fortaleza-CE e na maior parte da vida trabalhou em empresas com diversos tipos de serviço, inclusive como faxineira.

Até 2015 trabalhou como diarista, mora com a filha, o genro e a neta. Faz parte do núcleo há 4 anos e há 8 faz parte de outro núcleo também do PSBS, não sendo um dos envolvidos nessa pesquisa.

Dora é um caso excepcional, pois é sem dúvidas a aluna mais irreverente que eu

tenho, mas que sabe misturar a esse jeito de ser com um *jogo de cintura* que lhe permite transitar com delicadeza e fluidez em uma linha que abandona o pudor sem perder o respeito. Várias vezes já fez menção de me levar para casa e me adotar, mas não em um sentido filial. Em sua entrevista chegou a afirmar que é para mim que se perfuma e se maquia.

Dora nunca é pontual, mas sempre chega com uma alegria enorme, dando o seu conhecido “bom dia, povo de Deus”, e distribuindo grande simpatia. É pródiga em distribuir elogios e palavras de afeto, dizendo, amiúde, que está feliz em me ver, e que gosta muito de mim, mas que fique registrado que o seu carinho é imenso e realmente destina pra todo mundo.

A falta de pontualidade por parte de Dora não reflete, em absoluto, falta de compromisso com as aulas ou algo do gênero, pois o que acontece é que ela se esforça no sentido de levar outras pessoas para o núcleo, algumas das quais comumente acordam fora do horário devido e se locomovem de forma menos lépida que Dora. É uma pessoa que se doa muito pelas pessoas que ama; poderia perfeitamente ir para o núcleo a pé e chegar bastante tranquila, mas acaba chegando sempre atrasada por causa de uma das amigas que demora a acordar, e por causa disso precisam ir de ônibus.

Em sua entrevista, ela compartilha que chama outras mulheres que ainda não fazem parte do PSBS, e quando elas reclamam do horário matutino, Dora argumenta que se for necessário, liga acordando a pessoa, que vai pegá-la em casa, que vão caminhando juntas e que esse tipo de sensação de desconforto com o horário só ocorre no começo, mas que depois a pessoa se acostuma.

Dora leva uma garrafa de água e frequentemente a oferece em um copinho para as amigas e para mim também, demonstrando gentileza e cuidados com o nosso bem-estar. Nunca fiquei desconfortável com quaisquer das palavras de Dora, mesmo quando elas envolvem um duplo sentido. Com as outras alunas, se, minimamente, a expressão utilizada por uma delas der a entender algo de duplo sentido, Dora aproveita para brincar com a ideia. Por exemplo, quando me referi certa vez que iria dificultar um dos exercícios de memória, e o fiz com a expressão “agora vamos engrossar o caldo”, Dora respondeu imediatamente: “Ai professor, não fale em ‘engrossar’ uma hora dessas não, que está muito cedo. Deixe para mais tarde!”.

Por causa de algum produto que usa no cabelo, por vezes o cabelo de Dora está um pouco azulado ou com tons de roxo. Ela deve ter menos de 1,60 de altura e uns 70 quilos. Usa óculos, e sempre vai bem arrumada, vaidosa, com tiara, brincos, pulseiras, maquiagem, e unhas pintadas.

O seu sorriso, algumas vezes, esconde preocupações com as quais precisamos estar mais atentos ou próximos para perceber, como é o caso de quando existe alguma doença na família. Dora já precisou se afastar por uns tempos do núcleo em virtude de uma doença da neta, o que revela um compromisso forte com a família. Em sua casa, vários elementos de religiosidade são visíveis. Mas esse fator talvez não seja um diferencial, pois isso é uma realidade em todas as casas que visitei.

Assim como Alice, Dora descobriu uma traição que ocasionou o fim em seu casamento pois ela não tolerou essa decepção. Carrega, ainda hoje, lembranças e dores da época em que o presidente Collor promoveu um confisco do dinheiro contido nas poupanças, trauma que fez com que ela mudasse, inclusive, de ramo de atuação no Esplanada Hotel, onde abriu mão para trabalhar como faxineira, pois assim o dinheiro não seria pago em depósitos, mas em mãos e, a seus olhos, mais seguro.

Dora é otimista, pois, apesar de dores nas pernas e de estar pré-diabética, sente-se saudável. É uma mulher muito constante em suas decisões, pois, já está há oito anos em um outro núcleo dos Bombeiros e há quatro no núcleo Lagoa da Maraponga. É extremamente ativa fisicamente, pois ao longo da semana consegue ir a três núcleos de PSBS e um da prefeitura, o que significa uma disponibilidade de aproximadamente nove encontros, aos quais comparece a cinco ou mais.

É alguém que aproveita as oportunidades, pois há oito anos ela ainda não fazia parte do nosso projeto, mas já estava fazendo caminhada quando uma conhecida perguntou se ela não queria fazer as aulas dos bombeiros, ao que Dora respondeu: “e aonde é?” Ela afirma que não deixa de ir para as nossas aulas porque se acomoda, se falta um dia que seja, já sente uma diferença grande no corpo e, no outro dia, ele já está preguiçoso e pesado para levantar.

A simpatia e o carinho que Dora ostenta parecem não ter fim, pois segundo ela, sempre foi dessa forma, seja nos PSBS, com os amigos ou familiares. Deseja muito ter uma velhice saudável e é isso que tenho buscado. Apesar das palavras do ex-sogro, que afirma que ir ao médico implica buscar doenças, Dora se consulta frequentemente, e, se for necessário, cuida e trata com antecedência.

Dora é corajosa, pois nos primeiros dias, assim como Etelvina, se sentiu insegura, sem saber se seria devidamente aceita, mas não desistiu, e isso fez toda a diferença em sua vida. Também é vaidosa: “Eu tenho prazer de me arrumar, de tomar meu banho, de me perfumar para a aula toda saliente. Eu levo nome de saliente” (risos).

Ademais, desgosta muito dos recessos e é sempre com apreensão que recebe o

aviso de quando esse período está para ser iniciado. Ela tem a noção de que retomar o hábito não é algo fácil. Uma fala sua que me chamou muito a atenção é a de que “dentro de casa a gente conversa muito pouco”. Se ela, que mora com outras três pessoas, sendo estas uma criança, uma mulher e um homem, sente-se com pouca oportunidade para conversar, imagine como é a vida de muitas outras pessoas que moram sozinhas ou apenas com outra pessoa.

5) ETELVINA

Etelvina possui 68 anos, estudou até o Ensino Médio, é viúva, tem a pele parda, é proveniente de Fortaleza-CE, trabalhou no comércio (farmácia, supermercados, lojas, etc), mora com o neto, e faz parte do PSBS há sete anos. É alguém com quem tenho uma ótima relação, sendo um desses casos citados pelo coronel Martins, de mulher que outrora estava em uma condição de desânimo e abandono de si mesma. Ficava “em casa, sem fazer nada, só pensando, chorando”, por causa do falecimento do marido.

Quem a observa hoje e nota essa mulher participativa e simpática não tem como saber que há não muito tempo enfrentava um luto que a deixou abatida e chorosa de modo muito intenso. Devido à atitude, confiança e presença que conseguiu aos olhos das colegas, Etelvina, atualmente, é o que de mais parecido existe com uma vice coordenadora em nossos núcleos.

Ela conhece os nossos hábitos e não apenas é pontual, mas chega cedo. Certa vez eu mandei um recado por mensagem de texto dizendo que iria me atrasar cinco minutos e isso foi por volta das 5h40 da manhã. Quando cheguei no núcleo (6h05) e expliquei a situação, ela disse que naquele horário já tinha saído de casa, mesmo morando a uma distância de menos de 10 minutos: “Eu jurei que era outro professor hoje, pois você nunca se atrasa”.

A marcação da entrevista com a Etelvina se deu na época do recesso, de modo que mandei uma mensagem para ela na noite do dia 17/07/24 solicitando um horário na manhã seguinte. Ela concordou, me recebeu atenciosamente em sua casa, e após a entrevista ofereceu café da manhã.

Nos minutos finais do encontro, sua filha esteve presente, um pouco afastada, e tenho a impressão de que isso não tirou muito da espontaneidade da entrevistada. Etelvina reclamou, quando indagada acerca do que poderia melhorar nas aulas, que sente falta das danças quando eu não as coloco na programação da aula do dia.

Ela se mostra uma aluna muito atenciosa, manda votos de felicitações tanto em meu aniversário quanto no dia dos bombeiros. Etelvina tem aproximadamente 1,55 m, cabelos

na altura dos ombros, uns 70 kg, e é simpática. Gosta muito dos passeios e das viagens, ocasiões nas quais se diverte bastante.

Uma forte impressão que tive é que Etelvina é uma mulher prática, pois já fazia parte de um projeto de PSBS há anos, mas abriu mão dele quando chegou o projeto da prefeitura, pois ele é mais perto de onde mora. Também ficou muito nítido que ela não teria coragem de fazer isso com o nosso núcleo, pois tem um carinho enorme pela coordenadora Fátima. Ela compartilha que, quando não vai às aulas por algum motivo, fica “toda travada”. Os exercícios fazem as dores irem embora, segundo ela. As amigas que tem atualmente no núcleo geram brincadeiras, risadas e têm espaço para desabafos, sendo fonte de alegria e consolo. Todas essas amigas nasceram lá.

Etelvina mudou totalmente de vida, pois além de ir para as aulas da prefeitura, vai para dois núcleos do PSBS e ainda frequenta o Pilates. Teve medo de não ser aceita no núcleo, mas hoje afirma que as amigas ali originadas são para o resto da vida e são as irmãs que ela não teve.

Conforme dito, a viuvez trouxe um luto forte, e que a deixou muito debilitada em casa; muito chorava muito pensava e nada fazia. Nos períodos em que não praticou atividades físicas, sentava-se no sofá e para levantar era um sacrifício. Hoje em dia ela já tem noção disso e não vai deixar o corpo tornar-se sedentário novamente enquanto tiver saúde.

É outro exemplo de aluna que espontaneamente reconhece o impacto social que os núcleos têm em vidas, de maneira que sente falta não apenas das “meninas”, das risadas e brincadeiras, mas até do “bom dia”. Compartilha, que por vezes entra na aula com um clima e sai com outro, chega para baixo e sai com “alto astral”.

Aos 68 anos, diz que, graças aos nossos núcleos, ela hoje é uma outra pessoa. Sente-se com 30 anos, adora as nossas viagens, o chá da tarde, as atividades da prefeitura, as caminhadas e o Pilates. Alimenta o sonho de conseguir uma casa própria, pois ainda mora de aluguel, e também aspira em ver o neto formado, que segundo ela já está perto.

Particularmente, eu gostaria que várias outras tivessem a percepção de Etelvina, pois ela percebe que as mulheres sentem a sua falta e que, em sua ausência, perguntam por ela. É muito importante a gente se sentir amado em um lugar.

6) FÁTIMA

Fátima, entrevistada em 19/07/24, é um caso especial, pois é a coordenadora do núcleo Lagoa da Maraponga. Está com 62 anos, concluiu o ensino médio, é casada, tem a pele

parda, é nascida em Fortaleza-CE, dona de casa, e trabalhou no comércio por muitos anos.

Mora com o esposo e dois filhos educadores físicos; é um grande exemplo de persistência e superação, tendo já quase 19 anos de atuação no PSBS; se afastou apenas por alguns meses, para um tratamento de quimioterapia e radioterapia, além de cirurgia para enfrentamento de um câncer.

Fátima de fato parece, como falou Etelvina, uma “mãezona” do núcleo, pois conhece os professores e alunas, seus nomes, hábitos e onde moram. É não apenas presente, mas muito atenciosa para com as realidades daquelas mulheres, tendo grande empatia, além de uma sensibilidade que a capacita a notar problemas não verbalizados e buscar soluções para eles.

Nós do núcleo não teríamos como retribuir todo o esforço que Fátima tem para conosco, já que ela faz muito mais do que meramente suas “obrigações” de coordenadora. É extremamente organizada, providenciando um pequeno carnê para cada aluna, que é entregue no início do ano e o qual elas pagam mês a mês. A coordenadora junta esse dinheiro de modo responsável, e consegue com ele, dentro de suas possibilidades, tudo o que essas senhoras precisam para uma vivência plena no PSBS.

Várias delas dizem que não sabem como Fátima consegue multiplicar esse dinheiro, fazendo com que renda muito além do esperado, já que financia as festas, como a do dia das mães, as festas juninas, o encontro de Natal e outras que acontecem.

Quando o subtenente Victor oferece a possibilidade de viagem, é Fátima quem toma a frente, avisa as alunas e vai lembrando conforme se aproxima a data, para que elas se organizem com os pagamentos, e para que providenciem junto da família todos os detalhes da viagem que farão.

É Fátima quem prepara muito do que acontece no evento do final do ano, desde a casa propriamente dita, quanto as comidas, bebidas e atividades; pensa e compra as lembrancinhas das alunas, dando o seu melhor para agradar a todas sem ser injusta com ninguém. Não que ela faça tudo sozinha, mas é a responsável que está à frente e que faz acontecer. Sem ela, nada disso seria uma realidade, como de fato não é nos outros núcleos.

Fátima cuida da lista de presença das alunas, tem uma boa memória para saber quem falta de forma recorrente e busca saber o que está acontecendo. Dora, ao se referir ao núcleo de Fátima, compara-o com aquele que é liderado por Orélia em outro local. “Frequento porque participo de tudo, mas o da Orfélia é mais parado; só temos uma viagem por ano e é bem simples. Não somos presenteadas no dia das mães, nem somos homenageadas; batemos os parabéns, certo, mas não vem com uma lembrancinha, nem se

providencia um café da manhã das aniversariantes ou das mães, isso não tem”.

Dora também compartilha que quando esteve com a neta doente no hospital, teve o devido suporte de Fátima, que lhe dava forças. “Porque o pessoal pensa que chegar junto é apenas trazer dinheiro, e não é”. Ela afirma que uma palavra amiga já é um grande apoio, e tanto Fátima quanto as alunas do núcleo Lagoa da Maraponga fizeram sua parte, algo que não aconteceu no núcleo da Orfélia, que nunca sequer ligou para dizer “Dora, seja forte porque isso acontece”. No entanto, algumas mulheres deste outro núcleo ligaram sim.

Fátima tem por volta de 1,70 m, aproximadamente 80 quilos, e é sempre sorridente e simpática, de modo que transmite uma imagem muito receptiva para as pessoas que já fazem parte do núcleo ou que venham a querer compor o mesmo. Talvez isso é que tenha garantido a permanência de pessoas que se aproximaram com o coração cheio de dúvidas e receios, como foi o caso de Bia e de Etelvina.

O visual escolhido por Fátima varia em virtude dos tempos que enfrenta e da época do mês. Todo dia treze, por exemplo, ela se veste toda de branco para honrar uma promessa feita há muito tempo, quando um de seus filhos passou por uma doença. A comunidade médica não pôde fazer nada a respeito. Os remédios e tratamentos falharam e Fátima fez aquilo que muitos teriam feito na mesma situação: entregou tudo nas mãos de Deus e não se decepcionou.

Aquilo que os médicos não conseguiram resolver, a fé alcançou, e o seu filho teve sua saúde restabelecida e até hoje segue sendo um milagre do qual ela se recorda com muito carinho. Ela sabe fazer uso de vários acessórios de beleza, desde brincos a tiaras, bandanas e maquiagens. Na época em que teve a cabeça carequinha usou lenços e bandanas, mantendo sua beleza.

Fátima valoriza demais as amigas, os exercícios e os professores dos núcleos. Frequenta o projeto da prefeitura há cinco meses e dois núcleos de PSBS, que funcionam no mesmo local, mas em horários distintos. No começo deste ano, o lugar onde as aulas ocorrem passou por um assalto à mão armada e isso fez com que ele mudasse de posicionamento geográfico. Antes era bem em frente ao colégio Provector e agora está em frente ao Supermercado Cometa. Nessa época, como fui eu o professor que lidou com este fato funesto, passou-me pela cabeça parar de ir a este núcleo. No entanto, o carinho que tenho pelas participantes fez com que eu preferisse ter coragem, e continuar.

Fátima compartilha que existe uma consideração grande e mútua entre alunas e coordenadora, de modo que elas sempre avisam quando não vão poder ir, mesmo não havendo nenhuma obrigação nesse sentido. Ela acha isso muito bonito: “É um sentimento de

família”. A confiança estabelecida parece ser absoluta: ”por todos esses anos, eu pego no dinheiro de vocês e nenhuma nunca chegou para perguntar como foi que eu gastei a verba”. Fátima é uma mulher que sempre age na honestidade e que tenta manter um bom convívio, inclusive com pessoas com as quais não tem tanto contato, como é o caso da Orfélia do outro núcleo, das imediações.

A entrevista de Fátima e de outras alunas revelam que a coordenadora pede que as alunas não comentem neste outro núcleo sobre o fato de que no Lagoa da Maraponga as contribuições, apesar de serem idênticas a este outro local, rendem muito mais, conseguindo financiar a festa de Natal, as aniversariantes do mês, as festas juninas, o dia da mulher, o dia das mães, os aniversários de professores, entre outros.

“É uma alma lavada de manhãzinha bem cedo”. As risadas e brincadeiras que ocorrem nos núcleos estão entre os aspectos mais preciosos para Fátima. Ela também relata que nas vezes em que precisa faltar, adquire um sentimento de preguiça e obviamente sente falta das amigas.

Fátima controla a diabetes e a pressão alta com exercícios físicos, uso de medicamentos e bons hábitos. Gosta da própria qualidade de vida e cultiva os exercícios. Quando fala sobre qualidade de vida, ressalta que se diverte, vai à praia, e que toma “uma cervejinha”. Compartilha que o seu dia é muito bem utilizado, e que “casa que só tem homem, a mulher trabalha mais, mas é isso mesmo”.

É importante observar que, conquanto tenha sempre acordado cedo, Fátima era muito sedentária e não fazia qualquer tipo de atividade física ou academia. A atitude de iniciar a caminhada é que fez com que ela fosse abordada pelo subtenente Victor há quase 20 anos, e juntos dessem origem ao núcleo Lagoa da Maraponga. Este fato serve para nos mostrar que mesmo em fases medianas ou avançadas da vida, a adoção de um único hábito pode trazer outros de mesma natureza, sejam eles saudáveis ou deletérios.

A entrevista com a coordenadora mostrou que ela é uma mulher que reflete acerca não apenas da vida, mas também sobre as mudanças dos tempos. Disse-me que as pessoas hoje em dia já não se consideram velhas e, por causa das atividades e hábitos saudáveis, que amiúde se adotam, “o envelhecer não se torna tão envelhecido”. Em sua opinião, hoje em dia os idosos estão viajando, participando de atividades físicas, mais ativos e não era isso o que se via antigamente. “Não se via um idoso viajar: a gente vai para uma viagem dessas e o tanto de idosos que tem nos passeios... e eles dançam e vão para festas. É bonito cara, com 70, 80 anos!”.

Para a coordenadora, antes as vivências eram muito caseiras, mas o surgimento

desses projetos chamou as pessoas para as praças. E esse movimento multiplicou as iniciativas existentes: “Hoje em dia quantos projetos tem? Tem zumba, tem funcional, tem o nosso projeto e foi aumentando cada vez mais”. Em sua visão, esse conjunto de fatores faz com que aconteça uma reversão no processo de envelhecimento: “Tudo isso para nós não se torna um envelhecer, mas nos transformamos em pessoas mais jovens. A gente pode até envelhecer fisicamente, mas a alma hoje em dia é jovem. Eu amo esses projetos”.

Simone de Beauvoir traz em sua obra “A velhice”, que comumente a revelação da nossa idade parte das outras pessoas, “uma vez que em nós mesmos é o outro que é velho”, de modo que não consentimos na entrega dessa informação de bom grado (Beauvoir, 1990, p.302).

Como o tema da velhice é central nessa pesquisa, várias das entrevistadas disseram a frase “não me sinto velha”. As palavras de Fátima denotam também a negação da velhice, pois não apenas afirma que o atual quadro pelo qual as pessoas passam com o passar dos anos não gera um envelhecimento, como compartilha que até mesmo a alma rejuvenesce. Existe a rejeição da senescência não só em termos físicos, corpóreos, mas também espiritual.

Talvez, devamos aqui relembrar do incômodo gerado na aula na qual falei para um garoto, neto de uma das alunas, que ele estava “pior que as velhas”, fato que gerou um incômodo generalizado instantâneo: “aqui não tem velhas”, protestaram, e nunca mais me permiti tamanha indelicadeza.

Fátima consegue observar as mudanças que acontecem aos poucos com as pessoas. Ela diz que muitas alunas tinham limitações físicas que foram sendo superadas ao longo desses anos. “Tinha muita gente com dor e melhorou das dores; tinha gente que não levantava o braço sequer e depois conseguiu. Tudo a gente vai vendo ali”.

Os cuidados acontecem em uma via de mão dupla, de modo que as alunas dizem para Fátima que quando ela falta “não tem graça. Parece que está faltando alguma coisa”. Fátima compartilha que esse reconhecimento das alunas “é bom demais. Me sinto amada”. Segundo ela, em períodos de dificuldade as alunas “chegaram junto: faziam visitas, levavam material para tomar café da manhã, apareciam no final da tarde. É emocionante sentir o reconhecimento não só como coordenadora, mas como amiga: às vezes é mais do que família”. Estas palavras marejaram os olhos de Fátima.

7) GLEIDE

Gleide, entrevistada em 22/07/24, possui 79 anos, estudou até a 5ª série, tem uma

pele parda, nasceu em Solonópole-CE, é dona de casa, divorciada, foi costureira desde os 14 anos, estando aposentada há mais de 10 anos; mora com um filho e uma irmã. Possui asma e um problema de desequilíbrio, que consegue ser imperceptível na maior parte do tempo. Está nos núcleos há 15 anos e caminha 45 minutos por dia.

Gleide, além de simpática, é muito prestativa e gentil, tendo já se oferecido para costurar minha mochila ou peças de roupa, quando essas apresentam alguma avaria. Tem várias amigas no núcleo, como a Clara, a Juliana e a Ingrid. Ela e Clara têm uma vivência muito frequente na igreja, e é o bonito exemplo de pessoa que foi retirada da depressão pela presença de uma amiga, a Clara, que instava fortemente com ela, para que saísse da cama, e fossem juntas fazer caminhadas e participar do núcleo.

Por ocasião de nossas orações, no fim das aulas, é ela quem tenta fazer com que eu me lembre de todas as preces, pois não apenas pede orações por outras pessoas do núcleo, quando estão com dificuldades de saúde, como me instrui no sentido de eu saber que na sequência existe o Pai Nosso, o Ave Maria, o “Estivemos reunidos em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre, amém”. Quando ela lembra e não estamos com pressa, ela ainda tenta fazer com que rezemos o “Creio em Deus Pai”, e me fala ainda que existe oração de anjo da guarda, para aumentar a proteção.

Em todos esses anos de PSBS, e considerando inclusive outros PSBS, sempre encontrei como onipresente o hábito da oração do Pai Nosso ao fim de cada aula. Talvez tenha sido coincidência que todas as participantes encontradas sejam de religião cristã, mas é possível que alguma delas, sabendo ser minoria, tenha guardado para si a própria religião. A proporção geralmente existente nas aulas dos núcleos da Maraponga é 100% de mulheres cristãs. Em uma aula de meados de setembro de 2024, por exemplo, ao ser oferecida oportunidade de sugerir uma música, uma das alunas pediu canção do padre Zezinho, e, ao seu término, quando abri chance de outra sugestão, todas elas disseram que poderia deixar tocando a lista dele.

Em visita posterior à sua entrevista, Gleide me lembrou de como alguns corações precisaram ser cativados ao logo desses anos. Juliana e Ingrid, por exemplo, quando me viam na frente do Colégio e já estavam indo pra lá, desviavam do caminho e iam fazer só caminhada. Não gostavam de mim, nem da minha aula. Na aula de 27/09/24, no entanto, nota-se uma mudança de quadro, pois há um bom tempo se repete a cena que nesse dia se deu: Meu caminho até o núcleo agora inclui uma parada na casa de Juliana e depois na de Ingrid. Chegamos os 3 juntos ao colégio Diva Cabral.

Estimo que a altura de Gleide seja 1,68 m, e que pese 60 kg. Gosta muito de

vestidos confortáveis, chinelos e brincos discretos. Os cabelos não chegam até os ombros, mas surpreendentemente há poucos fios brancos, e ela nunca os pintou. Mora em uma casa antiga nas proximidades do colégio Diva Cabral. Já fui recebido lá várias vezes, sem contar a ocasião que tinha por objetivo auxiliar esta pesquisa.

No quintal existem várias plantas, como um pé de acerola e uma bananeira. Os objetos presentes, e até a maneira como a casa é organizada, apontam para uma outra época. O liquidificador dela é mais velho que eu, tendo mais de 40 anos; ela troca apenas o copo quando quebra, mas o aparelho em si permanece em boas condições.

Também existem, em um cômodo nos fundos do quintal, muitas coisas antigas como fitas cassete, enciclopédias, discos de vinil, etc. Em outro dos quatinhos há uma variedade de objetos que pessoas mais jovens a quem já mostrei por meio de foto não entendem bem o motivo de estarem ali, como vários baldes e garrafas, entre outras coisas. Deve haver uma razão para aquele acúmulo, mas eu ainda a desconheço.

Gleide consegue mesclar de forma muito bonita, características opostas como doçura e rudeza. Na visita na qual ela costurou minha mochila, eu disse a ela que não precisava procurar a linha preta, que combinava com a cor do objeto a ser reparado; poderia muito bem usar a laranja, pois isso pra mim não faz diferença, ao que ela respondeu: “fique com a sua opinião para você”.

Em outro momento, quando ela estava a preparar para mim uma bananada, iguaria da qual gosto desde a infância, me aproximei para ver o processo de feitura da bebida e ela disse: “saia de perto de mim”. Observe, caro/a leitor/a, que em ambas as intervenções estava sendo realizada uma gentileza e o fato de ela ter falado dessa forma, em nenhum momento magoou ou feriu, pois o laço que temos construído é que dá esse tipo de liberdade. Gleide sabe que suas benesses são recebidas com muita gratidão.

Gleide tem um bisneto com necessidades especiais; ama muito essa criança, dedicando a ela intensos cuidados, auxiliando até mesmo no transporte de ida e volta para a creche, quando o pequeno se encontra em sua morada. Possui vários álbuns de fotografias da família e são todos uma riqueza, pois mostram uma época que agora só contemplamos através de imagens assim, pois os tempos são outros.

Julga a própria saúde como frágil devido à asma e ao desequilíbrio; toma medicamentos para limitar os efeitos da pressão alta, do colesterol e da diabetes, e complementa esses cuidados com 45 minutos de caminhadas por dia. Várias das amigas que possui estão presentes não apenas nos núcleos, mas também na igreja. É uma dessas pessoas que foi realmente salva, tanto pelo PSBS, quanto por essa amizade maravilhosa que nasceu

entre ela e a Clara.

“Foi a Clara que me tirou da depressão”. Essa amiga que hoje é quase sua irmã, ia até sua casa e dizia, “se arrume que nós vamos sair”. Mesmo assim, Gleide demorava, pois estava realmente deprimida, mas Clara não desistia: “Só saio daqui quando você se arrumar. Enquanto você não tomar um banho e se vestir, eu não saio”.

Sua satisfação com o núcleo também é muito grande: “Se não fosse esse projeto, eu já nem andava mais. Eu nem me abaixava na época em que ele começou. Antes de eu começar os nossos exercícios, eu não me abaixava para pegar uma folha no chão”. Atualmente, Gleide em nada fica atrás das colegas de turma no que tange aos alongamentos. Segundo ela, seu corpo era muito travado e as crises de asma eram muito fortes; várias vezes chegou a ir para o núcleo já com falta de ar, mas melhorava durante a aula, em virtude tanto das atividades, quanto da massagem que por vezes ocorre.

Também afirma que os exercícios auxiliam nas questões do equilíbrio e que, por vezes, sente falta de ar se não comparece ao núcleo. Isso sem falar nos efeitos sociais dos nossos encontros. “Quando vou às aulas também tenho uma sensação de ficar me sentindo bem e respirando melhor”. Quando se dirige para o núcleo e encontra pessoas, fica toda feliz e gosta de cumprimentar com “bom dia”, de modo que algumas pessoas estranham, mas ela continua com a simpatia, e, segundo ela, as interações sociais fazem com que se sinta bem.

Conversar com Gleide me lembra o filme “O Curioso Caso de Benjamin Button”, pois os primeiros anos da vida dessa mulher é que foram cheios de barreiras físicas que tolhiam sua liberdade. Após tantos anos de vida é que foi ganhando forças para caminhar, coragem para enfrentar os desafios e gosto por conversar mais com as pessoas, e ir a encontros familiares, de maneira que a sua maturidade parece gozar de qualidade muito superior à de sua juventude.

Ela é uma das alunas que mais reclama dos recessos que acontecem duas vezes ao ano, pois sente bastante falta dos encontros e das nossas atividades. Embora, o PSBS não objetive terapia, Gleide percebe a dimensão terapêutica e do apoio emocional do grupo, de que é necessária lá e de que as pessoas sentem sua falta.

8) HELENA

Helena, entrevistada em 25/07/24 é uma mulher de 61 anos, que estudou até a oitava série, é divorciada, tem a pele negra e nasceu em Fortaleza-CE. Já trabalhou como cuidadora e em restaurantes, como auxiliar de cozinha. Mora sozinha.

É muito presente em nossas aulas, e por ocasião da entrevista, e por muito tempo, foi uma grande amiga da coordenadora do núcleo Diva Cabral. No entanto, após o recesso do meio do ano, Helena compareceu a apenas uma aula, e disse que passaria a ir exclusivamente para as da prefeitura e a fazer caminhadas nos outros dias.

Segundo ela, houve algum desentendimento com Paula, a coordenadora do núcleo Diva Cabral, e que não ia se sentir bem estando no mesmo ambiente que ela. Na aula seguinte, perguntei à coordenadora acerca deste assunto e ela relatou que não houve desentendimento algum e que não entende o comportamento de Helena. Isso me lembra o que Fátima falou a respeito de o grupo ser como uma família, ideia que carrega essa possibilidade de pessoas que estão sempre convivendo de perto terem conflitos ocasionalmente.

Quando faço o meu percurso em direção a ao Colégio Diva Cabral, comumente olho para a casa de Helena, e quando o cadeado está para fora, significa que ela não está em casa, o que tem acontecido sempre. No dia em que o cadeado estiver para dentro, pretendo ir lá e instar com ela para que volte ao núcleo e deixe aquela percepção de lado se possível for.

Tempos atrás, há um pouco mais de um ano, ela e Paula deixaram de ir para os núcleos porque a líder da época, Raimunda, tomava decisões com as quais não concordavam, como a de permanecer no espaço cedido pelo supermercado Canadá como local de aulas. Ele era inconveniente, pois havia sempre materiais de reformas na nossa área e um barulho incômodo de motores, que imagino serem de *freezers* gigantes.

Esse supermercado foi nosso ponto de encontro por aproximadamente 6 meses em virtude de algumas dificuldades encontradas com a diretora do Colégio, hoje já sanadas. Por causa de discordâncias assim, Helena e Paula preferiram se exercitar fazendo caminhada enquanto essa situação não mudava.

Helena tem uma fé bastante ativa, daí ser muito frequente na igreja e usufrua muitas programações desta natureza. É muito gregária e sempre fala, inclusive na entrevista, que gosta muito quando as pessoas estão juntas e reunidas, de maneira que os nossos encontros fazem muito bem: “Anseio pelos encontros que ainda vão acontecer. Gosto do núcleo tanto pelas pessoas, quanto pelas brincadeiras e o lazer de qualidade que temos ali”.

Helena é bastante cuidadosa: tem feito exames e tomado remédios para controlar o colesterol e a pressão. Costuma chamar as vizinhas para participar do núcleo e tem várias amigas em nosso grupo com as quais comumente enfrenta lidas do cotidiano, como ir ao posto de saúde, comprar algo na farmácia ou ir à igreja. Antes do PSBS, Helena era muito sedentária: “Eu não fazia nada, ficava só sentada, não ia para canto nenhum, não gostava de ir, mas aprendia a gostar. Muda a vida da pessoa.

Helena, tanto quanto várias das outras entrevistadas, afirma que quando falta as nossas aulas fica “mole” e que frequentá-las transmite “vigor na vida”. Também é uma fã dos momentos de dança. Deseja emagrecer e essa é uma insatisfação em sua vida: “Perco peso, mas volto ao ganhar, eu não sei se é por causa de ansiedade”. Também ela reclama dos recessos que acontecem: “A gente fica com saudade querendo que já recomece, porque já está acostumado naquele ritmo; fico ansiosa para recomeçar”.

Muitas vezes é pelo contraste que aprendemos a reconhecer certos aspectos da vida. Helena não é do núcleo de Fátima e diz que desde sua entrada no núcleo nunca houve passeio algum e gostaria muito que acontecesse. Mas, a partir das palavras de Helena, o que pode se compreender é que, como diz o ditado popular, “uma andorinha só não faz verão”, pois, segundo ela, a falta de viagens e até de encontros mais simples, como os cafés da manhã, que na verdade ocorrem, mas em menor frequência e proporção do que ocorre no núcleo Lagoa, se dá “porque ninguém chega junto. A Paula quer fazer, ela tem planos, mas ninguém chega junto. Até nos cafés da manhã, várias pessoas dizem que não podem, ou que não vai dar certo”.

Helena é uma mulher sensível, valoriza as relações e lembra com gratidão e carinho daquelas pessoas que já passaram, como a do Senhor Rubens, um antigo integrante do núcleo, mas que já faleceu. “A gente sentiu muito a morte dele, sabe?”

Existe uma simpatia grande entre mim e Helena, sentimento que me permitiu chegar em sua casa na manhã da entrevista sem qualquer aviso prévio, pedindo essa oportunidade. Ela me recebeu muitíssimo bem, com alegria, atenção e ainda providenciou lanche para mim. Sinto falta dela e estou tentando reconquistá-la para o núcleo.

Ainda que a temática da religiosidade/espiritualidade não tenha sido objeto nessa pesquisa, penso ser pertinente mencionar que foi comum a existência de símbolos sagrados nas residências, o que chama atenção para refletir que a aproximação com o divino também é uma significativa variável no tocante ao envelhecimento saudável e, portanto, relaciona-se à qualidade de vida.

Para Costa *et al.* (2008), o envolvimento religioso aparentemente tem um efeito protetor bastante significativo para o bem-estar físico, já que ter uma percepção biopsicossocioespiritual da saúde leva as pessoas a contemplarem a vida de maneira mais integrada, reconhecendo o vínculo da espiritualidade com outras dimensões da existência, sem ignorar que o enfrentamento das situações dolorosas é salutar para a melhoria da qualidade de vida e para o crescimento do ser humano.

Na casa de Alice existe um quadro do padre Reginaldo Manzotti; na de Bia há

uma daquelas pinturas antigas de um Jesus magro, branco, de rosto barbado e olhando para o horizonte. Na de Gleide, onde foram entrevistadas esta e Clara, pode-se observar facilmente uma bíblia enorme aberta sempre no Salmo 91, e também quadros de nossa senhora espalhados.

Na parede da sala de estar de Dora uma imagem de Jesus de corpo inteiro e estendendo as mãos para abençoar decora o ambiente, visão completada por esculturas de santos diversos e espalhados pelos quartos e corredor. Ela própria me deu um terço de presente por ocasião da entrevista.

Etelvina também tem santos esculpidos e livros religiosos em sua sala. Fátima talvez seja o caso mais emblemático, pois não apenas tem uma fé que foi essencial no processo de recuperação do câncer que já enfrentou, quanto tem desde muito antes deste tempo, o costume de todo dia 13 de cada mês ir assistir à missa na igreja da avenida 13 de maio em fidelidade ao voto que fez para que o filho fosse salvo de uma doença que sobre ele se abateu na infância.

Fátima contou que ela e o filho foram “desenganados pelos médicos”. Quando o jovem se curou, não apenas foi motivo de alegria quanto ficou essa promessa que jamais foi esquecida ou negligenciada. Além disso, as próprias alunas têm tal conhecimento sobre ela que a presentearam, no nosso encontro de fim de ano de 2023, com um imenso quadro da Santa Ceia, que arrancou dela muitas lágrimas nessa ocasião e que está em exposição em sua sala de estar.

Helena não é um caso diferente da média, pois não apenas é frequente na igreja, quanto em sua casa a televisão está sempre sintonizada no canal religioso, com transmissões de missas e de shows católicos. O que estava passando por ocasião de minha visita era a transmissão do padre Marcelo Rossi, cantando para uma imensa plateia a música “Erguei as mãos, e dai glória a Deus”.

Agora que temos uma visão geral acerca de todas as pessoas entrevistadas e de suas percepções em torno do PSBS, importa nas próximas seções, à luz da teoria, discutir sobre as políticas públicas, para só depois, refletir a questão social da velhice, no sentido de averiguar a participação ou ausência do Poder Público frente ao contrato social às necessidades da população idosa e, aqui, de modo específico, trazer à tona e avaliar criticamente, a proposta da Organização Mundial da Saúde (OMS), já predominante nos trabalhos de grupo, o *Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde*.

3 POLÍTICAS PÚBLICAS, TEMPO E LUGARES: UMA HISTÓRIA HETEROGÊNEA

Não é possível rastrear exatamente o tempo no qual nasceram as primeiras medidas reconhecíveis como políticas sociais, mas é um fato que, amiúde, considera-se que suas raízes remontam ao final do século XIX, conectadas a lutas e mobilizações trabalhistas de natureza social-democrata, bem como a formação dos Estados-nação da Europa ocidental. Já a sua difusão de modo mais amplo é radicada na transição do capitalismo concorrencial para o monopolista, fato posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial (Bonfim, 2010).

A caridade individual e a filantropia são exemplos de medidas isoladas de caráter assistencial vistas como formas primitivas de políticas sociais e meios através dos quais as sociedades pré-capitalistas comprometiam-se com o social, tendo por objetivo combater a ociosidade e preservar a estabilidade da sociedade.

As leis comumente apontadas como as pioneiras nesse sentido têm procedência inglesa e remontam a um tempo anterior à revolução industrial. Behring; Boschetti (2017, p.48) por meio de Polanyi (2000), citam seis legislações que configuram esse estágio embrionário das proteções sociais:

- . Estatuto dos Trabalhadores (1349)
- . Estatuto dos Artesãos/ Artífices (1563)
- . Leis Elisabetanas dos Pobres (1531 a 1601)
- . Lei de Domicílio (Settlement Act)(1662).
- . Speenhamland Act (1795).
- . Lei Revisora das Leis dos Pobres, ou Nova Lei dos Pobres (Poor Law Amendment Act) (1834).

O Estatuto dos Trabalhadores, de 1349, foi consequência de um acontecimento conhecido até hoje como Peste Negra, Grande Peste ou Peste Bubônica, sendo de conhecimento quase universal a magnitude do impacto dessa doença que ceifou as vidas de 50% a 75% da população europeia de meados do século XIV, dano ainda maior que o da grande fome europeia, tragédia do início do segundo quarto do mesmo século (Jesus, 2019).

Uma consequência bastante relevante da epidemia foi a medida adotada pela coroa inglesa para tentar fazer com que os ganhos dos camponeses e outros trabalhadores fossem os mesmos de antes da Peste Negra, a saber, o Estatuto dos Trabalhadores, que tinha

por objetivo obrigar essas pessoas a aceitarem qualquer serviço, quer o considerassem minimamente viável ou não.

Essa foi uma manifestação antiga de um fenômeno que viria a se repetir várias vezes *a posteriori*, que é a intervenção das crescentes forças do Estado (nesse caso, a monarquia) e seus aliados na vida política. A tentativa de trabalho obrigatório acabou por resultar na revolta campesina de 1381 (Jesus, 2019).

O referido estatuto tomava a organização de trabalhadores como algo criminoso e determinava um teto salarial ao qual essa classe era obrigada a se sujeitar, sob pena de coação física (Marx, 1996). A política salarial da época pregava e forçava que a população deveria se manter pobre para enriquecer o país, e para conseguir isso, criou leis para controlar o dia a dia dos trabalhadores e tirar deles a possibilidade de associação. Já o trabalho infantil não apenas era permitido como estimulado.

A mesma Coroa Inglesa promulgou, em 1563, o Estatuto dos Artífices, também em resposta aos danos ocasionados pela Peste, que foram bastante duradouros. Essa legislação introduzia a regulamentação dos salários máximos e seu objetivo era proteger não os trabalhadores, mas os empregadores de aumentos reais dos salários, já que os preços estavam em constante elevação (Prado, 2018). As duas leis, a dos artesãos e a dos trabalhadores, se constituíram por muitos anos como os pilares das leis trabalhistas inglesas até o começo do século XVIII.

As Leis Elisabetanas dos Pobres consistem em uma série de medidas que tinham por objetivo controlar a força de trabalho no século XVI, diferenciando mendicância advinda de incapacidades físicas daquela oriunda de simples ociosidade. As condições de vida na época eram deterioradas, o que elevou o número de mendigos nas cidades e acabou por fazer surgir essas leis draconianas contra a vadiagem (Rusche; Kirchheimer, 2004).

Uma dessas leis, de 1547, estipulava, em favor de quem denunciasse, a escravidão por dois anos de vagabundos. Mesmo ainda em 1530 já era previsto em lei que pessoas nessa condição, se saudáveis para o trabalho, poderiam ser presas e receber punições físicas por açoitamento, e, em caso de reincidência, ter metade da orelha cortada (Marx, 1996, p.851).

Em 1572 a Poor Law (lei dos pobres) passou a existir e decretava que todos os pobres capacitados deveriam trabalhar por seu próprio sustento, cabendo às paróquias de cada lugar providenciar serviços e cobrar taxas e impostos sobre os arrendatários e ricos para sustentar os asilos das pessoas contempladas por essa lei (Coutinho, 2005). Ela previa também pena de enforcamento para mendigos saudáveis reincidentes, mas destinava impostos à

manutenção dos pobres incapacitados e a oferta de trabalho obrigatório aos ociosos (Jinkings, 1912).

Devido às dificuldades da época, mesmo as pequenas proteções eram almejadas pelos mais pobres, de maneira que certas localidades poderiam atrair mais pobres. Tal fenômeno ocasionou o surgimento da Lei de Domicílio, que impedia a mobilidade das pessoas ao dispor acerca das responsabilidades dos locais quanto ao poder de expulsar quaisquer novos chegados que não pretendessem trabalhar e não tivessem recursos.

Dessa forma, os menos privilegiados seriam fixados à sua paróquia de origem, o que restringia o trânsito de mão-de-obra e a mobilidade de pessoas pobres (Costa, 2005). Alguém só poderia mudar de local se tivesse a permissão da respectiva liderança; essa lei só caiu em desuso em 1795, o que permitiu melhor acesso ao mercado de trabalho por parte das populações mais desfavorecidas.

Após lutas de classes e embates diversos, veio a cair a Lei de Domicílio, e a vigorar a *Lei de Speenhamland*, cujo nome faz referência a uma localidade na Inglaterra, através da qual ficava garantido o “direito de viver”, pois ela não exigia de qualquer pessoa a permanência em um asilo de indigentes para que recebessem assistência social externa, e “proclamava que nenhum homem precisava temer a fome porque a paróquia o sustentaria e à sua família, por menos que ele ganhasse” (Polanyi, 2002).

A *Lei de Speenhamland* conseguiu estabelecer um “sistema de abonos” para complementar os salários a que os trabalhadores faziam jus, ajustado de acordo com a tabela do pão. Foi abolida, essa legislação, apenas em 1834, com o nascimento da Nova Lei dos Pobres (Poor Law Amendment Act), que prescindiu de todo o protecionismo, territorialidade, servidão paroquial e quaisquer formas de “obstrução ao mercado de trabalho”, como eram vistas pelos capitalistas as leis de proteção dos pobres.

Acabava, portanto, o “direito de viver”, sendo abandonados legalmente através de “reforma social”, como se demolição fosse reforma, tanto os pobres trabalhadores (chamados de “pobres merecedores”) quanto os desempregados e indigentes que habitavam em albergues (Coutinho, 2005).

Em toda a história moderna talvez jamais se tenha perpetrado um ato mais impiedoso de reforma social. Ele esmagou multidões de vidas quando pretendia apenas criar um critério de genuína indigência com a experiência dos albergues. Defendeu-se friamente a tortura psicológica, e ela foi posta em prática por filantropos benignos como meio de lubrificar as rodas do moinho de trabalho (Polanyi, 2002, p.105).

Antes de um aprofundamento em torno das raízes europeias das políticas sociais é importante vislumbrar, ainda que de maneira não muito demorada, outras culturas manifestaram caridade e ações assistenciais. O islamismo, por exemplo, tem desde o século VII, o *Zakat* registrado em seu livro sagrado, o Alcorão, em cujas páginas consta que deve ser estabelecida a oração e as esmolas prescritas purificadoras, o *Zakat* (“O Alcorão”, Surata al Baqara, Versículo 43).

Essas ofertas estão entre os pilares do islamismo e é algo compulsório a todos que possuem acima de determinado valor e sua finalidade é o bem-estar da sociedade (Unal, 2015). O ato de retirar de seu próprio sustento para ajudar o próximo amolece o coração e trabalha a consciência de responsabilidade social que toda pessoa deve ter. Aquele que nega sua obrigatoriedade, cai na descrença e sai da religião, deixando de ser muçulmano (Jaber, 2017).

O pagamento do Zakat reduz, no mínimo, o sofrimento daqueles membros da sociedade menos favorecidos materialmente, aumentando assim o seu nível de bem-estar, atuando também como instrumento de crescimento e estabilização econômica da sociedade. Pois o pagamento do Zakat desencoraja fortemente os poupadores de entesourarem a manter os seus recursos parados fora da circulação de renda, incentivando-os a empregarem seus recursos em algo produtivo, gerando assim mais empregos. Desta forma, o Zakat é mais efetivo do que a instituição capitalista dos juros (Isbelle, P. 207, 2003).

Para Abdalati (1989), o *Zakat* representa uma manifestação tangível de conexão espiritual e solidariedade humanitária entre o indivíduo e a comunidade. Ele constitui uma evidência sólida de que o Islã não se opõe à propriedade privada nem condena a posse de bens pessoais, no entanto, rejeita veementemente o egoísmo e a ganância do capitalismo.

Já a religião *Sikh* foi fundada em 1469 e é, comparativamente, uma religião nova, mas que já conta com uma adesão consistente de milhões de praticantes na Índia e ao redor do mundo. Ela enfatiza a importância de cultivar valores e ações virtuosas que levem à melhoria da sociedade (Singh; Tuteja, 2022).

De acordo com os autores ora referidos, um dos princípios basilares dessa religião é o *Sewa* (serviço altruísta), que visa a atenuar a situação de pobres, vulneráveis e pessoas em necessidade. Os *sikh*, como comunidade, sempre foram destaque no que tange às ajudas à sociedade, especialmente aos pobres, através do “Langar as gratis”, cozinhas gratuitas que atendem a todos, independentemente de sua origem étnica, religião ou casta.

Manifestações recentes desses gestos altruístas incluem a provisão de comida e abrigo à comunidade muçulmana da Caxemira, vítima de inundações em 2014, bem como a diversos grupos vítimas da pandemia da COVID-19. Tais auxílios atenderam pessoas sem diferenciá-las, honrando a justiça pregada por seus princípios.

O judaísmo exercita a caridade mormente através da *Tzedaká*, palavra cuja raiz vem de “justiça” em hebraico. É mais que caridade, deve vir do coração, implicando doação voluntária. É um ato de justiça, e sua prática, ensina o *Talmude*, “é igual a todos os mandamentos juntos” (Telushkin, 2019).

Em épocas nas quais os judeus tinham governos próprios, a *Tzedaká* era cobrada do mesmo modo que atualmente se faz com os impostos. Consta no Torá, livro que contém as escrituras religiosas judaicas, e conhecido como Pentateuco, a primeira legislação sobre o doar a *Tzedaká*. Devem os judeus, segundo Deuteronômio (o quinto livro da Torá) 26:12, doar 10% de sua renda aos pobres a cada três anos e, segundo Levítico (o terceiro livro da Torá) 19:9 e 10, uma oferta da colheita a cada ano. “Abra a mão tanto para o pobre como para o necessitado”, diz a Torá em Deuteronômio 15:11 (Bíblia Sagrada, [s.d.]).

Este trabalho não pretende se debruçar *ad nauseam* nas formas antigas e religiosas de caridade, mas os exemplos citados até aqui e outros tantos que a literatura pode apresentar a quem quiser conhecer (a assistência social no Jainismo, a assistência aos idosos da família no Confucionismo, o Dana no Budismo, a Potlatch nas culturas indígenas da América do Norte, o Gleaning na Europa Medieval, e tantos outros) servem para demonstrar, historicamente, quão forte é influência da religião para com a responsabilidade social.

Além das legislações escritas em textos religiosos como o Corão e a Torá, estatutos e leis em diversos Estados-nação surgiram com características assistenciais. Essas legislações instituíam códigos autoritários, sancionadores, retributivos, e através deles a sociedade tinha meios de estipular a obrigatoriedade do trabalho a todos que não conseguissem sobreviver de outra forma, coibir a mendicância pelos menos favorecidos, moderar os vencimentos, tirando dos operários qualquer poder de barganhar seus ganhos. Fica inteligível que esses primeiros códigos tinham caráter de repreensão e não de proteção.

Para Castel e Poletti (2008), várias dessas iniciativas eram vinculadas a modelos de coerção laboral, ao mesmo tempo que proporcionavam benefícios básicos como refeições para subsistência e “casas de trabalho”, nas quais os desamparados deviam trabalhar para fazer jus à ajuda recebida.

Para estes autores, o objetivo maior dessas leis era perpetuar o sistema convencional do trabalho e restringir a ascensão dos empregados. Para isso, elas distinguiam os necessitados entre dignos e não-dignos de receber aquele amparo, ainda que bastante limitado. Os primeiros incluíam pessoas realmente sem condições de contribuir com o “suor do seu rosto” para o progresso social.

Do último grupo faziam parte os que dispunham, mesmo que de modo precário, de meios para essa tarefa. A proteção concedida aos pobres legítimos era bastante restrita e baseava-se, supostamente, na filantropia do cristianismo e altruísmo, mas não com enfoque legal ou de direito (Behring; Boschetti, 2017).

Quem vê essas leis elencadas e organizadas em ordem na linha temporal, poderia pensar que elas foram evoluindo de modo a alargar a extensão dos benefícios sociais, aumentando-lhes o número e a força; mas estudar a história da sociedade é aprender que não há direitos ganhos para sempre, nem garantias que não possam regredir. Vemos um notório exemplo disso ao contemplar a lei de *Speenhamland*, que entrou em vigor no final do século XVIII, e que levando em conta o valor cobrado para comprar pão, complementava os salários visando a possibilitar essa necessária aquisição.

Tanto aos sem emprego quanto aos que trabalhavam, mas que fizessem jus a um valor menor que essa respectiva quantia da época, era fornecida essa proteção social, grau de abrangência inédito em se tratando dessas seis leis há pouco citadas, com a única demanda imposta a esse público sendo o caráter estacionário do seu ofício, já que o objetivo era manter aquele recurso humano ali.

Na visão de Polanyi (2000), o que nascia com a lei de *Speenhamland* era o “direito de viver”, algo definitivamente inovador em vários aspectos. Parte dessa revolução está no fato de esse acesso à alimentação, ainda que bastante contido, deixava de ser baseado em altruísmo ou costume e se estabelecia em lei, tornando-se um direito garantido.

O mesmo autor cita, contudo, que não tardaram a surgir paradoxos, pois se a lei de *Speenhamland* significava que a lei deveria ser aplicada com generosidade para os pobres, o que se deu em seguida foi algo bem antagônico a essa intenção, já que a lei Isabelina forçava os pobres a trabalharem em condições extremamente sacrificantes. Apenas os que não encontrassem emprego fariam jus a um subsídio. Não existiam socorros nem complementos salariais de qualquer natureza.

Algo peculiar na visão do mesmo autor é o entendimento de que tal avanço social funcionou como freio, um efeito retardante a atrasar a chegada do mercado de trabalho competitivo, visto que a possibilidade de provento mínimo tirava dos trabalhadores a urgência de submissão a condições demasiado opressoras de trabalho. Além disso, uma concessão a mais lhes proporcionava um poder limitado, mas bem-vindo, de barganhar condições de atuação laboral.

Esse tempo de iluminação encontrou seu ocaso aos 39 anos, idade na qual a lei de *Speenhamland* foi substituída pela Nova Lei dos Pobres (*New Poor Law*) em 1834, que veio a

privilegiar, sobremaneira, o capitalismo e a natureza liberal do trabalho que se desejava estabelecer.

A dedicação laboral torna-se o meio *sine qua non* de consecução de renda, ao mesmo tempo em que empurrava para os menos favorecidos o imperativo de trabalhos coercitivos. Aos miseráveis e incapazes, restava o predatório capitalismo sem rédeas e ajuda nos albergues com suas condições precárias de existência.

A lei mais recente fez com que desaparecessem as possibilidades da Lei *Speenhamland* que se tinham como direitos conquistados, e ainda por cima retomou o imperativo de serviços obrigatórios, algo que ao mesmo tempo, obrigava os menos favorecidos minimamente capazes de trabalhar a funções abusivas, e sem meios de negociação com os patrões, entregando ao acaso a massa da população miserável agora vulnerável à exploração desregulada desse capitalismo emergente.

O capitalismo burguês na sociedade da época, mas também na atual, pois é esta a sua essência, fazia com que a humanização e a dignidade comumente atribuídas ao trabalho fossem dele subtraídas, agregando-se em seu lugar uma essência de produção para a troca. A força de trabalho se constitui, por não passar de uma mera mercadoria, em mecanismo de valor de troca e de uso.

As manifestações do capitalismo, que são multifacetadas, geram agruras sociais que requerem providências, respostas que as diversas formas de proteção social e políticas sociais fornecem. Grupos, entidades e indivíduos históricos originam tentativas de lidar com essas ameaças e confrontá-las.

Foi assim que nasceram os movimentos e iniciativas de proteção social, como reações a quadros que já não se podem aceitar. São expressões da questão social, uma categoria que manifesta a contradição essencial do modo capitalista de produção. Contradição, esta, fundamentada na produção e confisco da riqueza socialmente gerada: os trabalhadores produzem a riqueza, os capitalistas a confiscam. Quer dizer, engendram desigualdades conectadas a diversos setores, inclusive o do trabalho, que se convertem, no cenário capitalista, em realidades de exploração (Behring; Boschetti, 2017).

É dessa forma que o trabalhador não goza das riquezas por ele criadas. Nas palavras de Teles (1996, p. 85):

[...] a questão social é a aporia das sociedades modernas que põe em foco a disjunção, sempre renovada, entre a lógica do mercado e a dinâmica societária, entre a exigência ética dos direitos e os imperativos de eficácia da economia, entre a ordem legal que promete igualdade e a realidade das desigualdades e exclusões tramada na dinâmica das relações de poder e dominação.

Para Harvey, a abordagem marxista busca compreender e explicar a problemática social, o aumento da pobreza e as disparidades econômicas. Há elementos que se entrelaçam: A consistente ausência de empregos para uma massa cada vez maior da população; a lei do valor, que lida com a dimensão econômica da produção de mercadorias; trata-se também do conceito de trabalho como uma lida essencialmente humana, carregada de identidade, subjetividade, tradições e experiências de vida (Harvey, 1993).

Harvey fala de um vácuo moral criado no âmago da sociedade capitalista que impede uma conexão social entre os membros daquele ambiente. O sistema capitalista falha como um sistema central de valores que articule mesmo as mais mundanas aspirações e esperanças humanas. Ele cria uma comunidade, mas desprovida de paixões morais ou significado humano.

Em Mészáros (2020) confirmamos que uma compreensão profunda da sociabilidade capitalista se conecta necessariamente à história da origem das lutas de classe, de maneira que se faz necessário examinar relações de causa e efeito que se relacionam aos modos de produzir e reproduzir do capitalismo, bem como seus elementos de ruptura e resistência.

Mészáros também aponta para a frequência e intensidade das crises do capitalismo, eventos que não são casualidades passageiras e imprevistas, mas problemas que possuem razões para terem ocorrido e para voltar a ocorrer futuramente. Dívidas astronômicas, desemprego em nível inaceitável, crises climáticas, condições mínimas de existência humana colocadas em xeque; tal é o resultado do capitalismo sem rédeas que tem sido adotado como se normal fosse.

Retomando as protoformas das políticas públicas, vale destacar que a última metade do século XIX é palco de um inédito alargamento do tempo de trabalho, de exploração absurda dos trabalhadores, e da atuação laboral até mesmo de idosos, mulheres e crianças. A amálgama desses fatores faz com que a luta de classes exploda em manifestações e greves ávidas por negociar o valor da força de trabalho e a duração de sua jornada (Marx, 1982).

A burguesia encontra respostas para essa ebulição, que incluem solicitações de que o Estado intervenha em seu favor, bem como compromissos formais específicos e que não tardam a cessar ou se provarem logros e ardis. Isso se dá porque, segundo Marx, para o capital, “se o trabalhador consome seu tempo disponível para si, então rouba ao capitalista” (Marx, 1982).

É natural da burguesia querer perpetuar o caráter capitalista da produção, isso como meio de sua própria sobrevivência. Ela se vale dos meios necessários, honestos ou não, para se manter e isso se faz mais viável nos casos em que tal sistema formou tanto o Estado quanto a sociedade conforme sua imagem. Tudo o que for preciso para manter sua supremacia, ela fará (Marx, 2015).

A definição da jornada de trabalho padrão surgiu após uma longa batalha ao longo de séculos entre empregadores e trabalhadores. O momento crucial para a criação legal de uma jornada de trabalho de 10 horas ocorreu durante as lutas de 1848, embora essa legislação fosse inicialmente uma medida excepcional e que levou anos para se normalizar (Marx, 2013).

Essa discussão sobre a duração da diária de trabalho revela o surgimento do conflito entre diferentes classes sociais e a emergência de uma solução, marcando a aurora da regulamentação das conexões entre o capital e o trabalho (Marx, 2013). Sob esta perspectiva, a legislação industrial pode ser vista como antecipadora do papel que o Estado desempenhará em relação às classes sociais e aos direitos sociais no século XX.

Tratou de uma prolongada luta interna que continuou a ser intensa no final do século XIX e na transição para o século seguinte, demandando a expansão dos direitos, mesmo diante da oposição das classes burguesas que se apegavam ao liberalismo mais tradicional, o que limitou as perspectivas de desenvolvimento das políticas sociais, pelo menos até a década de 1930 (Hobsbawm, 1995).

Além dessa oposição mais formal das classes burguesas, ela impõe formas de resistências veladas tanto por si quanto através de defensores ortodoxos de livre mercado. Para Hobsbawm contribuem indiretamente para a permanência da hegemonia burguesa os profissionais de economia práticos e teóricos, que não apenas carecem de habilidades de compreensão e resolução de grandes crises, a exemplo da grande depressão, como são dotadas de uma fraca e curta memória, motivo pelo qual memorialistas profissionais e historiadores são tão necessários para a construção e desenvolvimento da sociedade (Hobsbawm, 1995).

O mesmo autor defende que é importante que os movimentos e planejamentos que forem realizados pela ação pública devem ser iniciados por quem acredite em valores de liberdade, razão e civilização; caso contrário inevitavelmente acontecerá por quem não acredita. As crises que com seu crescimento tendem a gerar as revoluções de que fala Hobsbawm podem ser caracterizadas por regimes nacionalistas, xenófobos, demagógicos e direitistas; por isso se faz necessário aprender com o curso da história, evitando repetições de erros através de iniciativas que tomem, potencialmente, rumos já conhecidos.

Antes que as políticas sociais pudessem de fato nascer e florescer, elas foram adiadas e impedidas, sendo o principal elemento contraceptivo o forte liberalismo predominante do período que envolve da segunda metade do século XX até fim do primeiro quarto do século seguinte. Sob sua bandeira, o livre mercado é o regulador dos preços e relações comerciais, e o trabalho é meramente uma mercadoria cujo insumo é o trabalhador (Behring; BoschettI, 2017).

O liberalismo prega a ideia de que a atuação individual visando à consecução dos próprios objetivos financeiros, e em conjunto com as ações das outras pessoas, acaba por resultar em um bem-estar comum, fruto da mão invisível do mercado (Smith, 2003).

Nesse sentido, uma atuação mais vigorosa do Estado impede que o mercado seja capaz de gerir as relações sociais, de modo que o papel estatal poderia se restringir a criar e manter o arcabouço de leis que direcionam as ações humanas. Existe flagrante contradição no vínculo estabelecido entre burguesia liberal e Estado, pois este esteve sempre a viabilizar, como condição *sine qua non*, o universo do capital.

O Estado teve motivações e atuações distintas ao longo de sua história. Se em tempos feudais teve uma essência controladora e desaceleradora dos desejos e paixões humanas (Carnoy, 1988), não se pode esquecer que entre suas raízes esteve a necessidade de que o poder político se encontrasse com grupos de homens que tivessem como objetivo impedir a guerra de todos contra todos. Assim, defendia Locke que as pessoas que compõem cada sociedade entram em acordo explícito ou tácito no sentido de salvaguardar as diversas condições de existência, posses e liberdade (Locke, 2018). Para ele, o sustentáculo de uma sociedade equânime e pautada na retidão é a propriedade.

Para Rousseau, no entanto, a propriedade foi meio de degeneração da sociedade civil, sendo palco da manifestação do Estado enquanto mecanismo de manutenção das injustiças e disparidades sociais a serviço dos ricos e forças no poder. É daí que surge a necessidade do contrato social, que origina um Estado baseado em leis supostamente escolhidas pelo desejo coletivo e que seriam capazes de abrandar as desigualdades sociais (Rousseau, 2017).

O liberalismo tem no Estado um mal necessário por um lado, mas um instrumento de apoio por outro, a fornecer unicamente, em tese, as leis que viabilizam um livre mercado livre e que, influenciado unicamente pela *mão invisível*, acaba por elevar as benesses à sociedade.

Para Adam Smith apenas a provisão de obras públicas e a defesa, tanto contra inimigos externos (outros países), quanto contra internos (pessoas que ameaçassem a

segurança de seus cidadãos) seriam funções precípuas do Estado. Em seu entendimento haveria uma moral em todas as pessoas que buscavam lucro, ou seja, coesão social e acúmulo de bens e valores poderiam andar de mãos dadas (Smith, 2003).

É esse raciocínio que ganha raízes enquanto se fortalece a burguesia. Sociedades diversas passam a operar segundo uma lógica na qual o merecimento é um pilar importante, e ideias de pensadores diversos foram usadas no intuito de agregar veracidade a esse modelo de existência.

Malthus e Darwin estão entre eles: a *seleção natural* foi um argumento para justificar estratificações entre as pessoas, enquanto as “leis da natureza” daquele estavam a ser desafiadas sempre que se colocava em prática algum tipo de proteção social, e que esta acabava por elevar o número de pessoas em situação de pobreza (Darwin, 2009; Malthus, 2017).

Impõe-se, especialmente nesse contexto europeu, um ambiente de *não-política* para os menos favorecidos, um compromisso de não assistir a essas pessoas por uma crença de que seria prejudicial à sociedade como um todo gastar seus recursos com elas; dever-se-ia, em vez disso, citando uma ideia de Foucault, vigiá-los e puni-los. No lugar de proporcionar negociações mais dignas entre trabalhadores e patrões, falava-se em “preço natural do trabalho”, fenômeno pelo qual não se deveria regulamentar salários de forma alguma (Foucault, 2013).

Nisso manifesta-se visível contradição do liberalismo, já que é notório o abandono dos pobres por um lado, mas a adoção e proteção da burguesia por outro. Necessidades sociais eram notadamente negligenciadas e deixadas de lado; leis e direitos trabalhistas eram refreados e negados. O patronato e classes abastadas, no entanto, tinham suas vontades garantidas e defendidas pelo Estado.

Impõe-se a quem quiser ver uma série de características do liberalismo que reflete e denuncia o *modus operandi* da sociedade da época. As necessidades humanas devem permanecer insatisfeitas, como um fator a conter o crescimento populacional, leia-se, impedir vida e reprodução dignas. A pobreza extrema passa a ser algo sem solução e que deve ser aceito como um fato da vida, algo inevitável, não resultado de políticas deliberadas de abandono e negligência, e de oportunidades desiguais de consecução de bens e direitos (Behring; Boschetti, 2017).

Impera nesse contexto um raciocínio que privilegia a pessoa como um sujeito de direito, a quem se deve respeitar o ir e vir, a propriedade, o comércio do que lhe pertence,

entre outros direitos civis. Essa defesa, contudo, não era para a sociedade, mas para o indivíduo.

Além do *Estado Mínimo*, modo de condução do Estado pelo qual deve-se priorizar a garantia unicamente da segurança externa e interna, o livre mercado e a propriedade, prioriza-se a competitividade e a liberdade, sem que se observe, entretanto, que inexistem equidade e equilíbrio no acesso a oportunidades.

Em tese as pessoas podem escolher o que mais lhes apetece em suas decisões e esforçar-se no intuito de alcançá-las, mas à maior parcela da população é negada qualquer chance de obtenção de condições básicas de existência e mais ainda de ascensão social.

Corroborando esse modo de construir a sociedade, a venda da força individual de trabalho é a forma mais comum de tentar conseguir bem-estar próprio e para a família, não se devendo esperar apoio algum estatal no sentido de proporcionar serviços públicos, bens, lazer, direitos trabalhistas, saúde, etc.

Na visão dos liberais, caso o Estado propiciasse tais medidas benéficas, ele estaria a fomentar pobreza e miséria, praticamente financiando o desperdício e o ócio, algo que acabaria por arrefecer a vontade e a necessidade que impelem os cidadãos ao trabalho e a esforçar-se em prol de seus objetivos e bem-estar, o que em último caso, coloca em perigo a sociedade de mercado.

Para este modelo de Estado, se a pobreza deve ser combatida, isso deve ser conduzido principalmente pela caridade individual ou de eventuais organizações que assim quisessem agir. Não caberia a ele tentar, através de políticas sociais, atenuar as condições de idosos e pessoas com deficiência, por exemplo, senão por medidas mínimas e paliativas, já que a miséria é algo inerente à sociedade e para a qual não há de fato uma solução (Behring; Boschetti, 2017).

Já ao final do século XIX, devido a essa prevalência de ideias liberais e adotadas pelas nações capitalistas, observa-se que não se enfrenta verdadeiramente, a questão social, nem as condições socioeconômicas ou bem-estar dos trabalhadores. De todas as lutas, insatisfações, requisições, surgem apenas mudanças marginais, avanços distantes de algo mais significativo.

Pierson (1998) afirma que a transição para o século XX apresentou ausência de alterações drásticas do Estado liberal para o Estado Social Capitalista. O que se percebe é que os incrementos que houve, ou seja, a adesão a diretrizes social-democratas com alguma alocação de recursos em políticas públicas, se mostraram insuficientes para caracterizar uma

validade e endosso reais de direitos dos trabalhadores e parcela desfavorecida da população, confirmando a hegemonia das estruturas capitalistas.

Apesar da timidez dos avanços sociais, a verdade é que cada passo importa e é imperativo defender seu progresso. É consenso entre os/as autores/as que estudam o tema situar o quarto final do século XIX como o palco da assunção mais ampla da criação de iniciativas sociais pelo Estado de modo mais estruturado, metodizado e compulsório. Tal progresso ocorreu de forma paulatina e não uniforme em função do poder de mobilização e influência da classe trabalhadora, bem como do nível das capacidades produtivas relacionadas às dinâmicas de poder na esfera do Estado.

Pierson (1998) acredita que não bastam apenas umas poucas medidas de regulação pública para caracterizar a presença políticas sociais em uma nação. Sua realidade se dá de fato apenas quando certos aspectos se fazem notar. Todos eles sendo consequências de lutas de classes dos trabalhadores e de posicionamentos da social-democracia, como o ocorrido na Alemanha em 1883 e anos vindouros.

Pierson mencionou acerca dos problemas que enfrentamos hodiernamente como o do envelhecimento da população em escala internacional. Ele há afirmava que mesmo os países com sistemas voltados para o bem-estar e seus respectivos padrões de contribuição tornar-se-iam insustentáveis, já que foram criados e planejados pensando em sociedades nas quais os auxílios eram compostos por montantes bastante restritos e os aos de aposentadoria que os idosos poderiam gozar seriam comparativamente poucos.

Como que vendo com evidência os desafios que ora se apresentam, Pierson defende que como agora existem formas mais generosas e amplas de concessão desse auxílio, e um sistema de saúde pública bem mais difundido, e que é desproporcionalmente consumido pelos idosos, os quais agora vivem várias décadas de aposentadoria.

Eis um desafio de suprir essas demandas taxando um grupo cada vez menor de contribuintes. Estas são novas frentes a serem combatidas em lutas de classes, pois dada a crise o Estado há de buscar alternativas para a manutenção dos privilégios já existentes das classes mais abastadas.

Quando se fala dessa origem europeia das políticas sociais, há que se levar em conta que os países foram dando passos distintos e avançando de modo não igual, mas o progresso de uns foi influenciando os outros e promovendo uma melhoria generalizada que hoje embasa tantos estudos da área.

O surgimento de amparos sociais propriamente dito deve ser alicerçado por um espírito de seguro social que deve resguardar as pessoas em caso de necessidades, como

desemprego, doenças, invalidez e velhice, não em algo meritocrático (Pierson, 1991). A abrangência das medidas é ampliada e contempla então não apenas pauperismo absoluto.

Essa guinada é fruto de importantes transformações da época: O percentual do PIB dedicado a sanar ou atenuar questões sociais foi ricamente reforçado ao longo de alguns anos, de modo que já no início do século XX a média chega a 3%, um valor inédito até então (Pierson, 1998).

A referida elevação se deveu ao fato de o Estado ter se tornado capaz de perceber os cuidados públicos como fundamentos essenciais da cidadania, e não como atraso ou impedimento para a participação política adequada. Assim sendo, torna-se viável a implementação de seguros sociais regidos por leis, como deveres e direitos, e não mais algo semelhante à caridade.

Caso se desejasse aprofundar ainda mais os fundamentos das legislações de assistência sociais, haveria dezenas de outras radículas, raízes ainda menores, mas sem as quais os avanços maiores não teriam sido possíveis. Exemplos alguns, no entanto, é relevante deixar aqui expressos.

Cabe ressaltar que as lutas de classes trabalhadoras por vezes tiveram como oponentes não apenas os patronatos, mas o próprio Estado, que com certas medidas tentaram, e não raro conseguiram, arrefecer as iniciativas trabalhistas (Behring; Boschetti, 2017).

Em diversos países os trabalhadores começaram a coordenar associações de poupança, subsistência e previdência com o intuito de viabilizar as greves e aumentar sua força e durabilidade. Na Alemanha, com a finalidade de enfraquecer tal iniciativa, Otto von Bismarck, chanceler em governo, instaurou um seguro-saúde de amplitude nacional e obrigatório, cobrança diante da qual ficava inviável continuar a contribuir com a caixa de poupança (Behring; Boschetti, 2017).

Essa intervenção coercitiva e outras afins têm, em tese, o objetivo assegurar rendimentos em caso de impossibilidade laboral por situações fortuitas e eventos inevitáveis ou imprevistos como doenças, idade avançada e acidentes. É em uma tradição assistencial que se ancoram o funcionamento e o papel complementar das primeiras legislações subsidiárias, exemplificadas por leis pontuais que auxiliavam pobres na Alemanha de meados de 1840 (Kott, 1995).

Do final do século XIX para o XX floresceram espécies de seguros privados com o objetivo de proteger categorias profissionais em diversos países. Existiam seguros obrigatórios contra doenças em aproximadamente 20 países europeus, e em mais de duas dúzias havia modos de aposentadoria baseada em contribuição, sem falar nas proteções contra

acidentes fabris, e incidentes industriais. Um número muito reduzido também contemplava a velhice, a doença e o desemprego, mas em todas essas iniciativas faltava o caráter universal.

Assim como Pierson (1998) penso que avanços como os que estamos a estudar, que ocorrem de modo difuso e em uma época de uma atuação limitada da imprensa, são difíceis de padronizar no que tange a suas origens. É mais seguro falar de tentativas de intervenção estatal nas políticas sociais de modo abrangente, já que seria improvável que se conseguisse, com um mínimo rigor, desenhar esse quadro de modo mais detalhado, que lhe fosse fiel em dissertar seus impactos sociais e políticos, o modo como surgiram e continuaram a aquisição e manutenção dos fundos, os parâmetros de gastos, cobertura, etc. (Pierson, 1998).

Trata-se, o período do final do século XIX para o seguinte, de um tempo de hegemonia de concepções liberais, motivo pelo qual concepções socialistas ou democratas não vingavam. Apesar disso, todas as nações da Europa desenvolveram modos de assegurar alguma renda a seus trabalhadores em situações diversas de incerteza e fragilidade entre 1883 e 1914. Na mesma época nove desses Estados preceituaram textos legais sobre ordenados para pessoas idosas e desempregadas e quase todos implementaram seguros-saúde (Behring; Boschetti, 2017).

A força liberal que tanto atrasou o florescimento das políticas sociais passa a dar sinais de arrefecimento, rachaduras caracterizadas por fatos como a escalada dos movimentos dos trabalhadores, cuja influência chega até o parlamento e outros ambientes sociais e políticos emblemáticos. Embora apenas após 1945, pós II guerra mundial, essas raízes ganhem robustez, o fato é que bem antes os operários e suas organizações foram adquirindo poder, de forma a requerer e conseguir pactos coletivos de trabalhos e ganhos de produção.

Outra importante fenda nos pilares liberais foi a aparição de grandes monopólios que passam nitidamente a influenciar o mercado, pois eles passam a ocupar uma parcela muito significativa sua. Montantes bastante substanciais são então necessários para criar e manter empresas, algo que comumente ocorre através de empréstimos bancários, algo que vem a se caracterizar como um casamento entre indústria e bancos (Behring; Boschetti, 2017).

As 1ª e 2ª guerras mundiais foram palcos de agressivas disputas entre empresas nacionais de grande porte em diversos países, o que veio a se tornar um marco importante pelo fato de as classes mais abastadas econômica e politicamente falando, por fim, reconhecerem que o mercado, se deixado livre e sem quaisquer influências do Estado, não tenderia necessariamente para o equilíbrio e o crescimento regrado, mas a rumos que poderiam resultar em eventos calamitosos como a grande depressão.

Essa crise, que durou de 1929 a 1932 e ocasionou desempregos em massa, pânico na Bolsa de Nova York, falências, suicídios e arrefecimento do comércio internacional (Sandroni, 1987), acabou por desencadear uma mudança no modo como a burguesia estava a encarar inocentemente o modo “natural” ou automático que o mercado supostamente seguiria se deixado à vontade.

Uma das consequências desse turbilhão para as políticas sociais foi a sua lenta, porém gradativa multiplicação e generalização no segundo pós-guerra. Simultaneamente a esse fenômeno a burguesia passa a questionar o outrora respeitado liberalismo ortodoxo.

O *New Deal*, programa determinante nesse processo, se caracteriza por um momento de intensa intervenção do Estado no fazer políticas voltadas para a indústria, a agricultura, o social e as finanças, circunstância que denota um retrocesso no que diz respeito ao liberalismo hegemônico até então (Behring; BoschettI, 2017).

Keynes, importante pensador que bastante agregou nos estudos acerca das relações econômicas e sociais, teceu proposições em concórdia com a ideia americana do *New Deal* e que auxiliaram na saída europeia da crise. Tanto os conceitos keynesianos quanto o *New Deal* apontam na direção de que, no intuito de atenuar os efeitos de crises semelhantes à de 1929, é imperativo haver medidas anticrise que incluem políticas sociais, que surgem e se fortalecem também devido a pactos sociais conseguidos em diálogo com movimentos operários (Keynes; Sousa; de Figueiredo, 1964).

Na época de Keynes, como na nossa, certos grupos defendiam austeridade financeira como resposta às crises diversas que o próprio capital engendra, e cuja culpa comumente coloca nas populações pobres, no pouco consumo, nas políticas públicas e sociais e em diversas medidas que visam conter a desigualdade social.

As respostas para as crises citadas por Keynes, sejam de desemprego, de aceleração inflacionária, ou de desaceleração do crescimento, não são sempre encontradas em sua obra, mas essa traz a segurança para construir algo novo com as condições que os tempos apresentam, e para rejeitar propostas velhas, que amiúde se travestem de novas roupagens (Keynes; Sousa; De Figueiredo, 1964).

3.1 A particularidade brasileira: conservação de um passado tão presente

O Brasil não é considerado um país que teve papel ou palco significativo nas origens da Revolução Industrial, de modo que apenas posteriormente a influência desse acontecimento se fez sentir por aqui. Também por consequência desse “atraso” as relações

sociais capitalistas se expandiram de modo distinto se comparado ao europeu, e parte disso é devida à condição brasileira periférica na esfera capitalista. Esse quadro apresenta características específicas que se mantiveram quando a mudança finalmente chegou ao Brasil.

Prado Jr. (2011) chamou de “sentido da colonização” os fluxos de negócios, comércios e mecânicas imbricadas que conjugavam a sociedade brasileira, suas dinâmicas econômicas internas e o mercado internacional. Vários pensadores da época de Caio Prado Jr. apontam essa lógica de sujeição e submissão do mercado brasileiro ao mundial, destacando que a depender de acontecimentos externos que aqui certos interesses vão, ou não, se estabelecer.

Além dos ecos advindos de fora, perduram também influências do passado recente da escravidão, que inspira o meio cultural brasileiro e incute em suas relações sociais uma aura de opressão e iniquidade, que alcança sua estética, hábitos, ética, linguagem, valores, sonhos e cultura (Mota, 1999).

Mota corrobora as ideias de Caio Prado Jr. trazendo em sua obra as relações de subordinação entre metrópole e colônia, essa marca indelével da formação social brasileira, bem como a capacidade de o Estado metropolitano ter meios para fazer valer os interesses mais fortemente a ele ligados, o que mais uma vez se traduzia em um Estado que protege as camadas já privilegiadas da nação.

Ianni (1989) exemplifica essa situação citando que mesmo dezenas de anos após o fim formal da escravidão persistem inaptidões e imperícias influenciam de modo decisivo os nexos e vínculos entre trabalho e capital, causando o que ele chama de desenvolvimento *desigual e combinado*, que se caracteriza por “uma formação social na qual sobressaem ritmos irregulares e espasmódicos, desencontrados e contraditórios”. A partir dessa visão, o novo Brasil da era do capital é uma nação hodierna maculada de ecos do progresso devido à conversão peculiar para o capitalismo, em um casamento entre tradicionalismo e evolução.

Essas diferenças se imiscuíram de tal forma nas camadas sociais que contaminaram as relações sociais criando formas de sociabilidade e jogos de forças sociais que colocam cada um em situações de hierarquia, de alienação e com marcantes necessidades de emancipação e lutas sociais. É como se a sociedade moderna, capitalista, burguesa, incessantemente fabricasse a questão racial e os antagonismos entre o feminino e o masculino, entre as classes sociais e outros problemas com implicações práticas e teóricas.

Para Fernandes (1975) foi apenas em 1922, com a independência do Brasil, que floresceu de fato o processo brasileiro de consolidação do capitalismo, pois esse acontecimento desencadeou a aparição de agentes econômicos outrora inexistentes, bem como

o rompimento com a hegemonia da aristocracia agrária. Essas mobilizações aconteceram sem que houvesse qualquer pacto de respeito, defesa ou consideração das elites pelos direitos dos cidadãos, o que confirma a preservação das desigualdades que são marca da história brasileira.

As elites do Brasil conseguiram manter os seus privilégios no domínio do liberalismo tendo em vista que não existiu uma participação verdadeira das massas nos processos decisórios que levaram à independência e nem nos acontecimentos que daí se sucederam, de maneira que mesmo que em tese agora o poder fosse ser emitido de dentro para fora, e não mais de fora para dentro, prevaleceram ideias e *modus operandi* conservadores (Fernandes, 2020).

Em uma onda que se percebe como extremamente persistente, já que ainda hoje é possível sentir seu impacto, o que se nota é que o Estado acaba por ser um mecanismo de as elites institucionalizarem suas vontades e legalizarem seus privilégios, havendo profunda incompreensão prática da diferença entre a *res publica* e a coisa privada (Fernandes, 2020).

Para Fernandes, os interesses senhoriais de outrora e seus modelos tradicionais e políticos de dominação influenciaram fortemente essa recém-chegada inserção do Brasil no capitalismo comercial, dialogando com os interesses imediatos das elites no poder. O que se percebe é que a ideologia liberal é indecisa, sem responder com assertividade à ruptura entre passado e presente, de maneira que esses dois “tempos” estão igualmente contidos nas opções históricas, conscientes ou não, que desencadearam a absorção do novo padrão de civilização.

Estabelece-se um quadro contraditório e convulsivo, pois as ideias liberais são necessárias e imprescindíveis, por um lado, mas intragáveis por outro, pois sua essência é o trabalho livre, mas a sociedade ainda é inerentemente escravista, moldada em relações de clientelismo e subordinação. Tudo isso configura um quadro bastante peculiar de formação do Estado brasileiro. É uma situação na qual tudo está fora de lugar, já que uma real conciliação entre liberalismo individualista e patronagem é impossível por definição. Mas houve, e há ainda, uma adoção imprópria e malfadada das ideias europeias no desenvolvimento da sociedade brasileira (Schwarz, 2000).

Cada país tem a sua própria história de nascimento e desenvolvimento das políticas sociais, de modo que elas não surgem de modo independente, isento das influências das agruras da sociedade em que se insere, mas concatenada com o passado e as lidas do meio em que se insere.

No Brasil não foi diferente, e é em um ambiente repleto de desigualdades, ambiguidades e antagonismos entre o patrimonialismo, mecanismo de manutenção e

preservação dos privilégios das classes mais favorecidas, e o liberalismo formal que se desenvolvem as políticas sociais (Fernandes, 2020).

A época da independência e os anos passados tiveram no mercado exterior o foco de suas ações, de maneira que a essência burguesa que aqui se instaurou em 1822 encontrou na exportação o cerne das transações comerciais da época. Isso marca fortemente essa fase do capitalismo brasileiro, pois o que se tem é um mercado voltado que para fora produz e para fora consome, em contraste com um *status quo* político e legal que se move de dentro e para dentro (Behring; Boschetti, 2017).

Não se pretende afirmar aqui que não houve qualquer transformação no sentido de converter as elites ao espírito burguês, mas é inegável que isso aconteceu com a devida conservação dos privilégios estrangeiros no que tange à economia do país (Fernandes, 2020).

Esses são traços visíveis da transição brasileira para o capitalismo: a continuidade de tradições como o foco no mercado externo; uma falta de conversão genuína do sistema colonial para o do capital; as incompatibilidades entre o que se passava na realidade e o texto da lei; uma simultaneidade peculiar entre os benefícios da aristocracia agrária; os comportamentos que faziam ecoar a escravidão e a nova circunstância de cidadão; trazida pela nova ordem social de concorrência. Tudo isso servindo para corroborar a visão de que cada ser humano tinha um nível social ao qual, sendo o Brasil “ingovernável sem a versão autocrático-paternalista do despotismo esclarecido” (Fernandes, 2020).

Diante do desequilíbrio que as barreiras levantas pela aristocracia agrária ocasionaram no processo de modernização, ou seja, do conflito entre desenvolvimento a pleno vapor e vontades senhoriais, o que vingou foi uma situação intermediária. Isso se traduziu em uma desaceleração do processo que levaria à modernidade que foi fruto do desejo dos antigos senhores de só permitir que as mudanças econômicas só acontecessem conforme o que lhes fosse mais confortável.

No Brasil, a conversão para o capitalismo aconteceu de um modo que muito arrefeceu as tentativas de priorizar o crescimento a partir de dentro, algo derivado de uma perspectiva bastante limitada acerca da potência e possibilidades do mercado interno. A essência da modernização foi incapaz de fazer frente aos propósitos agroexportadores.

As consequências de centenas de anos de escravatura no Brasil ecoaram fortemente no processo de surgimento e consolidação do trabalho livre, sendo condicionado ele a um modo conformista e paternalista de ser, e não em um meio de competição saudável como poderia ter acontecido. Esse conjunto de fatores atrasou inclusive a consolidação de uma consciência de classe mais robusta e as ações políticas e operárias do país. Nas palavras

de Fernandes (2020), “como não há ruptura definitiva com o passado, a cada passo este se reapresenta na cena histórica e cobra seu preço”.

Para Fernandes, se eventuais desavenças entre as elites eram suportadas e ajustadas, os desejos das classes desfavorecidas eram vistos como desafios deveras difíceis de lidar, fenômeno que atrasou uma revolução democrática e nacional. São esses aspectos de lentidão que diferenciam a condição a brasileira da europeia no que diz respeito ao “tempo histórico” do capitalismo central (Behring; Boschetti, 2017).

Corroborar essa visão a ausência de lutas operárias radicais no século XIX, algo resultante do passado escravocrata da nação. Dessa feita, foi apenas no início do século seguinte que a causa social surgiu como questão política, graças às novas legislações que visavam a beneficiar o mundo do trabalho e também às recentes movimentações de luta da classe operária (Fernandes, 2020).

Existe na criação dos direitos sociais uma ambivalência: Tanto funcionam como meio de validar o poder das classes dominantes, que os permitem como uma dádiva, quanto são consequência das lutas das classes trabalhadoras. No Brasil essa transformação assume uma faceta ainda mais peculiar, pois desde essa época, e quiçá desde antes, existe um enorme hiato entre um direito constar em letra da lei e ele ser realmente garantido.

É interessante notar os ecos que de tão longe reverberam até os dias atuais, pois não se pode deixar de notar um forte paralelo também com o fato de que os direitos sociais da época, como os de hoje, têm um status de inconstância e debilidade, sendo muito improvável a sua consolidação como pactos permanentes ou direitos inalienáveis (Prado Jr, 2011).

O palco para consecução e segurança das políticas sociais no Brasil é bastante complicado devido ao fato de o país ter ainda cicatrizes de seu passado escravocrata, de haver predominância de informalidade em transações diversas, de as classes mais favorecidas apresentarem descaso profundo com a democracia e com políticas que promovam condições mais equânimes, e de as lutas de classes serem árduas e difíceis como costuma acontecer. Isso tudo eleva as possibilidades de os mecanismos de proteção social serem débeis e escassos (Behring; Boschetti, 2017).

Ainda de acordo com as autoras ora citadas, desde a chegada dos portugueses ao Brasil até 1887 nenhuma legislação de proteção social foi instituída. Após esses quase quatro séculos de indiferença, houve sim a regulação de certas assistências, mas só no século XX se contempla a formação dos sindicatos pioneiros, e em 1907, após intervenção de imigrantes, é que se admite legalmente o direito de organização em sindicatos.

É essencial que se perceba que nesse ambiente do quarto derradeiro do século XIX o liberalismo que aqui se estabeleceu não permitia uma efetividade de nascimento e consolidação de políticas públicas, motivo pelo qual apenas *a posteriori* é que a pressão da classe trabalhadora consegue, e lentamente, alterar essa situação (Behring; Boschetti, 2017). E mesmo algumas das vitórias que se conseguem não deixam de estar inicialmente subordinadas a lógicas neoliberais e de capital, tendo em vista que privilegiam desempenho, restrição orçamentária e resultados. Ora, se o desempenho é o aspecto exclusivo para validar uma política, que relevância tem outros parâmetros como o respeito à liberdade de pensamento, de consciência, de expressão, a força com que tentam defender e preservar direitos, dignidade e outros aspectos importantes? (Dardot; Laval, 2017)

É possível inclusive fazer um paralelo com a velhice: se aquilo que se valoriza na pessoa idosa for apenas o que se liga a ideias de produtividade, de empreendedorismo, do que ainda pode servir para o lucro de forças do capital, do que lhe pode ser extraído de financeiro, qual não é o grau de semelhança com o país Brasil?

Pois para autores como Holanda (1936), a essência da colonização que esta nação atravessou é profundamente alicerçada em um espírito meramente explorativo, sem qualquer objetivo real de desenvolvimento, de crescimento, de criação e respeito a direitos ou dignidade humana e outros aspectos-chave para a consolidação de um país de formação político-social do tipo ocidental, como diria Faoro (2001), para quem o Ocidente se caracteriza por uma relação equânime entre sociedade civil e Estado.

A obra de Holanda é valiosa no sentido de apontar formas de sociabilidade com raízes no passado cuja influência ressoa até os dias atuais. As instituições nacionais e modos de existência tradicionalmente são apoiadas por uma mentalidade que teve influência da amálgama composta pela sociedade e as transformações políticas que nela se operaram. Um desses traços sociais seria uma reduzida capacidade de organização social, força desinteressada e anônima que, por fomentar coesão entre as pessoas e causas por elas defendidas, seria fundamental para as lutas por direitos e políticas públicas.

Faoro (2001) aponta para a estrutura estatal-patrimonialista que se estabeleceu no poder por ocasião da formação política e social brasileira, herança de um capitalismo orientado politicamente e da colonização portuguesa. Disso resulta o gerenciamento dos negócios públicos por uma parcela política que se vale do aparelho estatal não como coisa pública (*res publica*), mas como privada no intuito de ampliar e preservar seus privilégios. O autor compara sociedades assim caracterizadas com sistemas patrimoniais ou mesmo feudais,

pois o mercado age com liberdade apenas em parte, já que se aparecem limitações às classes no poder ele será obrigado ou a agir em seu favor ou a calar com o mesmo objetivo.

Nessa ideia do desempenho como fator primordial, a pessoa na condição de cidadã é substituída por uma meramente empreendedora, que, caso queira fazer valer direitos ou benesses terá de pagar um preço nesse sentido, dedicando um esforço a essa causa. Dessa forma, os direitos sociais, sejam eles quais forem, não aparecem nem se mantêm isolados, alheios a um quadro mais amplo e complexo, mas situam-se em um todo que os sustenta, molda e regula.

Há certos aspectos que são próprios da razão neoliberal, e um deles é a existência do mercado como uma realidade estabelecida e que não prescinde da intervenção ativa e constante do Estado. Também é evidente que a alma desse mercado está na concorrência. Sendo ela a regra geral das práticas econômicas atuais, o seu fortalecimento e consolidação constroem esse mercado, ficando a cargo do Estado fiscalizar o quadro geral e cuidar para que este seja respeitado por todos os agentes econômicos (Dardot; Laval, 2017).

Complementando essa ideia das peculiaridades da razão neoliberal temos um Estado que não se coloca unicamente como o ente que preserva o *status quo*, mas como um ser que é, ele mesmo, servil às leis da concorrência. Isso acarreta um comportamento semelhante ao de uma empresa tanto no que tange à sua lida com outros Estados como ao seu desempenho interno, constituindo-se ele simultaneamente em um construtor e viabilizador do mercado, além de ter o papel imposto a si mesmo de ente que se submete a suas regras.

Por fim, a força dessa generalização da lei concorrencial supera amplamente os limites Estatais, vindo a se manifestar diretamente até mesmo nos indivíduos na maneira como procedem e tratam a si mesmos. É um *ethos* que os leva se relacionarem no mundo como se fossem empreendedores, exemplos de empresas auto constituídas que são feitas de capital e que devem frutificá-lo de acordo com suas possibilidades (Dardot; Laval, 2017).

Essa visão dialoga com o que vemos em Weber (1996) e a sua ética do espírito capitalista, através do qual é mostrado um calvinismo a endossar esse espírito utilitarista. Weber reage à fala de Franklin (1919), que incentiva o acúmulo financeiro e de bens materiais ao mesmo tempo que reprova o ócio e o lazer além do mínimo necessário para uma volta à produção pelo trabalho.

Franklin é uma das mais antigas referências para o famoso adágio “tempo é dinheiro”, mas também para o menos conhecido “crédito é dinheiro” e para ideias de que o dinheiro deve sempre ser utilizado para se multiplicar. Ele reforça a importância de cuidar dos

hábitos diligentes e de inclusive parecer, aos olhos dos outros, prudente, para que assim tenhamos acesso, se possível, à carteira dos outros, privilégio do bom pagador.

Weber critica essa visão classificando-a de “filosofia da avareza”, por ser ela geradora de um possível ciclo de aumento de posses como um fim em si mesmo. Dessa filosofia resulta não só sabedoria financeira, mas um *ethos*, um modo de vida que não se permite deixar de ser um servo do dinheiro, uma ferramenta sua. Tornam-se peças do utilitarismo até elementos que não precisavam se encaixar dessa forma, como a honestidade, a frugalidade e todo um conjunto de virtudes.

As pessoas são, dessa feita, fortemente estimuladas a investir seus ganhos repetidamente para incrementar seus lucros, tendo assim um comportamento que explora a si mesmo em uma rotina sacrificante e de não aproveitamento do fruto de seus esforços.

Essa nova economia neoliberal transforma as práticas cotidianas das pessoas e suas relações humanas, fazendo com que elas passem por um processo de mercantilização. Essa mudança, descreve Marx (2015), junto da urbanização, fez com que fosse alcançado um nível inédito de emancipação dos sujeitos no que diz respeito a seus apegos familiares, tradições, raízes e fidelidades pessoais. O autor reforça que essa nova independência teve um preço, que foi um novo modo de sujeição às leis sem controle e impessoais da valorização do capital (Dardot; Laval, 2017).

O que houve foi a aquisição, pelo indivíduo, de uma suposta liberdade em sua vontade e razão, que na prática apenas o consolidavam como uma engrenagem de que trabalhava em um sistema de opressão muito maior.

Essa conversão voluntária a uma sociedade industrial na qual formas contratuais se tornam a nova regra e medida das relações humanas não se daria de forma espontânea sem que fosse criado e alimentado um novo ideal do homem, que seria simultaneamente alguém de elevada produtividade e comprometido com o consumo de tal maneira que sua dedicação seria a um só tempo constante e intensa (Dardot; Laval, 2017).

Foucault (2013) trouxe a ideia de que seria imperativo, para a desejada eficácia do processo de conversão citado, moldar e gerir a mente das pessoas, penetrando-lhes o pensamento e fomentando uma ideia de “escolha livre”, mas conduzidos e guiados por essa cultura, por essa “mão invisível” que leva às decisões produtivas.

O autor acusa o desenvolvimento de uma tecnologia de poderes econômicos, eficazes e sutis, antagonicamente ao poder evidente e suntuário dos soberanos, o que se mostra em um poder ideológico que não some de todo com a aparição de novas anatomias políticas. Faz-se importante criar duplas que representem valores opostos, instituindo

diferenças quantitativas entre as forças dadas numa dinâmica que estabelece as forças a relações de poder. Mais uma vez se mostra a ideia de que a dominação se faz muito menos pela força bruta e muito mais pela sutil imposição de ideias, de conscientização dos lugares e das classes estabelecidas.

Pode-se afirmar, dessa feita, que a obra-prima da sociedade industrial é o sujeito produtivo, um espírito que lhe foi inculcado e ajustado no cerne de suas posturas mais cotidianas, tornando inclusive desnecessária qualquer vigilância a respeito, já que o indivíduo deseja agora voluntariamente a alta produtividade. Mas com que motivação? A felicidade (Dardot; Laval, 2017).

Um *ethos* empresarial modelou a sociedade, e a maneira de fazer isso foi inventar o homem do cálculo através de um discurso homogêneo que conecta ser humano e empresa, movimento esse que se esforçou no sentido de fazer esquecer quaisquer direitos, políticas e considerações sociais que vão contra a lógica acumuladora do capital.

Quando se entrega a esse espírito empresarial a pessoa se entrega totalmente à sua atividade profissional, na ilusão de que o faz para si mesmo. Ela se conduz, se cobra, se expõe a riscos, e, em caso de fracasso, assume total responsabilidade. Na era neoliberal o governo e as pessoas tornam-se empresas através de eficazes formas de sujeição, que se apoiam em violências sociais típicas do capitalismo, algo que consolida o homem como uma mera mercadoria que explora si mesma.

Surgem, junto a esse homem que voluntariamente se explora, formas de emprego temporárias, provisórias, precárias, que resultam em fácil demissão, cada vez menor poder de compra e maior empobrecimento, gerando uma desproporcional dependência dos trabalhadores em relação aos empregadores. Tais condições fragilizantes permitem manobras mais seguras aos maiores detentores de recursos ao mesmo tempo que passam para os trabalhadores os ônus dos riscos e a necessidade de dedicação e comprometimento para manter o cargo (Dardot; Laval, 2017).

Essa nova forma de gestão é ainda mais competitiva, individualizada e sofisticada, acontecendo o que previu Weber (1996) em sua ideia da jaula de aço forjada pela economia capitalista, com a agravante de que agora cada um fabrica o próprio cárcere em que ficará em confinamento.

Nessa nova razão do mundo a empresa se torna um ambiente no qual os funcionários frequentemente se forçam a competir entre si para conservar o emprego e bater metas, além de terem o imperativo de continuarem a se especializar, o que demonstra um *ethos* de produção arraigado nessa inédita vivência neoliberal, configurando o que disse

Thatcher (2024) em uma entrevista ao afirmar que “a economia é método e o objetivo é mudar a alma”.

Sua ideia era a de uma sociedade mais individualizada e menos coletivista, e buscava em seu governo um modo de liderança que capturasse coração e alma da nação. Na mesma ocasião, ela enalteceu várias vezes valores como lealdade às companhias, por parte dos trabalhadores, em detrimento da união desses para buscar avanços em direitos e melhores condições de vida.

Estabelece-se assim um intenso poder sobre os cidadãos trabalhadores que de forma voluntária e completa entregam-se à empresa e a um modo de vida exploratório sem precedentes. A empresa não mais representa apenas um local de ganho do sustento diário, mas se converte em um caminho a ser seguido, um comportamento valorizado. Fortalecem tal essência os procedimentos de avaliação amiúde aplicados tanto pela empresa quanto voluntariamente, às vezes, pelos funcionários competidores.

Não deve ser olvidado que esse espírito extrapola os limites industriais e contamina inclusive a vida escolar, engendrando alunos cujo proceder espelha o dos trabalhadores engaiolados citados acima, que competem, disputam bolsas e vagas em escolas e universidades, além de se submeterem, por vezes, a testes autoimpostos para comprovar proficiências e habilidades excepcionais.

O modo empresarial de ser humano, se é que ainda pode ser assim chamado, traz para o indivíduo a ideia de que pode ter domínio sobre sua própria existência e também a de que é um meio de se portar seguindo certos princípios e valores. A sociedade que contém esse *ethos* aplaude e recompensa a pessoa que constrói a si mesma e valoriza uma inalcançável, mas sempre buscada, “realização plena” (Dardot; Laval, 2017).

Isso que se pode nomear de “empresa de si mesmo” é, como disse Aubrey (2000), “uma entidade psicológica e social, e mesmo espiritual”, pulsante em todas as relações e atuante em todos os domínios. Nessa visão, a responsabilidade individual é alta e em sintonia com o espírito da empresa, ficando ao Estado a maior responsabilidade de lutar pelos interesses coletivos dos trabalhadores. Já sabemos as consequências disso: Os grupos de poder vão sempre ter maior influência sobre o Estado e fazer com que este aja em seu favor.

Manifestações desse espírito neoliberal se dão no Brasil através das práticas do governo, que se comportam como condutores de uma inserção subordinada e periférica aos ditames internacionais, procurando, a qualquer preço, encaixar a economia nos circuitos globais, aceitando as imposições estratégicas dos atores globais, cedendo a pressões, sem minimamente exigir espaços de negociação, abrindo mão, assim, de uma inserção soberana

que permita a integração plena e justa da população brasileira. O Brasil se constitui, então, em um espaço totalmente livre para o capital produtivo e especulativo. Manifesta-se um ataque do capital que vem enfraquecendo e desorganizando o trabalho, fragmentando a classe trabalhadora e debilitando a sua organização, bem como outras camadas esquecidas da população (Carvalho, 2002).

E de que forma essa nova razão do mundo, esse *ethos* da empresa de si mesmo afeta a população idosa? De diversas maneiras, mais do que conseguiremos aqui elencar, pois esse modo de ser e de produzir perpassa camadas múltiplas da sociedade e da vida social, invadindo inclusive o que há de mais particular e pessoal.

O ideário neoliberal não foi capaz de revitalizar o capitalismo e ainda agravou suas agruras, elevando as desigualdades sociais, deteriorando as políticas públicas e aprofundando processos de exclusão social. Por ter reduzido a interferência do Estado frente aos desafios que se apresentam, e que o capital se encarregou de agigantar, multiplicam-se os infortúnios da velhice, as doenças, a criminalidade, a concentração de renda, o desemprego, e outros males (Haddad, 2003).

O Brasil, país que faz parte de um capitalismo dependente e periférico, não experimentou o Estado de Bem-Estar Social e hodiernamente vivencia um intenso desmonte dos direitos sociais com a destruição das políticas sociais, algo que ocorre devido às vontades do capital financeiro. Isso pesa especialmente sobre a população idosa, pois a família vem sendo responsabilizada cada vez mais pelos cuidados de seus membros dependentes. Portanto, é imperativo pensar em como fazer com que o Estado incorpore de fato, e não apenas de direito, a responsabilidade de atender as necessidades da pessoa idosa, especialmente daquela que não tem apoio familiar. Isso se faz por meio de investimentos e legislações que protejam as pessoas que já alcançaram a velhice (Bernardo; Arêas, 2019).

O que se tem observado é que mesmo com o aumento da expectativa de vida que se deu em anos passados, e que a pandemia já se encarregou de diminuir, e com leis que visam a assistência dos idosos, não se notam melhorias objetivas na qualidade dessa vida da população. O que se deu foi, na verdade, um esforço do Estado brasileiro em reduzir as próprias responsabilidades com os idosos, incentivando tanto a medicina privada quanto a privatização da previdência (Haddad, 2003).

As fragilidades evidenciaram-se no contexto da pandemia. Kalache (2020) afirma que se envelhece mal e de modo precoce em nosso país, de maneira que as mortes ocasionadas pela COVID-19 refletiram não necessariamente nossa faixa etária, mas o descaso de nunca termos priorizado políticas para um envelhecimento saudável e ativo, centrado em

promoção de aprendizagem ao longo da vida, da saúde, de proteção dos mais frágeis e de participação cidadã.

Todos esses problemas ora citados andam de mãos dadas com esse espírito do neoliberalismo que Dardot e Laval (2017) abordaram. É esse compromisso com o individualismo, com o lucro, com a inércia parcial do Estado (parcial porque só atua com firmeza para atender os interesses das elites), com a concorrência, o mercado e o sujeito-empresa que fragilizam ainda mais essa fase da vida que é a velhice em vez de apoiá-la e protegê-la proporcionando dignidade, segurança e conforto.

De que forma esse *ethos* egoísta e que centraliza o indivíduo fazendo dele seu próprio funcionário, fiscal e algoz ao mesmo tempo em que irresponsabiliza o Estado por pautas que são legalmente constituídas como sendo de sua competência, atingem a velhice e, eventualmente, iniciativas e mecanismos internacionais que se propõem, em tese, a amenizar os desafios dessa fase tão merecedora da nossa atenção e que requer tanto cuidado? A seguir, o foco se volta a responder esse questionamento, bem como abordar os desafios gerados pela interação entre nova razão do mundo e velhice, além das possíveis consequências a partir daí originadas.

4 VELHICE E QUALIDADE DE VIDA: ENTRE DISCURSOS E CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

Um conceito importante para essa pesquisa é o de *qualidade de vida*, que é um construto de difícil elucidação e que não tem, a despeito de amplas discussões que levaram décadas, um consenso satisfatório (Paschoal, 2000). O autor apresenta uma ampla gama de definições desse conceito, apresentadas e alteradas ao longo dos tempos, de maneira que foi imperativo escolher uma conciliável a esse trabalho.

Um grupo de especialistas da OMS (THE WHOQOL GROUP, 1995, pos.1403) definiu *qualidade de vida* como sendo “a percepção do indivíduo acerca de sua posição na vida, de acordo com o contexto cultural e os sistemas de valores nos quais vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Complementam ainda: “os termos qualidade de vida e, mais especificamente, qualidade de vida relacionada à saúde referem-se aos domínios físico, psicológico e social da saúde, vistos como áreas distintas que são influenciadas pelas experiências, crenças, expectativas e percepções de um indivíduo”. São essas entrelaçadas definições que estaremos resgatando ao longo desse texto quando recorrermos à expressão “qualidade de vida”.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) compilou uma série de documentos intitulada “Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde” e a partir do qual, em 2016, o Centro Internacional de Longevidade (ILC-Brasil) se encarregou de criar uma releitura chamada “Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade”.

Ora, a longevidade conseguida em tal proporção pela primeira vez na história humana não chegou sem um preço a ser pago, e esse é composto pelos desafios que uma velhice duradoura apresenta, e que pode ser visto como “problema social”, tendo em vista que tocam de modo evidente a lógica expansionista do capital, criando dilemas e questionamentos aos quais é incapaz de responder. O principal paradoxo é o antagonismo criado pelo binômio “Anos a mais” versus “Qualidade desse tempo”, pois não basta alongar a vida humana, se formos incapazes de trazer com esse aumento uma conservação de condições dignas de existência (Vilione, 2016).

Para Giaqueto; Soares (2010), o desafio atual se traduz no imperativo de a elevação da expectativa de vida em todo o planeta vir acompanhada de equivalente qualidade de vida, realidade impossível de ser obtida sem a construção de uma sociedade consciente de seus direitos, ativa em buscá-los e em lutar por sua garantia, e de um Estado verdadeiramente

comprometido com a concretização de políticas públicas sociais dedicadas a essa camada da população.

Não há como implementar aumento da qualidade de vida sem trazer para a discussão e para a realidade as políticas sociais, campos dialéticos e de projetos antagônicos que travam embates e são resultantes de lutas de classes no âmbito do Estado. Existem várias limitações para o florescimento e pleno desabrochar dessas políticas quando elas estão inseridas em sociedades burguesas, mas isso não muda o fato de que elas possuem relevante potencial estratégico político para somar nos interesses das diversas camadas da sociedade, sejam elas as idosas, as trabalhadoras, ou outras (Soares, 2010).

A autora defende que para esse processo se faz necessária a exposição dos conflitos e contradições inerentes ao capital e que atingem todos os níveis da vida social, pois a luta que visa a defesa da democracia e de princípios universais e públicos precisa ser direcionada para pontos que mais precisam de intervenção, e isso ainda mais em momentos como os atuais, que são palco de exacerbação das contradições do capital e dos espaços democráticos burgueses, que requerem organização da sociedade e ação do Estado em prol de um projeto societário alternativo (Soares, 2010).

E algo que não pode ser ignorado é que mesmo as políticas sociais, medidas tão almejadas pelas pessoas que anseiam por reduções das desigualdades e melhor qualidade de vida, não são isentas de ambivalência, pois conseguem amalgamar tanto os interesses das classes populares quanto os do sistema, que em parte quer mediar conflitos e promover a manutenção da ordem, no intuito de evitar maiores choques sociais que pudessem colocar em risco poderes hegemônicos (Vilione, 2016).

A autora questiona a quem mais servem as políticas sociais, tendo em vista que se pudermos expressar com a figura de uma balança o antagonismo dos interesses populares versus os das elites, e tendo estas maior força na elaboração e influência em como e quando essas medidas vão chegar à população, é certamente em iniquidade e desarmonia que operam as políticas sociais (Vilione, 2016).

Em consonância com a nova razão do mundo que vimos no capítulo anterior, que é tão fortemente atrelada aos interesses do capital, e através da qual se estabeleceu um modo de produção, de ser e de viver que cria a empresa de si mesmo, a cobrança individual, a desresponsabilização do Estado em virtude da total atribuição ao indivíduo de seus rumos e condições de existência, como se as desigualdades e desequilíbrio nas oportunidades ofertadas não criassem um enorme abismo social, nasce a Política de Envelhecimento Ativo (PEA).

Essa política, que tem como bases a participação social, a segurança e a saúde, foi traduzida para o português ainda em 2005 e data, na realidade, de 2002. O documento é intitulado “Envelhecimento Ativo: Uma política de Saúde” (Active Ageing: A policy framework) e sua abrangência é internacional, tendo sido discutida em muitos países de diversos continentes. Ele define como “3ª idade” a população que tem 60 anos ou mais e inicia seu discurso abordando o desafio que se apresenta com a consecução de uma velhice mais duradoura, demonstrando preocupação com o fato de o envelhecimento populacional, possivelmente, não permitir que a força de trabalho em redução seja capaz de sustentar a parcela considerada “dependente”, ou seja, idosos e crianças.

Essa política de saúde define envelhecimento ativo como o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, que têm o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. Ele permite que a população perceba o próprio potencial para o bem-estar físico, mental e social ao longo da trajetória da vida, e que possa participar da sociedade segundo seus desejos, capacidades e necessidades, ao mesmo tempo em que provê segurança, proteção e cuidados adequados se necessários forem.

O termo “ativo”, contido no título do documento, diz respeito à contínua participação não apenas nas questões de econômicas e sociais, mas também culturais, civis, e espirituais da pessoa idosa, de modo que mesmo as pessoas que manifestem doenças ou necessidades especiais ainda sejam capazes de contribuir com suas comunidades, e isso não necessariamente com trabalho e produção de capital. O intuito do envelhecimento ativo é elevar a expectativa de vida saudável e de qualidade para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive se apresentarem fragilidade, incapacidade física ou tiverem requererem maiores cuidados.

Outra palavra importante no corpo deste trabalho e também presente na PEA é “saúde”, que se refere ao bem-estar físico, mental e social, como definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Isso significa que um envelhecimento ativo requer programas e políticas que promovam relações sociais, saúde mental e condições físicas de saúde. Para isso, tanto os governantes quanto os indivíduos devem encarar a manutenção da autonomia e da independência no processo de envelhecimento como uma meta fundamental. Também é de vital relevância que esse processo ocorra em um contexto que englobe outras pessoas, sejam elas amigas, vizinhas, família, ou colegas de trabalho, motivo pelo qual a interdependência e a solidariedade coletiva são uma condição *sine qua non* para uma elevada qualidade de vida nessa fase.

São muitos os aspectos positivos dessa produção. Ela denuncia que “as pessoas da 3ª idade são, geralmente, ignoradas como recurso quando, na verdade, constituem recurso importante para a estrutura das nossas sociedades”, e consegue levar em consideração, de certa forma, as individualidades das pessoas ao trazer que as políticas e programas devem levar em conta as habilidades, preferências, necessidades e direitos das pessoas mais velhas. Até mesmo aborda a influência por vezes determinante das experiências de vida para o envelhecer dos indivíduos.

Além disso, o documento reconhece que o grupo idoso é heterogêneo e que com o aumento da idade essas diferenças tendem a se aprofundar, de forma que é importante que existam intervenções que proporcionem ambientes de apoio e com opções que promovam saúde física e mental.

A abordagem do envelhecimento ativo reconhece os direitos humanos dos idosos, bem como os princípios da dignidade, da participação, da independência, da autorrealização e da assistência, todos estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). O enfoque é centrado nos direitos, o que possibilita que se reconheçam os direitos das pessoas mais velhas à *igualdade de oportunidades e tratamento* (grifo meu) em todos os aspectos da vida conforme forem envelhecendo.

É salutar fazermos considerações acerca dos aspectos dessa publicação que demonstram suas limitações, parcialidade e omissões. Uma bastante evidente, e até admitida, são os vários pontos em que ainda faltam conhecimentos que possam apontar o melhor caminho a ser adotado em determinada situação. A chamada “proporção de dependência”, definida como o quociente da população com 60 anos ou mais pelo total da população entre 15 e 60 anos, por exemplo, mostra-se de uso muito restrito, tendo em vista os muitos casos nos quais os idosos continuam a fazer parte da força de trabalho de uma nação, formal ou informalmente.

Ao focar na importância do trabalho para a camada idosa, ainda que levando em conta as capacidades e preferências da “3ª idade”, e ressaltando a relevância disso até para prevenção de doenças crônicas, a publicação da PEA deixa transparecer sua parceria com a nova razão do mundo. Nessa linha de pensamento é imperativo que os idosos continuem a produzir, a consumir, a fazer parte do mecanismo que faz girar a roda do capitalismo. Nem a velhice livra a pessoa da empresa de si mesma.

Quando o texto da OMS fala que a abordagem ali apresentada apoia a responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e

em outros aspectos da vida em comunidade, ele certamente o fez com a melhor das intenções, mas acabou deixando de fora muitas realidades que se encontram fora do mundo eurocêntrico.

Se é verdade que existem populações idosas como as de Madri, que fizeram história ao rejeitar uma Assembleia Mundial sobre Envelhecimento porque ela discorria sobre suas realidades sem tê-la escutado antes, tendo em resposta engendrado seu próprio fórum mundial sobre envelhecimento em parceria com as organizações não governamentais que com elas andavam de mãos dadas, também é factual que inúmeras outras coletividades idosas estão há muito desprovidas de condições sociais, históricas e materiais de existência que lhes permita tamanho ato revolucionário (Mendonça, 2020).

Embora a PEA ressalte a importância de programas e políticas como mecanismos capazes de promover uma velhice digna tanto do indivíduo quanto da população, fica bastante evidente no texto a intenção de transferência dessa responsabilidade para a pessoa idosa, em vez de ser uma estratégia que o Estado possa adotar de modo mais comprometido.

Ele fala que é imperativo incentivar e equilibrar a responsabilidade pessoal (cuidado consigo mesmo), bem como proporcionar ambientes que possibilitem amizade, e solidariedade intergeracional. Afirma também que indivíduos e famílias devem se planejar para a velhice, buscando a adoção de hábitos e posturas saudáveis em todos os ciclos da vida.

Podemos trazer à pauta nesse momento a iniciativa do PSBS. Quando observamos o quão sutis e ao mesmo tempo profundas podem ir as influências do neoliberalismo e de todo o seu pacote protetor do Estado, dos mais favorecidos, do sistema que mantém e intensifica desigualdades e *status quo*, e que ao mesmo tempo reveste o indivíduo, mesmo quando ele não percebe, de uma responsabilidade em vestes de pseudoindependência, trazendo a conveniente e, agora, disseminada ideia de que se é capaz, de que pode, de que em caso de dedicação, diligência e suor pode estabelecer alicerces para uma existência segura, próspera e longa, percebemos o plano que em tudo serve ao capital.

Como profissional e verdadeiro admirador dessa corporação que é Corpo de Bombeiros do Estado do Ceará, alvo de um ímpar nível de confiança por parte da população (GFK Verein, 2016); sou um grato instrutor, de longa data desse projeto que indubitavelmente já salvou incontáveis vidas através de instruções acerca de primeiros socorros e cuidados pessoais, e que colaborou no cuidado e na manutenção da saúde física e mental de idosas inclusive, em tempos sombrios, como foi a época da pandemia (Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará, 2021).

É nessa posição afastada da imparcialidade, mas desejante de honestidade intelectual que farei não acusações, mas questionamentos, ou ainda elocubrações, algo como

um levantamento de hipóteses, que poderá servir inclusive de mote para futuras pesquisas, mormente de pessoas não tão diretamente ligadas à corporação e que poderiam se dedicar partindo de pontos mais afastados que o nosso, trazendo olhares que acrescentam e complementam as ideias aqui contidas.

Por um lado, é verdade que o PSBS serve à população idosa como uma oportunidade de prática de atividades físicas supervisionadas ao mesmo tempo em que recebem instruções sobre saúde, hábitos saudáveis, postura correta, primeiros socorros, entre outras pautas que podem melhorar a qualidade de vida. Além disso, temos os encontros sociais em si, pois a cada aula as idosas têm a chance de rever as amigas, conversar sobre suas vidas pessoais, fatos corriqueiros, desabafar, etc.

De outro modo, apesar de todos os benefícios, propagados existe aí uma profunda consonância com a nova razão do mundo, tendo em vista que acabaria sendo atribuída às pessoas idosas um certo nível de responsabilidade, já que elas é que precisam ir às aulas presenciais, assim como compareceram virtualmente nos encontros ocorridos *online* durante a pandemia.

Caberia à iniciativa individual ir às aulas, seguir os ensinamentos compartilhados, dedicar-se verdadeiramente ao praticar os alongamentos, prezar por rotinas saudáveis tanto no que diz respeito à alimentação quanto outras práticas relevantes. Talvez a mensagem transmitida seja a de que os idosos é que são responsáveis por cuidar de sua condição, e que o Estado já faz o suficiente ao financiar e fomentar núcleos que contemplam muitos bairros na capital e vários do interior.

Mas será que é de fato o bastante? Não precisaria o poder público, caso estivesse genuinamente comprometido com a pauta idosa, engendrar formas de uma real integração entre o PSBS e serviços diversos como enfermagem, medicina, serviço social, fisioterapia, entre outros? Se se imaginar a possibilidade de que uma idosa que sentiu um desconforto muscular no momento da aula já tivesse à disposição, ainda que fosse um único centro a atender vários núcleos, uma avaliação profissional adequada para essa e outras necessidades, estaríamos a imaginar um outro nível de compromisso Estatal.

Mas talvez seja esperar demais de uma entidade que nem tem sido capaz de suprir a segurança mínima para o ir e vir das idosas, pois devido à falta de calçadas regulares, de semáforos e faixas de pedestres suficientes, de manutenção de bueiros e sistema de esgoto que impeçam alagamentos em épocas de chuvas e dada a falta de segurança originada pelo medo da violência muitas pessoas em plena velhice deixam de comparecer a esses encontros que são tão úteis.

Não seria o caso nos perguntarmos se existe ainda uma outra faceta da ideologia do capital e da política hegemônica que de tudo faz para se manter nesse status? Paugam (2015) nos estimula a questionar a quem servem as ideias, indagação que pode ser voltada também, às próprias Políticas Públicas. Aquelas que permanecem ao longo do tempo, as que subsistem quando tantas outras foram abandonadas ou descontinuadas, as que se mantiveram com investimentos enquanto outras foram cortadas, o que elas têm de especial?

Voltando a tratar do PEA, o documento nem disfarça suas motivações econômicas, pois cita esses traços como algo importante para redução dos custos com dos idosos ao mesmo tempo em que aumentam sua participação, refletindo a necessidade de maior dedicação individual e menor esforço do Estado. A primeira vantagem citada é a possibilidade de os idosos se manterem bem para continuarem a trabalhar, apesar de eventuais *aposentadorias precoces* (grifo meu), como costuma acontecer em países industrializados.

No Brasil a realidade é outra, já que com a reforma da previdência aprovada no governo Temer a aposentadoria tornou-se mais difícil de ser alcançada para a maior parte da massa trabalhadora. Os brasileiros precisam agora ter a idade de 65/62 anos (homem/mulher) e comprovar contribuição de 40 anos para alcançar aposentadoria com 100% do salário de contribuição (sem falar que o teto é de R\$ 5.839,45). Na prática o que ocorre é que essa reforma praticamente elimina a possibilidade de aposentadoria integral para a imensa população trabalhadora, devido às características do mercado de trabalho (Fagnani, 2021).

Na verdade, mesmo uma aposentadoria parcial é inacessível para uma expressiva parcela dos trabalhadores, especialmente os da iniciativa privada, pois se já em 2015 mais da metade desses trabalhadores não conseguiam contribuir por 20 anos, que é o novo tempo mínimo de contribuição para receber 60% da média aritmética do total de contribuição para a previdência, com a reforma trabalhista e as agruras trazidas pela recessão, a parcela da população que não alcança os requisitos mínimos ora citados tende a ser ainda maior (Fagnani, 2021).

Ainda com enfoque na economia, a PEA se vale de alguns dados para afirmar que não é o envelhecer que eleva as despesas médicas, mas saúde precária e deficiências nessa área.

Uma medida relevante, segundo o documento ora citado, é estimular atividades físicas para proporcionar atividades físicas no intuito de, na consecução de uma saúde melhor, ter redução nos gastos com despesas médicas e manter essa parcela da população com vida laboral ativa.

É esse conjunto de fatores que desperta ressalvas e suspeitas quanto às ideologias e interesses por trás de documentos e políticas como a do Envelhecimento Ativo. É uma lógica pseudovalorativa e capitalista que está contida nesse tipo de política social ou documento, que se vale do desejo de viver mais para ressaltar como preço disso, a adoção de certos “estilos de vida” (Vilione, 2016).

Quando visto de perto, o “estilo” que se mostra é fruto de um padrão pós-moderno de pensamento e que está imbuído de uma indústria cultural que favorece a subalternização da velhice atribuindo-lhe a responsabilização individual. Não é exatamente uma tentativa nova, como nada no capitalismo é, já que comumente tenta adotar novas roupagens para estratégias já comprovadamente fracassadas e que engendram ou reforçam crises e desigualdades.

Debert se valeu do termo “reprivatização” para descrever uma velhice abordada como questão privada, uma atitude que visa a extração da responsabilidade do Estado para inseri-la na família e no indivíduo, trazendo a eles a missão de proporcionar a si mesmos e familiares uma velhice autônoma, constituindo um estratagema do capital de culpabilização ao mesmo tempo em que reduz os gastos sociais (Debert, 1999).

A lógica capitalista é impressionante ao impor o fim da história, como se outros modos de vida fossem impossíveis e, conforme argumentam Alcântara e Barroso (2021, p.181) “é imprescindível se inteirar da história, pois quando a construímos, nos refazemos permanentemente, potencializamos a nossa utopia, na compreensão de que as contradições possibilitam a mudança”.

Em outras palavras, como nos ensina a canção de Caetano Veloso (1969) “é preciso estar atento e forte”. Ao transformar o envelhecimento em um novo mercado de consumo, ao trazer, em tese, novas possibilidades de vivências, viagens, experiências, cuidados físicos, e toda uma gama de opções advindas de uma independência física e financeira, retira do mapa a própria velhice, vislumbrada agora como resultante de desleixo, de descuido pessoal, do descompromisso com atividades motivadoras e com formas de vida, de economia e de consumo mais saudáveis (Debert, 1999).

Outros autores apontam para a tentativa de homogeneização daquilo que se convencionou chamar de “terceira idade” e de como isso oculta a variedade enorme que existe na experiência social do envelhecer. Esse raciocínio considera que a realidade brasileira é bastante diferente daquelas que foram o berço do termo “terceira idade”, de modo que sua adoção sem qualquer tipo de filtro ou adaptação tende a gerar distorções de sentido e de classificação (Peixoto, 2004). Ao tornar homogênea, como categoria social, uma coletividade

tão diversificada, o uso desse termo mascara uma realidade social na qual as diferenças etárias, econômicas, de raça e de gênero são enormes.

Pensamos neste trabalho que ambos os pensamentos opostos, tanto o de uma velhice que anseia por uma juventude eterna, como o que pinta dessa fase da vida um quadro quase que exclusivamente de dor e sofrimento, são altamente prejudiciais por não considerarem a enorme gama e pluralidade da experiência de envelhecimento. É importante ressaltar que existem as diferenças entre os países europeus e de alto IDH, que originaram documentos como o do Envelhecimento Ativo, e os países em desenvolvimento, como o Brasil.

Este, por exemplo, tanto por fatores geográficos, já que é uma nação de tamanho continental, quanto por sua história marcada por ingentes desigualdades e violências, tem um espectro de heterogeneidade de ser e de existir muito maior do que aquele identificável em países de formação e desenvolvimento menos turbulentos. Sabendo dessas duas esferas de heterogeneidade, a própria de um país e a gerada pelo contraste entre nações, é possível ter uma noção de que o exercício da homogeneização das velhices tem como consequência um reducionismo agressivo que impacta mui negativamente aqueles cujas realidades não são devidamente contempladas nos modelos propostos.

Quando falamos em condições de existência, referimo-nos a aspectos não apenas práticos, mas muitas vezes tangíveis e mensuráveis. Para exemplificar: há cidades no Brasil que ostentam uma educação no trânsito que beira o impecável, e que até mesmo prescindem de semáforos pelo fato de que qualquer pessoa, mesmo não sendo idosa, que precise atravessar a rua não encontra a menor resistência para isso, pois os motoristas param e aguardam a travessia calmamente. Além disso, as calçadas se encontram bem-adaptadas, e as vias em boas condições, para que haja um deslocamento sem percalços.

Por outro lado, existem também cidades como Fortaleza, que conta com centenas de bairros que apresentam índices próprios de desenvolvimento humano, algo que reflete uma desigualdade enorme. Em alguns deles, não apenas os motoristas e pedestres carecem da educação ora exemplificada, quanto as vias são desprovidas de condições mínimas de deslocamento digno, e nas quais, a despeito da presença de escolas ou de atividades com pessoas idosas, inexistem faixas de pedestre, mesmo já tendo sido essas requeridas aos órgãos competentes e até sido solicitado apoio midiático.

Se mesmo em aspectos tão basilares como o ir e vir se manifesta o abismo entre as condições de viver e de existir na velhice, o que dizer de outros tantos aspectos

desconsiderados pela tentativa de homogeneização que silencia, oprime e mantém na desigualdade.

O que fica evidente é que não é em suas especificidades nem sua plenitude que é percebida a população idosa, mas com aspectos de homogeneidade em várias camadas. Assim pensando, perde-se a noção, como diria Souza (2003) de que o idoso deve ser considerado em suas singularidades e particularidades, bem como alguém constituinte de uma parcela amplamente marcada por complexidades e antagonismos. A autora reforça que mesmo a população em geral não é devidamente alfabetizada acerca do que significa envelhecer, apesar de ser esse um processo indispensável e, por vezes, inevitável para todos os seres vivos.

Houve, ao longo de décadas, uma estigmatização da velhice que a vinculou quase de modo irrefutável a declínios, fraquezas e patologias do organismo. No entanto, essa fase é vivenciada de modo singular, único, mesmo que seja fortemente influenciada por condições coletivas, como é caso dos idosos que pertenceram sempre à classe trabalhadora (Vilione, 2016).

Ressaltamos a importância de artigos, dissertações, cursos e disciplinas sobre tais temas como ferramentas de mudança da sociedade em busca de melhorias e evoluções em seus conceitos, ideias e posturas. O trabalho de Vilione (2016) mostrou que uma busca pelo termo “envelhecimento ativo” no *site* da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) apresentou inicialmente imagens “lindas”, duas das quais a autora reproduziu em sua dissertação.

A primeira consiste em um casal de idosos brancos fazendo o que parece ser uma corrida ou caminhada, e chamou a atenção da autora a aura burguesa ali contida, representada pelas roupas, cor e paisagem, que poderia muito bem ser dentro de um condomínio fechado de bairro nobre.

Imagem 10 – Imagem presente no site da SBGG após busca por “envelhecimento ativo”.

Fonte: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), 2016.



A segunda foto mostra três mulheres brancas, e eu ressalto que muito brancas, fazendo um alongamento. A mensagem transmitida pela imagem, na visão de Vilione e com a qual concordamos, reforça um conceito muito restrito de “ativo”, que aponta unicamente para atividades físicas e mais reduzido ainda no que diz respeito à representatividade racial, por ignorar completamente a miscigenação contida no Brasil, sem falar no ambiente da foto, que a autora compreensivelmente suspeita ser localizado em área nobre, algo ainda mais excludente.

Imagem 11 – Imagem presente no site da SBGG após busca por “envelhecimento ativo” em 2016.



Fonte: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), (2016).

Não podemos afirmar, com certeza, que foram trabalhos como o de Vilione que ocasionaram mudanças no *site* da SBGG, mas é fato que quando fizemos a mesma busca que a autora, encontramos, em fevereiro de 2024, um resultado diferente. A primeira foto com mais de duas pessoas e relacionada diretamente com envelhecimento ativo estava na página 2 da busca e mostra quatro idosos, sendo uma mulher branca, um casal negro, e um homem pardo. Os cabelos também são representativos, pois as mulheres têm tipos e cores diferentes de cabelos, e um dos homens é careca e o outro é calvo. Ao clicarmos na postagem é possível ver a gravura por completo, e ela revela mais duas pessoas nas extremidades:

Imagem 12 – Imagem presente no site da SBGG após busca por “envelhecimento ativo” em 2024.



Fonte: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), (2024).

Em matérias não relacionadas diretamente a envelhecimento ativo, as quais vi por possíveis falhas no mecanismo de busca, havia também fotos com pessoas negras e brancas, o que demonstra um avanço na concepção do Brasil como um país fruto de miscigenações e heterogeneidade. Também encontramos uma declaração da presidente do Departamento de Gerontologia da SBGG, Cláudia Fló, a qual dizia que está enganado quem pensar que envelhecimento diz respeito unicamente a atividades físicas, e que existem três pilares para essa ideia, a saber, *participação social, cuidados com a saúde e proteção ao idoso*. Surpreendeu-nos positivamente a ordem apresentada, pois a participação social veio antes dos cuidados com a saúde, e até essa expressão, mais abrangente que “atividades físicas”, é algo que pode ser interpretado de forma mais inclusiva.

A presidente afirma ainda que *envelhecimento ativo* é o idoso poder participar não só da família, mas da sociedade através de sua atualização sobre o que se passa no mundo. A fala é complementada pelo posicionamento de Mariela Besse, que destacou a relevância de o

idoso se manter autônomo e independente e que importa preservar os papéis e ocupações significativas que conferem sentido ao cotidiano das pessoas e promover o engajamento na gestão da saúde pessoal.

Embora a situação seja outra e demonstre melhorias se comparada a de outrora, elas ainda são muito incipientes por não se aterem de modo mais notório ao contexto brasileiro. Nossos processos de formação social e de estabelecimento do capitalismo, o modo como adquirimos nossa “independência”, o passado escravocrata e mesmo as mais recentes políticas de ajuste contribuíram para um *status quo* que é cheio de desigualdades, limitações em se conseguir autonomia, independência, participação política e participação social mais ativa.

Também parece ignorar que a proteção ao idoso, dever não só da família, mas da sociedade e do Estado, não apenas está longe do ideal, afastada das médias europeias, mas regride quando se impõem os interesses do capital e das elites, como foi possível perceber por ocasião da reforma da previdência, que tanto dificultou a consecução da aposentadoria, quanto reduziu o percentual que pode ser alcançado pela maior parte da massa trabalhadora, que é uma fração majoritária desse país.

Não apenas o resultado das pesquisas no site da SBGG é diferente atualmente do que em 2016. A busca por “envelhecimento ativo: uma política de saúde” outrora mostrava entre as primeiras respostas uma figura que inicialmente parece ser um homem que está a caminhar ou correr, algo que pode ter interpretações bastante favoráveis se se levar em conta o movimento, o imperativo de não permanecer inerte frente aos desafios que a vida apresenta, e até a saúde física, mas Vilione (2016) mostra justa indignação com o fato de ele parecer jovem.

Imagem 13: imagem presente em sites gerais de pesquisa após busca por “envelhecimento ativo” em 2016.



Fonte: OMS, 2005.

Em vez de um idoso ou idosa, ou ambos, o que se mostra é uma imagem que não representa, em absoluto, as velhices plurais no Brasil contidas, que são amiúde marcadas por fragilidade social, mental e até mesmo física. Concordamos com a autora que mesmo que estivessem em cadeira de rodas nem por isso deixariam de ser ativos, pois esse status vai muito além do físico, incluindo os aspectos sociais, os das escolhas, as percepções, o plano relacional e várias outros.

Felizmente a busca atual não mostra unicamente esse resultado. Ela inclui imagens que fazem alusão aos pilares citados por Claudia Fló e que estão no centro da política, que são *participação social, cuidados com a saúde e proteção ao idoso*; há também gravuras que retratam pontos muito importantes como os determinantes sociais e econômicos, o peso da cultura e do gênero, a oferta de serviços sociais e de saúde, entre outros.

Em se tratando de definições, buscas com os termos “envelhecimento ativo: uma política de saúde” apresentam inicialmente que envelhecimento ativo significa *o processo de melhoria das oportunidades de participação, saúde e segurança*, com o intuito de elevar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam velhas, e que se aplica tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais.

Pensamos que estamos em um momento de transição rumo a um quadro que respeite as diferenças, que seja mais inclusivo, que reconheça as próprias limitações e os desafios que se apresentam. Ainda estamos longe desse horizonte, pois pesquisas com os termos citados ainda trazem referências de outros tempos, nos quais de maneira irrefletida apontava-se para uma outra direção, uma que exclui a velhice real e diária da população brasileira e até da mundial.

Nesse horizonte ainda não alcançado, a palavra “ativo” surge vinculada a uma ideia de independência, que abrange interações, ainda que limitadas; inclui a autonomia, a manifestação de escolhas, decisões e desejos; e também o cuidado, que é concretizado pelo respeito contido nos tratos profissionais, familiares (Vilione, 2016).

Acrescento que o Estado tem, mesmo em algo tão pessoal como a autonomia e a independência, um papel muito importante, pois as escolhas que os idosos farão, ou seja, as opções eleitas estão diretamente e de forma determinante ligadas às possibilidades materiais e legais apresentadas.

Pois de que adianta, por exemplo, frente a uma doença que certamente levará à morte em breve, como ocorre em casos de câncer já em últimas fases, a paciente escolher, em vez de continuar a quimioterapia que tanto a fragilizou, cuidados paliativos e um tempo final de vida mais tranquilo se o Estado não prover leitos, profissionais qualificados, unidades de saúde preparadas, medicamentos acessíveis? Será da família a responsabilidade por tudo isso? E nos muitos casos em que as condições materiais impossibilitam a oferta dessa dignidade nos momentos finais? Seria essa independência e autonomia algo real ou meramente teórico e afastado da realidade?

Os idosos e idosas de que tratamos, e que compõem a massa de nossa população, são advindos da classe trabalhadora, que viveram toda a sua existência em empregos ou funções não privilegiadas, muitas vezes excluídos do amparo do sistema e que acumularam saberes e experiências individuais, e que são sujeitos históricos e de direitos. São pessoas que merecem e precisam de condições mais propícias para permanecerem ativos.

Ao analisarmos então uma política como a do *Envelhecimento Ativo*, e que é fruto, mas não o único, de uma ideologia do capital e da nova razão do mundo e da empresa de si mesmo, notamos antagonismos e limitações por ela representados e que precisam passar por reflexões, debates e revisões, ajustes.

Uma das contrariedades vistas comumente diz respeito a uma parcela idosa consumista, fisicamente ativa, que parece não precisar de serviços públicos e que comumente está nos planos midiáticos. Vilione (2016) acredita que esses idosos estão contemplados nas

políticas e nos planos midiáticos, estando deles esquecidos uma outra fração, composta por aqueles que representam um peso para a seguridade social e sem serventia para o capital.

Sobre esses esquecidos é que Camarano (2004) cita existirem visões negativas acerca de sua elevação na expectativa de vida, que levaria ao aparecimento de doenças crônicas e distúrbios mentais, sobrecarregando as famílias e onerando os serviços de saúde. Essa situação faz com que para vários pesquisadores essa pauta seja denominada de “falência do sucesso”. A autora denuncia que apesar dos muitos avanços nas condições de saúde da população idosa, é bastante presente nas conversas e deliberações acerca de envelhecimento a associação da pessoa idosa à improdutividade advinda de sua exclusão do mundo do trabalho, o que poderia levar a um peso colocado sobre a população jovem, a possível força que em tese vai sustentar a classe idosa, e por isso ter uma ameaça sobre o próprio futuro (Camarano, 2004).

Essa é uma forma de analisar a situação que de forma evidente provém da ideologia do capital, ávida a transformar em descarte aquilo que já não lhe serve de modo imediato. Se se trata de idosos com poder de consumo e em plenas condições de saúde existe para eles amplo mercado para continuarem a fazer girar a roda do capitalismo. Se, contudo, já não produzem renda, carecem de cuidados e oneram a previdência, não passam de um peso, um problema social.

A Política de *Envelhecimento Ativo* traz vários determinantes que abrangem os indivíduos, seus familiares e países, mas é omissa, na maior parte do texto, em trazer enfoque na ação estatal. É com ênfase no pessoal e no familiar, é possível entender assim, que se alcança uma velhice ativa e bem-sucedida.

Também peca o documento por não abordar estratégias e ações específicas na rede de Atenção Primária à Saúde (APS), como se inexistisse uma porta de entrada para o SUS e que facilitasse o contato entre o indivíduo e organizações promotoras de saúde especializadas na parcela idosa da população (Vilione, 2016).

A APS constitui o nível inicial de interação dos indivíduos da família e da comunidade com a saúde e representa a porta de entrada de um processo de atenção continuada à saúde. É definida também como o conjunto de ações de saúde individuais, familiares e coletivas que incluam a proteção, a prevenção, a promoção e o cuidado integrado realizados com equipe multiprofissional, e dirigida à fração populacional em um território específico com os quais as equipes de saúde se comprometem (Gusso, 2018).

A integralidade é um dos princípios básicos do Sistema Único de Saúde (SUS) e considera o indivíduo como uma totalidade, atendendo a todas as suas necessidades. Com esse

objetivo impera que exista a integração de ações que abranjam a promoção de saúde, o tratamento e a prevenção de doenças, bem como a reabilitação e articulação com outras políticas públicas (Ministério da Saúde, 2024).

A APS é pautada pelos princípios da coordenação, do cuidado, do vínculo e da continuidade, da integralidade, da equidade, e da participação social atuando assim em consonância e no mesmo sentido que o SUS (Combinato, 2012).

É perceptível que a APS constitui uma postura de compromisso do governo que cuida do seu povo, sendo ela um investimento, sim, mas um que se importa com o todo que o indivíduo representa, que leva em conta suas necessidades, que exige cooperação contínua entre órgãos responsáveis, comunidade, família e pessoa. Longe de tratar o cidadão como um ônus, a APS traduz em seu *ethos* um tipo de cuidado preventivo e que evita, amiúde, que pacientes venham a necessitar de hospitalizações, algo que reverbera tanto em uma maior qualidade de vida individual e da comunidade, quanto em menos gastos públicos com doenças e males que poderiam ter sido evitados, ideia corroborada por Duarte (2022).

Sendo evidente, a julgar pelo corpo do texto, que a Política de *Envelhecimento Ativo* não ressalta devidamente o papel do Estado no cuidado para com a população idosa, o que transmite uma mensagem em consonância com o espírito capitalista ao colocar tal responsabilidade nas mãos da família e do indivíduo, como se poderia esperar que ela se detivesse sobre a APS, sendo esta, em seu corpo e essência, contrária à nova razão do mundo?

É um fato que poucos países têm um mecanismo de tamanha eficácia e relevância como o SUS, se é que algum tem, e é compreensível, por um lado, que tendo a PEA sido feita pensando em uma coletividade de países, e não no Brasil especificamente, não tivesse condições de citar e debater a importância da APS para a população idosa. Por outro lado, no entanto, a PEA poderia ter tido uma percepção mais holística e que levasse em conta realmente, e não em frases esparsas ao longo do texto, que muitos países, especialmente aqueles em desenvolvimento, não têm padrões de saúde como os europeus, já de economia consolidada, IDH elevado, população reduzida e, portanto, mais facilmente acolhida e cuidada.

Se o objetivo era criar um documento que fosse mundialmente adotado e representasse um interesse genuíno em cuidar da população idosa que se multiplica como nunca antes na história humana, por que não considerou de forma mais aprofundada as profundas desigualdades que abrangem a maior parte das nações que abrigam bilhões de pessoas cuja renda e condições materiais de existência não se podem comparar com os do velho continente?

Direcionamos essa crítica também ao Brasil. É uma boa ideia, sem dúvidas, demonstrar sua parceria a órgãos internacionais como a OMS quando eles adotam posturas de cuidado, que demonstram que se importam com desafios que se apresentam em ubiquidade, como é o caso do envelhecimento; Mas simplesmente traduzir o documento e trazê-lo para a sociedade, como se tivesse simplesmente copiado e colado após passar por um site de tradução, demonstra visível desconsideração para com a realidade de seu próprio povo.

Se queriam se posicionar favoravelmente à PEA isso era totalmente possível, mas não sem anexar um documento próprio ou fazer uma versão entrelaçada com ideias e pautas que representassem a realidade aqui diariamente vivida. A adoção cega de um posicionamento que não foi criado levando em conta o quadro tão único que constitui este país não apenas transmite uma conduta de omissão, mas de irresponsabilidade, capaz de agravar as desigualdades e reforçar um proceder caracterizado por displicência por parte do Estado.

É das manifestações e mobilizações da classe trabalhadora que nascem políticas como a do envelhecimento ativo, o que não significa que elas já não surjam eivadas de interesses contraditórios pelo fato de terem em seu bojo também vontades que servem ao sistema capitalista, como o de manter as massas sob controle (Vilione, 2016).

Como já dito nesse trabalho, é muito difícil lutar contra esse sistema, pois mesmo quando permite a realização de uma conquista dos trabalhadores, pode não passar de uma manobra que favoreça o neoliberalismo, o que não significa que se deva deixar de lutar pelas necessárias melhorias; quer dizer, no entanto que se deve manter o senso crítico mesmo quando há vitórias.

Logo antes da introdução, a PEA apresenta a pergunta “quem são os ‘mais velhos?’”; a resposta que apresenta é um conceito unicamente etário para separar as pessoas dessa camada da população, e cita saúde, participação e níveis de independência como aspectos que diferenciam as velhices, mas deixa de abordar tantos outros aspectos que compõem esses grupos, a exemplo de classe social, cor, gênero, se vivem no campo ou na cidade, entre outros.

Ao desconsiderar toda uma gama de pessoas submetidas a condições marginalizantes, o documento deixa de respeitar o princípio constitucional da isonomia, bem como o da equidade, da igualdade com justiça, pois ignora as velhices disformes criadas pelo capital. Isso significa que levar em conta também os idosos e idosas que viveram condições fragilizantes e sempre como classe trabalhadora é englobar o princípio da equidade e ampliar o alcance de “envelhecimento ativo” (Vilione, 2016).

Segundo Mazuchelli (2021), as desigualdades sociais em nosso país incidem diretamente nas experiências de envelhecimento, fazendo com que esse seja um processo histórico intimamente entrelaçado às disparidades raciais, de gênero e econômicas. A realidade em que vivemos coloca o idoso dentro de uma lógica neoliberal que privilegia a força de trabalho em detrimento das diferenças entre papéis advindas da valorização dos saberes culturais e sociais inerentes a essa parcela populacional. É devido a esses contextos que se faz imperativo englobar todas essas velhices (Mazuchelli, 2021).

As consequências de uma política como a do “envelhecimento ativo” ignorar as heterogeneidades que citamos incluem a possibilidade de ela se tornar um operador de exclusão social e de desigualdades em saúde, já que nem todos terão condições de aderir à sua proposta de maneira igualitária (Timonen, 2016), o que é corroborado por estudos que mostram relação positiva entre nível socioeconômico e participação em atividades socioculturais (Galenkamp, 2016).

A PEA inclui em seu público-alvo entidades não governamentais, setor privado, governantes em vários níveis de atuação, bem como os responsáveis por criarem as políticas e programas ligados ao envelhecimento e até outros setores. Vilone (2016) aponta a contradição existente na ausência dos idosos no rol que constitui o público-alvo. Não deveriam esses estar nessa lista em uma posição de destaque? Concordamos com a autora que após tantos avanços nas discussões acerca das expressões da questão social já deveria ter sido aprendido a não problematizar “para” os sujeitos, mas “com” eles. É uma postura autoritária e excludente abordar a realidade dos idosos sem lhes permitir voz e participação.

Questionamos se após o levantamento das críticas aqui contidas e de tantas outras presentes nos trabalhos acadêmicos, artigos, e até trabalhos jornalísticos não é hora de a OMS pensar na criação de um novo documento sobre a temática idosa e do envelhecimento ativo. O mesmo nos perguntamos acerca da postura brasileira em relação ao PEA. Aguardar uma mudança de postura internacional pode requerer uma paciência que custaria caro à população menos favorecida, mas estabelecer uma nova abordagem a respeito do documento já existente é algo muito mais fácil de ser conseguido. Uma postura que permita agora levar em conta tantos aspectos ignorados e esquecidos, que tangencie e aborde verdadeiramente as velhices plurais nessa nação contidas, suas heterogeneidades, particularidades, direitos, limitações, entre outros.

5 A PALAVRA DAS PARTICIPANTES: PSBS, QUALIDADE DE VIDA E VELHICE

Tabela 2 – Nome, idade e tempo de participação no núcleo de cada interlocutora.

Nome	Idade	Tempo de PSBS
Alice	91	10 anos (ou mais)
Bia*	71	3 meses
Clara	74	15 anos
Dora*	68	4 anos (Lagoa) e 8 anos (Pinheiro)
Etelvina*	68	7 anos
Fátima* (Coordenadora)	62	19 anos
Gleide	79	15 anos
Helena	61	2 anos

*Componentes do núcleo Lagoa da Maraponga.

5.1 Condições de saúde

Iniciemos pelo mais óbvio: as repercussões físicas e quiçá mensuráveis de frequentar núcleos como os PSBS da Maraponga. Foi encontrado nessa pesquisa que seis das oito entrevistadas participam de mais de um núcleo do PSBS ou simultaneamente de um núcleo dos bombeiros e um da prefeitura ou Pilates. Mesmo as duas mulheres não integrantes de outro grupo fazem caminhada frequentemente para completar atividades físicas.

Isso significa que as mulheres que frequentam os núcleos do PSBS encontram-se, de forma geral, afastadas de uma vida de sedentarismo, estando, portanto, apartadas de toda uma gama de males e doenças relacionadas a este fator. Obviamente, isso não quer dizer que elas estejam imunes a algumas das ocorrências funestas atreladas a uma vida sedentária, mas possuem chances bem menores de serem afligidas por eles.

Embora já tivéssemos, antes, nesse trabalho, falado acerca das benesses das

atividades físicas e dos riscos do sedentarismo, após as entrevistas percebemos a necessidade de tecer algumas ideias, novamente, sobre esses tópicos, tendo em vista que se manifestaram de maneira muito proeminente.

A inatividade física é um importante fator de risco modificável para várias doenças incluindo as cardiovasculares, a diabetes, a osteoporose e o câncer (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2000). Há mais de duas décadas existem reportes médicos que recomendam que pessoas de todas as idades pratiquem pelo menos 30 minutos de atividades físicas moderadas ou intensas na maioria dos dias da semana ou em todos (Manley, 1996).

A caminhada é encorajada, nos EUA, como uma das mais acessíveis formas de permanecer fisicamente ativo. Sendo a atividade física e tempo de lazer mais comumente relatada nesse país, além de ser relativamente comum entre grupos que são geralmente inativos, por exemplo, os idosos e grupos com baixo poder aquisitivo (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2000).

Os benefícios para a saúde advindos de atividades físicas são bem estabelecidos na literatura. Eles contribuem para um risco menor de doenças cardiovasculares e alguns cânceres, além de diabetes tipo 2, osteoartrite e osteoporose. Os benefícios das caminhadas rápidas (acima de 5,6 km/h) incluem a manutenção de perda de peso por longos períodos, o aumento das lipoproteínas de alta densidade, redução da pressão sanguínea e também o risco de doenças cardiovasculares e cânceres diversos ao mesmo tempo em que proporcionam baixos níveis de lesões (Eyler, 2003).

Outro assunto não previsto que se manifestou em nossa pesquisa diz respeito à presença de diabetes tipo 2 na vida dessas mulheres, tendo sido citada em 6 das 8 entrevistas. Essa variante é aquela de menor influência hereditária, o que significa que os hábitos podem influenciar de maneira bastante significativa em seu surgimento, retardando ou evitando sua aparição (AMERICAN DIABETES ASSOCIATION, 2010).

O processo de envelhecimento não está sempre relacionado a incapacidades e doenças. Mesmo assim, doenças crônico-degenerativas são frequentemente relatadas por idosos, de maneira que a tendência atual é existir um crescente número de pessoas que vivem mais, porém apresentando maior prevalência de condições crônicas e a elevação desse índice está diretamente ligada a menor capacidade funcional (Franchi, 2008).

A diabetes é um grupo de doenças metabólicas caracterizadas por hiperglicemia resultante da insuficiência de secreção de insulina, de sua ação ou ambas. Os efeitos crônicos da diabetes estão associados com disfunção e falha em diferentes órgãos, especialmente olhos,

nervos, coração, vasos sanguíneos e rins, existindo, aliás, danos que se prolongam ao longo da vida (AMERICAN DIABETES ASSOCIATION, 2010).

Esta forma de diabetes costuma permanecer sem ser descoberta por muitos anos, porque a hiperglicemia se desenvolve gradualmente, e, em estágios iniciais, frequentemente não é severa o suficiente para que os pacientes notem quaisquer dos sintomas clássicos da diabetes. Mesmo assim, tais pacientes têm um risco maior de desenvolverem complicações micro e macrovasculares. O risco de desenvolver esta forma de diabetes aumenta com a idade, com a obesidade e com a falta de atividades físicas, ocorrendo mais comumente em mulheres com maior Índice de Massa Corpórea (IMC) e pessoas com hipertensão, sendo que os índices variam de acordo com recortes de idade e raça (AMERICAN DIABETES ASSOCIATION, 2010).

Intervenções focadas no estilo de vida e que busquem o aumento de atividades físicas e em uma redução do peso corporal de 5 a 10% e o uso de certos instrumentos farmacológicos voltados para o controle da diabetes têm sido relatados na literatura como mecanismos de prevenção ou retardo do desenvolvimento de diabetes em pessoas com intolerância à glicose (AMERICAN DIABETES ASSOCIATION, 2010).

Conforme veremos nas respostas das entrevistas, muito daquilo que as idosas entendem como qualidade de vida diz respeito à independência e à liberdade de poderem praticar suas atividades físicas, ter um corpo funcional e que atenda às suas necessidades diárias de realizações. Os/as idosos/as que têm diabetes tipo 2 e que realizam atividade física apresentam níveis melhores de capacidade funcional (Franchi, 2008).

Não se faz necessário um aprofundamento maior neste assunto desde que fique nítida a necessidade de as atividades físicas serem uma parte importante, frequente e bem estabelecida na rotina das pessoas idosas, de maneira que se faz crucial, constante conscientização, que parta dos diversos serviços e atendimentos por que passa esse público no sentido de instar frequentemente que permaneçam com a prática de atividades físicas, sejam essas conscientizações provenientes dos próprios bombeiros, da mídia, do governo, dos profissionais de saúde ou de tantos outros que possam auxiliar nessa iniciativa.

Com relação às repercussões físicas propriamente ditas, todas as idosas relataram algum tipo de melhoria proveniente das atividades físicas ali realizadas: “Porque vi que ali minha saúde melhorou 100%” (Alice, 91 anos).

Na mesma direção, Bia (71 anos) reage:

São grandes as melhorias de comparecer aos núcleos. Me senti melhor na questão da diabetes. Meus ossos!! Sentia dores nos ossos. Graças a Deus eu

não estou mais sentindo. Se eu sinto, é no dia que eu não faço. Como já precisou, né? Mas, gente, é maravilhoso.

Algumas vezes a questão física aparece pelo frequentar as aulas, mas também é possível notar importantes alterações que podem ocorrer pelo não comparecimento aos encontros, conforme entendemos, por exemplo, nas falas de Alice (91 anos):

Sinto falta das minhas ginásticas. Quando viajo para Madalena e as pessoas falam bem da minha disposição, eu digo que é por causa dos bombeiros lá de Fortaleza. Quando demoro a aparecer, eu me sinto mal. As aulas ajudaram muito. Fiquei mais viva, mais esperta. Adoro minhas aulas. E agora lá em Madalena tem bombeiros também. Também tem núcleos lá.

Por sua vez, Helena (61 anos) afirma que seu envelhecimento é maravilhoso, pois está envelhecendo com saúde tanto física quanto mental. “Me sinto tranquila, feliz. E é isso que importa, né?”.

Segundo a senhora Gleide (79 anos), as profissionais do Pilates que ela frequentava, afirmam que em regra as pessoas com sua idade não conseguem fazer as coisas que ela faz, pois estão muito “travadas”. Ela confessa com tristeza, que achava muito bom, mas que agora o preço do Pilates passou a ser um fator que inviabiliza a sua continuidade.

Após rápida pesquisa, no entanto, averiguamos que existe Pilates oferecido de forma gratuita ou com preços reduzidos para a população idosa e, felizmente, encontramos registros de locais que ofertam este serviço, existindo opções tanto em Fortaleza quanto em outras áreas mais afastadas, a exemplo de Eusébio⁶.

Retomando as condições de saúde na velhice, a genética de Alice é especialmente privilegiada, pois a mesma afirma que sua mãe morreu com 102 anos e a bisavó com 106. Tendo já 91 anos, Alice diz ter dois irmãos mais velhos. As irmãs, contudo, “já morreram quase todas, especialmente aquelas que não faziam nada da vida; eram ‘preguiçozonas’”. Que fique evidente aqui mais esse ressaltar da importância de não adotar uma vida sedentária, já

⁶Em Fortaleza, por exemplo, o Pilates passou a fazer parte da lista de esportes do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca) Pici, e também chegou ao Cuca José Walter. Ao todo, a Rede Cuca oferece 240 vagas na modalidade (<https://gcmias.com.br/noticias/2023/06/13/aulas-gratuitas-de-pilates-sao-ofertadas-em-fortaleza-saiba-como-se-inscrever/>). Também a Universidade Estadual do Ceará (UECE) oferece vagas gratuitas de Pilates para a população idosa através do projeto Corpo em Movimento pelo Olhar da Educação Somática (SOMA) é uma atividade de extensão. A iniciativa oferece ainda Yoga e outras modalidades. (<https://www.uece.br/noticias/conheca-o-projeto-de-extensao-soma-que-oferece-pilates-gratuito-na-uece/>) A Associação Estação da Luz, instituição sem fins lucrativos sediada em Eusébio, na Região Metropolitana de Fortaleza, oferece aulas de Pilates gratuitas para a população idosa em situação de vulnerabilidade. O espaço conta com equipamentos modernos e profissionais qualificados para atender às necessidades dos alunos. (<https://boanoticia.org.br/projeto-no-eusebio-oferece-aulas-gratuitas-de-pilates-para-a-populacao-idosa/>)

que mesmo pessoas com uma genética longa, mas de hábitos sedentários podem morrer antes, se comparadas às pessoas mais ativas de semelhante berço.

Bia, por sua vez, relata que tem um problema na perna e também comenta que tem diabetes. Como já explicado, essa doença pode comprometer o uso e funcionamento dos membros inferiores e vários outros órgãos do corpo: "Eu melhorei muito depois desses exercícios. Tenho diabetes e os pés ficam dormentes por causa dessa doença" (Bia, 71 anos).

A filha diz que antes a mãe não queria ir, pois não tinha o hábito da atividade física. Agora, ela já vai dormir na ansiedade para ir no dia seguinte. Havendo, por vezes, um questionamento no meio da madrugada, quando ela acorda cedo demais: "Já está na hora?".

5.2 Hábito

Alguém que até não muito tempo atrás não possuía o costume de praticar atividades físicas, agora não apenas pratica e sente falta, mas já tem uma saudável ansiedade pelo momento do início das aulas. E ainda neste assunto, Bia complementa: "Elas não vêm porque não sabem o quanto é bom, mas se a pessoa vai o primeiro dia, já não quer faltar mais."

Essa fala de Bia e as de algumas outras idosas nos trazem a um tópico sobre o qual acreditamos ser válido trazer algumas considerações, dada a sua repercussão nesse trabalho e na saúde da pessoa idosa de forma geral, que é o tema do Hábito. Várias publicações já defendem o fomento de hábitos de vida saudáveis no intuito de elevar o bem-estar tanto na vida pessoal, como na laboral. O trabalho de Bilbao Zapata (2024) é um exemplo de publicação dessa natureza.

Segundo o autor, fomentar hábitos de vida saudáveis dentro âmbito laboral é um dos pilares essenciais para que os trabalhadores não percam nem a qualidade de vida, nem a produtividade ao longo do tempo. Zapata defende que se se deseja que os trabalhadores conservem sua saúde em bom estado é importante que o local no qual passam um terço de suas vidas, permita otimizar a saúde, cabendo às empresas esse papel. Devem elas oferecer mais ferramentas para que os/as trabalhadores/as cuidem da própria saúde, assim como devem proporcionar um ambiente no qual o cuidar da saúde seja algo visto com receptividade e alegria, e não com olhares receosos.

Várias das idosas estavam, antes de ingressarem nos núcleos, totalmente sedentárias, e terem iniciado uma outra rotina veio a abrir-lhes toda uma gama de oportunidades. Mas que significa um hábito? Quando algo que passou a ser feito deixa de ser

eventual e passa a ser parte da rotina de modo que, em caso de ausência, seja sentida a sua falta?

Clear (2018) dá uma perspectiva sobre como construir hábitos positivos para eliminar os negativos. Assim, define um hábito como uma ação que se realiza com regularidade e que, em determinado momento, torna-se automática. Logo, enfatiza que os hábitos não são eventos isolados, mas comportamentos que se repetem com consistência ao longo do tempo, moldando, então, a nossa identidade.

James (1958), psicólogo e filósofo, conceitua hábito como sendo a tendência adquirida a repetir uma sequência particular de ações, seja ela mental ou física, em resposta a um determinado estímulo ou a um contexto específico. Skinner (1953) afirma que o hábito é um comportamento que se aprende através de repetição e reforço; são ações que se realizam de maneira automática em resposta a estímulos do ambiente.

Em consonância com Hernandez (2024), mesmo o filósofo grego Aristóteles considerava os hábitos como disposições arraigadas que se pode adquirir por meio da repetição de ações virtuosas ou viciosas. Segundo o autor, os hábitos virtuosos são aqueles que conduzem ao bem-estar e à virtude, enquanto os viciosos levam ao sofrimento e ao vício.

Pinzón Torres (2024) argumenta que uma vez que as pessoas consigam incorporar um hábito em sua rotina diária, ele se torna parte essencial de suas vidas. As suas entrevistadas descreveram hábito como algo viciante, comparável a uma droga, tendo em vista que experimentam notória diminuição de energia e ânimo se não conseguiam realizar a atividade desejada. Mesmo assim, frequentemente existem interrupções devido a lesões, más notícias ou falta de tempo.

No caso da pesquisa ora desenvolvida, isso também ocorre devido aos recessos que ocorrem duas vezes ao ano e que fazem com que, por algumas semanas, as idosas fiquem sem as aulas do PSBS. Apesar destas pausas, Pinzón Torres afirma que comumente as pessoas encontram alguma forma de motivação externa que lhes permite retomar a rotina desejada.

Um dos estímulos mais comuns que a autora relata é justamente a motivação trazida por amigos e familiares. De igual modo, se existe um apoio comunitário e se a pessoa se sente como pertencente a determinado meio, isso pode ser um fator muito benéfico para que se mantenha um hábito que se deseja estabelecer.

Observemos que vários dos temas surgidos nesta pesquisa são intimamente entrelaçados, sendo difícil separá-los em fragmentos isolados. Já aqui é perceptível que aquilo que foi dito sobre formas de combate ao sedentarismo e à diabetes está conectado com o fomento de hábitos saudáveis para o estabelecimento de rotinas desejáveis para pessoas de

todos os grupos etários e de classes sociais, almejando uma melhor saúde para a população, o que virá a ocasionar menores gastos com a saúde física e mental.

5.3 Vida social e sentido do PSBS

Também andam muito próximas as repercussões físicas e sociais advindas do frequentar o PSBS, de maneira que em várias das falas que colocaremos como estando na ramificação da saúde física, poderiam ter sido utilizadas como sendo pertinentes à conexão social existente entre as idosas que vão aos núcleos.

Bia (71 anos) afirma "Se elas fossem, a vida delas mudaria, como mudou a minha. Essa alegria, as amizades, os abraços, os sorrisos, tudo é muito importante".

Ao falar sobre o que sente por ser parte do PSBS, Bia manifesta:

É muita satisfação. Eu me sinto muito feliz ali, sabia? Olha, é um trabalho muito lindo, muito importante. A gente sente a satisfação dos professores. Muita alegria. Eles abraçam, eles beijam, conversam. Então a gente se sente segura no meio deles e das amigas.

Percebemos aqui, como em outros momentos novamente sucederá, que é imperativo que haja uma constância no frequentar os núcleos pois vários dos benefícios físicos e mentais não se prolongam no tempo se se retorna ao sedentarismo. Cuidar do corpo e da mente é um exercício diário.

Alguns achados impressionam até mesmo a mim que estou amiúde escutando os depoimentos dessas mulheres e um deles diz respeito a essas dores nos ossos. E isso só foi descoberto devido a essas entrevistas. Quantos outros tipos de dores no corpo ou na mente não poderiam ser atenuados caso as pessoas idosas, principalmente, mas também em todas as faixas etárias, praticassem mais atividades físicas?

De fato, mesmo que fosse um medicamento farmacológico com comprovações já documentadas em revistas e publicações, muitas vezes é imprevisível o tipo de repercussão que ele vai trazer em determinadas pessoas. É por isso que me pergunto quantos e quais dos males que atingem as pessoas não seriam atenuados caso houvesse a adoção desse binômio composto por atividade física mais grupo social que traga a sensação de pertencimento.

Mesmo nós profissionais não somos esquecidos do carinho e consideração que as idosas e a coordenadora têm por todo o núcleo. Quando manda um recado final em sua entrevista, a coordenadora Fátima pede que continuemos com elas e que continuemos a fazer o que comumente fazemos, bem como nos agradece complementando que nem tem palavras para dizer o quanto somos bons para elas. Chega até mesmo a complementar que o bombeiro que veio a se integrar há poucos meses no núcleo, o Romualdo, já faz parte de sua família:

"aqui é uma família".

Dois casos são bem emblemáticos no sentido de demonstrar a força social que o PSBS possui. Um deles é o da Gleide (79 anos): "Foi a Clara quem me tirou da depressão".

Segundo ela, em uma época em que não havia telefone, Clara ia até sua casa e dizia: "Se arrume que nós vamos sair". Passado um tempo, Gleide continuava lá, deitada, sem motivação, e Clara instava, afirmando: "só saio daqui quando você se arrumar. Enquanto você não tomar um banho e se vestir, eu não saio".

Essa amizade já tem mais de 20 anos e Gleide assevera que em laços mais recentes, dificilmente, consegue-se essa confiança plena que tem em Clara. Foi bastante notório que essa memória é muito preciosa para Gleide, já que quando a entrevista com Clara foi realizada, Gleide estava por perto e fez uma rápida e bem-vinda intromissão.

Clara falou que gosta muito das pessoas do núcleo, que se sente bem lá, de forma que gosta de se divertir com as amigas, com os professores e que isso faz muito bem para a cabeça, trazendo um saudável esquecimento dos problemas que se tem: "Se você está em casa com problema e não sai, aquilo continua".

Chegar ao núcleo e conversar com as outras pessoas, segundo ela, abre os horizontes. E, às vezes, uma das pessoas presentes, sem querer, acaba dando uma luz. Foi nesse momento que Gleide interveio dizendo que essa luz em sua vida, foi a Clara. Muitas vezes. Sem a sua participação, nesse sentido, ela não teria mudado de vida.

Isso acabou se mostrando de uma importância absurda, já que ao longo da entrevista de Gleide é possível notar que ela tinha uma vida muito difícil pois seu corpo não lhe permitia movimentações muito amplas. Se estava em pé e deixava cair um objeto, precisava primeiro encontrar um local para se sentar, e tentar dali acessar o objeto caído, pois era incapaz de se curvar até o chão para concluir a tarefa.

Imaginemos agora que Clara não existisse na vida de Gleide. Poderia ser que ela nunca tivesse se recuperado dessa condição tão limitante, e sabemos que é impossível prever como de fato teria sido, mas levando em conta a asma, este corpo nessas condições e os eventuais outros desgastes que aparecessem com o decorrer dos anos, ela nem estivesse mais entre nós.

Também muito me impressiona que a amizade entre essas duas senhoras que se comportam como se fossem irmãs, ultrapasse, inclusive, barreiras políticas. Por ocasião das eleições presidenciais de 2022, caminhávamos nós três pela Rua Francisco Glicério, e já estávamos indo embora, sendo que Clara estava alguns metros adiante e eu e Gleide íamos lado a lado.

Quando comentei que desgostava do então presidente, Gleide disse baixinho que eu não trouxesse este assunto para a conversa, estando Clara presente, pois, embora elas sejam muito amigas, este assunto é evitado, porque Clara defendia o então presidente e Gleide prefere o atual.

Durante a época dessas conturbadas eleições, muitos laços de amizade e família foram rompidos para nunca mais se reestabelecerem, mas a amizade entre Gleide e Clara superou esta época difícil e se mantém com uma qualidade elevada até os dias atuais.

Várias das respostas apresentadas trouxeram a questão dos horários e da importância de acordar cedo para quem deseja se fazer presente nos núcleos do PSBS. Existem também núcleos cujas aulas começam às cinco da tarde e que são uma opção viável para as mulheres cujas rotinas não lhes permitem acordar mais cedo ou comparecer por qualquer outro motivo nas aulas matinais.

Algumas idosas têm uma manhã muito movimentada por dinâmicas familiares, ou tem outras questões, como insônia, e não conseguiriam comparecer às nossas aulas matinais, mas que encontram nas vespertinas uma alternativa bem-vinda. Citamos já nesse trabalho os PSBS e o JBV (Jovem Brigadista de Valor) como projetos através dos quais o CBMCE aproxima-se da comunidade no intuito de cumprir seu papel legalmente proposto pela Carta Magna. Existem também projetos que amparam jovens através do ensino de Caratê, de Judô, e até mesmo um núcleo de PSBS que conta com piscina, que ocorre no quartel do José Walter.

Foi apenas ao entrevistar nossas alunas que me atentei para a necessidade de existirem variados tipos de núcleos e horários que contemplem pessoas com diferentes necessidades. Insônia patológica pode ser um motivo que leve as idosas a preferirem fazer o PSBS em sua modalidade vespertina; ter alguma doença nos ossos que torne imperativo que os exercícios sejam de impacto ainda menor é uma questão que, havendo essa prescrição médica, só permitiria exercícios em piscinas.

Dessa feita, é sim possível termos esse olhar para a importância de haver mais núcleos de PSBS de modo a contemplar mais pessoas e que sejam em horários e modalidades variadas, mas esse tipo de observação entra em conflito com o problema de efetivo do CBMCE.

5.4 Problema de efetivo

Os núcleos do PSBS podem ser visitados e frequentados por qualquer número de

peessoas, e a coordenadora responsável por cada um deles faz o cadastro das pessoas que de fato forem se interessando em permanecer, e passarão a receber, graças a esse registro, os materiais e equipamentos que forem disponibilizados pelo Governo do Estado para o PSBS

No entanto, quanto mais pessoas cadastradas, mais bombeiros precisam estar vinculados àquele núcleo. O Comandante-geral exemplificou, dizendo que “se existem 30 pessoas, tem que haver 3 bombeiros. Se tem 40 alunos, a necessidade já aumenta para 4, e assim por diante” Ele compartilha conosco que, nesse aspecto, existe um “problema grande na nossa instituição” que é a questão do efetivo.

Na data da entrevista, o corpo de bombeiros contava com 1.686 profissionais em todo o estado do Ceará. Embora tenha havido várias convocações, o último edital de concurso é de 2013, com realização da prova em 2014 e convocação em 2015. Por ocasião da feitura deste trabalho, já são mais de 10 anos passados desde o último certame, e esse é um aspecto preocupante na corporação. “É um problema grande é um problema sério.”

No que diz respeito aos nossos núcleos, esse efetivo reduzido significa que estamos limitados, caso mais pessoas se cadastrem, pois não temos como fazer com que os instrutores estejam em vários núcleos ao mesmo tempo. De maneira que isso não apenas se constitui uma barreira para o crescimento dos núcleos já existentes, como é um fator limitante para o surgimento de outros núcleos na capital, interiores e região metropolitana.

Segundo o jornal O Povo, existe legislação oficial, que atualmente é a Lei n.º 15.797, de 25 de Maio de 2015, prevendo que o efetivo mínimo de bombeiros no Ceará é 3.820 (3703, após correção do documento oficial). Tanto na época da reportagem quanto na da entrevista, o número existente de profissionais está em torno de apenas 43% da previsão legal. Se o ingresso de profissionais é um evento raro, a saída daqueles que já estão com tempo suficiente para aposentadoria é constante.

Se se deseja ampliar o sucesso do PSBS para regiões mais descentralizadas de nosso Estado, se faz imperativo que mais concursos sejam realizados e com maior número de vagas para que existam quartéis dos bombeiros em mais interiores e que o número de bombeiros em cada lugar seja tal que possibilite não apenas um melhor serviço prestado à população como a criação de novos núcleos de PSBS, e fortalecimento dos atuais.

5.5 Coragem

Durante a pesquisa, houve uma palavra que se destacou muito nas falas das idosas por sua recorrência e significado. Esta palavra é “coragem”.

Peterson (2004) conceitua a coragem como um conjunto de virtudes humanas que inclui valor frente ao perigo; autenticidade para ser sincero; entusiasmo e gosto de viver mesmo em situações desafiantes; e esforço e perseverança em levar desafios e tarefas a termo.

Putman (1997) refere-se à coragem no sentido de capacidade de lutar contra a depressão, o abatimento, os estresses da vida e todos os fatores negativos que colocam em risco a alegria e a paz interior. A coragem, para Rachman (1984), possibilita que situações difíceis sejam superadas, mesmo que exista medo subjetivo.

Quando questionada acerca do bem-estar subjetivo que o PSBS possa ter trazido para a sua vida, a coordenadora Fátima (62 anos) responde:

A coragem de se levantar, se arrumar e ir; de frequentar mesmo, e agarrar com fé que iria melhorar a vida da gente. E melhorou muito, de muita gente. Tinha muita gente com dor, e melhorou das dores. Tinha gente que não levantava o braço e depois conseguiu. Tudo a gente vai vendo ali, aos pouquinhos, e vai notando e vai vendo.

Ao ler depoimentos assim, e principalmente aqueles que são contados em primeira pessoa, uma impressão que é possível ter é a de que o PSBS é quase milagroso na vida de algumas mulheres. Se na de muitas delas, quiçá todas, há um incremento de bem-estar subjetivo, na de outras, a mudança é tal que torna-se próximo do impossível pensar de que outras formas essas mulheres poderiam ter recuperado independência, movimentos musculares, bem-estar, conexões amistosas, superações de depressão e luto, de dores, sedentarismo, e tantas outras barreiras que por vezes existem para uma velhice bem-vivida.

Ao responder sobre os fatores que considera mais importantes para ter uma boa qualidade de vida, Gleide diz que é muito importante conversar com as pessoas, se alimentar bem e tem uma vizinha que passa o dia deitada e não tem coragem de se levantar, havendo outra, ainda, que não se exercita porque passa o dia trabalhando.

Essa é a mesma mulher a qual revelou que antes de começar no PSBS estava com uma saúde tão fragilizada que se quisesse colher algo que caíra no chão, precisaria sentar numa cadeira, mas cuja condição mudou completamente. Hoje, em vez da realidade na qual ela estava, pensando que não chegaria sequer aos 50 anos, já que perdia o fôlego muito rápido.

Ademais, quer viver para aproveitar a vida com os filhos, netos e bisnetos e diz que chegar nessa idade (79) é um grande motivo de felicidade: “Quando abro os olhos já é agradecendo a Deus por ter me conservado até hoje”. Gleide diz que, conforme foi envelhecendo, foi criando mais forças para poder caminhar, para enfrentar os desafios da vida, gostar de conversar com as pessoas e ir a encontros familiares.

Lopes (2010) afirma que idosos/as não institucionalizados/as manifestam maior sentimento de coragem para enfrentar desafios, possuem mais otimismo pela vida, sendo capazes de traçar objetivos e tentar concretizá-los. Comparando as informações da literatura com os achados aqui encontrados, é possível supor que quanto mais independente a pessoa idosa, quanto mais ela consegue levar a termo seus intentos, maior a coragem que desenvolvem para enfrentar os desafios que a vida apresenta.

Ao se pronunciar acerca do motivo pelo qual as mulheres que ela convida não comparecem às nossas aulas, Gleide afirma que a causa é o comodismo, por não quererem levantar cedo, e também que caso elas fossem, teriam em suas vidas mudanças muito boas, como um aumento na disposição, "porque as pessoas que não têm coragem de se levantar para fazer uma caminhada, ficam muito indispostas. Eu chamo aqui a vizinha e ela diz que não tem coragem, que só levanta às 8 da manhã".

Helena, quando questionada acerca das possíveis mudanças que as pessoas idosas que não frequentam PSBS, poderiam ter em suas vidas caso passassem a frequentar o núcleo, responde que elas teriam um incremento na saúde e conecta essa ideia com o fato de que muitas delas passam o dia em casa sem fazer nada, de maneira que, se passassem a ir aos núcleos, conseguiriam sair do sedentarismo, tendo de volta saúde e qualidade de vida.

Helena afirma que antes “não fazia nada. (Ficava) só sentada. Não ia pra canto nenhum”. Era sedentária e desgostava de atividades físicas, mas que aprendeu a gostar. Diz que isso muda a vida da pessoa. Alguns anos atrás Helena “não tinha coragem pra nada. Aí eu conheci os bombeiros, e foi uma coisa maravilhosa”. Ela compartilha que continua a ir porque faz bem, e que os dias das aulas vindouras já ficam em sua mente com antecedência.

O depoimento de Clara (74 anos) é enriquecedor, pois segundo ela, quando vai sente-se bem e se não vai é que fica cansada: “Se eu passar um ou duas semanas sem ir já sinto muita falta no sentido de ficar sem coragem, desanimada e com as pernas cansadas”.

Não podemos deixar de observar a aparente contradição de que se Clara, deixa de comparecer ao núcleo no qual realiza atividades físicas que lhe fazem gastar energia, se ela se fica em casa ou não vai por algum outro motivo, é que se cansa. A falta das atividades e dos encontros causa ausência de coragem, palavra que ela conecta com sintomas físicos, as pernas cansadas, mas também com algo mais subjetivo, o desânimo.

O que motivou Gleide a iniciar as aulas foram dificuldades no próprio equilíbrio. Ela afirma que os exercícios ajudam muito e que quando não vai, sente falta de ar. “Sem falar que quando vou às aulas também tenho uma sensação de ficar me sentindo bem. Acho que estou respirando melhor. É muito bom. E quando tem esses recessos eu sinto bastante falta”.

A exemplo de Gleide, várias outras falam em tom negativo dos dois recessos anuais que o PSBS possui. Por um lado, ele é importante pois os profissionais precisam desse tempo semelhante a férias para dedicarem a suas famílias. Mas é um fato que, do ponto de vista da saúde pública, ele causa um dano ao bem-estar dessas idosas.

Isso se dá tanto pela falta dos exercícios físicos, quanto pela ausência dos encontros de forma geral, que tão bem fazem para o bem-estar subjetivo, sem falar que para aquelas que já tinham conseguido estabelecer a rotina do PSBS, essa quebra de continuidade pode fazer com que algumas delas tenham dificuldade em retomar as atividades.

O Coronel Martins falou que para aquelas que não querem ou não podem ter este tempo de inércia, existem no *YouTube*, no canal da TV Cultura, aulas gravadas do período da pandemia, de maneira que é possível se exercitar apesar da falta dos núcleos. No entanto, como já falado, isso não supre todas as necessidades físicas e sociais do público-alvo do PSBS.

A experiência de assistir a uma aula, qualquer que seja ela, pela *internet* é diferente de estar presencialmente com a turma e professor. O próprio deslocamento de casa até o local dos encontros é suficiente para trazer vários benefícios registrados na literatura, como os que são provenientes das caminhadas, sem falar nas benesses sociais de encontrar as pessoas do bairro ou amigas ao longo do caminho.

Entre os achados mais imprevistos desta pesquisa está justamente a questão do impacto que esses cumprimentos matinais têm na vida dessas senhoras. Dora (68 anos) afirma que aquelas que ainda não vão, caso comparecessem, teriam muito sucesso porque além de cultivarem uma vida saudável, divertir-se iam, porque existe também a alegria gerada pelo contato com as amigas. “A gente se diverte rindo das colegas. Adoro quando eu o meu ‘bom dia, povo de Deus’ e acho que elas, que não vão, perdem muita coisa. Estão deixando de viver mais, mais anos”.

A filha de Bia também compartilhou que às vezes fica olhando algumas das idosas que são mais tímidas e que talvez não tenham o costume de receber um abraço ou um carinho. E nas aulas aparecem os bombeiros que chegam e dizem “bom dia, princesa” e outras que abraçam espontaneamente deixando-as muito felizes.

Bia (71 anos) reforça a mensagem dizendo sobre o modo como os professores as chamam de princesas (ou de coração, ou outro vocativo carinhoso): “ai, como é gostoso gente; é que nem um filho sabe? É como se fosse um filho nos chamando, nos abraçando. ‘Princesa’, ‘meu amor’, ‘minha querida’, ai, é muito bom, a gente aprende até a distribuir esse carinho dentro de casa”. É apenas a partir desses depoimentos que percebo o quanto algumas delas, e

nós também, precisam desse contato social frequente e próximo.

Voltando ao assunto do recesso, Dora fala que quando vai acontecer um recesso, já fica preocupada. De maneira que, no momento em que acontece este aviso, ela diz “eita, já vamos ter que ficar paradas até o comecinho de agosto. Aí para nós já faz falta”.

Ela exprime que precisa se dedicar e ir em outro lugar, caminhar, ir ao supermercado e voltar, dar um jeito; “e para retomar o hábito, muitas vezes não é tão fácil, mas eu oro a Deus que chegue o dia”. Quando dizem que vai começar no dia 8, ela diz “Eita, vamos estar todo mundo junto, aí fico ligando para um e para outro, é muito bom e eu gosto muito”.

Este apreço por um espírito de união é visto em outras falas como a de Helena, que quando perguntada acerca de uma mensagem final que pudesse ser enviada, dedica a suas colegas de turma o desejo de que elas não faltassem: “Queria que fossem bem direitinho para as aulas, chamassem alguém para ir, para todo mundo ficar junto. Que não faltassem, entendeu? E é bom estar todo mundo junto, né? Para ter mais gente no grupo, que é bom se reunir, bater um papo, fazer um passeio. Também não pode ficar só ali, né?”

Voltando às falas de Dora, houve uma que chamou especialmente a atenção. Acerca daquilo que foi dito sobre gostar da companhia das pessoas do núcleo. Ela complementa que isso depende de com quem se conversa: “porque professor, eu te digo uma coisa, dentro de casa a gente conversa muito pouco”.

Dora não mora sozinha. Reside com uma filha, um genro e uma neta, ou seja, em tese, não deveria estar entre as idosas mais solitárias. E, no entanto, expressa que dentro de casa existe pouco diálogo. “É porque com quem eu me divirto e me solto é lá fora, porque dentro de casa a gente conversa pouco”.

Ela afirma que o genro trabalha e a filha também, de maneira que os afazeres permitem apenas diálogos muito pontuais e sem profundidade ou diversão, que é algo de que elas precisam muito, a julgar por suas falas. “Você fez aquilo? Não mamãe, ainda vou fazer. Mamãe pegou isso aqui? Não, mas ainda vou pegar”. Esses exemplos mostram que, em regra, são apenas essas trivialidades que costumam surgir nas conversas de Dora em sua residência.

Talvez seja o caso de suceder o mesmo a muitas outras mulheres. Isso sem falar nas inúmeras que moram sozinhas; ou que sentem semelhante tipo de solidão. Dora (68 anos) pelo menos, tem sido muito presente em nossos núcleos e nos da prefeitura, e sempre a vejo com uma alegria contagiante: “mas lá fora é que eu solto a folia. Lá fora a gente conversa mais, se diverte mais; por isso eu gosto bastante de sair para poder desopilar”.

Estas falas nos remetem para a importância dos encontros sociais promovidos pelo

PSBS e que eles são das melhores oportunidades que essas mulheres têm para se encontrar, se distrair, interagir, compartilhar. Uma de minhas alunas em especial, que chamarei de Ingrid e que não foi entrevistada, frequentemente conversa muito nas minhas aulas, inclusive reduzindo de tal forma a atenção daquelas com quem dialoga que os exercícios físicos ficam um pouco atrasados ou incompletos se comparados com os das outras que estão atentas.

Quando lembro, contudo, que não faz muito tempo, Ingrid perdeu o esposo e passou a ser uma dessas idosas que mora sozinha e que não tem tantas interações sociais, pois os filhos moram em outros bairros e cuidando de suas vidas particulares, entendo que os nossos encontros são a chance que ela possui para conversar e utilizar essa energia social. Além disso, esse tipo de assunto traz à tona a questão do papel das alunas, mas especialmente da coordenadora enquanto força que não apenas organiza o núcleo, mas que fica atenta às suas necessidades e anseios.

Mesmo as famílias sendo, amiúde, um fator protetivo e um lar que ampara e cuida, existem diferenças enormes nas realidades encontradas por cada pessoa. Existem lares saudáveis; outros sem muito impacto sobre o bem-estar dos membros, e existem ainda alguns disfuncionais e causadores de traumas e tristezas.

Tendo já atuado em alguns PSBS, pude perceber tanto por empiria quanto pelas falas das mulheres, que as dinâmicas interpessoais são diferentes entre os núcleos. Observamos pela fala de Helena que, mesmo tendo a coordenadora, boa vontade e planos a serem consolidados no que diz respeito a passeios e viagens, as próprias mulheres, segundo Helena, é que não “chegam junto” para fazer acontecer e tirar os planos do papel.

Existe um certo núcleo ao qual algumas mulheres se referiram como tendo uma coordenadora que se esforça, mas que nem de longe apresenta resultados semelhantes aos de Fátima, coordenadora do Lagoa da Maraponga, e cujas repercussões vão muito além de passeios ou viagens.

Fátima frequentemente está atenta a detalhes que escapam a muitas outras pessoas e seguramente que não seriam observados de igual modo e com semelhante atenção em outros núcleos. Ela compartilha que quando alguma está com problema, ela se aproxima e diz: “Amiga, o que está acontecendo? Vem conversar comigo”. Mesmo quando as mulheres estão faltando aos núcleos, o que muitas vezes já é um sinal de que existe algo errado, especialmente se antes ela era muito frequente, Fátima liga e diz: “me diz onde é que tu está, que eu vou aí”.

Ela sabe que algumas alunas têm problemas de depressão, e é o tipo de coordenadora que não apenas sabe os nomes de todas as alunas, mas sabe onde moram e em

que condições vivem, de maneira que nitidamente o seu grau de atenção ao núcleo (Lagoa da Maraponga) é “fora da curva”.

Por isso é tão importante o seu posicionamento de não se envolver demais com o projeto da prefeitura, do qual passou a fazer parte há alguns meses. “Tenho de saber meus limites”, afirma, ao negar qualquer convite de maior envolvimento, pois tem a perfeita noção de que o grau de atenção que ela dedica às mulheres do PSBS não teria como se estender a outras dezenas que compõem o projeto da prefeitura.

“A Júlia e a Laura precisam muito de ajuda e não sei se elas aceitariam apoio psicológico profissional. A gente nota a falta delas”. Fátima diz que percebe quando elas estão com algum tipo de desculpa inventada ou insuficiente para comparecer ao núcleo e insta para que elas deixem este comportamento e compareçam, e quando elas vêm “a gente abraça, está entendendo? Isso ajuda as pessoas a se levantarem”.

Fátima afirma que o comportamento de Laura preocupa, havendo vezes em que apenas senta na calçada, mas que não dá uma palavra com ninguém. Quando existem os passeios, Fátima, com antecedência, insiste com Laura que peça dinheiro emprestado a seus filhos e vá. “Tem que participar, porque isso ajuda as pessoas. E sempre vou atrás de saber como a pessoa de fato está. E me ofereço para conversar. Nós estamos aqui, né?”

Etelvina, em uma de suas falas, demonstra o quanto essa coordenadora é importante em sua vida. Compartilha que, se fosse pela vontade dos filhos, já teria se mudado, mas só iria se no outro local também houvesse PSBS, e mesmo assim coloca uma ressalva: “em outros núcleos não teria a Fátima, que é uma mãe para nós, ela é muito cativante”.

O caso de Etelvina é um dos mais emblemáticos, tendo em vista que ela, antes de começar no PSBS, não apenas era nova no bairro, o que gera um desafio por causa do medo de não ser aceita, quanto estava enfrentando uma viuvez que lhe deixara depressiva. O apoio proporcionado tanto pelas alunas quanto pela coordenadora, e que hoje faz com que Etelvina compare Fátima a uma mãe, foi algo crucial para que essa mulher não apenas saísse da rotina, quanto construísse toda uma rede de apoio de amigas e conseguisse inclusive novos papéis para a sua vida, já que ela divide responsabilidades no PSBS sendo o que mais próximo temos de uma vice-coordenadora.

Dora afirma que mesmo frequentando vários locais nos quais ocorrem atividades físicas, o mais significativo é o da Fátima, pois ela proporciona almoço, café da tarde, viagem, Natal na casa de praia dela, presenteia a todas as mulheres no dia das mães, bem como em cada aniversário. Dora afirma: “era para nós presentearmos ela também. Cada uma de nós era para dar uma lembrancinha porque ela é tão prestativa, muito dedicada, muito, muito mesmo.

O núcleo da Fátima é 10. Agora posso falar do outro aqui?” Eu digo que ela pode sim falar a respeito, e ela traça os paralelos citados, de contraste entre o núcleo de Fátima e o de Orfélia.

5.6 O que mais vem dentro da cesta?

Quando o indagado acerca dos desafios encontrados para manter o PSBS, o Comandante-geral respondeu que, se não houvesse o devido repasse da verba necessária para o pagamento das horas-aula, o projeto deixaria de existir. Sabemos que para que uma política pública permaneça ativa de fato e de direito o investimento é essencial.

Segundo Gomide (2023), uma das formas de encerrar uma política pública e que não necessita obrigatoriamente de uma decisão formal, basta reduzir os investimentos a níveis que tornem inviável mantê-la em funcionamento de modo adequado.

No caso dos PSBS a verba necessária viabiliza não apenas os pagamentos dos instrutores, como o “fornecimento constante dos uniformes, materiais das alunas, que é algo essencial e faz com que elas se sintam valorizadas”. Na opinião do Coronel, o fornecimento desse kit (uniforme e acessórios) deveria ser anual.

Um dos questionamentos mais importantes e reveladores diz respeito à consecução ou não dos objetivos propostos pelo PSBS. A resposta do Comandante-geral é que “sim, os objetivos têm sido completamente atingidos, de modo que as atividades físicas de baixo impacto têm sido levadas a termo com sucesso. No entanto, é oportuno aqui, lembrar o questionamento da Professora Dra Terezinha Campos, na ocasião da qualificação deste trabalho – “O que mais vem dentro da cesta?”

Essa indagação abarca um significado mais profundo, pois, em outro trabalho do qual ela fez parte (Rodrigues *et al.*, 2022), eram entregues cestas básicas para pessoas carentes e, à primeira vista, o que mais importa nesse tipo de iniciativa é o conteúdo existente no pacote, de modo que quanto maior o investimento e, portanto, a presença de alimentos e objetos que facilitem uma existência digna, melhor. Só que quando paramos para analisar, vemos que a ideia e o resultado na verdade vão muito além disto. Na cesta existem outras nuances que são tão importantes quanto o conteúdo material tangível.

Quando escutei este depoimento dela, a professora citou que além dos alimentos propriamente ditos, existia, por exemplo, a questão dos encontros entre as pessoas contempladas pelo programa; havia, além disso, toda uma rede social construída entre as pessoas que são as beneficiadas diretas das doações com toda a coletividade que trabalha de modo a possibilitar o sucesso da empreitada, por exemplo, as pessoas que recebem a verba,

que fazem as compras, que separam esses alimentos nas cestas e toda a logística envolvida neste tipo de iniciativa, algo que passa despercebido para alguém que contemple unicamente a cesta básica em si.

É muito importante que o ser humano se sinta atendido em sua esfera física, algo que nos remete à pirâmide de Maslow e sua hierarquia de nossas necessidades (Ferreira *et al.*, 2017), mas também há outros imperativos que importam de igual modo, de maneira que é muito válido que o público-alvo se sinta bem tratado, acolhido e digno daquela atenção que a ele foi dedicada.

Na década de 1940, o psicólogo Abraham Maslow publicou sua teoria sobre motivação, que foi baseada em suas observações na prática da psicologia. Segundo ele, todas as ideias históricas e contemporâneas de motivação confluem para a consideração dos estados motivadores, impulsos e necessidades (Ferreira *et al.* 2010). De acordo com Morgan et al. (1996), o sistema proposto por Maslow aponta que a necessidade funciona como fonte de energia que impele as pessoas na direção de seus interesses.

A teoria de Maslow apresenta fatores de satisfação aspirados pelo ser humano, separados em cinco níveis em formato piramidal, como mostra a figura X. A base da pirâmide representa o nível mais importante e cada nível mais próximo dela é superior em relevância àqueles que se encontram mais acima.

Isso significa que as necessidades fisiológicas e de segurança, respectivamente, são aquelas sempre mais urgentes de serem sanadas. À medida que um nível de necessidade é saciado, o próximo torna-se imperativo. As necessidades fisiológicas incluem requerimentos corporais, como a fome, a sede, abrigo e sexo (Quadros; Trevisan, 2002). Já a segurança diz respeito à proteção contra danos físicos.

As necessidades sociais incluem a aceitação, a amizade, a afeição e o sentimento de pertencimento a determinado grupo. A estima é referente à autonomia, realização, respeito e fatores externos de consideração, como atenção, reconhecimento e status.

Por fim, o topo da pirâmide está vinculado ao crescimento pessoal, alcance do próprio potencial, autodesenvolvimento e a vontade de se tornar tudo aquilo que a pessoa sente ser capaz de ser.

Imagem 14 – Pirâmide de Maslow.



Fonte: Google imagens.

Mesmo sem ter sido perguntado acerca do que mais tem dentro da cesta, o Coronel respondeu: “e aí vem algo mais complexo, que é a questão da palavra, a questão da amizade que os bombeiros têm com essas senhoras, os passeios, as brincadeiras, todo um contexto. Mas o objetivo mesmo é esse: Que elas saiam de dentro de suas casas, do ócio e da solidão”.

O Comandante afirma que existem muitos relatos de mulheres que ficavam unicamente em casa, deitadas na rede ou no sofá, tomando remédios, e hoje em dia a vida é totalmente outra. Esta é a realidade narrada por Gleide e Etelvina; conforme relatado em suas apresentações, esta atravessava uma situação de luto por perda do marido, e aquela estava sofrendo de depressão.

É um tanto surpreendente, portanto, que aquilo que ele relata seja exatamente aquilo que vimos nas falas das alunas, várias das quais de fato, estavam inseridas em uma existência sedentária e de solidão, até que decidiram dar um voto de confiança para o PSBS, e esse voto de confiança somado à coragem de continuar resultou em uma mudança enorme de vida tanto para as alunas participantes quanto para os bombeiros e instrutores.

Nas palavras do Coronel, existe a questão da palavra e da amizade que são aspectos fortemente presentes em nossa relação. A amizade é vista e sentida através da simpatia, dos sorrisos, das vezes em que fui recebido em suas casas para dividir café da manhã, ainda sem qualquer intenção de fazer uma pesquisa de mestrado. Manifesta-se também em outros níveis, já que o Comandante-geral do Corpo de Bombeiros, inclusive,

compartilhou que recebe, em seu número pessoal, mensagens e ligações dessas alunas, algumas das quais compartilham desafios e dificuldades que são devidamente ouvidas e, dentro de suas possibilidades, o Coronel Martins, por vezes, auxilia de outras formas.

As alunas são muito atenciosas e sempre pensam em nós e nas necessidades que apresentamos. Nesse meu último aniversário por exemplo elas me presentearam com um calção de corrida, pois sabem que gosto dessa atividade.

Em outras ocasiões, chegam das alunas demandas incomuns, como já foi o caso de elas perguntarem sobre males e doenças acerca das quais eu desconhecia a natureza. Então busquei o saber de uma amiga da área médica para dar a devida orientação.

Também os passeios citados pelo Comandante-geral não estão entre nossas obrigações de realização, mas amiúde existe a proposta de bombeiros que se esforçam no sentido de alugar um ônibus, planejar uma viagem e ir com as alunas fazer um passeio que tem por objetivo, não apenas o turismo, mas também a consolidação destes laços de amizade e a construção de experiências novas para estas mulheres.

É importante que o/a leitor/a entenda que este tipo de atitude não compulsória, que requer esforços adicionais de organização e até de segurança para com o bem-estar dessas senhoras, é algo que demanda imensa responsabilidade e desprendimento, binômio que é conseguido por muitos bombeiros com a intenção de fazer com que este desejo do núcleo se torne uma realidade.

E é sempre uma via de mão dupla, pois acontece de os bombeiros visitarem algumas delas quando ficam doentes ou atendem a um pedido de realização de massagem por estarem com as costas doloridas e necessidades ainda mais sérias como o apoio por ocasião de luto ou perda semelhante.

5.7 Parcerias

Tendo, com este trabalho, vislumbrado a possibilidade de algumas melhorias é muito importante que sejam apresentadas sugestões para que a qualidade de vida dessas mulheres possa ser cuidada de modo cada vez mais eficiente.

Quando, indagado sobre a existência de parcerias com outros órgãos ou empresas, o Comandante afirmou que, atualmente, inexistente parceria entre os bombeiros e outras instituições visando o PSBS, “mas, claro, toda e qualquer instituição que quiser abraçar o nosso programa, nosso projeto, serão bem-vindos. A gente só tem que sentar e conversar os termos”. Ele afirma que essa ideia é essencial, e que se for para ajudar, para somar,

certamente isso será realizado como já foi feito no passado.

Ele cita que nos primeiros anos do PSBS, o Conselho Regional de Educação Física (CREF) ministrou aulas para capacitar os bombeiros, inicialmente, nas atividades de baixo impacto. Na feitura desse trabalho, no entanto, pudemos perceber que muitas outras parcerias são não apenas possíveis, mas desejáveis.

Na ILPI na qual sou voluntário, frequentemente aparecem profissionais de outra área, como a fisioterapia, a enfermagem ou a nutrição, e quando percebem a reunião das idosas e o nosso entrosamento, solicitam que logo depois que a aula for terminada tenham permissão para permanecer ali com as alunas e realizarem suas atividades, sejam elas de instrução, entrevista, de alongamento, de jogos ou outra iniciativa que vise a consecução dos objetivos de sua instituição.

Nos PSBS é perfeitamente possível que profissionais destas e de outras áreas como o Pilates visitem nossos núcleos e, dentro de suas possibilidades, transmitam mensagens e ensinamentos, eduquem e promovam atividades que tenham por objetivo melhorar a saúde física e mental das alunas, de modo que o CBMCE se coloca à disposição para o estabelecimento de parcerias com empresas ou organizações que venham e apresentem suas propostas para que a corporação compreenda e juntos estabeleçam cooperação.

5.8 Educação para o lazer

O lazer é o fenômeno tipicamente moderno, fruto da revolução industrial, Mascarenhas (2003), e que se caracteriza como vivência prática e contemplativa da cultura em sentido amplo, no tempo disponível, livre de todas as obrigações. Marcellino (2021) afirma que, através do lazer, o indivíduo consegue meios de tornar-se criativo e crítico, uma possibilidade para alterar a ordem social.

Outrossim, é uma ferramenta, portanto, capaz de fazer com que se possa experimentar a prática da liberdade. Para Pateman (1992) quanto mais se cria a cultura da participação, mais aptas as pessoas se tornam para contribuir na condução da sociedade e nas tomadas de decisões que a influenciarão.

Na compreensão de Marcellino (2021) as experiências coletivas de lazer permitem o exercício da autonomia, e em decisões grupais surge a possibilidade de atuação participativa, fazendo com que a educação apareça como fruto que fomenta a organização política e o exercício de cidadania e lutas por democratização.

É talvez pela força que têm, que se observa o controle do ócio e do lazer pelas

peessoas que se encontram em situação de privilégio, de maneira que não apenas escolhem as formas de lazer dos dominados como usam um processo de mercadorização do lazer, no intuito de mantê-lo sob suas rédeas, havendo, inclusive, evidências de que empresas e instituições monitoram o tempo livre dos trabalhadores (Venturim *et al*, 2013).

Em Mascarenhas (2003) contemplamos dimensões mais profundas do lazer que requerem um olhar crítico para as expressões do contraditório que essa ideia carrega, e que são consequências do jogo das forças sociais consolidando-se como um fenômeno que engloba não apenas o lúdico, a alegria e a experiência criativa, mas também a utilidade prática, a satisfação imediata, a alienação e o lucro.

O autor situa o lazer no mundo hodierno como um mecanismo que permite descobrir desigualdades, reconhecer diversidades, trazendo reflexões sobre a sociedade de consumo e a cultura em suas interrelações com o espaço urbano, promovendo melhor compreensão de significados e sentidos atribuídos ao lazer em tempos de globalização.

Desta forma, várias das perguntas que um avaliador de políticas públicas faz acerca delas podem ser direcionadas também para o lazer que é oferecido à população de forma geral. A quem servem essas opções? Quais outras poderiam ser ofertadas e não estão, e qual o motivo de permanecerem fora do alcance das pessoas? Quais aquelas que as forças dominantes não combatem, mas que deixam morrer por abandono e falta de investimentos? Quais as opções favoritas e as causas dessa predileção?

No que diz respeito ao PSBS tornou-se bastante nítido que é muito importante manter os núcleos em pleno funcionamento, devido às grandes repercussões na saúde das participantes do projeto. Pode-se argumentar que assim como o investimento em saneamento básico é realmente um “investimento”, tendo em vista que o dinheiro nele empregado acaba por trazer forte economia nos gastos necessários com a saúde, a devida manutenção do PSBS seguramente tem um efeito semelhante no sentido de manter essas mulheres com plena saúde física e mental.

Também é fato que essa política acaba por gerar uma renda extra para os bombeiros militares, muitos dos quais dela necessitam e não teriam meios, nem permissão legal, pois em regra, os militares têm dedicação exclusiva ao Estado, de exercer outros trabalhos que viessem a complementar os ganhos necessários para manter a família no nível social desejado.

Percebe-se, assim, que nem mesmo o lazer, ideia tão conectada com a diversão, a alegria e a leveza, é desvinculada do capital, da sociedade do consumo e da empresa de si mesmo. Por acaso, o público-alvo do PSBS é composto de mulheres já aposentadas e que

conseguem ter uma liberdade um pouco maior para dedicarem um tempo de qualidade a si mesmas, mas se se tratasse de pessoas com vida laboral ativa, observar-se-ia uma dinâmica bem diferente.

A leitura dos autores apresentados na pauta do lazer deixa perceptível que as suas opções podem funcionar como um mecanismo de fortalecimento da autonomia, da cidadania, e dos vínculos sociais tão necessários na velhice, e como oportunidade para educação. Faz-se necessário colocar aqui duas pautas importantes que surgem quando se observa a ideia do lazer no que diz respeito aos PSBS. A primeira diz respeito ao *chá da tarde* promovido pelas alunas; e a segunda trata da existência de projetos semelhantes ao PSBS Brasil afora.

Quando indagada acerca de quais são os encontros ou momentos mais significativos, Dora afirma que o núcleo da coordenadora Fátima é o mais importante e um dos motivos é que ela proporciona aquilo que várias delas chamaram de *chá da tarde*, e que eu não conhecia antes dessa investigação.

Segundo Dora, o *chá da tarde* é o seu momento predileto, pois, entre as atividades que comumente ocorrem durante a sua realização, está um jogo de bingo. Um aspecto notável é que, como este encontro nada tem a ver com o PSBS, nem todo mundo quer participar, e é possível que esta recusa tenha diferentes raízes entre aquelas que escolhem não se fazer presentes.

O *chá da tarde* se trata de encontros que acontecem nas casas das alunas em período vespertino, e para o qual as interessadas se organizam de maneira a não apenas divulgar o local e o horário, mas definem com que cada uma delas vai contribuir para a reunião, além de definirem em quanto ficará a contribuição para a realização do bingo. Já houve, inclusive, premiação de quem conseguisse a quina, ou seja, cinco dos seis números sorteados.

Ocorrem premiações em dinheiro e já houve eventos cujos valores destinados às campeãs chegaram a 70 ou a 130 reais, sendo, nas palavras de Dora, “uma coisa bem bonita, bem boa”. No entanto, devido ao caráter particular da iniciativa, algumas idosas não conseguem participar por razões financeiras. Segundo Dora, às vezes a questão não é falta de condições para contribuir, mas de não quererem “ter uma despesinha”.

Etelvina, quando questionada acerca dos fatores que são relevantes para uma boa qualidade de vida, afirma que são importantes o exercício físico, a alimentação e uma boa conversa como a que acontece por ocasião dos *chás da tarde*. “Todo mês tem o dia do chá da tarde, que acontece nas casas, e em geral tem de 10 a 12 pessoas”. Indagada se todas as componentes do núcleo sabiam dessas reuniões, Etelvina diz que não, pois, “a gente escolhe

as mais chegadas, né? E a gente tem um ‘gruposinho’ do nosso chá”.

Observemos que existem várias camadas de importância destes encontros, o que vale tanto para as nossas aulas, quanto para esses mais particulares, pois foi abordada neste trabalho a relevância de as pessoas terem autonomia, algo que algumas vezes é reduzido na velhice.

No entanto, as mulheres participantes do PSBS não apenas têm comparecido muito frequentemente às nossas aulas e realizado as atividades com dedicação, como tiveram iniciativa, atitude e coragem de decidirem elas mesmas fazerem reuniões nas quais não precisam dos bombeiros, e nas quais devem comparecer apenas “as mais chegadas”.

O *chá da tarde* se constitui uma expressão valiosa de como usufruir de tempo livre e prazer, de maneira que ali conseguem consolidar ainda mais a união nascida nos núcleos, constituindo-se o chá em uma ferramenta muito importante de exercício de autonomia, de criação de vínculos sociais, e de tomada de decisão e de organização.

Quando Etelvina narra que existe inclusive um “gruposinho do nosso chá”, o que fica evidente é que além de estarem nas vidas umas das outras de forma presente e participativa, as alunas têm feito também uso de mídias digitais e tecnologia para melhor se comunicarem e se organizarem para a consecução de seus objetivos.

Talvez se faça necessário abordar um pouco da importância das Redes Sociais Virtuais (RSV) para a vida das alunas do PSBS e dos idosos de forma geral. Segundo Casadei *et al.*, (2019), no mundo hodierno ocorrem simultaneamente o processo de envelhecimento da população em muitos países, ao mesmo tempo em que as tecnologias de comunicação e informação têm influenciado o modo de vida das pessoas e a sociedade como um todo.

Essas tecnologias englobam sites e aplicativos de RSV, ferramentas com o intuito de promover a comunicação, permitindo interação e conexão entre as pessoas. Possibilita também a construção de laços sociais e o estabelecimento de suporte social com objetivo de se manterem informadas acerca de inúmeros conteúdos, sejam eles pessoais, como o bem-estar das pessoas queridas, ou assuntos variados como política e economia (Casadei *et al.*, 2019).

Os/as idosos/as que utilizam o *WhatsApp* justificam essa escolha devido à facilidade de uso do aplicativo, sendo ele, em sua opinião, aquele com os recursos mais simples. Além disso, em geral, inicialmente são os/as filhos/as e familiares que incentivam os/as idosos/as a fazerem uso de redes sociais virtuais.

De maneira que a possibilidade de maior comunicação com os familiares e parentes foi um dos maiores fatores motivadores para que os idosos começassem a utilizar

RSV. Muitos idosos se valem das redes sociais, como o WhatsApp, para se conectarem com filhos e netos que moram em outras localidades, servindo como forma de atenuar, abrandar a saudade dos filhos e familiares (Ferreira; Teixeira, 2017).

Tal análise encontra possibilidade de diálogo com a pesquisa de doutorado de Alcântara (2010), mas num sentido oposto, ou seja, quando observou no espaço rural, a resistência da geração mais velha frente aos instrumentos domésticos, como aparelhos de TV modernos com controle remoto, DVDs, micro-ondas... Quer dizer, solicitavam aos/as filhos/as e netos/as que os operacionalizassem.

É o velho medo que impede o conhecimento do novo, contudo, o mais importante é combater o preconceito, pois como a mesma autora argumenta em outro texto:

A contemporaneidade mostra que estar velho não implica tão somente assumir a atribuição de contar a história, mas também interagir nesta sociabilidade marcada pela inovação tecnológica em que atividades rotineiras já requerem o uso deste mecanismo, a exemplo manuseio do caixa de autoatendimento, aparelhos de celular, redes sociais que, inegavelmente, é um ganho, de modo a favorecer o dia a dia (Alcântara, 2021, p.206).

A revolução tecnológica porque passamos nos últimos anos, décadas, e todas as suas mudanças na sociedade, apresentam características que visam satisfazer um público jovem, de uma maneira que as divulgações e *designs* são criados de modo a trazer interesse para este público, de maneira que, por um tempo bastante significativo, as pessoas idosas estiveram afastadas das questões tecnológicas, motivo pelo qual os/as idosos/as encontram grandes desafios de apropriação de conhecimento sobre as novas tecnologias ligadas à *internet* (Bergamaschi, 2015).

No entanto, com o rápido desenvolvimento de aplicativos e tecnologias que permitem maior facilidade de compreensão e apropriação dos produtos virtuais desenvolvidos, atualmente os/as idosos/as têm maior familiaridade com a *internet*. Isso significa que houve um tempo em que os/as idosos/as não lidavam bem com as tecnologias, mas que em tempos mais recentes contam com maior familiaridade (Silva *et al.*, 2015).

Em poucos anos houve um aumento de idosos/as que acessam a *internet*, e este fenômeno trouxe alterações no cotidiano dessas pessoas que agora dedicam mais tempo ao mundo virtual (Ferreira, 2017). A sociedade tem sido fortemente impactada pela elevação das possibilidades que os/as idosos/as encontraram em utilizar a *internet*.

Apesar da pouca familiaridade de outrora, o resultado é que a rede mundial de computadores está aproximando os/as idosos/as e tornando-os/as mais próximos/as da família, dos amigos, de colegas de trabalho e da sociedade como um todo, além de abrir toda uma

gama de possibilidades de simplificação da vida, algo que se manifesta em coisas como uso de aplicativos de bancos e acesso a informações como previsão do tempo (Bergamaschi, 2015).

De acordo com Kachar (2010), as tecnologias, por conterem incontáveis possibilidades, têm se tornado ferramenta de auxílio para a vida das pessoas, já que estimulam as relações interpessoais por meio de acessos rápidos, possibilitando que o indivíduo permaneça em contato com amigos/as e familiares, reduzindo seu isolamento, desenvolvendo suas reflexões e habilidades sociais. O que tem acontecido é que esses recursos têm ajudado na prevenção do envelhecimento cerebral através dos processos cognitivos ativados pela interação do/a idoso/a com os conteúdos digitais (Gomes, 2017).

Em minha experiência com as alunas, o que tenho encontrado é que várias delas me cobram para entrar em seus grupos de *WhatsApp*, convite ao qual sempre recuso por ter convicções minimalistas, e instam frequentemente para que eu fotografe nossos momentos de união, e envie para elas através do aplicativo, o que sempre faço, encaminhando para a coordenadora, que repassa para as outras alunas.

5.9 Conteúdo e interesses de lazer

Com relação a outros conteúdos e interesses de lazer que não sejam necessariamente as atividades físicas comumente realizadas, é possível que citemos, de antemão, as danças, das quais várias delas fazem bastante questão. Etelvina, por exemplo, quando questionada acerca do que poderia melhorar em nossas aulas, disse que sente falta das danças, pois ano passado eu fui mais frequente na execução deste exercício.

Se por um lado existe uma ou outra aluna que é evangélica, fervorosa a tal ponto que deixa o semblante sisudo quando dançamos, também é fato que várias das mulheres se alegram quando existe essa atividade e já deixaram nítido que não é pela vontade de uma ou duas que as outras devem ser privadas daquilo que gostam.

Quando falamos do interesse das alunas, não estamos nos referindo unicamente às danças que os bombeiros fazem com elas, mas também a outras oportunidades que, por vezes, a Prefeitura ou mesmo empresas oferecem de aulas de zumba ou de outros tipos, como atividades aeróbicas, que deem a oportunidade de se exercitar e gastar energia, que várias delas têm de sobra.

Outra atividade desejável que foi muito citada no nosso processo investigativo se refere aos passeios e viagens. Aquelas que já fazem com frequência gostam muitíssimo e

citam que esses estão entre seus momentos favoritos de vivência nos núcleos. Já as que se encontram no núcleo Diva Cabral, que de fato não tem contado com essa possibilidade, relatam esse desejo e a saudade dos tempos em que isso acontecia.

A partir do depoimento de Fátima é notório que a velhice dos dias atuais é outra se comparada às d'antanho, de modo que muitas oportunidades que possam vir a ser oferecidas para o público idoso, seja ele composto de homens ou mulheres, serão devidamente abraçadas, pois essas pessoas estão cheias de vida e ânimo para se dedicar a outras iniciativas além do PSBS.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas reflexões últimas, recordando, um a um, os objetivos a que nos propusemos. O primeiro foi avaliar o PSBS a partir de sua origem, desenvolvimento e atuação. Este foi atingido de forma plena, já que conseguimos apresentar desde os imperativos legais contidos na Carta Magna e na Constituição do Estado do Ceará, e que conferem aos Corpos de Bombeiros a missão de promover o bem-estar da comunidade através de ações de natureza preventiva e educacional.

Também apresentamos os primórdios deste projeto, que surgiu há mais de 20 anos em um único ponto da cidade de Fortaleza, mas que cresceu de modo imprevisto inicialmente, conseguindo agora chegar a muitos municípios da capital, região metropolitana e interior do Estado. Graças aos documentos oficiais, registros em reportagens e até mesmo a história oral, foi possível descrever essa trajetória e mostrar como se dão as várias frentes de atuação que permitem um bom funcionamento do projeto.

O segundo objetivo apresentado consiste em investigar a percepção das/os participantes sobre qualidade de vida, sobre o próprio envelhecimento e sobre como se sentem após a entrada no PSBS. Também ele foi respondido, e isso se deve à participação primorosa das protagonistas dessa pesquisa, cujos depoimentos não apenas permitiram responder aos questionamentos existentes, como abriram horizontes outros de trabalhos que visam não apenas a compreensão de fenômenos existentes como o surgimento de propostas de intervenção que, se conseguidas, podem incrementar bastante o bem-estar e a qualidade de vida de toda uma comunidade, composta mormente de idosas/os, mas também das outras frações de habitantes das regiões onde implantadas forem.

Corroborando o que afirma Gomes (2021) e outros autores da área da autonomia, várias alunas citaram que a qualidade de vida está atrelada a boas relações sociais

amistosas e familiares; também foi muito comum nas respostas encontrar independência física ligada ao conceito de qualidade de vida, de maneira que é importante elas manterem liberdade para passear, ir à praia, encontrar as amigas, resolver as próprias tarefas e até decisões pessoais livres de julgamento como "tomar uma cervejinha".

Também foi observado que um envolvimento religioso que traga comprometimento com a comunidade e com a fé que se cultiva é um componente importante para qualidade de vida. Este aspecto se mostrou onipresente nas vidas de todas as entrevistadas, de modo que em suas palavras, em seus hábitos e em suas casas esteve muito constante a prática da religiosidade, algo bastante apoiado pelas pesquisas de Costa *et al.* (2008).

Muito próximo a essa sensação de ter boas conexões amistosas e familiares está a de pertencimento, que acontece quando as pessoas sentem que fazem parte de um grupo, que nele fazem falta e que aquela união é importante. Vários dos depoimentos fizeram menção desse aspecto, pois é muito necessário para elas que se mantenham integrantes daquela comunidade, sendo respeitadas, amadas, cientes de que sua opinião é devidamente considerada, com pleno poder de decisão e autonomia. Um outro ponto citado de forma recorrente diz respeito à saúde, que é algo que elas valorizam muito, inclusive fazendo menção de poderem escolher refeições e hábitos que venham fortalecê-la.

Faria Junior *et al.*, (1996) e as respostas aqui compartilhadas estão em sintonia no que diz respeito à importância da autonomia, aspecto que possibilita fazer as próprias escolhas e decisões, mas também, na esfera física, fazer as tarefas a que se propõe. Nisso reside uma faceta importante e evidente do PSBS, que é justamente a de atuar de maneira a fazer com que essas participantes não apenas mantenham seus corpos ativos, bem cuidados, mas que, se possível, recuperem movimentos e liberdades que por vezes doenças e outras limitações retiraram, como foi o caso de Gleide.

Corroborando o que foi encontrado por Irigaray e Trentini(2009) acerca de qualidade de vida, muitas das nossas entrevistadas citaram afetos positivos como aspectos essenciais para ter qualidade de vida. Tempo de lazer, relações familiares e amistosas nas quais o amor é sentido de forma real e alegrias do dia a dia são exemplos de variáveis valiosas da qualidade de vida na velhice (Irigaray e Trentini, 2009). No trabalho destas autoras, e também no nosso, pessoas idosas salientaram a saúde como um item muito relevante para a consecução desse quesito.

Concordamos com as autoras quando apresentam que os resultados obtidos em sua pesquisa evidenciam que o conceito de qualidade de vida na velhice é composto por

critérios subjetivos e objetivos, recebendo influências de valores individuais e da sociedade em que se vive.

Para Irigaray e Trentini(2009) existe uma associação bastante forte entre qualidade de vida e alegrias na vida, independência, saúde, atividades físicas e intelectuais, bom relacionamento com a família e dieta equilibrada, algo que a literatura e nossa pesquisa amplamente apoiam. A ideia de que a qualidade de vida é um construto multidimensional também ficou evidente em nossos achados.

No que diz respeito ao processo de envelhecimento, houve, como era de se esperar, respostas bastante variadas. Há entre as entrevistadas quem não se sinta velha e que, apesar da idade avançada, impressione a muitos com sua saúde física e mental. Também há quem confesse que as coisas mudaram logo que entrou na velhice, pois agora as pessoas já não veem com bons olhos, o que gera sentimentos de rejeição. "Falta empatia das outras pessoas; não pensam que vão ficar idosas também".

Várias das alunas relataram que não se sentem velhas e houve mais de uma referência a "espírito jovem" dialogando com aquilo que Beauvoir (1990) trouxe em sua obra *A Velhice*: "velho é o outro". Também houve quem admitisse que, apesar de fazer muitos exercícios e de conseguir ter autonomia para cuidar dos próprios afazeres e dar a devida assistência à família, existem tarefas que o corpo já não permite realizar, como certas funções domésticas que requerem mais equilíbrio; subir em escadas para faxina em locais altos, ou se abaixar para limpezas mais diligentes.

As alunas compreendem, no entanto, que isso faz parte do processo da vida. Ainda houve quem confessasse que não gosta do processo de envelhecer, e que gostaria sim de ser mais nova. Outras afirmam que há subjetividade na velhice, e que para quem a aceita o processo é muito tranquilo, sendo possível se sentir bem com os anos que vão se adicionando.

As consequências das adversidades peculiares da velhice vão sendo atenuadas pelas atividades físicas e afazeres que conferem alegria à existência cotidiana, como viagens, festas, reuniões, danças, entre outros. Gleide sustenta que chegar na velhice com saúde, por vezes mais do que se gozou na juventude, é motivo de grande felicidade e gratidão a Deus, de maneira que poder ter forças para caminhar e enfrentar os processos, as lidas diárias, mantendo os encontros familiares e com amigos, "tudo isso é muito bom". Envelhecer com saúde física e mental é causa não apenas de felicidade como de tranquilidade também.

O quarto objetivo da pesquisa, que diz respeito às repercussões trazidas pelo PSBS à vida das participantes, teve resultado bastante rico, variado e bem mais revelador. Acreditamos que também este objetivo foi atingido de maneira muito satisfatória. As

repercussões físicas são as mais óbvias e aquelas nas quais se pensa primeiro ao considerar um projeto que realiza alongamentos e atividades de baixo impacto.

No entanto, é impossível, neste caso, desvinculá-las das relações sociais nascidas e fortalecidas nos núcleos, algo que trouxe para essas mulheres sentimentos diversos e positivos, como satisfação, felicidade e gratidão. O PSBS cria oportunidades nas quais elas sorriem, se abraçam, fortalecem os vínculos sociais, e tornam o cuidar do corpo e da mente um exercício diário desejável, amiúde um hábito.

Algumas das consequências advindas de frequentar o PSBS foram novidades até mesmo para mim, como o fato de ele ter atenuado dores nos ossos e devolvido movimentos que há muito haviam se perdido em alguns dos corpos dessas mulheres, de maneira que sem a existência do PSBS, elas ainda estariam com essas mazelas e talvez em pior estado.

Também foi muito ressaltada a questão da sensação de pertencimento que, em várias delas, traz o sentimento de família, de se sentirem parte daquele grupo, de saber que é necessária, que faz falta. Ademais, foi salutar que algumas das consequências foram muito grandes, como a saída de quadros depressivos e até mesmo de luto que algumas delas atravessavam antes de iniciar as atividades, e que foram primeiramente atenuados e depois resolvidos graças a esse conjunto de fatores positivos que fazem parte de toda a dinâmica de ser uma componente de um núcleo do PSBS.

Em todas as entrevistadas as consequências de fazer parte do projeto se mostraram muito positivas, de modo que ficou bastante evidente que é imperativo que ele continue a receber a devida atenção e investimentos tanto do CBMCE, quanto do Estado.

Com relação ao último objetivo, foi percebido que o Comandante-Geral tem sobre o projeto uma visão muito próxima e em sintonia com as percepções das interlocutoras. Ele julga que os objetivos do PSBS têm sido totalmente atingidos, pois o impacto trazido para as vidas dessas milhares de participantes é real e muito perceptível.

Assim como nós, ele julga que é muito importante que a verba destinada a este projeto continue a ser enviada, pois é imperativa não só para os pagamentos dos professores quanto para que sejam adquiridas fardas e equipamentos necessários para que as idosas continuem a frequentar o núcleo da melhor maneira possível.

No que diz respeito ao aspecto avaliativo, no entanto, inexistem formas mais elaboradas de apenas fiscalizar e de avaliar a política pública em si. O CBM-CE ainda carece bastante de ferramentas e meios que permitam uma melhor compreensão do impacto que os núcleos têm na vida dos participantes em curto, médio e longo prazo.

Notemos que surge aqui um espaço que pode ser aproveitado para que se formem alianças entre o poder público e empresas que poderiam auxiliar tanto nessa coleta de dados que venham a produzir informações valiosas sobre as consequências do PSBS na vida de seu público-alvo, como outras parcerias que possam criar oportunidades de ensino e até mesmo de oferta de outros serviços como fisioterapia, pilates, educação financeira e tantas outras áreas necessárias para que essas pessoas gozem de cada vez mais saúde, liberdade e autonomia em suas vidas. Pensamos, portanto, que todos os objetivos inicialmente propostos foram alcançados de modo satisfatório.

Além disso, esses encontros e interações nascidas desta pesquisa, junto daquilo a que se propõe este mestrado, que é trazer alterações positivas para a sociedade em diversas áreas e que reforcem nele o caráter não apenas de criar e multiplicar conhecimento, mas de fazer com que estes tenham repercussões na sociedade, foi também algo que se conseguiu nessa jornada.

O MAPP comumente produz resultados que desencadeiam primeiramente propostas de intervenção que façam frente aos desafios que surgiram durante a pesquisa, e amiúde essas propostas se tornam frutos que alteram as realidades das quais surgiram.

Já que existe o problema da falta de efetivo que impede que outros bombeiros sejam requeridos pela corporação especificamente para o período do recesso, é necessário, acreditamos, que se realize uma redução de danos, que consiste em, por um lado, estimular que, se possível, sejam acompanhadas as aulas *online*⁷ mas também, recomendar fortemente que se mantenham as caminhadas pelo bairro, de preferência no horário das aulas, para que o hábito não seja quebrado e vários dos encontros sejam mantidos.

Não serão todos, obviamente, mas muitos deles já serão mais que suficientes para manter a ideia, a rotina de acordar cedo e do comparecer ao local das atividades. Terão, além disso, os benefícios dos encontros com algumas das pessoas que gostam do bairro e das aulas.

Pretende-se pensar, uma vez concluído o mestrado, em propostas de intervenção que venham a estimular que o governo proporcione oportunidades mais atraentes para que as pessoas saiam do sedentarismo através das caminhadas rápidas, algo que pode ser feito tanto com a melhor divulgação de seus benefícios, como por meio de maiores esforços em proporcionar locais seguros para tal prática, inclusive com boa iluminação noturna (aspecto relacionado também a segurança pública), de modo a facilitar o acesso e o caráter convidativo

⁷Dezenas de aulas de PSBS ministradas nas épocas de quarentena, na pandemia, permanecem disponíveis online, e podem ser acessadas pelas alunas em qualquer horário. O conteúdo é facilmente encontrado na página oficial do CBMCE no Youtube, selecionando a respectiva playlist. <https://youtube.com/playlist?list=PLLJ3nEF6XRM2pjv84eKW3hIKqhcuamUCf&si=V7AkRZ-Oy8bpxDIs>

dessa medida. Pensa-se também em mais investimentos em praças e parques devidamente equipados de aparelhos por meio dos quais as pessoas consigam realizar seus próprios alongamentos e atividades físicas.

Não se pode deixar de falar da conexão existente entre saúde e lazer, e também da importância de investimentos e leis para padronizar calçadas em nossa cidade, de maneira que as pessoas com qualquer tipo de mobilidade reduzida, e também as outras, sintam-se mais motivadas para iniciar atividades físicas, bem como proporcionar mais faixas de pedestre, semáforos e sinalização que fomente a saída do sedentarismo, o que vai seguramente reduzir os gastos com a saúde em nosso Estado e país.

Nasce aqui, desta forma, uma outra ideia de proposta de intervenção, que se pretende conseguir *a posteriori*, que é um panfleto que seja produzido especialmente para cada regional de nossa cidade, ou de forma ainda mais específica, que mostre de maneira nítida e bem explicada para o público idoso quais são as opções existentes em sua região de oferta de atividades que possam fomentar uma vida mais ativa e saudável, tanto física, quanto mentalmente.

O bairro Maraponga, por exemplo, é um local bastante privilegiado, pois nele existem o núcleo Lagoa da Maraponga, o núcleo Diva Cabral, o núcleo que acontece no supermercado Pinheiro. Existem as aulas oferecidas pela Prefeitura, que a nossa coordenadora citou, e em certas praças, como a que existe perto do colégio Diva Cabral, são ofertadas aulas de zumba e quiçá haja outras opções que ainda desconhecemos.

O que sugerimos é a elaboração de um material que explique quais opções existem, onde elas acontecem, em que horários são ofertadas, etc. Ele pode inclusive conter outros aparatos que sejam úteis para uma vida plena, como bibliotecas públicas, restaurantes populares, praças com equipamentos destinados a alongamentos, museus e outros.

Conquanto eu tenha concluído, há não muito tempo, um curso superior na área de Ciências Sociais e uma pós-graduação com o intuito de conseguir não apenas conhecimento, mas também melhores condições de trabalho, considero que eu estava estagnado até que surgiu a oportunidade desse mestrado que agora está em sua reta final.

Foi totalmente imprevisível o quanto esta caminhada agregaria em produção de conhecimento não apenas em minha vida pessoal mas também no que tange ao PSBS, essa política pública tão preciosa para tão grande número de pessoas.

Ter conseguido uma vaga neste mestrado tornou possível que não apenas eu retornasse ao mundo das publicações acadêmicas, como me permitiu construir valiosos laços que facilitaram muitíssimo a feitura desta obra, algumas das quais do início à conclusão,

pessoas que permanecerão mesmo após concluída a jornada no MAPP.

Pude reencontrar professores/as maravilhosos/as com os/as quais eu já havia interagido nos corredores do Centro de Humanidades 3 da UFC, e conheci outros/as mestres/as que multiplicaram exponencialmente os conhecimentos que eu possuía antes de entrar no mestrado, mostrando não apenas outros autores/as, mas novas formas de pensar, de pesquisar e de consolidar o saber acadêmico.

Essa trajetória nos permitiu uma melhor compreensão sobre o PSBS, suas alunas, as percepções sobre esta política pública, e nos trouxe luz acerca das consequências advindas dessa interação. De posse desses saberes, podemos sugerir intervenções de modo a ampliar e melhorar a maneira como este projeto chega para o seu público-alvo e como pode intensificar os impactos positivos desta dinâmica.

Afirmo com toda a segurança que esta oportunidade que a UFC me confiou foi aproveitada de modo diligente e contribuiu para o debate das políticas públicas, trazendo saberes que nem mesmo nós, professores inseridos no projeto, tínhamos até então. Sabemos, agora, como as alunas desgostam dos períodos de recesso e como justificam essa falta de apreço citando que o afastamento acaba por enfraquecer hábitos saudáveis solidamente estabelecidos que não deveriam ser interrompidos apesar da chegada da metade ou do fim do ano.

Pudemos perceber o quanto aspectos frequentemente ignorados, como interações simples de “bom dia” e outras saudações contribuem para um bem-estar generalizado das participantes. Obtivemos respostas repletas de entrega fundada na confiança e em laços de amizade que revelaram fenômenos próximos quase miraculosos que são decorrentes de intervenções amistosas, e do hábito de frequentar o PSBS, o que paulatinamente devolveu movimentos e possibilidades aos corpos de mulheres que estavam, outrora, bastante limitados e que hodiernamente são elogiados, inclusive, por profissionais da saúde de fora dos núcleos.

Obtivemos a noção do quanto é necessário que continuem os investimentos do Estado para esta política pública com o intuito de manter ativo o quadro de professores e também o fornecimento de fardas e equipamentos dos quais os participantes tanto precisam. Além disso, foi notado que muitas arestas podem ser polidas de modo a melhorar a qualidade de vida das participantes e até mesmo da população em geral, como uma maior atenção do poder público no sentido de difundir faixas de pedestre, semáforos, bem dar a devida manutenção e intervenção em calçadas que constituem desafios desnecessários para o ir e vir da população.

Foi, ainda, bastante enriquecedor contemplar, na prática, alguns dos aspectos que

a literatura apresenta de forma tão difundida como a questão da autonomia que as participantes conseguem reaver e manter quando permanecem presentes nos núcleos e que tanto agrega positivamente a suas vidas. O mesmo se pode dizer das interações amistosas, que são um importante fator protetivo para a saúde física e mental dessas mulheres.

O PSBS e as amigadas nele criadas e mantidas são, por vezes, capazes não apenas de criar ou retomar hábitos saudáveis, como também ocorre, inclusive, de conseguir acelerar a recuperação em processos de luto e outras perdas. Deixamos como desafios para próximas pesquisas a questão ainda não respondida de modo eficiente acerca de por que é tão rara a presença masculina em núcleos não apenas de PSBS, mas de outras políticas públicas de danças e atividades físicas que acabam sendo quase totalmente ocupadas por mulheres. O que está ao alcance do poder público no sentido de reforçar os convites e torná-los mais atrativos para homens também?

Uma grande possibilidade de trabalhos futuros avançarem nessa área do conhecimento diz respeito a agregar as atividades já existentes nos PSBS a outras através de parcerias como fisioterapia ou pilates que pudessem ser ofertados junto das aulas, por exemplo, em dias alternados, ou logo após a conclusão das mesmas. Muito provavelmente esse tipo de interação pode ser conquistado através de acordos com empresas privadas, constituindo um mutualismo do qual todos se beneficiariam: participantes, Estado e esfera privada.

Em nível federal, poderiam ser implantados núcleos de PSBS em outros Estados. É verdade que já existem iniciativas semelhantes, mas nenhuma que se compare realmente com o quadro que se apresenta no Ceará. Afirmamos, sem falsa modéstia, que os outros Estados da Federação podem aprender bastante com os resultados que conseguimos nas últimas duas décadas.

A instalação de equipamentos em mais praças que permitam aos/as idosos/as maiores opções de alongamento podem fazer com que seja elevada tanto a qualidade das aulas quanto o bem-estar geral da comunidade na qual esse mecanismo venha a ser adotado.

Por fim, sugiro que estudos comparem o bem-estar subjetivo de pessoas que frequentam o PSBS com o de outras que preferem continuar com hábitos sedentários e que se divulguem os resultados de tais pesquisas, de maneira que aquelas que ainda não aderiram à constante prática de atividades físicas, possam se sentir mais atraídas a começar a frequentar os núcleos.

O rol de sugestões aqui apresentadas possui caráter meramente exemplificativo, já que uma leitura um pouco mais detida desta pesquisa é capaz de revelar vários outros pontos

de aprofundamento dos estudos nessa área. Não sendo, no entanto, objetivo nosso elaborar um rol taxativo de possíveis intervenções e melhorias, damo-nos por satisfeitos com os resultados aqui apresentados e os caminhos possíveis para que o conhecimento continue a ser construído, ampliado e que suas repercussões cheguem a quem mais precisa, a saber, à camada menos favorecida da população, e que tanto precisa da ação diligente do poder público.

REFERÊNCIAS

ABDALATI, Hammudah. **O Islão em foco**. 1989.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Da velhice da praça a velhice da roça**: revisitando mitos e certezas sobre velhos e famílias na cidade e no rural. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Campinas, SP: Unicamp, 2010. 319 p.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. Diálogos com o Estatuto do Idoso e Paulo Freire: a velhice para além do antigamente, uma possibilidade de *Ser Mais*. **Revista Kairós: Gerontologia**, 24(1). 2021. p.199-212.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira; BARROSO, Áurea Euletério Soares. Paulo Freire e as velhices no cinema: o *inacabamento* e a possibilidade de *Ser Mais*. In: Ivo Dickmann; Ivanio Dickmann. (Org.). **100 anos com Paulo Freire**, tomo 1. Chapecó-SC: Livrologia, 2021, v. 1, p. 169-183.

ALCORÃO, O. p. Surata al Baqara, Versículo 43 [s.d.].

ALMEIDA, Haline Sousa Lima. **Políticas públicas e a promoção da qualidade de vida na velhice**: Um estudo sobre o projeto saúde, bombeiros e sociedade em Fortaleza, 2013.

AMERICAN DIABETES ASSOCIATION. Diagnosis and classification of diabetes mellitus. **Diabetes care**, v. 33, n. Supplement_1, p. S62-S69, 2010.

ANDRADE, Ankilma do Nascimento *et al.* Percepção de idosos sobre grupo de convivência: estudo na cidade de Cajazeiras-PB. **Revista Brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 17, p. 39-48, 2014.

ANDREOTTI, Márcia Cristina; OKUMA, Silene Sumire. Perfil sócio-demográfico e de adesão inicial de idosos ingressantes em um programa de educação física. **Rev paul educ fís**, v. 17, n. 2, p. 142-53, 2003.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; LIMA COUTINHO, Maria da Penha de; SALDANHA, Ana Alayde Werba. Análise comparativa das representações sociais da velhice entre idosos de instituições geriátricas e grupos de convivência. **Psico**, v. 36, n. 2, p. 7, 2005.

ASCOM, SSPDS. **Corpo de Bombeiros incentiva idosos a praticarem atividade física por meio de vídeos**. Governo do Estado do Ceará. 7 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2020/04/07/corpo-de-bombeiros-incentiva-idosos-a-praticarem-atividade-fisica-por-meio-de-videos/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. LEI Nº 16.849, de 06 de março de 2019. **Institui o projeto saúde, bombeiros e sociedade do corpo de bombeiros militar do estado do Ceará**. Disponível em: <https://bela.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/defesa-social/item/6621-lei-n-16-849-de-06-03-19-d-o-28-03-19#:~:text=LEI%20N.%C2%BA%2016.849%2C%20DE,28.03.19>. Acesso em: 13 abr. 2024.

AUBREY, Bob. (“L’entreprise de soi », un nouveau mode de gestion politique des classes

populaires? | Cairn.info”, [s.d.]). Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-geneses-2014-2-page-27.htm>. Acesso em: 31 jan. 2024.

AZEVEDO, Maria do Socorro Marques de; BEZERRA, Roselane Gomes. Caminhar na Cidade: uma reflexão sobre o uso das calçadas em Fortaleza como estrutura de mobilidade do pedestre. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 6, n. 17, p. 220-240, 2016.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. Cortez Editora, 2022.

BATTINI, Odária. Apontamentos sobre a História do Serviço Social no Brasil–80 anos. **Serviço Social em Revista**, v. 19, n. 1, p. 155-170, 2016.

BAUMAN, Adrian E. *et al.* Correlates of physical activity: why are some people physically active and others not?. **The lancet**, v. 380, n. 9838, p. 258-271, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, v. 3, p. 19, 1990.

BEHRING, Elaine Rosseti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. Cortez editora, 2017.

BERGAMASCHI, Marcelo Pereira *et al.* A qualidade de vida do idoso mediante a tecnologia nos âmbitos fisiológicos psicológicos e sociais. **Unisanta Humanitas**, v. 4, n. 1, p. 1-9, 2015.

BERNARDO, Maria Helena de Jesus; ARÊAS, Raquel dos Santos. **A VELHICE DA CLASSE TRABALHADORA E O PAPEL DA FAMÍLIA NO CONTEXTO NEOLIBERAL BRASILEIRO**. In: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019. **Bíblia Sagrada**. [s.l.] Lv, 19:9-10, Dt 15:11, Dt 26:12, [s.d.].

BILBAO ZAPATA, Sergio *et al.* Hábitos de vida saludables y el rol de las empresas en su implementación. 2024.

BONFIM, Paula. Entre o público e o privado: as estratégias atuais no enfrentamento à questão social. **Revista Katálysis**, v. 13, p. 270-275, 2010.

BRANDÃO, Emanuelle Cristine Rocha. **Para além de crochês e tricôs: Os papéis sociais exercidos pelas idosas do Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade sob a perspectiva da feminização do envelhecimento na contemporaneidade**, 2013.

BRASIL, Senado Federal do. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional da agenda das políticas públicas. In: _____. (Org.) **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARNOY, Martin. **Estado e Teoria do Estado**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. **Estado e políticas sociais no Brasil contemporâneo**. 2002.

CASADEI, Graciele; BENNEMANN, Rose Mari; LUCENA, Tiago. Influência das redes sociais virtuais na saúde dos idosos. **Enciclopédia Biosfera**, v. 16, n. 29, 2019.

CASTEL, Robert; POLETI, Iraci D. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. In: As Metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário.** 2008. p. 611-611.

CEARÁ, Assembleia Legislativa Do Estado do. **Constituição do Estado do Ceará** 1989.

CEARÁ. Decreto nº 27.141, de 18 de julho de 2003. **Cria o Centro de Treinamento e Desenvolvimento Humano do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará.** Diário Oficial do Estado, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 21 jul. 2003. Caderno 1, p. 5.

CEARÁ. Decreto nº 27.416 de 30 de março de 2004. **Regulamenta o Ensino de Bombeiro Militar do Estado do Ceará, e dá outras providências.** Diário Oficial do Estado do Ceará nº 064 de 06 de abr de 2004. Fortaleza: 2004.

CEARÁ. Lei nº 15.191, de 19 de julho de 2012. **Dispõe sobre a unificação do ensino no sistema de segurança pública e defesa social do Estado do Ceará e dá outras providências.** Diário Oficial do Estado do Ceará, Fortaleza, 19 de julho de 2012.

CEARÁ. Portaria do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará nº 063 /2022 – **Trata dos registros diários de atividades ministradas, bem como da normatização da estrutura e o funcionamento do Projeto Saúde Bombeiros e Sociedade (PSBS) e dá outras providências;** 31 de março de 2022.

CELICH, Kátia Lilian Sedrez *et al.* **Domínios de qualidade de vida e capacidade para a tomada de decisão em idosos participantes de grupos da terceira idade.** 2008.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC *et al.* Compliance with physical activity recommendations by walking for exercise--Michigan, 1996 and 1998. **MMWR. Morbidity and mortality weekly report**, v. 49, n. 25, p. 560-565, 2000.

CESCHINI, Fábio Luis; JÚNIOR, Aylton Figueira. **Nível de atividade física de adultos jovens residentes em região metropolitana de São Paulo;** Physical activity level in young adults living at the metropolitan region of São Paulo. *Revista de Atenção à Saúde*, v. 4, n. 8, 2006.

CLEAR, James; CLEAR, James. **Atomic habits: Tiny changes, remarkable results.** Avery, 2018.

COMBINATO, Denise Stefanoni; FERREIRA MARTINS, Sueli Terezinha. **(em defesa dos cuidados paliativos na atenção primária à saúde.** *Mundo da Saúde*, p. 433-441, 2012.

CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO CEARÁ. **Relatório de pesquisa de avaliação da satisfação dos usuários dos serviços de transmissão ao vivo das aulas do Project Saúde Bombeiros e Sociedade pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará pelo Youtube, redes sociais e TV Ceará.** Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará, 2021. Disponível em:
<https://www.bombeiros.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/27/2021/08/RELATORIO-DA->

PESQUISA-DE-AVALIACAO-DE-SATISFACAO-LIVES-CTDH-ASSCOM-REVISADA-25-JUL.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

COSTA, Cristine Cardozo da *et al.* Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de Psicologia. **Psicologia em Estudo**, v. 13, p. 249-255, 2008.

COSTA, Filomena Gutierrez. **Representação social da velhice em idosos participantes de instituições para a terceira idade**. Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 135p, 2001.

COSTA, Luciano de Souza. ESTADO E EMPREGO: AS ORIGENS DO NOSSO TEMPO. **Revista Faz Ciência**, v. 7, n. 1, p. 123-123, 2005.

COUTINHO, Adelaide Ferreira. Do mercado auto-regulável à pobreza regulável ou de como o “Terceiro Setor” se constituiu em um mecanismo de regulação da pobreza no Brasil, 2005.

COUTINHO, Fernanda. **Maraponga**. Fortaleza: [sn], 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Lelo & Irmão, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/download/33922677/A_Origem_das_Especies_-_Darwin.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. Edusp, 1999.

DUARTE, Sabrina da Costa Machado; GRABOIS, Victor. **Síndrome pós-covid: Desafios para a atenção primária à saúde e atenção domiciliar**. In: 15º Congresso Internacional da Rede Unida. 2022.

DURKHEIM, Émile. Les Règles De La Méthode Sociologique. **Revue Philosophique de la France et de l'Étranger**, v. 37, p. 465–498, 1894.

Efetivo do Corpo de Bombeiros do Ceará é 43% do indicado por lei. **O Povo**, Fortaleza, 28 de março de 2017. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/03/efetivo-do-corpo-de-bombeiros-do-ceara-e-43-do-indicado-por-lei.html>. Acesso em: 14 mar. 2024.

FAGNANI, Eduardo. O fim do breve ciclo de cidadania social no Brasil (1988-2019): o papel da “Reforma” da Previdência do Governo Bolsonaro. **Políticas públicas no Brasil: estudos interdisciplinares contemporâneos**. Córdoba: Editorial de la UNC, p. 28-52, 2021.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de; NOZAKI, Hajime Takeuchi.; RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. **Idosos em movimento: mantendo a autonomia**. In: Idosos em movimento: mantendo a autonomia. 1996. p. 137-137.

FERNANDES, Florestan. A Revolução burguesa. **Trans/Form/Ação**, v. 2, p. 202–205, 1975.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa: ensaio de interpretação sociológica**. [s.l.]

Editora Contracorrente, 2020.

FERREIRA, André; DEMUTTI, Carolina Medeiros; GIMENEZ, Paulo Eduardo Oliveira. A teoria das necessidades de Maslow: a influência do nível educacional sobre a sua percepção no ambiente de trabalho. **Anais do Seminários de Administração**, p. 1-17, 2010.

FERREIRA, Michelle Cristina. Idosos internautas: a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e nos relacionamentos familiares e sociais. 2017.

FERREIRA, Michelle Cristina; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 22, n. 3, 2017.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, p. 33-38, 2000.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**. [s.l.] Leya, 2013.

FRANCHI, Kristiane Mesquita Barros *et al.* Capacidade funcional e atividade física de idosos com diabetes tipo 2. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 13, n. 3, p. 158-166, 2008.

FRANÇA, Inacia Sátiro Xavier de *et al.* Violência simbólica no acesso das pessoas com deficiência às unidades básicas de saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 63, p. 964-970, 2010.

FRANKLIN, Benjamin. **Necessary Hints to those that Would be Rich**. Printed at the private Press of Joseph Y. Jeanes jr. at the Two lions, 1919.

FREITAS, Clarissa Figueiredo Sampaio; FROTA, Naggila Taissa Silva. **Política ambiental urbana no cenário de expansão do capital imobiliário: o caso da Maraponga em Fortaleza**. 2014.

FREITAS JÚNIOR, Dáviney Sales de; SALES, Marta Celina Linhares; ZANELLA, Maria Elisa. **O clima e as condições socioeconômicas de Fortaleza: suas interferências nos casos de pneumonia em crianças**. *Revista GeoUECE*, v. 8, n. 14, p. 117-133, 2019.

GALENKAMP, Henrike *et al.* Predictors of social leisure activities in older Europeans with and without multimorbidity. **European Journal of Ageing**, v. 13, p. 129-143, 2016.

GEIB, Lorena Teresinha Consalter. **Determinantes sociais da saúde do idoso**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 123-133, 2012.

GfK VEREIN. **Confiança nas profissões 2016 – um estudo da GfK Verein. De bombeiros a políticos**. GfK Verein, 2016. Disponível em: http://www.gfk.com/fileadmin/user_upload/dyna_content/BR/documents/reports/trust_in_Professions_2016_Brazil_POR_v1.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

GIAQUETO, Adriana; SOARES, Nanci. O trabalho e o trabalhador idoso. **Proceedings of**

the 1nd Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca, 2010.

GILBERT, Daniel. **Stumbling on happiness**. Vintage Canada, 2009.

GOMES, Amanda Ohana Albuquerque *et al.* Inclusão digital na terceira idade. 2017.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 357-363, 2005.

GOMES, Gabriela Carneiro *et al.* **Fatores associados à autonomia pessoal em idosos: revisão sistemática da literatura**. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1035-1046, 2021.

GOMIDE, Alexandre de Ávila *et al.* Desmonte e reconfiguração de políticas públicas (2016-2022). 2023.

GUEDEA, Miriam Teresa Domínguez *et al.* **Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos**. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, p. 301-308, 2006.

GUIMARÃES, Laiz Helena de Castro Toledo *et al.* **Comparação da propensão de quedas entre idosos que praticam atividade física e idosos sedentários**. **Revista neurociências**, v. 12, n. 2, p. 68-72, 2004.

GUSSO, Gustavo; LOPES, José Mauro Ceratti. **Tratado de Medicina de Família e Comunidade-: Princípios, Formação e Prática**. Artes Medicas, 2018.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **Notas sobre a história dos direitos da velhice no Brasil**. **Prisma Jurídico**, v. 2, p. 107-120, 2003.

HARVEY, David. The nature of environment: dialectics of social and environmental change. **Socialist register**, v. 29, 1993.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936.

IAMAMOTO, Marilda Villela. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. **Serviço Social & Sociedade**, p. 608-639, 2014.

IANNI, Octavio. Dialectica da historia. **História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior**, 1989.

IBGE. Em 2017, expectativa de vida era de 76 anos. **Estatísticas Sociais**. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>. Acesso em: 02 mai. 2024.

ISBELLE, Sami Armed. **Islam: a sua crença e a sua prática**. Rio de Janeiro: azaan, 2003.

JABER, Larissa Aloan Deulefeu Barbato *et al.* **Zakat, o imposto islâmico sobre o acúmulo de riquezas.** 2017.

JAMES, William. **Talks to teachers.** New York: Norton, 1958.

JAMOVİ Project, The (2022). **Jamovi.** (Versão 2.3) Software utilizado em <https://www.jamovi.org>. Acesso em: 04 abr. 2024.

JESUS, Victor Clay Barros de. **Campesinato, clero e rebelião: a Revolta Camponesa de 1381.** 2019.

JINKINGS, Isabella. **O sistema penal como formador e regulador do mercado de trabalho.** REORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA, p. 41, 1912.

JUSTO, José Sterza; ROZENDO, Adriano da Silva; CORREA, Mariele Rodrigues. O idoso como protagonista social. **A Terceira Idade**, v. 21, n. 48, p. 39-53, 2010.

KACHAR, Vitória. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 13, n. 2, 2010.

KAHNEMAN, Daniel. **Thinking, fast and slow.** Macmillan, 2011.

KALACHE, Alexandre *et al.* Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da Pandemia Covid-19 no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, p. e200122, 2020.

KEYNES, John Maynard; SOUSA, Augusto; DE FIGUEIREDO, Nuno Fidelino. **Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro.** 1964

KOHL, Harold William *et al.* **The pandemic of physical inactivity: global action for public health.** The lancet, v. 380, n. 9838, p. 294-305, 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KOTT, Sandrine. **L'Etat social allemand: Représentations et pratiques,** 1995.

KUWANO, Vanessa Gracieli *et al.* **A influência da atividade física sistematizada na autopercepção do idoso em relação às atividades da vida diária.** Journal of Physical Education, v. 13, n. 2, p. 35-39, 2002.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo.** [s.l.] LeBooks Editora, 2018.

LOPES, Catarina Isabel Pedrosa *et al.* Esperança e desesperança nos idosos. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 2, n. 1, p. 883-894, 2010.

LOURENÇO, Lara Lima *et al.* **Os Conflitos socioambientais e o poder político no espaço urbano: O caso da lagoa da Maraponga, Fortaleza-Ce.** Cadernos de Ensino, Ciências & Tecnologia, v. 3, n. 5, p. 8-25, 2022.

MACEDO, Rafael Michel de, *et al.* **Nível de atividade física de idosos participantes de um programa de prevenção de doença cardiovascular.** Assobrafir Ciência, v. 6, n. 3, p. 10-20, 2019.

MALATESTA, Maria Ermelina Brosch. **Característica da mobilidade a pé.** Comissão Técnica de Mobilidade a Pé e Acessibilidade da Associação Nacional de Transportes Públicos – Cidades a Pé – Volume 16. Série Cadernos Técnicos, novembro de 2015. Disponível em: http://files-server.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2015/11/27/A0850675-28AD-46DC-9B57-664DF1BA766A.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.

MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre a população.** [s.l.] LeBooks, 2017.

MANLEY, Audrey F. Physical activity and health: A report of the Surgeon General. 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Ed.). **Lazer e esporte: políticas públicas.** Autores Associados, 2021.

MARX, Karl. **Introdução.** In: _____ **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** Livro 1, volume 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MARX, Karl. Manifesto do partido comunista. **Germinal: marxismo e educação em debate,** v. 5, n. 1, p. 194–220, 2013.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha.** [s.l.] Boitempo Editorial, 2015.

MASCARENHAS, Fernando. O pedaço sitiado: cidade, cultura e lazer em tempos de globalização. **Revista brasileira de Ciências do Esporte,** v. 24, n. 3, 2003.

MATSUDO, Sandra Mahecha; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; BARROS NETO, Turíbio Leite. **Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos.** Revista Brasileira de Medicina do Esporte, v. 7, p. 2-13, 2001.

MAZUCHELLI, Larissa Picinato *et al.* Discursos sobre os idosos, desigualdade social e os efeitos das medidas de distanciamento social em tempos de covid-19. **Saúde e Sociedade,** v. 30, p. e200885, 2021.

MEDEIROS, Paulo Adão de *et al.* **Participação masculina em modalidades de atividades físicas de um programa para idosos: um estudo longitudinal.** Ciência & saúde coletiva, v. 19, p. 3479-3488, 2014.

MELLO, Danielli Braga de *et al.* **Influência da obesidade na qualidade de vida de idosos** (Tese de Doutorado), 2008.

MELO, Hiana de Lima, *et al.* O assistente social no enfrentamento a violência contra o idoso nas instituições de longa permanência. **Brazilian Journal of Development,** v. 7, n. 3, p. 30753-30765, 2021.

MENDONÇA, Jurilza Maria Barros de. **Direitos Humanos e pessoa idosa: por uma convenção que proteja**. In: MUSIAL, Denis Cezar; Barroso, Áurea Eleotério Soares;

MARCOLINO-GALLI, Juliana Ferreira; Rocha, Fernanda (org.) Políticas Sociais e Gerontologia: Diálogos Contemporâneos. 1a ed. v. 1, p. 345-367. Maringá: Uniedusul, 2020.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco. **The role of time and experience to the gymnastics for all practice: building a sense of collectivity**. Science of Gymnastics Journal, v. 12, n. 1, p. 19-26, 2020.

MENEZES, Tarciana Nobre de; LOPES, Francisco José Moreira; MARUCCI, Maria de Fátima Nunes. **Estudo domiciliar da população idosa de Fortaleza/CE: aspectos metodológicos e características sócio-demográficas**. Revista brasileira de epidemiologia, v. 10, n. 2, p. 168-171, 2007.

MENEZES, Kelly Maria Gomes. **Corpos velhos e a beleza do crepúsculo**. Um debate, sobre os (re) significados da corporeidade na velhice. 2012.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. [s.l.] Boitempo Editorial, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos EA. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Editora Fiocruz, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Princípios do SUS**. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/sistema-unico-de-saude/principios-do-sus>. Acesso em: 27 fev. 2024.

MORENO, Natália Lopes; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. **Influências da prática da Ginástica Para Todos para a saúde na velhice: percepções dos praticantes**. Conexões, v. 16, n. 4, p. 468-487, 2018.

MORGAN, Gareth; BERGAMINI, Cecília Whitaker; CODA, Roberto. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOTA, Lourenço Dantas (Ed.). **Introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. Senac, 1999.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. **Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião**. São Paulo, v. 64, 2000.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PEIXOTO, Clarice. **Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar**. In: Peixoto, C. (orgs.). *Família e Envelhecimento* Rio de Janeiro: FVG, 2004. p.5785.

PETERSON, Christopher. Character strengths and virtues: A handbook and classification. **American psychological association**, v. 25, 2004.

PIERSON, Christopher. **Beyond the welfare state?: the new political economy of welfare**. [s.l.] Penn State Press, 1998.

PIERSON, Christopher. Contemporary Challenges to Welfare State Development. **Political Studies**, v. 46, n. 4, p. 777–794, set. 1998.

PINZÓN TORRES, Alejandra. AtomicSync. 2024

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PRADO, Altevair Dias do. **Flexibilidade versus proteção trabalhista: uma análise de 152 países e suas interações com o desenvolvimento humano e socioeconômico**. 2018.

PRADO JR, Caio. Sentido da colonização. **Formação do Brasil contemporâneo**, v. 6, 2011.

PREFEITURA DE FORTALEZA, **Desenvolvimento Humano, por Bairro de Fortaleza**, 16 de Novembro de 2022. Disponível em:

https://dados.fortaleza.ce.gov.br/dataset/desenvolvimento_humano_bairro/resource/f7cf7081-b0e3-4c9c-b89e-0ee1b3755437. Acesso em: 04 abr. 2024.

PRISCO, Thiago. A contribuição do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para o envelhecimento ativo. **Libertas**, v. 20, n. 2, p. 504-520, 2020.

PUTMAN, Daniel. Psychological courage. **Philosophy, Psychiatry, & Psychology**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 1997.

QUADROS, Dante; TREVISAN, Rosi Mary. Comportamento organizacional. **Capital Humano**, v. 5, 2002.

RACHMAN, Stanley. Fear and courage. **Behavior therapy**, v. 15, n. 1, p. 109-120, 1984.

RIBEIRO, Renato Mendonça *et al.* **Barreiras no engajamento de idosos em serviços públicos de promoção de atividade física**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, p. 739-749, 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RODRIGUES, Linda Maria *et al.* As ações de enfrentamento da Covid-19 em cidades turísticas Maranhenses. **Formação (Online)**, v. 29, n. 55, p. 163-192, 2022.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. Envelhecimento: uma concepção do desenvolvimento como inacabado. **Journal of Human Growth and Development**, v. 12, n. 1, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social ou princípios do direito político**. [s.l.] BOD GmbH DE, 2017.

RUSCHE, Georg; KIRCHHEIMER, Otto. **Punição e estrutura social**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia; Revan, 2004.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Os Grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos.** A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento, v. 18, n. 39, p. 67-78, 2007.

SANDRONI, Paulo. Dicionário de economia. **(No Title)**, 1987.

SANTOS, Luana de Oliveira dos. Proteção social de alta complexidade na política de assistência social para a população idosa na região da baixada litorânea e no município de Macaé. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, v. 1, n. 1, 2018.

SARASON, Irwin G. *et al.* **Assessing social support: the social support questionnaire.** Journal of personality and social psychology, v. 44, n. 1, p. 127, 1983.

SATARIANO, William A.; HAIGHT, Thaddeus J.; TAGER, Ira B. **Reasons given by older people for limitation or avoidance of leisure time physical activity.** Journal of the American Geriatrics Society, v. 48, n. 5, p. 505-512, 2000.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, p. 585-593, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro.** [s.l.] Editora 34, 2000.

SILVA, Andreza Michiles Bernardo da; SOUZA, Júlio César Pinto de. A importância da inclusão social na qualidade de vida da pessoa idosa. **A Saúde Mental do Amazônida em Discussão**, 2020 p. 23.

SILVA, Daiane Aparecida Souza; PEREIRA, Michele Moraes Oliveira; FERREIRA, Michelle Cristina. 04) Terceira Idade e Tecnologia: Um Estudo sobre a Utilização da Internet e do Comércio Eletrônico. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia| RBGE| ISSN 2237-1664**, v. 6, n. 2, p. 61-87, 2015.

SILVA, José Borzacchiello da; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **Pandemia do Coronavírus no Brasil: impactos no território cearense.** Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica, n. 17, 2020.

SILVA, Maria Ozanira. **O Serviço Social e o Popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura.** 3º ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. **Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população.** Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016.

SINGH, Amardeep; TUTEJA, Gurpreet Singh. Role of ‘Guru Ka Langar’ in Pandemic Management During COVID-19: Guided by Religious Belief. **Journal of Business Thought**, p. 85–93, 2022.

SKINNER, Burrhus F. Some contributions of an experimental analysis of behavior to psychology as a whole. **American Psychologist**, v. 8, n. 2, p. 69, 1953.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*, vol. I. Tradução: Alexandre Amaral Rodrigues, 2003.

SOARES, Raquel Cavalcante *et al.* **A contrarreforma na política de saúde e o SUS hoje: impactos e demandas ao Serviço Social**. 2010.

SOUSA, Antonio Mário Mesquita de. **Bombeiros Cidadania e Inclusão Social: Estudo De Caso Do Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade**. 2008.

SOUZA, Dayse. **Serviço Social na terceira idade: uma práxis profissional**. Belém: Ed. UFPA, 2003.

STELLA, Florindo *et al.* **Depressão no idoso: diagnóstico, tratamento e benefícios da atividade física**. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, p. 90-98, 2002.

TAVARES, Amanda Jéssica de Negreiros. **Características do projeto saúde, bombeiros e sociedade e a percepção dos participantes sobre seus efeitos sociais**. 2018.

TELES, Vera da Silva. **Questão Social: afinal do que se trata?** São Paulo em Perspectiva, vol. 10, n. 4, out-dez/1996. p. 85-95

TELUSHKIN, Joseph. **O livro dos valores judaicos: Um guia diário para uma vida ética**. [s.l.] Alta Books, 2019.

THATCHER, Margaret. (“**Interview for Sunday Times** | Margaret Thatcher Foundation”, [s.d.]). Disponível em: <https://www.margareththatcher.org/document/104475>. Acesso em 31 jan. 2024.

THE WHOQOL GROUP. **The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL)**: Position paper from the World Health Organization. Soc. Sci. Med., v.41, n.10, p.1403-9, 1995.

TIMONEN, Virpi. **Beyond successful and active ageing: A theory of model ageing**. Policy Press, 2016.

UNAL, Ali. **Alcorão Sagrado com Interpretação Anotada**. New Jersey: Tughra Books, 2015.

VENTURIM, Lorenza Falchetto; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; SILVA, Dirceu Santos. Estratégias de gestão pública na Prefeitura de Vitória/ES: o Pelc e a intersetorialidade das ações. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 4, 2013.

VIEIRA, Ligiane Antonieta Martins. **Envolvimento e suporte social percebidos na velhice: dados do estudo Fibra, polo Unicamp**. São Paulo: Master's dissertation, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

VILIONE, Gabriela Cristina Carneiro. **Entre triunfos e desafios: os paradoxos da política de envelhecimento ativo e as possibilidades de materialização frente ao ideário neoliberal**. 2016.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, 11ª ed. (São Paulo: Pioneira, 1996).

WICHMANN, Francisca Maria Assmann *et al.* **Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 16, p. 821-832, 2013.

ZAITUNE, Maria Paula do Amaral *et al.* **Fatores associados ao sedentarismo no lazer em idosos**, Campinas, São Paulo, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 23, n. 6, p. 1329-1338, 2007.

**APÊNDICE A – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS IDOSAS PARTICIPANTES
DOS NÚCLEOS DE PSBS NA MARAPONGA.**

**PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS IDOSAS PARTICIPANTES DOS NÚCLEOS
DE PSBS NA MARAPONGA.**

Núcleos Diva Cabral e Lagoa da Maraponga

1) Sexo:

- a) Feminino.
- b) Masculino.

2) Faixa etária (em anos):

- a) Abaixo de 60.
- b) 60 a 69.
- c) 70 a 79.
- d) 80 a 89.
- e) 90 ou mais.

3) Escolaridade:

- a) Analfabeta.
- b) Ensino Fundamental Incompleto.
- c) Ensino Fundamental Completo.
- d) Ensino Médio Incompleto.
- e) Ensino Médio Completo.
- f) Ensino Superior Incompleto.

g) Ensino Superior Completo.

4) Estado Civil:

a) Solteira.

b) Casada.

c) Viúva.

d) Divorciada.

5) Cor da Pele:

a) Negra.

b) Indígena.

c) Parda.

d) Amarela.

e) Branca.

6) Naturalidade:

7) Ocupação Atual:

8) Se aposentada, há quanto tempo está aposentada?

9) Com que trabalhou na maior parte da vida?

10) Renda Mensal (salário mínimo):

a) Até 1.

b) De 1 a 2.

c) De 2 a 3.

d) De 3 a 4.

e) De 4 ou mais.

11) Mora com mais alguém?

a) Não, moro sozinha.

b) Sim, moro com _____.

12) Como se desloca até o local da aula?

a) A pé.

b) De carro.

c) Ônibus.

13) Quanto tempo leva no deslocamento até o local?

a) Até 10 minutos.

b) De 10 a 20 minutos.

c) Mais de 20 minutos.

14) Tem alguma dificuldade em chegar até o local? Se sim, qual?

15) Mora em:

a) Moradia própria.

b) Moradia alugada .

c) Outra:_____.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM AS IDOSAS

ENTREVISTA COM AS IDOSAS

- 1) Como avalia sua saúde?/Ótima /Boa/Média/Normal /Ruim/Péssima
- 2) Há quantos anos faz parte do PSBS?
- 3) Já precisou se afastar por algum período? Se sim, por que motivo? E por quanto tempo?
- 4) Se houve período de afastamento, sentiu falta dos encontros? Se sim, de que momentos sentiu mais falta?
- 5) Possui doenças crônicas ou dores recorrentes? Se sim, quais?
- 6) Toma remédios no dia a dia? Quais?
- 7) Tem conhecida ou vizinha que já convidou para vir às aulas e elas não vêm? Por que você acha que elas não vêm? Que mudanças a senhora acha que elas teriam em suas vidas ao passar a frequentar o núcleo?
- 8) Tem amigas no PSBS? Fale um pouco a respeito.
- 9) Pratica atividade física fora do PSBS? Se sim, diga qual e há quanto tempo:
- 10) Qual seu grau de satisfação com o PSBS de forma geral?
- 11) Nas aulas, existem momentos que a senhora gosta mais? Se sim, qual/quais?
- 12) Em geral, com que frequência consegue ir ao PSBS?
 - a) 1 vez por semana
 - b) 2 vezes por semana
 - c) 1 vez a cada 2 semanas
 - d) 1 vez por quinzena
 - e) Outra
- 13) Como ficou sabendo do PSBS? Costuma recomendar a alguém?
- 14) O que a motivou a dar início à participação no PSBS?
- 15) O que a motiva a continuar participando do projeto?
- 16) Nas ocasiões em que não consegue vir, sente falta? Se sim, de que momentos sente mais falta?
- 17) Quando não consegue vir ou está afastada, sente algo de diferente no corpo? E em outros aspectos sem ser o corpo, como sensações de bem-estar, etc.?

18) Sente falta de algo nas aulas em geral? Momentos que talvez pudessem ocorrer ou ser mais frequentes?

19) Existem dificuldades para continuar participando do PSBS? O que o (a) motiva a superar estas dificuldades?

20) Como você define qualidade de vida?

21) Quais são os fatores que você considera mais importantes para ter uma boa qualidade de vida?

22) As atividades do PSBS têm influência na sua saúde e bem-estar? Fale a respeito.

23) Além das atividades físicas, que outras áreas da vida você acredita serem importantes para uma boa qualidade de vida?

24) Como era sua qualidade de vida antes de entrar no PSBS? O que mudou após seu ingresso no núcleo?

25) Você notou alguma mudança específica em sua qualidade de vida desde que começou a participar do PSBS?

26) As atividades físicas ou práticas contribuem para o seu senso de bem-estar e satisfação pessoal? Se sim, quais mais contribuem?

27) O que a senhora acha da sua relação com as outras participantes do PSBS? Tem amigas lá? Fazem alguma outra atividade juntas?

28) Costuma vir ao PSBS sozinha ou acompanhada?

29) Qual a opinião de sua família e amigos sobre o PSBS?

30) Quais são as suas expectativas em relação à sua qualidade de vida no futuro e como você planeja alcançá-las?

31) Como você descreveria a sua jornada de envelhecimento até agora?

32) Quais são as maiores mudanças que você notou em si mesma à medida que envelhece?

33) Quais são os desafios específicos que você enfrenta em relação ao envelhecimento e como você os enfrenta?

34) Como a senhora encara o processo de envelhecimento atual e futuro?

35) Que efeitos a senhora acredita que a participação em atividades físicas pode ter no processo do envelhecimento? Por quê?

36) Que sentimentos a senhora tem com relação ao fato de estar envelhecendo?

37) Comparada às fases anteriores da vida, como encara essa fase atual?

38) Qual foi a sua primeira impressão ao se juntar ao PSBS?

39) No que diz respeito a bem-estar subjetivo, o PSBS trouxe repercussões em sua vida? Quais?

40) Se formos pensar nas viagens, passeios, cafés da manhã, encontros de natal, e também nos encontros de forma geral, quais são os momentos mais significativos que a senhora compartilhou no PSBS?

41) A senhora acha que o grupo influencia o seu senso de pertencimento e conexão social?

42) Como a senhora descreveria o suporte emocional que recebe do grupo? Se sente acolhida de modo suficiente? Fale um pouco a respeito:

43) A senhora já se sentiu desconfortável em algum momento no grupo? Quer falar a respeito?

44) Como acha que iria se sentir se precisasse sair do PSBS, ainda que por um motivo normal, como mudança de endereço?

45) O que sentiria se o núcleo precisasse parar de existir? Fale um pouco a respeito.

46) Se pudesse, sem ser identificada, mandar um recado para os professores e também para as alunas, faria isso? Qual seria? E para a juventude?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM OS GESTORES DO PSBS

ENTREVISTAS COM OS GESTORES DO PSBS

- 1) Quais são os papéis que você desempenha nessa função? Há quanto tempo atua nela?
- 2) Qual sua opinião acerca do PSBS?
- 3) Núcleos às vezes deixam de existir? Se sim, por que motivos? Tem exemplos? Como isso impacta os idosos presentes nesse local em que houve descontinuidade?
- 4) Que pontos poderiam ser alterados na gestão ou execução de modo a melhorar o funcionamento do PSBS?
- 5) O PSBS tem atingido seus objetivos? Algo poderia ser feito de modo a elevar sua eficiência?
- 6) Considerando a prevalência das mulheres e a presença de poucos homens nos núcleos, a que fatores você atribui esse fenômeno? Há algo que poderia ser feito para equilibrar essa situação?
- 7) Segundo o próprio CBMCE (<https://www.bombeiros.ce.gov.br/2019/03/01/psbs-se-torna-programa-do-governo/>), o PSBS tem o objetivo de executar atividades voltadas ao bem-estar, especialmente, de pessoas idosas, por meio da integração social e prática de atividades físicas, bem como realizar campanhas socioeducativas e eventos cívicos. Fora as aulas propriamente ditas, que atividades acontecem, como é promovida essa integração e quais são essas campanhas e eventos?
- 8) Existem apoios ou investimentos em determinados pontos que abririam outras portas para um bom desempenho ou melhoria dessa PP? Fale a respeito.
- 9) Como se avalia o PSBS? Quem avalia? Quais os critérios/ o que exatamente é avaliado? De quanto em quanto tempo esse processo acontece?
- 10) Fora os Bombeiros que ministram as aulas, que profissionais atuam (seja na linha de frente, seja nos bastidores) para o bom funcionamento desse projeto?
- 11) Quais os principais desafios encontrados na implementação e na preservação dessa política?
- 12) Como você avalia a adesão das idosas às atividades oferecidas nas praças? Elas têm demandas que a corporação ainda não conseguiu corresponder?
- 13) Considerando que a sociedade financia essa PP, ela poderia, em sua opinião, considerar que seu dinheiro tem sido bem empregado?

- 14) Existem medidas específicas para garantir a inclusão de idosos com mobilidade reduzida ou outras limitações físicas?
- 15) Existem parcerias com outras instituições na execução dessa política? Quais? Existem parcerias que foram extintas? Se sim, por que isso ocorreu?
- 16) Que outras parcerias seriam bem-vindas? O que falta para elas serem concretizadas?
- 17) Como são fiscalizados os PSBS? Já houve necessidade de medidas punitivas ou sindicâncias para contenção de comportamentos ou acontecimentos que não eram admissíveis? Há exemplos?
- 18) Existe algum tipo de avaliação ou pesquisa de satisfação realizada regularmente para medir o impacto dessas atividades?
- 19) Em sua opinião as avaliações acerca dessa PP e da maneira como ela tem sido conduzida têm sido suficientes para fazer com que ela exista de modo eficiente? Que outras avaliações poderiam existir para aprimorar esse processo?
- 20) Como as lideranças do PSBS lidam com o retorno recebido das idosas e suas famílias sobre as atividades?
- 21) Qual o volume dos recursos financeiros alocados para sustentar essa política? Eles têm sido suficientes? Ou deixam algo a desejar?
- 22) Quais são os planos para expandir ou melhorar essa política?
- 23) Existe alguma forma de monitoramento do impacto dessas atividades na saúde física e mental das idosas?
- 24) Como são selecionados e treinados os profissionais responsáveis por conduzir essas atividades nas praças?
- 25) Quais são os critérios utilizados para escolher os bairros (no caso de Fortaleza) e cidades (do interior) onde essas atividades são oferecidas?
- 26) Existem parcerias com profissionais da área de saúde para garantir a segurança e apropriada orientação das idosas durante as atividades?
- 27) Como você enxerga o papel da comunidade na promoção e sustentação dessas atividades para os idosos nas praças da cidade?
- 28) Nessa pesquisa, idosas relataram dificuldades em acessar locais de PSBS em virtude de falta de faixas de pedestre e de calçadas em condições ruins de manutenção e existência. O que a corporação pode fazer a respeito?

ANEXO A – PORTARIA DE AMPLIAÇÃO DO PROJETO SAÚDE, BOMBEIROS E SOCIEDADE

PORTARIA Nº 023, DE 18 DE MARÇO DE 2003

DOE nº 073, 17 de abril de 2003

O COMANDANTE GERAL DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO CEARÁ, no uso de suas atribuições que lhe confere o Art.9º, da Lei nº11.673, 20 de abril de 1990 - Lei de Organização Básica, e ainda:

CONSIDERANDO que o PROJETO SAÚDE, BOMBEIROS E COMUNIDADE é um projeto voluntário, que teve início no Grupamento de Busca e Salvamento desta Corporação;

CONSIDERANDO a visão de seus idealizadores: Cap BM Virgílio Ryozauro Cláudio SAWAKI; Ten BM LUÍS ROBERTO Costa; Sgt BM José Ivonildo BRITO e Sgt BM Antônio ALDENOR da Silva em oferecer atendimento às pessoas da terceira idade na forma de atividades físico-ocupacionais;

CONSIDERANDO que as alterações no processo de envelhecimento no ser humano, podem ser restringidas com a prática regular de atividades físicas, e mesmo que não em alguns casos devemos assegurar o prolongamento do tempo de vida, garantindo uma condição igualmente importante - o bem-estar cotidiano da pessoa na terceira idade;

CONSIDERANDO que o público alvo da terceira idade está integrando-se ao Corpo de Bombeiros através da diretriz do senhor Secretário de Segurança Pública e Defesa Social;

CONSIDERANDO que devemos realizar uma grande mobilização na população para conscientizar a sociedade quanto ao processo acelerado de envelhecimento sem preconceito;

CONSIDERANDO que este projeto em andamento reforça através do Governo do Estado a campanha da fraternidade deste ano atendendo no momento 100 (cem) jovens da terceira idade no momento no Grupamento de Busca e Salvamento;

RESOLVE: Determinar aos COMANDANTES das Unidades Bombeiro Militar do 2º e 3º Grupamentos de Incêndio e Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Bombeiros, no prazo de 15 (quinze) dias, apresentarem o Plano de Unidade Didática com vistas a ampliação do Projeto Saúde, Bombeiros e Comunidade e o início das atividades com a terceira idade.

**QUARTEL DO COMANDO GERAL DO CORPO DE BOMBEIROS
MILITAR DO ESTADO CEARÁ,** em Fortaleza, aos 18 de março de 2003.

JOSÉ ANANIAS DUARTE FROTA - CEL QOBM